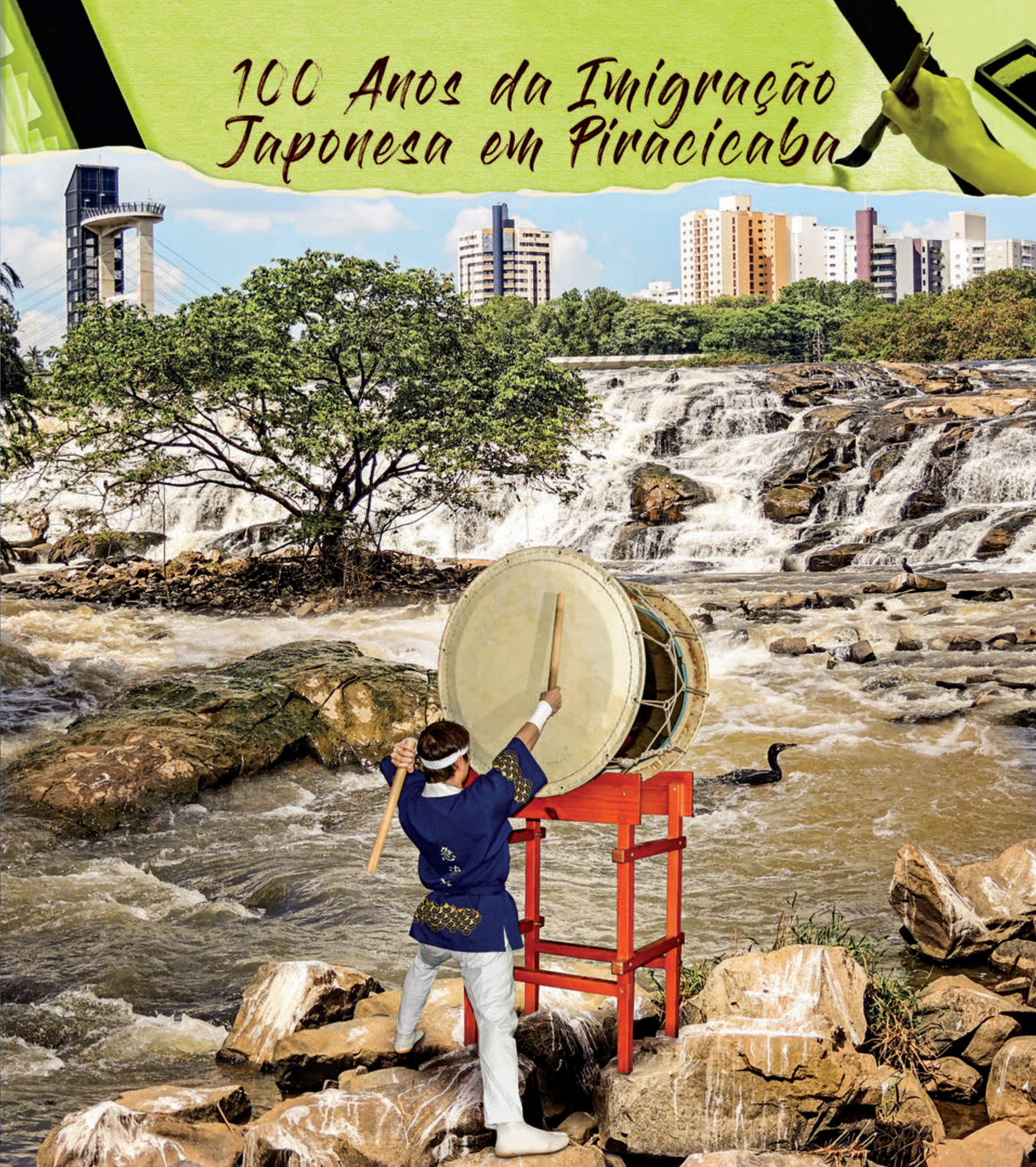
100 Anos da Imigração Japonesa em Piracicaba



日本人移民ピラシカーバ入植100周年

Centenário da Imigração Japonesa em Piracicaba

CENTENARY OF THE JAPANESE IMMIGRATION IN PIRACICABA

Autor

CECÍLIO ELIAS NETTO

Coautores

RONALDO VICTÓRIA

ARNALDO BRANCO FILHO

PATROCINADORES

(COTA OURO)
PEDRO ISAMU MIZUTANI

(COTA PRATA)
ANDREZANI ADVOGACIA EMPRESARIAL
GUSTAVO SHOJI ONO
IRINEU YUSO TAKAKI
JOSÉ ANTONIO PORTEIRO CARDOSO
NORIO IKARI
PLÍNIO NASTARI CONSULTORIA E PARTICIPAÇÕES S/A

(COTA BRONZE)
ADRIANA BUGIN
AKEMI OKAMOTO
AMELIA TAKAKI TAMORA
ANGELAISA TOYOTA
ANTONIO DE PÁDUA RODRIGUES
CECÍLIA OTSUBO
CÉSAR AUGUSTO PERDIZA
COOPERATIVA DOS PLANTADORES DE CANA DO ESTADO DE SÃO PAULO
CRISTINA HARADA IUANAMI
ELIZABETE SATO
EMILIA TAKAKI
ERIKA MAYUMI MIZUTANI
EUNICE MIYUKI MIZUTANI
EVERSON SHIGUEKI TAKAKI
FABIO TOMA
HELENA MIZUHIRA
HELIO TAKAKI
HILDA AKIO MIAZATO HATTORI
IMARI MORI
INÊS TAKAKI YANAGIWARA
IRACEMA DE SOUZA LIMA FRANCO
IRIO TAKUMI KAWASIMA
ISABEL PRESCILA TAKAKI GASPARINI
JOÃO CARLOS GOMES
JOSÉ VITÓRIO TARARAM
JULIA SHIRASAWA
JULIANA TAMY YOSHINO
KÁSSIA KISHINO KAWAI
LETÍCIA YUMIY ONO
LUIS CARLOS VEGUIN
LUIZ HIROSHI KOSHIMIZU
MARCOS MASSAO TAKAKI
MARIA TAKAKI
MARTINHO SEIITI ONO
MASSAE TAKENO
MAURÍCIO CHIARELI
MIKI MOCHIZUKI
MIRELE NAVERO DA SILVA
NAOKI KAWAI
NATALIA TAKAKI MAZUCO
NELSON HIROSHI TSUJI
NEUZA JUNKO TANIGUCHI HIGASHI
NILMARA CHIARELI
PEDRO MAMORU MIZUTANI
PEDRO MOTOITIRO KAWAI
PIRACONT SERVIÇOS CONTÁBEIS
RAPHAELA BORGES LOPES GOMES
RICARDO SEITI ONO
ROJINKAI NIPO DE PIRACICABA
ROSANA DE FÁTIMA RENATINI CARRAMATE
SHUNHITI TORIGOI
SUELI TAKAKI
SUELI SATO
TAKAKI E GASPARINI ADVOGADOS ASSOCIADOS
TIAGO MEDEIROS MARQUES
VERA LUCIA DE AMORIM

O CINTURÃO VERDE PIRACICABANO

A vocação pela agricultura marcou a presença dos japoneses em terras piracicabanas e, também, em outras cidades do Estado de São Paulo e do Brasil. Dos cafezais, passaram para o cultivo de feijão, arroz, batata, algodão, soja e, mais à frente, para o cultivo de frutas, verduras e legumes, incorporando experiências e com a introdução de suas técnicas na preparação do solo. Iniciaram, assim, o denominado Cinturão Verde na cidade de Piracicaba e região.

Foto: Acervo Família Torigoi

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

comgas

COPERSUCAR

OJI PAPÉIS ESPECIAIS

raízen

São Martinho

Tereos

Unimed Piracicaba

MINISTÉRIO DA **CULTURA**
GOVERNO **FEDERAL**

Independente da cor, da raça e do amor,
Independente da crença e das diferenças,
Independente de ser, de ter ou querer,
Somos todos iguais.

Foto: Dreamstime/Thanee Hengpattanapong

CENÁRIO EM TÓQUIO - O Parque Chidorigafuchi Koen, próximo ao Palácio Imperial, em Tóquio, é um dos principais pontos de encontro de japoneses e turistas durante o Hanami (ato de apreciar as flores de Sakura), celebrado anualmente entre fim de março a meados de abril ou maio, dependendo da região. Nesse festival, realizado desde o ano 710, o foco principal é o espetáculo proporcionado pelas flores da cerejeira, símbolo da Primavera no Japão.

Regardless of color, race or love,
Regardless of creed and differences,
Regardless of being, of having or wanting,
We are equal all.

Foto: Fran Camargo

CENÁRIO EM PIRACICABA - O dia de Nossa Senhora dos Navegantes (2 de fevereiro) é comemorado anualmente com procissão pelo Rio Piracicaba, e saída da Rua do Porto. Faz parte do calendário turístico do município e é considerado o maior evento náutico-turístico da região, atraindo embarcações de várias cidades. O evento ocorre desde 1999 no primeiro sábado de fevereiro, por ser a data mais próxima do dia comemorativo à Santa.

Autor/ Author
CECÍLIO ELIAS NETTO
Co-Autores
RONALDO VICTÓRIA
ARNALDO BRANCO FILHO

Direitos em Língua Portuguesa para o Brasil:
ICEN - Instituto Cecílio Elias Netto

B2 COMUNICAÇÃO
55 11 3865-4514
www.b2sports.com.br
redacao@b2sports.com.br

ICEN INSTITUTO CECÍLIO ELIAS NETTO
55 19 3302-7668
facebook: icen.org.br
icen@icen.org.br

Coordenação Editorial/ Editorial Coordination
B2 Comunicação
Editor Executivo/ Publisher
Arnaldo Branco Filho
Direção de Arte/ Art Direction
Alexandre Archanjo
Programação Visual/ Visual Programming
Juliana Branco
Monica de Freitas Oliveira
Pesquisas / Search
Arnaldo Branco Filho
Cecílio Elias Netto
Patrícia Fuzeti Elias
Ronaldo Victória
Sueli Lúcia Aguilar
Edição de Fotos/ Photos
Marcelo Fuzeti Elias
Fotos/ Photos
Acervo Cecílio Elias Netto
Acervo Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba
Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
Acervo de Famílias de Imigrantes Japoneses (várias)
Acervo Frei Everson Takaki
Agência Dreamstime
Davi Negri
Fabrice Desmonts
Fran Camargo
Gustavo Annunciato
Japão Infotur
Kichisaburo Nakagawa/ Revista Mirante
Marcelo Fuzeti Elias
Rubens Chiri/ B2
Vitor Pires Vencovsky
Revisão/ Revision
Evaldo Vicente
Versão (Inglês)/ Version (English)
Ferenc Imre Lajos Zamolyi
Versão (Japonês)/ Version (Japanese)
Maria Emiko Suzuki

Conselho Editorial/ Editorial Board
Arnaldo Branco Filho
Cecílio Elias Netto
Emmilyne Nicoletti
Eunice Mizutani
Irio Takumi Kawasima
Marcelo Fuzeti Elias
Pedro Kawai
Pedro Mizutani

NOSSA CAPA
Projeto Gráfico/ Graphic Design
Alexandre Archanjo
Fotos/ Photos
Marcelo Fuzeti Elias
(Fábio Takahashi, do grupo de Taiko, Kyuryu Daiko,
no Salto do Rio Piracicaba e na Fazenda Pau D´Alho)

OBRA INCENTIVADA: PRONAC
Informações sobre a tiragem em atendimento a Lei Rouanet - Lei 8.313 de 1991
Artigo 62 da I.N. abril de 2017
Tiragem aprovada: 3.000 exemplares
Distribuição Gratuita: 2.400 exemplares
Venda autorizada de 600 exemplares
Valor: R$ 50,00 (cada exemplar)
Reservas pelo e-mail: icen@icen.org.br

INSTRUÇÕES DE ACESSIBILIDADE
Em atendimento às recomendações da Norma Brasileira - 15599:2008 da ABNT -, instruções de acessibilidade para portadores de deficiências visuais e a versão digital que suporta ser processada por sistemas de leitura e ampliação de tela, com recursos para pesquisa, ampliação e áudio, encontram-se disponíveis na internet, através do site: www.icen.org.br

Os locais onde serão realizados os lançamentos da obra atendem às especificações de acessibilidade a pessoas idosas, nos termos do art. 23 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, e portadoras de deficiência, conforme o disposto no art. 46 do Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.

DIRETORIA EXECUTIVA (Executive)
Presidente/ President
Marcelo Fuzeti Elias
marcelo@icen.org.br
Vice-Presidente/ Vice-President
Patrícia Fuzeti Elias
Primeira Secretária/ First Secretary
Rachel Fuzeti Elias
Primeira Tesoureira/ First Treasurer
Sueli Lúcia Aguilar

CONSELHO FISCAL (Supervisory Board)
Titulares
Evaldo Augusto Vicente
Luis Francisco Schievano Bonassi
Suplentes
Antonio Ulysses Michi
Pedro Caldari

CONSELHEIROS (Counselors)
Adolpho Carlos Françoso Queiroz
Antonio Celso Elias
Antonio Messias Galdino
Carina Fuzeti Elias
Carol Fuzeti Elias
Erich Vallim Vicente
Gustavo Jacques Dias Alvim
Jamil Nassif Abib
João Carlos Gonçalves
João Chaddad
João Umberto Nassif
José Lima Júnior
Lauro Libório Stipp
Mauro Pereira Vianna
Roberto Antonio Cêra
Vitor Pires Vencovsky
Wilson Guidotti Júnior

Netto, Cecílio Elias
100 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA EM PIRACICABA -- 1ª edição -- Piracicaba - SP: ICEN Instituto Cecílio Elias Netto, 2018.

ISBN 978-85-92501-06-8
1 - Cultura 2 - Imigração 3 - Japoneses 4 - História 5 - Instituto Cecílio Elias Netto

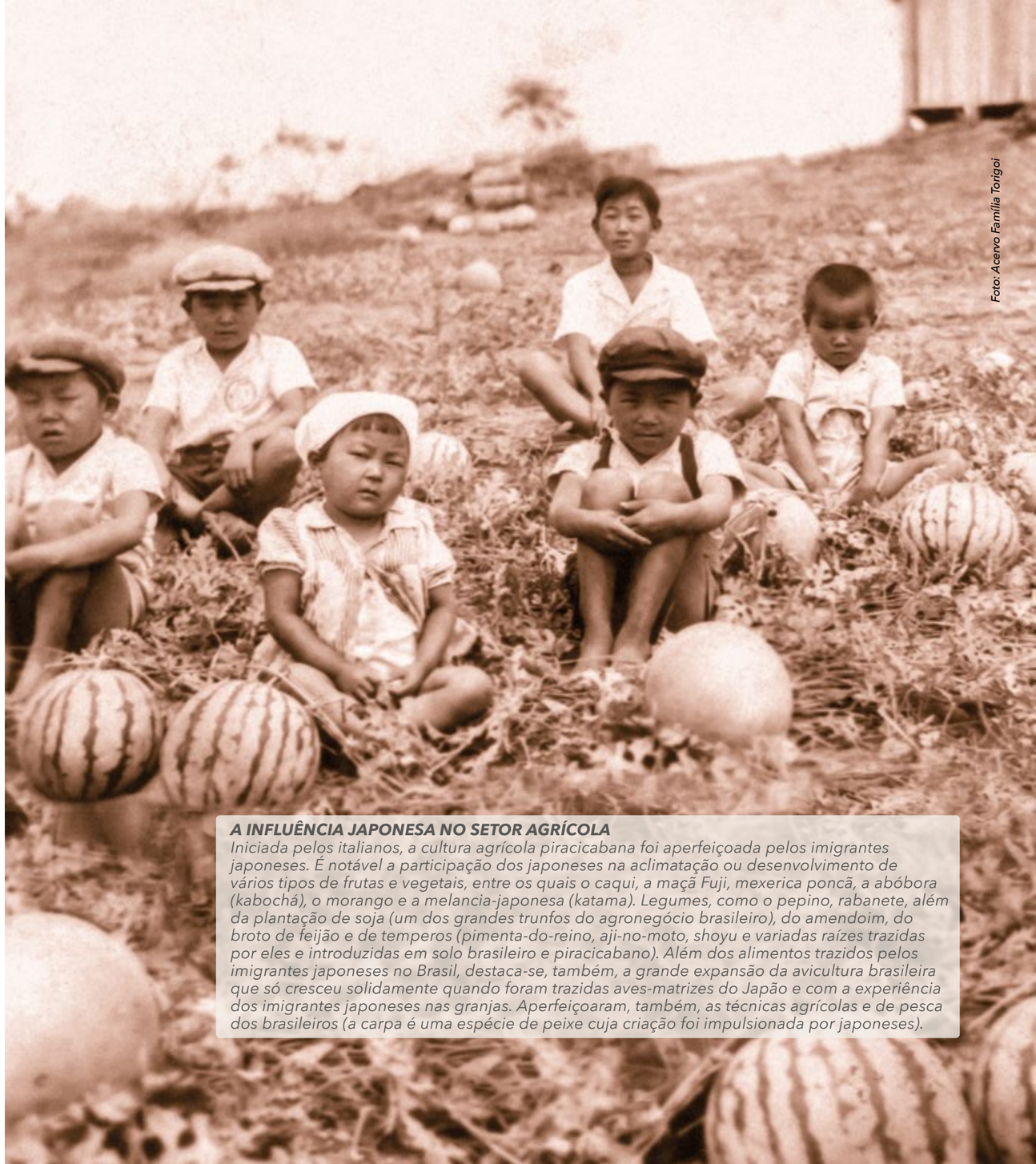


Foto: Acervo Família Torigoi

A INFLUÊNCIA JAPONESA NO SETOR AGRÍCOLA

Iniciada pelos italianos, a cultura agrícola piracicabana foi aperfeiçoada pelos imigrantes japoneses. É notável a participação dos japoneses na aclimatação ou desenvolvimento de vários tipos de frutas e vegetais, entre os quais o caqui, a maçã Fuji, mexerica poncã, a abóbora (kabochá), o morango e a melancia-japonesa (katama). Legumes, como o pepino, rabanete, além da plantação de soja (um dos grandes trunfos do agronegócio brasileiro), do amendoim, do broto de feijão e de temperos (pimenta-do-reino, aji-no-moto, shoyu e variadas raízes trazidas por eles e introduzidas em solo brasileiro e piracicabano). Além dos alimentos trazidos pelos imigrantes japoneses no Brasil, destaca-se, também, a grande expansão da avicultura brasileira que só cresceu solidamente quando foram trazidas aves-matrizes do Japão e com a experiência dos imigrantes japoneses nas granjas. Aperfeiçoaram, também, as técnicas agrícolas e de pesca dos brasileiros (a carpa é uma espécie de peixe cuja criação foi impulsionada por japoneses).

IMIGRANTES JAPONESES CRIAM RAÍZES EM PIRACICABA E GERAM BONS FRUTOS

Gostaria de manifestar as minhas congratulações neste ano no qual se completam os 100 anos de imigração japonesa no município de Piracicaba e 110 anos de imigração japonesa no Brasil e sinto-me lisonjeado em poder colaborar ao prefaciar a obra.

Em janeiro deste ano, visitei pela primeira vez a cidade e fiquei impressionado ao tomar conhecimento sobre a história e a importância da cidade no contexto da imigração japonesa no Brasil.

Tenho conhecimento de que a vinda de imigrantes japoneses à cidade de Piracicaba foi de grande importância para processo de desenvolvimento econômico e diversidade cultural da cidade.

Soube que os primeiros imigrantes vieram trabalhar em lavouras em busca de melhorias de vida na esperança de um dia retornarem ao Japão, porém acabaram criando raízes mesmo depois de enfrentarem muitas dificuldades, como divergências culturais, costumes, língua e clima, pois enxergaram na cidade de Piracicaba oportunidades de crescimento.

Com isso, não mediram esforços para estruturar as bases da comunidade nikkei e hoje com certeza tais esforços resultaram em frutos que concederam vantagens tanto a comunidade japonesa quanto à sociedade brasileira: a primeira conquistando seu espaço, independência e respeito devido à sua cultura e disciplina e a segunda pelo enriquecimento e contribuição para um maior desenvolvimento local. Além disso, temos atualmente – no Brasil – a maior comunidade japonesa fora do Japão no mundo.

Como mencionado no início, neste ano se completam 110 anos da Imigração Japonesa no Brasil e espero que essa relação de amizade construída ao longo desses anos entre os dois países continue crescendo e permaneça forte daqui para frente, mantendo o espírito de perseverança dos pioneiros.

Expresso meu profundo respeito a todos que diariamente cumprem sua missão, contribuindo assim com o desenvolvimento do município, buscando sempre novos projetos e aceitando o desafio de fazer mais e melhor, não perdendo de vista os anseios da comunidade.

Finalizo expressando meu profundo respeito pelo município de Piracicaba e por todo fruto de um trabalho de muitos anos realizado pela comunidade nikkei.

Yasushi Noguchi
Cônsul-Geral do Japão

Foto: Fabrice Desmonts

VISITA OFICIAL A PIRACICABA - *O cônsul-geral do Japão, Yasushi Noguchi, e o cônsul Kenji Iwashima foram recebidos em Piracicaba pelo prefeito Barjas Negri*

JAPANESE IMMIGRANTS SET ROOTS IN PIRACICABA AND BEAR GOOD FRUIT

I would like to voice my congratulations on the 100th year of Japanese immigration in Piracicaba and 110th year of Japanese immigration in Brazil and I am flattered to be able to collaborate by prefacing this book.

I visited the city for the first time in January this year and I was impressed hearing about the history and importance of the city in the context of Japanese immigration in Brazil.

I am aware that the coming of Japanese immigrants to Piracicaba City had significant importance for the economic development process and cultural diversity of the city.

I learned that the first immigrants came to work in agriculture, seeking to improve their lives while hoping to return to Japan some time, but ended up setting roots even after facing many hardships such as differences in culture, costumes, language and climate, but seeing opportunities for growth in the City of Piracicaba.

Thus, they spared no efforts to establish the bases of a Nikkei community and surely those efforts bore fruit that today resulted in advantages both to the Japanese Community and Brazilian Society: the first, earning their space, independence and respect on account of its culture and discipline, the second, by its enrichment and contribution for greater local development. In addition, today we have the largest Japanese Community in the world outside Japan.

As said in the beginning, this is the 110th year of Japanese immigration in Brazil and I hope this relationship of friendship, built over all those years, keeps on growing and remaining strong continually, keeping the spirit of perseverance of the pioneers.

I express my deepest respect towards all those who daily accomplish their mission, contributing thus to the development of the municipality, always looking for new projects and accepting the challenge of doing more and better, without losing sight of the aspirations of the community.

I close by conveying my deepest respect for the City of Piracicaba and for all the fruit of many years of work accomplished by the Nikkei community.

NOSSA ETERNA GRATIDÃO

Há 100 anos, Piracicaba mantém forte troca de conhecimento e participação marcantes da comunidade japonesa. Hoje temos exemplos importantes de atividades sociais, esportivas e culturais em todos os segmentos.

Como descendente de japonês orgulho-me muito em poder defender seu reconhecimento e tentar transmitir às futuras gerações a sua importância e a necessidade dessa manutenção. Tenho que reconhecer que muitas das ações foram desenvolvidas nesses 100 anos, principalmente sociais e culturais. Elas servem de combustível para essa árdua e prazerosa tarefa.

Como primeiro nikkei eleito para a Câmara de Vereadores de Piracicaba, sinto-me honrado e extremamente feliz em poder parabenizar nossa comunidade, de tradições e costumes exemplares, que estão enraizados em nossa alma. E que servem de espelho e meta para as futuras gerações, fortalecendo e contribuindo para a sociedade piracicabana continuar seu desenvolvimento.

A emoção em ser parte integrante dessa data marcante, reforça o que nós, descendentes, temos de mais forte que é o comprometimento no trabalho e o respeito ao próximo. Parabéns comunidade nipo-brasileira de Piracicaba! Você é nosso orgulho e digna de eterna gratidão e respeito!

Pedro Kawai

Foto: Davi Negri

OUR EVERLASTING GRATITUDE

For 100 years, Piracicaba has experienced a remarkable and strong exchange of knowledge and participation with the Japanese community. We have today meaningful examples of social, sport and cultural activities in all segments.

As a descendant of Japanese, I am very proud to be able to champion that recognition and try to transmit to future generations the importance and need of keeping it. I must acknowledge the many actions undertaken during those one hundred years, mainly of a social and cultural nature. They serve as the fuel for this arduous but enjoyable task.

As the first Nikkei elected to the Piracicaba City Council, I am honored and extremely happy to be able to congratulate our Community, with its exemplary traditions and costumes, rooted in our souls. They are as mirrors and goals for the future generations, strengthening and contributing for the Piracicaban Society to continue its development.

The emotion of being an integral part of this remarkable date reinforces what we, descendants, have the strongest: our commitment to work and the respect towards our fellow men and women. Congratulations, Japanese-Brazilian Community of Piracicaba! You are our pride and worthy of our everlasting gratitude and respect!

100 ANOS DE TRABALHO, RESPEITO E DIGNIDADE.

A publicação de um livro comemorativo aos 100 anos da Imigração Japonesa em Piracicaba é fruto do esforço de integrantes da comunidade nipo-piracicabana, que preza pela preservação da história, da cultura e das tradições nipônicas.

Um dos pontos relevantes da obra é a nominação dos 105 primeiros imigrantes japoneses, que escolheram a cidade de Piracicaba, em 1918, para se dedicarem ao trabalho na lavoura utilizando técnicas milenares de agricultura que trouxeram de sua terra natal. Esse árduo trabalho certamente contribuiu para o desenvolvimento agrícola de Piracicaba.

O conteúdo deste livro também nos emociona pela qualidade dos relatos e detalhes, valorizando os feitos daqueles imigrantes e dos seus descendentes no Brasil. Sinto-me honrado em poder, juntamente com minha família, fazer parte desta história.

Hoje, com a miscigenação, a cultura japonesa recebeu e incutiu contribuições da cultura brasileira de forma muito salutar, demonstrando que a integração dos povos só traz benefícios para as comunidades.

Devemos certamente investir no resgate de valores dos nossos antepassados para que as futuras gerações valorizem e preservem a cultura japonesa. Com a minha chegada em Piracicaba no ano de 1982, assumi esta missão. Desde então, venho introduzindo, incentivando e apoiando as iniciativas voltadas para a preservação e divulgação da cultura japonesa através da realização de eventos como Concurso de Karaokê, Festival da Primavera e Japão na Praça.

A presença centenária dos japoneses em Piracicaba nos deixa uma lição exemplar: o grande vencedor, antes de tudo, tem de vencer a si mesmo, seja pela inteligência, pela habilidade ou até pela sorte, mas nunca sem o trabalho, respeito e dignidade.

Pedro Mizutani

Foto: Davi Negri

ONE HUNDRED YEARS OF WORK, RESPECT AND DIGNITY

The publication of a book commemorating the 100th year of Japanese immigration in Piracicaba is the outcome of efforts by Japanese-Brazilian Community members, a Community that values the safe-keeping of Japanese history, culture and traditions.

One of the outstanding points in this book is the naming of the first 105 Japanese immigrants who in 1918 chose Piracicaba to devote themselves to agriculture using the millenary agricultural techniques they had brought from their homeland. That arduous labor certainly contributed for the development of agriculture in Piracicaba.

The content of this book also touches us due to the quality and details of the reports, valuing the achievements of those immigrants and their descendants in Brazil. I am honored to be, jointly with my Family, a part of that history.

Today, with miscegenation, Japanese culture has received and given contributions to Brazilian culture in a very healthy way, showing that integration among peoples brings nothing but benefits to the communities.

We must certainly invest in the rescue of our forebears' values, for the future generations to value and preserve Japanese culture. With my arrival in Piracicaba in 1982, I took that mission upon myself. Since then I have been introducing, encouraging and supporting initiatives aimed at preserving and disseminating Japanese culture through events such as the Karaoke Contest, Spring Festival and Japan on the Square.

The centenary presence of the Japanese in Piracicaba leaves us an exemplary lesson: the big winner, first of all, must beat his very self, either by intelligence, skill, or even luck, but never without work, respect and dignity.

FRUTOS DA CEREJEIRA

"Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu (...)
Só passou pela vida e não viveu".
Francisco Otaviano

Nasci em 1940. No auge da Segunda Guerra Mundial. De tanto ouvir falar de violências, de terrores, tenho, até hoje, a impressão de sentir cheiro de pólvora, de ouvir estrondos, de ver fumaça no ar. Mais do que impressão, porém, ainda vivo aquela certeza infantil de medo do fim do mundo. Pois, era medo de tudo – da vida, da guerra, do final da história humana – o que martirizava os adultos. Todos os dias. E, também, as noites, quando tentavam ouvir notícias, sintonizando imensos aparelhos de rádio movidos a válvulas.

Meus pais tinham um pequeno restaurante, o Café Imperial, quase à frente da então chamada Praça da Matriz. Morávamos no andar superior. E, sem nada entender, eu me punha à janela – ou espiava pelo portão do nosso quintal – aguardando a anunciada bomba atômica que cairia sobre Nagasaki, logo após a devastação de Hiroshima. E, então, às vésperas do anunciado terror sobre Nagasaki – que ocorreu em 9 de agosto de 1945 – dei uma volta no quarteirão e não me conformei com o que vi: havia filas de casais, de rapazes, de moças, comprando ingressos para assistir a um filme no Cine Broadway. Foi quando o medo, o terror da criança de apenas cinco anos, transformaram-se em perplexidade, talvez em indignação: como assistir a um filme se o mundo ia acabar? Nagasaki, milhares e milhares de japoneses – crianças, mulheres, idosos – todos inocentes diante daquela malfadada guerra, desapareceram. Dizimados. Aquelas bombas foram anunciadas como vésperas de uma falsa paz, ou de uma paz surgida da tragédia, da miséria humana, do ventre dos infernos.

Recorri, recordo-me bem, aos adultos do quarteirão. Mas eles, também, estavam perplexos, assustados. Não sabiam o que dizer, como se um senso oculto de humanidade se lhes tivesse brotado dos corações endurecidos pela guerra. Algum tempo depois, meu pai – com seus belos olhos azuis, que se entrefechavam de tristeza – fez questão de mostrar-me, em jornais e revistas, o holocausto também em Hiroshima e Nagasaki.

CHERRY TREE FRUITS

I was born in 1940. At the height of the Second World War. I heard so much talk about violence, terror, that even today I have the impression of smelling gunpowder, hearing loud explosions, seeing smoke in the air. However, more than an impression, I still live with that childish uncertainty of fearing the end of the world. A fear of everything – of life, war, the end of Human History – that tormented the grown-ups. Every day. And night, when they tried to listen to the News, tuning in huge valve-driven radio sets.

My parents owned a small restaurant, the Imperial Coffee, almost in front of the then so-called Matriz Square. We lived in the upper floor. Understanding nothing, I stood by the window – or peeked through the gate of our yard – awaiting the heralded atomic bomb that would fall on Nagasaki shortly after the devastation in Hiroshima. Then, on the eve of the announced terror over Nagasaki – that took place on August 9, 1945 – I took a walk around the block and couldn't put up with what I saw: there were lines of couples, of young men, girls, buying tickets for a movie at Cine Broadway. That was when the fear, the terror of a five-year old child turned into perplexity, perhaps even outrage: how could anyone watch a movie when the world was about to end? Nagasaki, thousands and thousands of Japanese – children, women, elders – all innocent of that ill-fated war, have disappeared. Decimated. Those bombs had been heralded as the eve of a false Peace, or of a Peace stemming from tragedy, from Human misery, from the bowels of Hells.

I queried, I remember well, the grown-ups in the block. However, they, too, were perplexed, scarred. They knew not what to say, as if a hidden notion of Humanity had sprouted from their war-hardened hearts. Some time later, my father – with his handsome blue eyes half-closed in sadness – made a point of showing me, in newspapers and magazines, the holocaust in Hiroshima and Nagasaki.

There had been a massacre of the Japanese populations. It was, I think, as if he were preparing me for life, where I would see wonders and enchantments, but also horrors and bitterness.

***SAKURA (FLOR DE CEREJEIRA) –** A flor é símbolo nacional no Japão e motivo de contemplação nos festivais Hanami Matsuri, realizados em todo o país durante a primavera.*

Foto: Dreamstime/ Themorningglory

Tinha havido o massacre das populações japonesas. Foi, penso eu, como ele estivesse preparando-me para a vida, onde eu haveria de encontrar maravilhas e encantos, mas ao lado de horrores e de amarguras.

Nunca mais me esqueci daquelas fotos chocantes. E, a partir dali, fui tomado por uma imensa, estranha e marcante simpatia pelo Japão e pelo povo japonês. Garotinho, pensei tivesse, o Japão, desaparecido. E seu povo, varrido da Terra. Que se haviam tornado, feita de lágrimas, apenas uma página da História. O menino ainda não sabia ser, aquele povo, parte fundamental da história humana. E que, portanto, haveria de ressuscitar com força renovada, com espiritualidade contagiante, com orgulho de seu grande destino. O menino – mal conseguindo distinguir rostos – encantou-se com os que tinham "olhos puxados", não sabendo se sobreviventes, se heróis, vítimas ou seres de um outro mundo. E, pouco tempo depois, passou a tê-los como amigos.

Quando convidado a escrever este livro – convite que muito me honra – pensei em fazê-lo num relato quase jornalístico. Ainda outra vez, lá me vi, eu, com os sintomas da gravidez literária: inquietação, enjoo, incertezas, dúvidas. Estava desafiado a escrever a narrativa do primeiro centenário da imigração japonesa em Piracicaba. Inquietava-me esse número 100, feito de magias, de respeito a uma história de sofrimentos, de conquistas, de integração, de amálgama de culturas. A pouco e pouco, este autor foi tomado por lembranças, recordações, reminiscências e – de maneira doce e suave – também de saudade. Não poderia ser, pois, um relato apenas objetivo, frio, matemático de uma notícia jornalística: aqueles gélidos o quê, quem, quando, onde, como, porque. Teria que haver, também, o subjetivo, o íntimo, o pessoal – e isso é mais do que notícia.

O livro teria, como escolha do autor, que ser escrito com o máximo rigor intelectual. Mas com o coração, com a alma de quem – destes 100 anos da história japonesa em Piracicaba – tem, de vida, quase que 80 deles. É-me permitido, pois, dizer, orgulhosamente, que coexisti quase que centenariamente com essa alma nipo-piracicabana. Que possam – tais recordações pessoais – contribuir, mesmo como simples testemunho, para a importante celebração. De toda a nossa gente.

I never forgot those shocking pictures. And, from that time on, I was taken by a huge, strange and marked sympathy for Japan and the Japanese people. A small kid, I thought Japan had disappeared. And its people, swept from the face of Earth. That they had become, tearfully, nothing but a page in History. The young boy didn't know yet that that people was a fundamental part of Human History. And that it would be reborn with renewed strength, contagious spirituality, pride in its great destiny. The small boy – barely able to recognize faces – was captivated by those "slant-eyes", not knowing if they were survivors, heroes, victims or beings form another world. And, a brief time later, he took them as friends.

When invited to write this book – an invitation I am very honored with – I was of a mind to do it almost as a journalistic reporting. Once again, I was befallen with the symptoms of a literary pregnancy: uneasiness, nausea, uncertainties, doubts. I was challenged to write the narrative of the First Centenary of Japanese immigration in Piracicaba. I was disturbed by that number 100, made of magic, of respect for the history of sufferings, conquests, integration, a melting-pot of cultures. Little by little, this author was taken by memories, remembrances, recollections and – sweetly and softly – nostalgia. It couldn't, therefore, be just an objective, cold, mathematical reporting of a journalistic news: one of those cold ones, addressing the what, who, when, where, how, why. There should be also a vein of the subjective, intimate, personal – and that's more than just news.

The book would have to be written, by the authors choice, with the utmost intellectual rigor. But with the heart, the soul of one who – in those 100 years of Japanese history in Piracicaba – has lived through almost 80 of them. Thus, I can proudly say that I have coexisted almost centennially with the Japanese-Piracicaban soul. May these – these personal recalling – contribute, even if only as a simple testimony, for such meaningful celebration. Of all our people.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

***JAPÃO NA PRAÇA** - grupo Todos Nós, comandado pelo casal Mizutani, Pedro e Eunice, apresenta-se durante evento realizado na Praça José Bonifácio, no centro de Piracicaba.*

Túnel do tempo

1803 Registros apontam a passagem de um pequeno grupo nipônico pelo Brasil, bem antes do início do processo imigratório. Formado por quatro japoneses, chegou ao território brasileiro acidentalmente: eram tripulantes do barco Wakamiya-Maru, que, em 1803, afundou na costa japonesa. Os náufragos foram salvos por um navio de guerra russo, que os levou em sua viagem. No retorno, a embarcação aportou, para conserto e manutenção, em Porto de Desterro (atual Florianópolis, em Santa Catarina), no dia 20 de dezembro. Nessa região permaneceu até 4 de fevereiro de 1804. Ali, os quatro japoneses registraram aspectos da vida da população local e da produção agrícola da época.

1880 Dá-se início ao processo oficial das relações diplomáticas entre o governo brasileiro e o Japão. Em 16 de novembro, o vice-almirante Artur Silveira da Mota – mais tarde, Barão de Jaceguai – iniciou, em Tóquio, as negociações para o estabelecimento de um Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre os dois países.

1890 O Decreto nº 528, assinado pelo presidente Deodoro da Fonseca e pelo ministro da Agricultura, Francisco Glicério, determinava que a entrada de imigrantes da África e da Ásia seria permitida apenas com a autorização do Congresso Nacional, dificultando a vinda de chineses e japoneses para o Brasil.

1892 Três anos antes da assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, o Decreto-Lei nº 97, de 5 de outubro de 1892, autorizou a abertura do Brasil às imigrações japonesas e chinesas.

1894 O deputado Tadashi Nemoto viaja ao Brasil para estudar a viabilidade da imigração japonesa. Visita os estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo e envia um relatório ao governo japonês informando que o país está apto para receber os imigrantes nipônicos.

1895 No dia 5 de novembro, os ministros do Japão, Arasuke Soya, e do Brasil, Gabriel de Toledo Piza e Almeida, assinam, em Paris, França, o acordo do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, fundamental para transformar o Brasil em ponto de imigração japonesa. Nessa época, o presidente da República era Prudente de Moraes.

1897 A partida da primeira leva de japoneses, prevista para acontecer em 1897, teve de ser cancelada. O motivo foi a queda sofrida pelo preço do café no mercado mundial, provocada pela crise econômica que envolvera, em 1894, países europeus e os Estados Unidos, grandes consumidores do produto, e pela superprodução brasileira nesse setor. Essa situação perduraria até 1906, quando os governadores dos três maiores estados brasileiros produtores de café (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro) estabeleceram uma política de valorização do produto.

1902 O governo da Itália proibiu a imigração subsidiada de italianos para o Brasil. As fazendas de café sentiram a falta de trabalhadores com a diminuição da chegada de italianos e o governo brasileiro, então, precisou reconsiderar sua posição quanto ao recebimento de imigrantes japoneses.

1907 O governo brasileiro – através de Carlos José de Arruda Botelho, secretário de Agricultura do Estado de São Paulo – publica a Lei da Imigração e Colonização, permitindo que cada estado definisse os critérios quanto ao recebimento e instalação dos imigrantes. No dia 6 de novembro, Ryu Mizuno, da Companhia de Imigração Kokoku, firma um acordo com Botelho para a introdução de aproximadamente 3 mil imigrantes japoneses num período de três anos.

1908 No dia 28 de abril, o navio Kasato-Maru deixa o porto de Kobe rumo ao Brasil com um total de 800 passageiros, dos quais 781 eram imigrantes sob contrato, dez imigrantes espontâneos, entre outros. Após 52 dias de viagem, o navio atracou junto ao cais nº 14 do Porto de Santos. Era 18 de junho, mas o desembarque só ocorreu às sete horas do dia seguinte, 19 de junho.

1910 Chega a segunda leva de imigrantes japoneses. No dia 28 de junho, o navio Ryojun-Maru aporta em Santos trazendo mais 906 nipônicos.

1918 O navio Hakata-Maru chega a Santos trazendo 250 famílias japonesas, das quais 23 se destinaram à Estação João Alfredo, Piracicaba, tendo como destino final a Fazenda Pau D´Alho.

1925 Mais famílias – com destino a Piracicaba – desembarcam no Porto de Santos no dia 19 de setembro, tripulantes do navio Manila-Maru. Entre elas, a família de Tomokichi Nishide, que mais tarde assumiria a presidência do Clube Nipo-Brasileiro na cidade.

1926 Líderes da colônia japonesa em Piracicaba fundam, em 19 de agosto, a primeira entidade nipo-piracicabana, a Pau D´Alho Nihonjun Kai, tendo como primeiro presidente, Hayato Takematsu. Hayato chegou ao Brasil, ao lado de Keinosuke e Sadie, no dia 20 de maio de 1919, no navio Sanuki-Maru, tendo como destino a fazenda Palmyra, em São Simão, transferindo-se para Piracicaba dois anos depois, após o término de seu contrato.

1929 Outras sete famílias – com destino a Piracicaba – desembarcam no Porto de Santos no dia 22 de outubro, tripulantes do navio Hawaii-Maru. Destaque para os Mori, Kamiyama, Hayashi, Onishi e Sudo, que criaram raízes na cidade. É da família Mori que surgiu o quarto presidente da associação nipo local: Toshio. Um total de 100 famílias chegaram a Piracicaba entre 1918 e 1929.

1932 Segundo informações do Consulado Geral do Japão em São Paulo, a comunidade nikkey, em 1932, era composta por 132.689 pessoas, com maior concentração na linha noroeste. Desse total, 90% dedicavam-se à agricultura. Foi em 1932 que o navio Rio de Janeiro-Maru trouxe a família de Hisayoshi Takami para Piracicaba, outro que assumiria mais tarde o posto de presidente do Clube Nipo.

1934 O governo brasileiro cria uma medida – inserida na Constituição de 1934 – limitando a entrada de imigrantes japoneses no país. O Japão, que no começo dos anos 30 chegara a enviar para o Brasil até 25 mil imigrantes por ano, ficava limitado a uma cota anual de, no máximo, 4 mil imigrantes.

1938 Um ano antes da Segunda Guerra Mundial, a colônia nipônica sofreria um golpe com um decreto do presidente Getúlio Vargas. Por força de tal decreto, ficava proibida, no território nacional, qualquer publicação em língua estrangeira. Essa foi a primeira de uma série de restrições impostas às comunidades estrangeiras, incluindo a japonesa, estabelecidas no Brasil.

1942 O pior estava ainda por vir. A partir do dia 28 de janeiro – quando o mundo, apreensivo, já acompanhava a Segunda Guerra Mundial – as restrições tornaram-se ainda mais severas por causa do rompimento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). No dia 11 de março, o Diário Oficial divulgou um decreto baixado por Getúlio Vargas, que dispunha que os prejuízos decorrentes de agressões praticadas por países do Eixo contra bens do Estado brasileiro seriam cobertos pelos depósitos bancários dos imigrantes residentes no país. Para tanto, foi decretado o confisco de 10 a 30% de todos os depósitos bancários superiores a dois contos de réis de alemães, italianos e japoneses. No dia 13 de setembro, os japoneses foram obrigados a entregar à polícia todos os aparelhos de rádio existentes em suas casas ou locais de trabalho. Uma semana depois, foram informados de que não poderiam mais utilizar seus automóveis, caminhões, motocicletas e embarcações, que passariam a ficar sob guarda policial.

1948 Yukishige Tamura é eleito vereador em São Paulo, tornando-se o primeiro nikkei a ocupar um cargo eletivo em uma capital brasiileira.

1949 Já em clima de paz, o comércio entre Brasil e Japão é restabelecido, por meio de um acordo bilateral.

1950 O governo brasileiro anuncia aos imigrantes dos países do Eixo a liberação dos bens confiscados.

1951 O governo brasileiro aprova projeto para a entrada de 5 mil famílias de imigrantes nipônicos, após um período de interrupção do processo imigratório, por conta da Segunda Guerra Mundial.

1953 Encorajadas, as empresas japonesas começam a planejar investimentos no Brasil. As primeiras delas chegam neste ano.

1954 No pleito de outubro, Yukishigue Tamura elegeu-se deputado federal por São Paulo apoiado por uma coligação do Partido Social Democrático (PSD) com o Partido Republicano (PR), tornando-se o primeiro deputado nissei na Câmara Federal.

1958 50 anos após a chegada do navio Kasato-Maru em Santos, o número de japoneses e descendentes no país somava 404.630 pessoas. O príncipe Mikasa, irmão do imperador Hiroito, visita o país para participar das festividades do cinquentenário da imigração.

1962 Nas eleições majoritárias, já se pôde observar a plena integração social e política dos brasileiros descendentes de japoneses, quando seis nisseis são escolhidos por meio das urnas: três para a Câmara Federal (Minoro Miyamoto, do Paraná; João Sussumu Hirata, de São Paulo e Yukishigue Tamura, que consegue sua reeleição por São Paulo) e três para a Assembleia Legislativa de São Paulo (Yoshifumi Uchiyama, Antonio Morimoto e Diogo Nomura).

1967 O príncipe herdeiro Akihito e a princesa Michiko visitam o Brasil pela primeira vez. Na recepção ao casal imperial a comunidade nipo-brasileira lota o Estádio do Pacaembu, em São Paulo.

1973 O fluxo cessa, quase que totalmente, com a vinda do último navio de imigração, o Nippon-Maru. A partir de então, os imigrantes passam a vir, em escala reduzida, através de transporte aéreo.

1978 O príncipe herdeiro Akihito e a princesa Michiko participam das festividades comemorativas aos 70 anos da Imigração e novamente o Pacaembu foi lotado. No prédio da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (Bunkyo), foi inaugurado o Museu da Imigração Japonesa no Brasil.

1988 Seguindo o caminho inverso dos imigrantes do Kasato-Maru, mas com objetivos semelhantes, o fenômeno que se observa no final da década de 80 é a ida de brasileiros de origem japonesa e seus cônjuges para trabalhar no Japão, a maioria como operários na indústria. São os decasséguis, verbete formado pela união de "deru" (sair) e "kasegu" (ganhar dinheiro), utilizado no Japão para designar todos trabalhadores estrangeiros residentes no país, tenham ou não ascendência japonesa.

2012 É eleito em Piracicaba, com 2.329 votos, o primeiro vereador de descendência japonesa, Pedro Motoitiro Kawai, para a legislatura 2013-2016. Nascido em Piracicaba, em 5 de março de 1971, Kawai foi reeleito em 2016 (gestão 2017-2020).

2018 A princesa Mako, neta mais velha do imperador Akihito, participou dos atos comemorativos pelos 110 anos da chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil. Ela desembarcou no dia 18 de julho no Rio de Janeiro, onde começou um tour oficial de duas semanas, com passagens por diversas cidades em cinco estados (Rio, São Paulo, Paraná, Amazonas e Pará). Em São Paulo, Mako participou da abertura do São Paulo Expo e do Festival do Japão. Visitou a Japan House, o Museu Histórico da Imigração Japonesa, o Pavilhão Japonês e o Parque do Ibirapuera, onde depositou uma coroa de flores no Monumento aos Pioneiros da Imigração Japonesa. A última visita ao Brasil de um integrante da família real japonesa foi a do príncipe herdeiro, Naruhito, que participou em março deste ano do Fórum Mundial da Água em Brasília.

MEUS AMIGOS JAPONESES, SAUDADE.

Éramos italianos, árabes, portugueses, judeus, japoneses, alemães, uma verdadeira liga de nações trocando lealdades, companheirismos, na eclética vizinhança – familiar e comercial – tecida com amizade.

Escrever sobre os 100 anos da Imigração Japonesa em Piracicaba, para mim, é muito mais que uma missão. É, também, um prêmio. Resgatar a história de bravura, persistência, tradição e cultura do povo japonês, através dos nipo-piracicabanos, precipitaram, a mim e em mim, um turbilhão de saudade, um arrebatador – mas suave – vendaval de lembranças.

De imediato e num repente, voltaram-me – aos olhos da alma e do coração – as imagens de uma adolescência feliz, sonhadora, conduzida por aqueles anos que não sabíamos, ainda, ser dourados. Eram os meados dos 1950, quando o mundo ocidental era sacudido por novos ares, novos perfumes, novas esperanças, aqueles anos primaveris. Famílias amigas, morávamos em quarteirões que, hoje, poderíamos chamar de ONU Caipira. Pois éramos uma comunhão das chamadas raças, de linguagens, de costumes – instalados bem no que chamo o "ventre da Noiva da Colina", o centro da bela e suave cidade.

Os Miyazaki – na Rua Governador, quase esquina da Rua São José – perfumavam os ares com o verdadeiro olor de seus pastéis, de sabores diferenciados e que, ainda hoje, seduzem os piracicabanos com o nome "O Pastelão". Conhecidos eram, àqueles anos, como pastéis do Mário Japonês, o Mário Miyazaki. Àqueles anos – correndo livremente pelas calçadas e ruas, como se fossem pequeninos servos e corças – meninos e meninas, de pés descalços, dançavam a ciranda-cirandinha, brincavam de esconde-esconde, de saltar a amarelinha, de jogar bolinhas de vidro, a búrica. E, entre todos, destacava-se a beleza encantadora, inocente de Shiroko Miyazaki, a caçulinha da família japonesa, com o frescor sempre renovado de rosas. Shiroko, porém, era nome difícil de se pronunciar. E ela se tornou, para todos, a Judith, cândida beleza oriental que continuou desabrochando a vida toda.

MY JAPANESE FRIENDS, MISSING THEM.

To me, writing about the 100 years of Japanese immigration in Piracicaba is more than a mission. It's also a reward. Recovering the story of braveness, persistence, tradition and culture of the Japanese people, through the Japanese-Piracicabans, unleashed to me, and within me, a turmoil of nostalgia, an overpowering – albeit gentle – gale of memories.

All of a sudden and in a flash, I relived – in eyes and heart – images of a happy, dreamy adolescence conveyed by those years we didn't yet know were golden years. It was the mid-nineteen-fifties, when the western world was shaken by new airs, new perfumes, new hopes, those spring-like years. Families of friends, we lived in blocks that today we might call a "Caipira UNO" (caipira – country people). We were a communion of the so-called races, languages, customs – living right in the middle of what I call "womb of the Bride of the Hill", the inner part of our beautiful and gentle city.

We were Italians, Arabs, Portuguese, Jews, Japanese, Germans, a veritable League of Nations, swapping loyalties, fellowship, in an eclectic neighborhood – families and commerce – woven with solid brotherly friendship. The Miyazaki – on Governador Street, almost at the corner with São José – scented the air with the true fragrance of their pastries with differentiated tastes that still entice Piracicabans, under the name of "O Pastelão". Known, in those times, as the pastries of Japanese Mário, alias for Mário Miyazaki. In those years – running freely along sidewalks and streets, like young fawn and doe – little boys and girl, barefoot, dancing ring-around-a-rosy, playing hide-and-seek, jumping hop-scotch, casting marbles. And among all, out stood the charming, guileless beauty of Shiroko Miyazaki, the youngest daughter of the Japanese family, always with the freshness of a rose. Shiroko, however, was a hard-to pronounce name. So, she became Judith to all, an innocent Eastern beauty who continued blossoming through her whole life.

Ah! The yearning, the poignant memories. And our dearest Luiza Sato, of the Sato Family in Bairro Alto,

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Ah! a saudade, as pungentes lembranças. E a nossa queridíssima Luiza Sato, da família Sato do Bairro Alto, com as lavanderia e tinturaria famosas? (Ao depois, a pequena empresa mudou-se para a Rua Benjamin Constant). Luiza era – de tão próximas foram – como irmã xifópaga da Mariana, imenso amor de juventude, que se tornou generosa e incansável mãe de meus cinco filhos. Onde lá nos íamos, Mariana e eu, a sorridente e silenciosa Luiza nos acompanhava, sabiamente fingindo nada ver quando os beijinhos inocentes e trêmulos, nós os trocávamos. Luiza, a nossa japonesinha querida, leal e solidária até que, vítima de implacável enfermidade, feneceu como tenra florzinha. E Chico Komatsu – brilhante desde a adolescência – tornou-se o genial Dr. Komatsu, oftalmologista que enfeitiçou Piracicaba com sua ciência e arte. E a quem entreguei os meus olhos míopes, que ele cuidou como se fossem dele próprio.

with their famous laundry and dry-cleaning concern? (Years later the small enterprise moved to Benjamin Constant Street). Luiza was – so close they were – like a xiphopagous twin to Mariana, immense love of my youth, who became the generous and tireless mother of my five children. Wherever we went, Mariana and myself, the smiling and silent Luiza accompanied us, wisely pretending not to notice the guileless and shaky little kisses we exchanged. Luiza, our dear little Japanese, loyal and supportive until, victim of a merciless illness, wilted away like a tender flower. And Chico Komatsu – brilliant from his teens – became the inspired Dr. Komatsu, the ophthalmologist who enthralled Piracicaba with his science and art. And to whose care I trusted my myopic eyes, tended by him as if they were his own.

PIRACICABA, PALCO ILUMINADO DE KIYOSHI.

Foi no auge de minha adolescência, em 1954, quando tinha 14 anos, que Kiyoshi Okawa, um japonesinho com carismas de anjos, apareceu em nossa vida. Já eram os anos dourados e não sabíamos.

O Brasil perdera mais uma Copa do Mundo, na Suíça, aumentando a frustração do trauma de 1950. Um dos nossos ídolos era o meia-esquerda Pinga, mas os locutores locais não podiam pronunciar o apelido, pois, em suíço, significa seio de mulher... A cidade de São Paulo parecia em êxtase permanente comemorando o IV Centenário. O menino Kiyoshi – adolescente, como quase todos nós, colegas, aos 14 anos de idade – encantava-se com tudo aquilo, como se estivesse em um palco iluminado. Mas estava em Piracicaba, vindo frequentar o Colégio Dom Bosco, preparando-se para ingressar na Escola Agrícola, ainda não conhecida como ESALQ, onde, em 1961, concluiu o curso de Engenharia Agronômica.

Kiyoshi Okawa chamava a atenção por seu tipo físico diferenciado, magrinho, olhinhos repuxados de japonês, sempre rindo como se o sorriso lhe escondesse a timidez. Quase nada falava, mas a tudo ouvia. Os colegas não o importunavam, mas, também, não lhe davam muita atenção. Tivemos, quase de imediato, grande empatia. Penso, hoje, que a timidez e o recato daquele nosso novo colega por algum motivo me convidavam a aproximar-me dele. Kiyoshi me olhava quase como que pedindo ajuda.

Nunca saberei se o pudor e a circunspecção japonesa dão origem, também, à timidez. Ou se esta é uma forma de recato, de respeito, algo como uma serena coexistência com a vida, com os bichos, com as plantas e verduras, com flores e passarinhos – e com o Outro.

O aparentemente frágil, silencioso Kiyoshi reunia, em si mesmo, tudo isso. A dele, era alma forjada na Ilha de Marajó, onde a família possuía propriedades rurais. Meu amigo era um nipônico que se plasmou também como marajoara. Ou o inverso, um marajoara japonês que transitava entre duas culturas singularíssimas. Ou, sei lá, foi minha condição de descendente de árabes que me

PIRACICABA, KIYOSHI'S ILLUMINATED STAGE.

It was 1954, at the height of my adolescence, when Kiyoshi Okawa, a smallish Japanese with the charisma of an angel, appeared in our life. Those were the golden years already, but we didn't know it. Brazil had lost another World Cup, in Switzerland, heightening the frustration of the 1950 trauma. One of our idols was the left-midfielder Pinga, a nickname the sportscasters couldn't say, as in Swiss the world means female breast… São Paulo City seemed in permanent ecstasy commemorating its Fourth Centennial. Young boy Kiyoshi – in his teens, as almost every one of us, his schoolmates, 14 years old – was enthralled with it all, as though he were on an illuminated stage. But he was in Piracicaba, where he had come to study at Dom Bosco High School in preparation for enrolling into the Agricultural School, not yet known as the ESALQ, where he graduated in 1961 in Agricultural Engineering.

Kiyoshi Okawa drew attention due to his different physical type: lean, Japanese slant-eyes, always laughing as though his smile intended to hide his shyness. He talked very little but listened to everything. His schoolmates didn't bother him but neither paid much attention to him. From the very beginning we developed a great report towards each other. I think, today, that the shyness and reservation of that new schoolmate of ours, for whatever reason, invited me to get close to him. Kiyoshi looked at me almost as if asking for help.

I will never know whether Japanese modesty and circumspection also lead to shyness. Or whether it's a kind of reservation, of respect, something like a serene coexistence with life, animals, plants and vegetables, flowers and birds – and with the Other.

The seemingly frail, quiet Kiyoshi had all that in himself. His was a soul forged on Marajó Island, where his family owned rural properties. My friend was a Japanese who was also a Marajoara (inhabitant of the Marajó Island). Or reversely, a Japanese Marajoara who transitioned between those two quite unique cultures.

levou à solidariedade das pessoas que sabiam ser bem recebidas, mas não aceitas. Kiyoshi, nissei – ou japonês, como o chamávamos – era, porém, mais do que um descendente de outros povos: Kiyoshi era japonês. Eu era o turco; Grisolia, o italianinho; Messias, o negrinho. Os Ferraz de Arruda e os Souza Campos tinham nome.

Um dia, meus pais descobriram que Kiyoshi morava numa pensão humilde – numa rua que chamavam de meretrício, onde havia casas residenciais, pensões estudantis e bordeis. E que lá, além de ser ridicularizado – Kiyoshi recusava-se a "conhecer mulher", a ter sua "primeira noite" – pouco ou mal se alimentava. Eu pouco ainda sabia – menos do que agora – mas meu pai via o povo japonês não como um adversário daquela ou de outras guerras, mas como vítima impiedosa do massacre dos Estados Unidos com a bomba atômica. Nos nossos almoços, meu pai, um maçom com cultura acima da média, falava dos erros de avaliação, da "história contada pelos vencedores", odiando o extermínio de judeus pelos nazistas, mas enfatizando que os Estados Unidos haviam criado terríveis campos de concentração também para os japoneses.

Kiyoshi – vencendo a timidez e deixando-se convencer pela retórica quase furiosa de minha mãe árabe – passou a fazer suas refeições conosco. "Você está muito magrinho, tem que se alimentar melhor. O que sua mãe vai pensar disso?" Aos poucos, Kiyoshi começou a dormir em nossa casa, numa quase esteira estendida ao lado de minha cama. Pouco dormíamos, conversávamos. Até madrugada adentro. Enquanto eu fumava às escondidas, Kiyoshi vigiava, sem que, pobres tolos, soubéssemos que a fumaça e o cheiro do cigarro me denunciavam. Kiyoshi, o japonesinho, meu quase irmão...

Ele me contava coisas que me pareciam fantasiosas da sua Marajó, da floresta amazônica, dos animais, dos grandes espaços – sem, no entanto, nunca falar da própria família. E, com um sorriso como que de vontade, Kiyoshi me falava do que seus pais lhe narravam do Japão, daquela maneira de viver, de um país de tão pequenas dimensões, mas com uma história formidável, de heróis que pareciam os de cinema, de trabalho permanente, de belezas encantadoras, de cultura especial, de educação suave. Ele falava do Monte Fuji como se falasse de um deus. Ou de uma deusa. Kiyoshi Okawa me fez apaixonar-me por um Japão real ou imaginário nosso.

Or, what do I know, my background as a descendant of Arabs fostered my solidarity towards people who knew they were well received, but not accepted. Kiyoshi, a nisei – or Japanese, as we called him – was more than a descendant of other peoples: Kiyoshi was Japanese. I was the Turk; Grisolia, the little Italian; Messias, the little Negro. The Ferraz de Arruda and the Souza Campos had names.

One day my parents found out that Kiyoshi lived in a humble boarding house – on a street known as one of prostitution, but also with residential houses, student boarding houses and brothels. And that there, in addition to being ridiculed – Kiyoshi refused to "know women", to have his "first night" – he ate little or almost nothing. I knew but little – less than I do now – but my father saw the Japanese people not as adversary in that or in other wars, but as a victim of a ruthless massacre perpetrated by the United States with the atomic bomb. During our lunches my father, a free mason with an above-than-average culture, talked about the miss-valuations, of the "history told by the vanquishers", hating the extermination of Jews by the Nazis but emphasizing that the United States also had created terrible concentration camps for the Japanese.

Kiyoshi – overcoming his shyness and allowing himself to be convinced by my Arab mother's almost furious rhetoric – started eating his meals with us. "You are very skinny, you have to eat better. What will your mother think?" Little by little Kiyoshi took to sleeping at our home, on a quasi-mat spread by my bedside. We slept little, for we talked. Until the wee hours. While I smoked on the sly, Kiyoshi stood guard, without us, poor fools, realizing that the smoke and cigarette smell gave me away. Kiyoshi, the little Japanese, almost a brother...

He told me things that seemed fantasies to me about his Marajó, the Amazonian Forest, animals, wide spaces – without, however, ever talking about his own family. And with an almost wistful smile, Kiyoshi told me what his parents told him about Japan, its way of life, a country so small yet with such a formidable history, of heroes that seemed out of the movies, of endless toil, fascinating beauties, special culture, gentle education. He talked about Mount Fuji as it were a God. Or a Goddess. Kiyoshi Okawa made me fall in love with Japan, the real one or one in our imagination.

Foto: Japão Infotur

Estudávamos no Dom Bosco e, de imediato, ele se adaptou à disciplina dos padres salesianos. Mas, desde o princípio, revelou sérias dificuldades em línguas, em História e Geografia, em Filosofia, naquele emaranhado enciclopédico do ensino da empolgante década de 1950. Era, no entanto, um gênio nas matemáticas, na Física, no Desenho – disciplinas em que eu, este que vos escreve, era uma completa nulidade. Unimo-nos e nos tornamos orientadores um do outro. Eu fazia, para o meu querido amigo japonês, todas as tarefas, lições, trabalhos – e até mesmo provas, quando engambelávamos os mestres – dessas áreas. E ele salvava-me em todas as disciplinas em que a minha ignorância era plena.

Quando começo a escrever este livro sobre o centenário da chegada dos japoneses a Piracicaba, sinto-me estar com uma gente de cuja alma e espírito conheço belezas que me acompanham desde a adolescência. Kiyoshi Okawa – que nunca mais vi, que não sei se vivo ou morto, o Kiyoshi meu amigo, companheiro, irmão – vem-me, agora, à lembrança com uma força admiravelmente generosa. Neste livro, sinto sua presença, como tímida, mas brilhante, vela inspiradora.

We studied at the Dom Bosco and he at once took to the discipline of the Salesian Fathers. But from the very beginning he showed a difficulty with languages, History and Geography, philosophy, in that encyclopedic maze that was teaching in those exciting nineteen-fifties. However, he was a genius in mathematics, physics, drawing – subjects in which I, this one writing you, was a resounding nullity. We joined up and became advisors to each other. I did, for my dear Japanese friend, every task, lesson, works – even examinations, when we managed to fool the teachers – in those fields. And he bailed me out in all those subjects where my ignorance was total.

When starting to write this book on the centennial of the Japanese arrival in Piracicaba, I feel myself to be in the companion of people from whose soul and spirit I learned beauties that accompany me since my teens. Kiyoshi Okawa – whom I never saw again, I don't know if alive or dead, Kiyoshi my friend, mate, brother – my mind recalls him, now, with an admirably generous strength. I feel his presence in this book as a shy, albeit brilliant, inspiring sail.

AS PAIXÕES DE KIYOSHI - *Monte Fuji e Rio Piracicaba.*

Foto: Fran Camargo

MONTE FUJI: SAGRADO E AMADO.

Tido como dos maiores símbolos e um dos mais belos cartões postais do Japão, o Monte Fuji – cantado em verso e prosa pelo pai de Kiyoshi – é a montanha mais escalada do mundo (são mais de 300 mil pessoas que sobem até o cume todos os anos, nos meses de julho e agosto), servindo, também, de inspiração para diversos artistas há várias gerações, seja em forma de poemas, romances, pinturas ou fotografias.

Localizado entre as províncias de Yamanashi e Shizuoka, a 60 km a sudoeste do centro de Tóquio, é cercado pelos Cincos Lagos de Fuji – Kawaguchi, Yamanaka, Sai, Shoji e Motosu. Pode ser observado nitidamente por moradores de Tóquio e Yokohama e, embora seja belo em todas as estações, alcança o ápice de sua beleza durante a Primavera, quando o seu cume coberto de neve é emoldurado pelas flores de cerejeira, cenário que o fez ganhar o apelido de Fuji Konohana Sakuahime, que significa "fazendo a flor desabrochar brilhantemente", conforme podemos observar na foto ao lado.

Trata-se, na verdade, de um vulcão adormecido, em inatividade há mais de 300 anos e que acabou se tornando uma das atrações mais populares do Japão, amado e reverenciado pelo povo japonês. Há um ditado que diz que todo homem nascido no Japão deve escalá-lo pelo menos uma vez em sua vida. Feito isso, ganhará benção espiritual e sorte eterna.

Foto: Dreamstime/ Bianco Blue

Quando os japoneses deixaram a Terra do Sol Nascente – em busca de riqueza – admiraram-se por encontrar, no Brasil, um lugar com tanto brilho como Piracicaba. Nem todos enriqueceram financeiramente. Mas – por seus atributos morais, éticos e culturais – contribuíram (e muito) para o enriquecimento de nossa cultura e – com suas técnicas de cultivo da terra – para a evolução agrícola do município.

Há, em Piracicaba, um mistério de sedução. De um lado, "o filho ausente a suspirar por ti". De outro, os que para cá vieram por escolha, por opção, amando-a tanto e quanto, ou mais, do que os que aqui nasceram. É como se, escolhendo-a para seu lar, os que para cá vêm tivessem mais cuidados, mais zelo e mais amor. Em Piracicaba – a terra que tanto adoramos – o sol brilha para todos.

A TERRA DO SOL NASCENTE

THE LAND OF THE RISING SUN

Foto: Japão Infotur

*O Japão – também designado como a **Terra do Sol Nascente** – é um arquipélago composto por quatro grandes ilhas: Hokkaido, Honshu, Shikoku e Kyushu, e mais de 3.000 pequenas ilhas. Seu nome tem origem do chinês "Ji-pen" (raiz do sol), uma vez que os antigos chineses acreditavam que o sol nascia nesse país. Em japonês, raiz do sol é "ni-hon", ou nippon, daí o adjetivo nipônico, designando aquilo que é relativo ao Japão. O Tori, tradicional portal do sol, representa a divisão entre o mundo comum e o mundo divino. É a porta de entrada, feita de madeira, sem qualquer telhado ou muros, formada por duas colunas ligadas por duas vigas. As colunas representam os alicerces que sustentam o céu e as vigas simbolizam a terra.*

EM PIRACICABA, O SOL BRILHA PARA TODOS.

IN PIRACICABA, THE SUN SHINES FOR ALL

When the Japanese left the Land of the Rising Sun – in search of wealth –they were amazed to find in Brazil a place as bright as Piracicaba. Not all of them became financially rich. However – due to their moral, ethical and cultural attributes – they have contributed (a lot) for the enrichment of our culture, and – with their land cultivation techniques – to the agricultural evolution of the city.

There is a mystery of seduction in Piracicaba. On the one side, "the absent son sighing for you". On the other, those who came here by choice, by option, loving it so much and so deeply, even more than those who were born here. It is as if, having chosen it as their home, those who arrived here cared more, were more diligent, felt more love. In Piracicaba – the land we love so much – the Sun shines for all.

Foto: Rubens Chiri

UMA RELAÇÃO DE MAIS DE 100 ANOS

A ligação entre Piracicaba e o povo japonês teve início bem antes de 18 de setembro de 1918 – data da chegada dos primeiros imigrantes japoneses. Afinal, a vinda dos nipônicos ao Brasil deve-se muito a duas ilustres figuras de nossa cidade: Prudente de Moraes e Carlos Botelho.

Quem deu o primeiro grande passo foi o "ituano-piracicabano" Prudente José de Moraes, o primeiro presidente civil da história, com a assinatura – em 5 de novembro de 1895 – de um Tratado de Amizade, de Comércio e de Navegação. Essa decisão foi fundamental para transformar o Brasil em ponto de imigração japonesa. Foram signatários, na França, os ministros do Japão e do Brasil, Arasuke Soya e Gabriel de Toledo Piza e Almeida.

A seguir, outro piracicabano – Carlos Botelho – entra em cena, transformando-se no principal responsável pela vinda de japoneses para o Brasil. Médico e então Secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo, foi ele quem outorgou a Lei de Imigração e Colonização, assinada em 6 de novembro de 1907, para a vinda dos primeiros imigrantes, utilizados como mão de obra para as lavouras do café. O trabalho foi articulado em conjunto com Jorge Tibiriçá, governador da Província de São Paulo, e Ryo Mizuno, representante do Japão e da companhia Kokoku Shokumin Kaisha (empresa que administrava a imigração).

Vale registrar que o Barão do Rio Branco, na época ministro do Exterior, era contra a imigração japonesa no Brasil. Mas Carlos Botelho convenceu-o de que a Lei não visava a colonização japonesa propriamente dita. Tratava-se de um ensaio de braços para a lavoura cafeeira, diante dos embaraços que ofereciam as nações da Europa para a partida de imigrantes. Tanto Botelho como Ryo são considerados os "pais" da imigração japonesa no Brasil.

A RELATIONSHIP OF OVER 100 YEARS

The ties between Piracicaba and the Japanese people harks back long before September 18, 1918 – the day the first Japanese immigrants arrived. After all, the coming of the Japanese to Brazil owns a lot to two illustrious personages of our city: Prudente de Moraes and Carlos Botelho.

The first step was taken by "ituan-piracicaban" Prudente José de Moraes, first civilian President in our history, when he signed – on November 5, 1895 – a Treaty of Friendship, Commerce and Navigation with Japan. That decision was fundamental for making Brazil a destination for Japanese immigration. The signatories were the Japanese and Brazilian Ministers in France, Arasuke Soya and Gabriel de Toledo Piza e Almeida.

Then, another Piracicaban – Carlos Botelho – steps on stage, becoming the main responsible for bringing Japanese into Brazil. A Physician and at the time Secretary of Agriculture, Transportation and Public Works for the State of São Paulo, he signed the Immigration and Colonization Act on November 6, 1907, promoting the arrival of the first immigrants to work in coffee plantations. It was a joint effort with Jorge Tibiriça, governor of the São Paulo Province, and with Ryo Mizuno, representative of Japan and of the Kokoku Shokumin Kaisha Company (company managing the immigration).

It should be noted that the Baron of Rio Branco, at the time the Brazilian Foreign Minister, opposed Japanese immigration to Brazil. However, Carlos Botelho convinced him that the Act wasn't aimed at Japanese colonization per se. It was intended as a rehearsal for the provision of laborers for the coffee culture, given the hindrances imposed by European countries on emigration of their nationals. Both Botelho and Ryo are considered the "fathers" of Japanese immigration in Brazil.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

GERAÇÕES DE NIKKEIS NO BRASIL

Com a imigração japonesa, mais de 200 mil japoneses escolheram o Brasil como segunda pátria. Hoje, estima-se que o país abrigue uma média de 1,9 milhão de nipo-brasileiros, também conhecidos como nikkeis (termo utilizado para denominar os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem regularmente no exterior), cuja maioria reside nos estados de São Paulo (mais de 1 milhão) e Paraná.

No Brasil, cada geração nikkei recebe denominação própria:
Issei *(imigrantes japoneses de primeira geração, nascidos no Japão)*
Nissei *(filhos de japoneses)*
Sansei *(netos de japoneses)*
Yonsei *(bisnetos de japoneses)*
Gossei *(trinetos de japoneses)*
Rokussei *(tetranetos de japoneses)*
Shichissei *(pentanetos de japoneses)...*

A IMPORTÂNCIA DE BOTELHO PARA PIRACICABA

Para ter-se uma ideia do que Carlos José de Arruda Botelho representa para a cidade de Piracicaba, registramos, na íntegra, uma matéria assinada por Beatriz Elias e publicada no Memorial de Piracicaba 2002/2003, no qual, prazerosamente, atuei como editor.

"Para muitos, o que se conhece de Carlos Botelho, ou Arruda Botelho, são seus méritos indiscutíveis como médico. Para outros, trata-se do filho de um dos fundadores da cidade de São Carlos do Pinhal, hoje apenas São Carlos, o também piracicabano Antônio Carlos Botelho. Há, ainda, quem dele se lembre como senador e político eleito por São Paulo.

Mas Piracicaba merece conhecer sua vida dentro do contexto de importância daquilo que Carlos José de Arruda Botelho fez por ela, sua cidade natal. Foi em Piracicaba que ele nasceu, em 1855, filho do conde do Pinhal e de Francisca Theodoro Botelho, embora ainda criança tenha-se mudado para a Fazenda Pinhal, na região de São Carlos. Antes de se fazer político e estadista, seguindo a tradição familiar, Carlos Botelho formou-se em Medicina, tendo estudado em Montpellier e Paris. Foi dele o primeiro hospital particular de São Paulo, fundado à Rua do Gasômetro. Foi um dos primeiros urologistas a operar no Brasil e teve, entre seus discípulos, Arnaldo Vieira de Carvalho, primeiro diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia – hoje, conhecido apenas como "Dr. Arnaldo", nome dado a importante avenida de São Paulo.

No entanto, com sua formação mais ampla, e tendo sido criado em meio às fazendas de café e pecuária, chegou à Secretário da Agricultura em 1904, a convite do presidente da Província de São Paulo, Jorge Tibiriçá. Carlos Botelho se caracterizava, também nesta área, pelas marcas de seu pioneirismo. Foi ele quem trouxe o primeiro grupo de imigrantes japoneses ao Brasil, introduzindo o sistema de irrigação nas culturas de arroz. E, mais tarde, trabalhou no projeto de saneamento de Santos, no projeto de ajardinamento do Museu do Ipiranga, no incentivo ao ensino profissional agrícola, na organização do programa de Estatística Agrícola e Zootécnica.

Foi neste período, que Carlos Botelho dedicou especial atenção à Piracicaba. Ao lado de Jorge Tibiriçá deu formas aos sonhos de Luiz de Queiroz, garantindo que o Estado respondesse pelos planos de implantação da Escola de Agronomia, cujo projeto fora paralisado anos antes. E ambos inauguraram o prédio principal, em cuja solenidade Carlos Botelho foi enfático: "foi-me fácil transformar as ruínas que aqui se encontravam neste suntuoso templo que hoje se ergue à Ciência Agronômica".

Na ESALQ criou, ainda, durante sua gestão como Secretário da Agricultura, o posto zootécnico, as oficinas de ferreiro, carpinteiro e serralheiro; assentou descascadores de algodão, prensa hidráulica e outras máquinas; construiu a leiteria, apiário, horta, pomar, parque.

Em 1905, a Câmara de Piracicaba aprovou que a avenida, dando acesso à Escola Agrícola, passasse a levar o seu nome, Carlos Botelho. Em muito, ele próprio contribuíra para a construção desta avenida de um quilômetro de extensão, ladeada de eucaliptos, via de acesso ao hospital de hansenianos, em São Paulo.

Em vida, uma das últimas homenagens que recebeu foi a de ter sido escolhido como paraninfo dos formandos da ESALQ de 1940. Faleceu na Fazenda do Pinhal, em São Carlos, aos 92 anos de idade, em 1947. A Fazenda, atualmente, é mantida por uma fundação que atua no sentido de preservar seu valor histórico: além de manter intacto o patrimônio arquitetônico, os pomares, áreas de secagem de café, tem incentivado parcerias com universidades e instituições de ensino no sentido de pesquisar a época da família Arruda Botelho e sua importância para o País, em termos políticos e na área agrícola".

THE IMPORTANCE OF BOTELHO TO PIRACICABA

To provide a glimpse of the importance of Carlos José de Arruda Botelho to Piracicaba City, we reproduce in full an essay written by Beatriz Elias, published in the 2002/2003 Memorial of Piracicaba where I, most pleasurably, worked as editor.

"To many, what is known about Carlos Botelho, or Arruda Botelho, is his unquestionable prowess as Physician. To others, he is the son of one of the founders of São Carlos do Pinhal City, currently just São Carlos, the also Piracicaban Antônio Carlos Botelho. And still there are those who remember him as a Senator and Politician elected by São Paulo.

However, Piracicaba deserves to know his life within the context of importance of what Carlos José de Arruda Botelho did for it, his city of birth. He was born in Piracicaba in 1855, son of the Count of Pinhal and Francisca Theodoro Botelho, notwithstanding that he, still a child, moved to the Pinhal Farm in the São Carlos region. Before becoming a Politician and Stateman, in the path of his family tradition, Carlos Botelho graduated in Medicine, studying at Montpellier and Paris. He founded the first private hospital in São Paulo on Gasômetro Street. He was one of the first urologists to perform operations in Brazil and among his disciples was Arnaldo Vieira de Carvalho, first Clinical Director of the Santa Casa de Misericórdia (Holy House of Mercies) – today known just as "Dr. Arnaldo", name given to an important avenue in São Paulo City.

However, with his broader knowledge and due to his growing up amidst coffee and cattle farms, he was appointed Secretary of Agriculture in 1904, by invitation of the President of São Paulo Province, Jorge Tibiriçá. In that area also, Carlos Botelho was characterized by his pioneering spirit. He brought the first group of Japanese immigrants to Brazil, thus introducing irrigation systems in rice fields. Later, he worked on the sanitation Project for Santos, on the gardens of Ipiranga Museum, on incentives for professional teaching of agriculture, on the organization of the Agriculture Statistics Program and on Zootechnical matters.

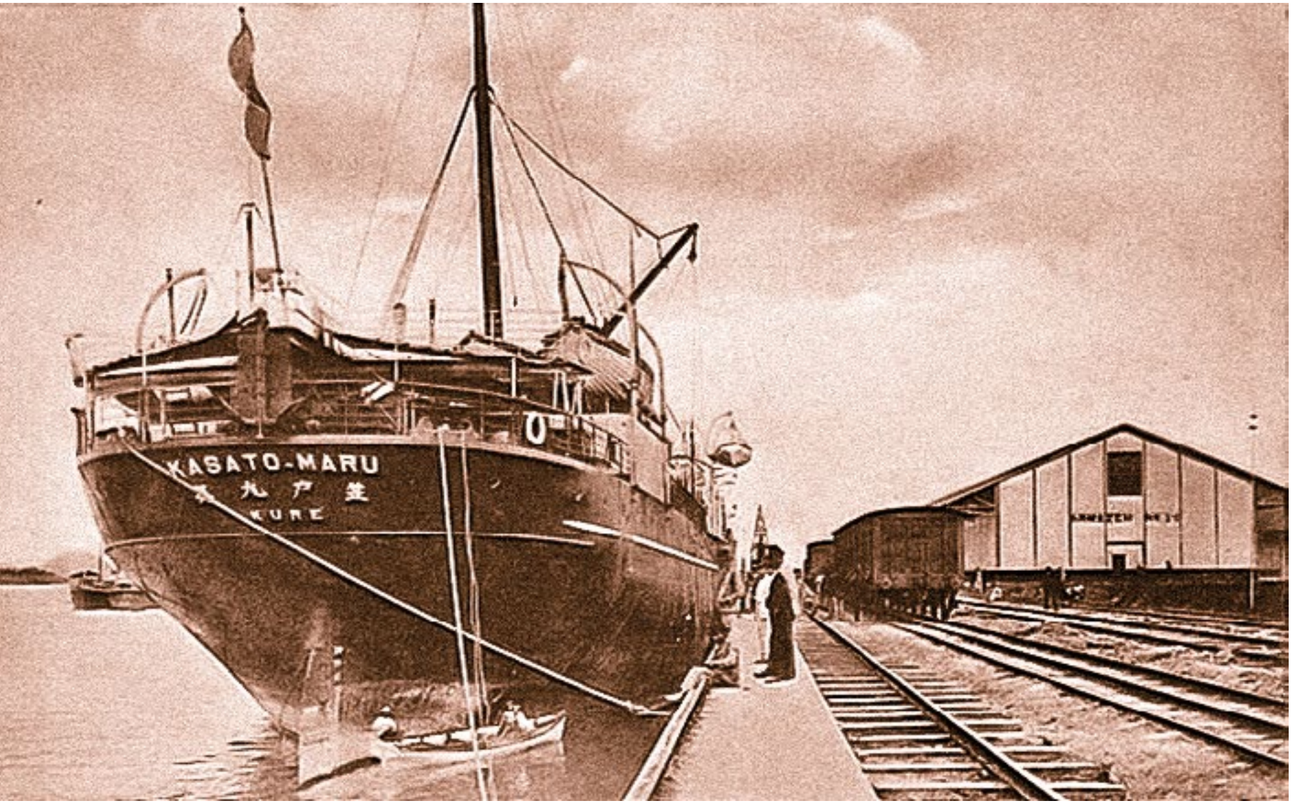
That was the time Carlos Botelho paid a special attention to Piracicaba. Jointly with Jorge Tibiriçá, he set about shaping the dreams of Luiz de Queiroz, guaranteeing that the State took on the plans for setting up the School of Agronomy, a project that had been paralyzed years before. And jointly they inaugurated the main building. During the solemnity Carlos Botelho was emphatic: "it was easy to me transforming the ruins of this place into this sumptuous temple today erected to Agronomical Science".

During his tenure at the Secretary of Agriculture he created at the ESALQ (Agricultural School Luiz de Queiroz): a zootechnical station; blacksmith, carpentry and metalworker workshops; set up cotton peelers, hydraulic press and other machinery; established a dairy, apiary, vegetable garden, orchard, park.

In 1905, the Piracicaba City Council decreed that the avenue leading to the Agricultural School would be named after him, Carlos Botelho. He himself had contributed much for the opening of that one-kilometer-long avenue, bordered by eucalyptus trees, providing access to the State of São Paulo sponsored hospital of lepers. In life, one of the last tributes he received was being chosen patron of the 1940 class graduates at ESALQ. He passed away at the Pinhal Farm in São Carlos in 1947, at age 92. The Farm currently is maintained by a Foundation whose charter is preservation of its historical value, plus the keeping whole of its architectonical features, orchards and coffee drying yards. It has encouraged partnerships with Universities and Schools, aiming at researching the times of the Arruda Botelho Family and its importance for the Country in matters of politics and agriculture".

KASATO-MARU, SÍMBOLO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA

Foto: Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

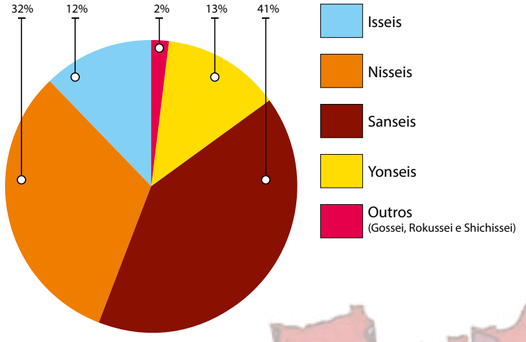


O navio Kasato-Maru foi construído na Inglaterra, em 1900, a pedido do governo russo, sendo batizado, primeiramente, de Potosi. Cinco anos depois, ganhou o nome de Kazan, e – no final da Guerra Russo-Japonesa, em 1906 –, foi capturado pela marinha japonesa e adaptado para ser um navio de passageiros, transportando soldados que regressavam do combate na Manchúria, já com o nome de Kasato-Maru. No mesmo ano passou a transportar imigrantes japoneses para o Havaí, e, em 1907, para o Peru e México. Foi ele, quem, em 1908, trouxe as primeiras 165 famílias (781 pessoas) para o Brasil.

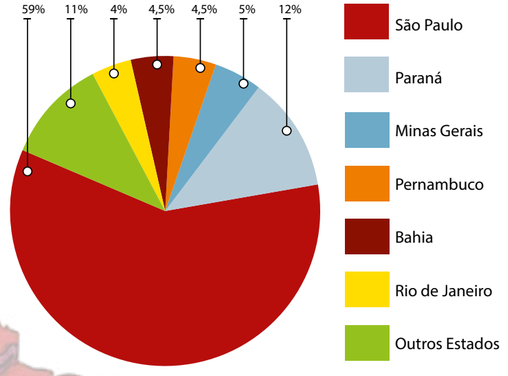
A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

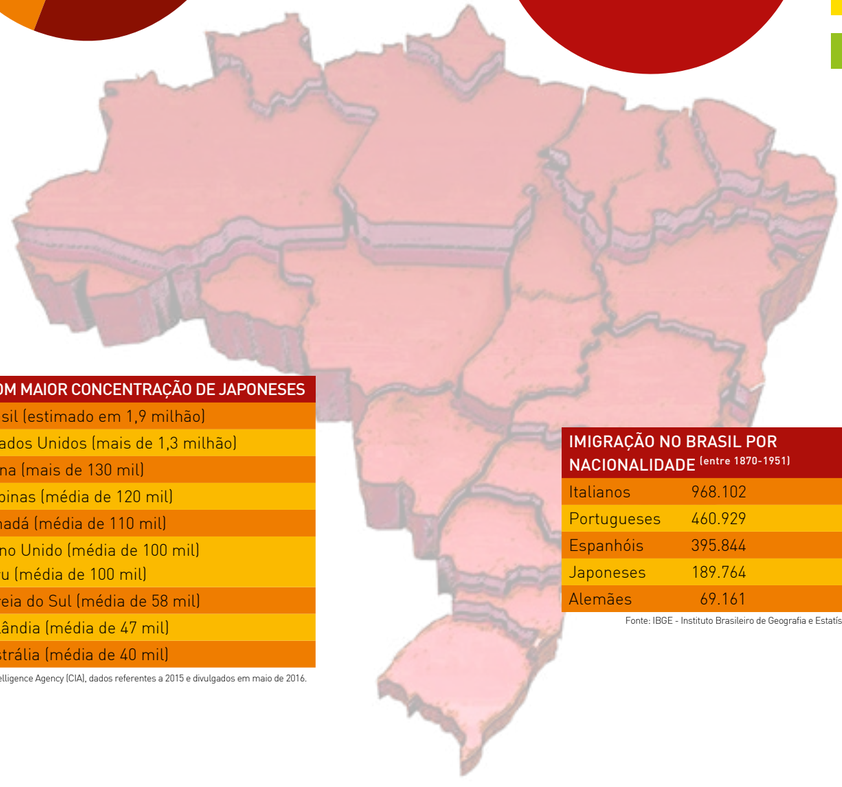
A população japonesa no Brasil está estimada em 1,9 milhão, sendo considerada a maior população nipônica fora do Japão. Do total,12% são nascidos no Japão (issei) e o restante dividido entre nisseis (filhos de japoneses), sanseis (netos), yonseis (bisnetos) e assim por diante.
São Paulo é o estado que mais concentra os nipo-brasileiros: mais de 1 milhão.

NIKKEIS NO BRASIL



DISTRIBUIÇÃO DOS NIKKEIS NO BRASIL





PAÍSES COM MAIOR CONCENTRAÇÃO DE JAPONESES	
1	Brasil (estimado em 1,9 milhão)
2	Estados Unidos (mais de 1,3 milhão)
3	China (mais de 130 mil)
4	Filipinas (média de 120 mil)
5	Canadá (média de 110 mil)
6	Reino Unido (média de 100 mil) Peru (média de 100 mil)
8	Coreia do Sul (média de 58 mil)
9	Tailândia (média de 47 mil)
10	Austrália (média de 40 mil)

Fonte: Central Intelligence Agency (CIA), dados referentes a 2015 e divulgados em maio de 2016.

IMIGRAÇÃO NO BRASIL POR NACIONALIDADE (entre 1870-1951)	
Italianos	968.102
Portugueses	460.929
Espanhóis	395.844
Japoneses	189.764
Alemães	69.161

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

A CHEGADA DOS PRIMEIROS JAPONESES AO BRASIL

A história registra – independente de passagens anteriores por nipônicos em terras brasileiras – que a entrada oficial e sistemática de imigrantes japoneses no Brasil ocorreu a partir de 1908, com o atracamento do navio Kasato-Maru junto ao cais nº 14 do Porto de Santos, no dia 18 de junho.

Proveniente de Kobe, o navio trouxe um total de 800 passageiros, dos quais 781 eram imigrantes sob contrato (sendo 595 homens e 186 mulheres, que compunham 165 famílias), cujo desembarque só ocorreu no dia seguinte. De Santos, os imigrantes seguiram de trem para a Hospedaria de Imigrantes, em São Paulo, onde ficariam hospedados até serem enviados às respectivas fazendas contratantes.

O encaminhamento das famílias iniciou-se na manhã de 27 de junho. Sob o comando de Massaru Mine, 152 imigrantes, pertencentes a 24 famílias de Okinawa, foram enviados à Fazenda Canaã (São Simão). Outras 23 famílias okinawanas, totalizando 173 pessoas, foram levadas à Fazenda Floresta (Indaiatuba), tendo à frente Motonao Ohno. No dia 28 de junho, outros dois grupos seguiram para o interior. Sob a liderança de Teijiro Suzuki, 101 pessoas, de 27 famílias de Kagoshima, foram para a Fazenda São Martinho (Sertãozinho), enquanto outros 88 imigrantes, de 23 famílias de Kagoshima, Kochi e Niigata, foram para a Fazenda Guatapará (Ribeirão Preto), com o intérprete Umpei Hirano.

No dia 29, Junnosuke Kato levava 210 imigrantes, de 52 famílias de Fukushima, Kumamoto, Hiroshima, Miyagi e Tóquio, para a Fazenda Dumont (Ribeirão Preto), considerada líder no Estado de São Paulo em produção de café, e que pertencia a Henrique Dumont, pai de Santos Dumont. E, finalmente, no dia 6 de julho, sob o comando de Takashi Nihei, 57 pessoas, de 16 famílias de Yamaguchi, Aichi, Yamanashi e Ehime, seguiram com destino à Fazenda Sobrado (São Manoel).

Por ter sido o primeiro grupo a chegar ao Brasil foi, também, o que mais sofreu. A realidade que encontraram era completamente diferente do que imaginavam. Vieram para trabalhar nas lavouras de café e a maioria sequer conhecia o gosto da bebida amarga e escura; estranharam as estruturas das casas e sentiram o peso da tradição familiar, do chão de tatame

ARRIVAL OF THE FIRST JAPANESE IN BRASIL

History records – regardless of former passages of Japanese through Brazilian lands – that official and systematic arrival of Japanese immigrants in Brazil took place in 1908, with the docking of the Kasato-Maru at pier No. 14 in the Port of Santos, on June 18.

Sailing from Kobe, the ship brought a total of 800 passengers, including 781 immigrants under contract (595 men and 186 women, making up 165 families), who disembarked only the following day. From Santos, the immigrants traveled by train to the Immigrants Inn in São Paulo, where they were to stay until sent to the respective contracting farms.

Forwarding of the families began in the morning of June 27. Under command of Massaru Mine, 152 immigrants belonging to 24 families from Okinawa were dispatched to the Canaã Farm (São Simão). A further 23 families from Okinawa, totaling 173 people were taken to the Floresta Farm (Indaiatuba), led by Motonao Ohno. On June 28, two groups traveled to the countryside. Under the leadership of Teijiro Suzuki, 101 people belonging to 27 families from Kagoshima went to the São Martinho Farm (Sertãozinho), while other 88 immigrants of 23 families from Kagoshima, Kochi and Niigata moved to the Guatapará Farm (Ribeirão Preto), with interpreter Umpei Hirano.

On the 29th, Junnosuke Kato took 210 immigrants belonging to 52 families from Fukushima, Kumamoto, Hiroshima, Miyagi and Tokio to the Dumont Farm (Ribeirão Preto), then the leader in coffee production in the State of São Paulo and belonging to Henrique Dumont, father of Santos Dumont. And lastly, on July and under command of Takashi Nihei, 57 people belonging to 16 families from Yamaguchi, Aichi, Yamanashi and Ehime headed for the Sobrado Farm (São Manoel).

As the first group to arrive in Brazil, they were also the ones who suffered the most. The reality they faced was totally different from what they had imagined. They had come to work in the coffee plantations and they didn't even know the taste of the dark, bitter beverage. They found the houses odd and missed traditional customs, like tatami-covered floors and ofuro bathtubs. The food was totally unlike what they were used to (here beans were eaten

e do banho de ofurô; o preparo dos alimentos, totalmente diferente do que eram acostumados (o feijão aqui se comia salgado, e não doce); além da dificuldade na comunicação, sem dúvida, o maior problema encontrado (da aprendizagem da língua à relação com outros imigrantes e brasileiros).

As famílias destinadas à Fazenda Dumont, por exemplo, não permaneceram no local por mais do que dois meses. Sentiram que – com os ínfimos valores levantados – dificilmente conseguiriam voltar para o Japão (objetivo inicial era o de acumular uma boa renda e retornar à terra natal). Todos, sem exceção, passaram a abandonar as fazendas, gradativamente. Em setembro de 1909, restavam apenas 191 japoneses nas fazendas contratantes. Abriram mão do trabalho em cafezais e foram tentar a sorte trabalhando em outras áreas.

Ieda, um mordomo em Piracicaba

A revista Mirante, de Piracicaba, edição nº 15, de maio de 1958, revela em reportagem assinada por J. Morais, que – entre os 781 primeiros imigrantes japoneses – quis o destino, que um deles – José Matani Ieda – escolhesse Piracicaba para viver. Assim que chegou, com apenas 15 anos de idade, em companhia dos tios, Mataji Iida (como consta no registro de entrada) foi direto para a Fazenda da Serra, em Visconde do Pinhal (hoje, Ibaté), e, depois, durante 10 anos, labutou na fazenda da Condessa de Pinhal, da família Botelho, testemunhando, ao repórter, ter sido Carlos Botelho o "mais ardoroso defensor e introdutor da imigração japonesa no Brasil". Mais tarde foi para Poços de Caldas, onde – atuando como garçom no cassino do Palace Hotel – conheceu Pedro Morganti, que o convidou para ser seu mordomo na mansão da Usina de Monte Alegre, em Piracicaba, onde viveu por mais de 20 anos ao lado da mulher Aurora Malpaci Ieda e dos filhos Paulo, Nelson, Júlia, Benedita, Durval, José Ieda Filho e Silvia (nascidos em Poços de Caldas), e Sergio, Togo e Arack (nascidos em Piracicaba), alguns deles registrados com o sobrenome Yeda.

José Ieda Filho, o Zezinho, foi proprietário da Padaria Brasileira, ao lado da mulher Luci Cardinalli, tornando-se figuras das mais conhecidas em Piracicaba. Togo Yeda nasceu no dia 22 de fevereiro de 1937, em Monte Alegre, onde morou até 1950. Entre algumas de suas histórias vale a do registro sobre sua mãe, Aurora, que tinha uma pensão, e que ele levava marmita para o Baltazar, o Cabecinha de Ouro, jogador do Corinthians e um dos maiores artilheiros da história do futebol brasileiro, que iniciou sua carreira no União Monte Alegre (UMA).

salted, not sweet); in addition to the difficulties in communication, undoubtedly the biggest problem they faced (learning the language and interaction with other immigrants and Brazilians).

For example, the families taken to the Dumont Farm didn't stay at the place for longer than two months. They felt that – given the minimal wages they were paid – it would be quite difficult returning to Japan (their primary goal was to accumulate a good sum and return to the homeland). All, bar none, gradually began leaving the farms. In September 1909 there were only 191 Japanese left in the farms that had hired them. They waived their jobs in coffee plantations and set forth to try their luck working in other areas.

Ieda, a butler in Piracicaba

The Mirante magazine of Piracicaba, in its 15th issue dated May 1958, in a report signed by J. Morais discloses that among the first 781 Japanese immigrants, fate decreed that one of them – José Matani Ieda – chose Piracicaba to live. As soon as he arrived with his uncles, only 15 years old, Mataji Iida (as recorded in the entry registry) went straight to the Serra Farm in Visconde do Pinhal (today Ibaté) and thereafter toiled for 10 tears in the Countess of Pinhal farm, belonging to the Botelho Family. He gave testimony to the reporter to the effect that Carlos Botelho had been, indeed, the "most ardent proponent and introducer of Japanese immigration in Brazil". Later on he moved to Poços de Caldas, where – working as a waiter at the Palace Hotel Cassino – he met Pedro Morganti, who invited him to be a butler in his mansion at the Monte Alegre Sugar Factory in Piracicaba. He lived there for over 20 years with his wife Aurora Malpaci Ieda and their children Paulo, Nelson, Júlia, Benedita, Durval, José Ieda Filho and Silvia (born in Poços de Caldas) and Sergio, Togo and Arack (born in Piracicaba), some of them recorded with the surname Yeda. Sérgio's Godfather was Hélio Morganti; Togo's, João Bottene; and Arack's Godfather was Marchetti, assistant of Alfredo Volpi, who made the interior painting of the São Padro Church, better known as the Little Chapel of Monte Alegre.

José Ieda Filho, aka Zezinho, and his wife Luci Cardinalli owned the Padaria Brasileira (bakery), both becoming well known personages in Piracicaba. Togo Yeda was born in Monte Alegre on February 22, 1937, where he lived until 1950. Among some of his stories, it's worth recording that his mother Aurora had a boarding house and took packed lunches to Baltazar, aka Golden Head, player of the Corinthians and one of the greatest scorers in the history of Brazilian Football. He started his career in the União Monte Alegre (UMA).

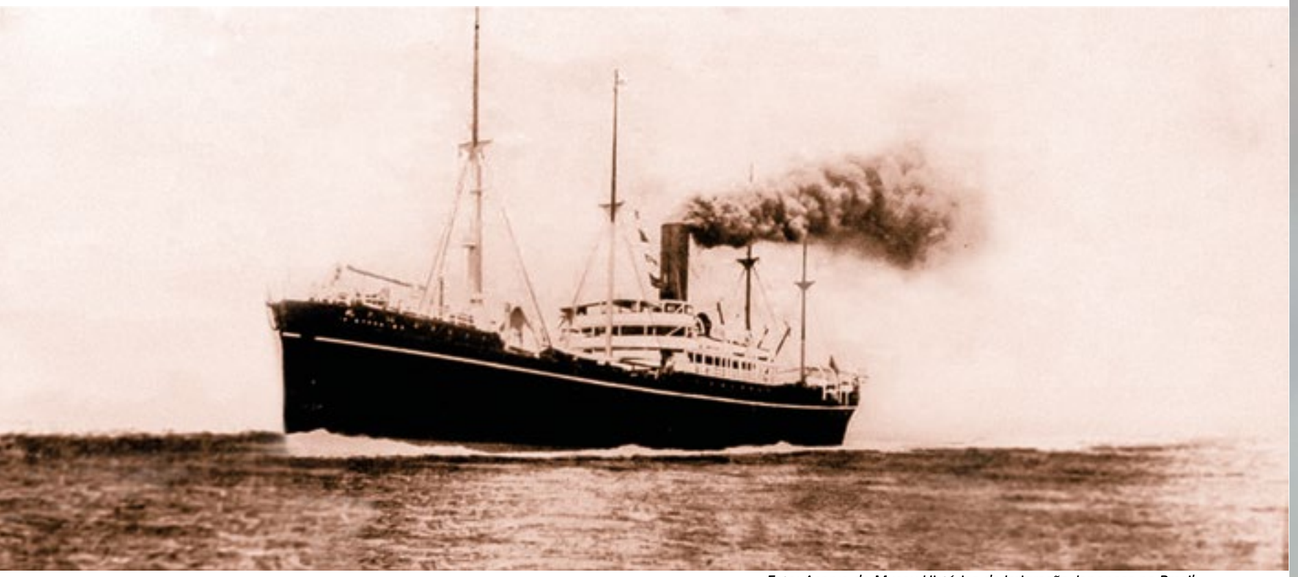


Foto: Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

AS PRIMEIRAS FAMÍLIAS JAPONESAS EM PIRACICABA

Foi a 2 de setembro de 1918 que o navio Hakata-Maru aportou no Porto de Santos trazendo 250 famílias japonesas, das quais 23 dirigiram-se para a cidade de Piracicaba, tendo como destino final a Fazenda Pau D´Alho, de Paulo Moraes Barros.

A CHEGADA E A BANDA

Essas famílias chegaram a Piracicaba no dia 7 de setembro de 1918 e, nas lembranças dos pioneiros, há histórias comovedoras. Que, no entanto, não revelam – e nem poderiam fazê-lo, dadas todas as dificuldades – o que foi a realidade. Por muito tempo, devido às narrativas dos ancestrais, firmou-se a convicção de que eles teriam chegado à Estação da Paulista. Esta, porém, foi apenas inaugurada em 1922, por esforços de Paulo de Moraes Barros.

Quanto à banda, ela, realmente, esteve coincidentemente no local, pois o Largo da Sorocabana-Ituana era onde se faziam as celebrações cívicas. E aquele era um 7 de Setembro, Dia da Independência. Houve, pois, banda. Mas no Largo da Sorocabana. No entanto, a Estação da Paulista – agora tornada centro cultural – permanece, miticamente, como um lugar referencial para os nipo-piracicabanos em sua história.

Após a parada na Estação Sorocabana, eles seguiram em direção à estação do Porto Fluvial João Alfredo, atualmente bairro de Artêmis, lá desembarcando. Em seguida, foram divididos em grupos e direcionados para a Fazenda Pau D´Alho, tendo como transporte grandes carroções puxados por bois. A iniciativa de trazê-los para Piracicaba foi de Paulo Moraes Barros (sobrinho do presidente republicano Prudente de Moraes), político influente, com grandes realizações em Piracicaba. Era ele, então, o proprietário da Fazendo Pau D´Alho, herdada de seu pai, Manuel Moraes Barros, onde os japoneses trabalharam, sob contrato de dois anos, sob o comando do capataz Nhonhô Morato.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

THE FIRST JAPANESE FAMILIES IN PIRACICABA

Steamship Hakata Maru arrived in Santos on September 2, 1918, bringing 250 Japanese families, among them 23 bound for the Pau D´Alho Farm, owned by Dr. Paulo Moraes Barros.
Arrival and band
Those first families arrived at Piracicaba on September 7, 1918 and there are touching stories in recalling the pioneers. However, those stories do not reveal, and neither could they, given all the difficulties – what reality was. For a long time, due to the narrative of the forebears, there was a belief that they had arrived at the Paulista Railway Station. However, that Station was opened only in 1922, another effort of Paulo de Moraes Barros.
As for the band, it really was at the place due to a coincidence, for the civic celebrations were conducted at the Sorocabana-Ituana Square.
And it was a September 7, Independence Day. So, there was a band actually. However, at Sorocabana Square. Nevertheless, the Paulista Station – now turned into a Cultural Center – mythically remains the referential place for Japanese-Piracicabans history.
After the parade at the Sorocabana Station they travelled to the João Alfredo River Port Station, currently Artêmis District, disembarking there. Next, they were split into groups and taken to the Pau D´Alho Farm on large ox-drawn carts. The initiative to bring them to Piracicaba was of Paulo Moraes Barros (nephew of Republican President Prudente de Moraes), an influential politician with great achievements in Piracicaba. At the time he was owner of the Pau D´Alho Farm, inherited from his father Manuel Moraes Barros. There, the Japanese worked under a two-year contract, to the orders of foreman Nhonhô Morato.

PAULO DE MORAES BARROS - *Nascido em 16 de junho de 1866, em Piracicaba, Paulo foi um médico sanitarista e político brasileiro. Exerceu vários postos elevados nos governos Municipal (foi vereador, presidente da Câmara e intendente municipal de Piracicaba), Estadual (secretário da Agricultura, de Obras e Viação, e da Fazenda) e Federal (deputado, senador e ministro da Saúde). Formado em Medicina, atuou como inspetor sanitário, liderando o combate as epidemias. Esteve no Japão em fins de 1916 e, ao observar a disciplina e dedicação ao trabalho do povo local, acolheu em sua fazenda, a Pau D´Alho, os primeiros imigrantes japoneses em Piracicaba, a 7 de setembro de 1918. Faleceu em 15 de dezembro de 1940. Há uma avenida com seu nome no bairro Paulista.*

AS 23 FAMÍLIAS PIONEIRAS

Ao abraçarmos a missão de contar, em livro, a história dos 100 anos da imigração japonesa em Piracicaba, estávamos cientes de nosso principal desafio ser o de levantar os nomes de todas as famílias (e, também, de seus integrantes) que vieram para o município, em 1918. Sem a publicação desta lista, a obra estaria incompleta. Saímos a campo e, graças à organização e ao excelente trabalho desenvolvido pelo Bunkio - Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, que catalogou todos os imigrantes que entraram no país, revelamos, com exclusividade, os nomes de todas as famílias e seus integrantes.

No registro de entrada consta que eles vieram no navio Hakata-Maru, partindo no dia 11 de julho e chegando ao Porto de Santos no dia 2 de setembro de 1918. O destino seriam as fazendas Pau D´Alho e Ibicatu, Estação João Alfredo, em Piracicaba, onde desembarcaram no dia 7 de setembro. Os documentos revelam a vinda de 23 famílias e 15 japoneses, num total de 105 imigrantes.

As fazendas Pau D´Alho e Ibicatu pertenciam à família Moraes Barros. A primeira, na época, dedicava-se ao cultivo do café, enquanto, no entorno da área da Fazenda Ibicatu (hoje transformada em Estação Ecológica), plantava-se, além da café e cana, algodão e arroz. Foi em 1958, que Jânio Quadros, então governador do Estado de São Paulo, declarou a área como de utilidade pública, destinada à defesa da flora e fauna estaduais. Em 16 de novembro de 1964, o Diário Oficial do Estado emitiu parecer favorável em relação à medida legislativa do deputado Francisco Salgot Castillon (que foi prefeito de Piracicaba entre 1960 e 1962, e por um curto período em 1969) sobre a criação do Parque Estadual de Ibicatu, local que abriga espécies de animais e árvores ameaçadas de extinção.

As primeiras famílias que escolheram Piracicaba como posto de trabalho (aqui registradas por ordem alfabética de sobrenome com os nomes dos membros entre parênteses) são as seguintes: **Abe** (Eiji, Nami, Sanroku e Sue), **Furuno** (Otokichi, Fuji e Keisuke), **Furuyama** (Kokichi, Mina, Kosaku, Koji, Nobuo, Misa e Mitsutaro), **Hara** (Keiju, Harue, Masami, Masayuki e Taki), **Haramura** (Jutaro, Misao e Yonosuke),

THE PIONEER FAMILIES

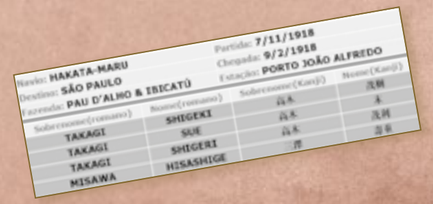
When we embraced the mission of telling in a book the history of the 100 years of Japanese immigration in Piracicaba, we were aware that our greatest challenge would be finding out the names of all families (and their members) who arrived in the city in 1918. Failing to provide that list would make the book incomplete.

We set forth and thanks to the outstanding job carried out by the Bunkio – Historical Museum of the Japanese Immigration in Brazil – that had listed all immigrants who came to Brazil – we disclose, with exclusivity, the names of all families and their members.

The records show that they travelled to Brazil aboard the Hakata-Maru steamer, starting the journey on July 11 and arriving at the Port of Santos on September 2, 1918. Their destination was the Pau D´Alho & Ibicatu Farm at João Alfredo Station in Piracicaba, where they arrived on September 7. The documents record the arrival of 23 families and 15 single Japanese, making up a total of 105 immigrants.

The Pau D´Alho and Ibicatu Farms belonged to the Moraes Barros Family. At that time the first of those had coffee plantations, while the Ibicatu Farm (an Ecological Station today), in addition to coffee and sugar, had cotton and rice plantations. In 1958, Jânio Quadros, then São Paulo State Governor, named the property a public area aimed at protecting the state flora and wildlife. On November 16, 1964, the Official Gazette printed a favorable opinion on a legislation submitted by Representative Francisco Salgot Castillon (who had been Mayor of Piracicaba from 1960 to 1962, and for a brief time in 1969) regarding the creation of the Ibicatu State Park, an area established for the protection of animals and trees threatened with extinction.

The first families who chose Piracicaba as their place of work (recorded here by alphabetical order of their surnames, with the given names of family members written between parentheses) are as follows: Abe (Eiji, Nami, Sanroku an Sue), Furuno (Otokichi, Fuji and Keisuke), Furuyama (Kokichi, Mina, Kosaku, Koji, Nobuo, Misa and Mitsutaro), Hara (Keiju, Harue, Masami, Masayuki and Taki), Haramura (Jutaro, Misao and Yonosuke),


Navio: HAKATA-MARU
Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO
Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ
Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(Romano)	Nome(Romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
TAKAGI	SHIGEKI	高木	重喜
TAKAGI	SUE	高木	末
TAKAGI	SHIGERI	高木	重利
MISAWA	HISASHIGE	三澤	久重

OS TAKAGI - *No registro de entrada dos Takaki (Shigeki, Sue e Shigeri), uma das famílias japonesas mais tradicionais de Piracicaba, consta o sobrenome Takagi. No Brasil, ganharam novas identidades: José Shigueki Takaki, Sue Takaki e João Shigueri Takaki.*

Foto: Acervo Frei Everson Takaki

Hashiyama (Tanezo e Tsuruno), **Ishimitsu** (Yujiro, Chisa, Hana e Shizu), **Kitajima** (Toyoji, Saki e Hideo), **Kumakura** (Kokichi, Riwa, Toshi, Kozaburo, Tome, Seiichi e Sue), **Miyamoto** (Shigematsu, Hana e Masao), **Mori** (Densaku e Yumi), **Nagao** (Kenkichi, Fumie e Masaju), **Ogawa**, família proveniente de Kagoshima (Masamori e Fuki), **Ogawa**, vinda de Niigata (Eisaku, Haru, Yai, Kinichiro, Motozo, Yoki, Kanji, Fukukichi e Mitsu), **Oka** (Yukiko e Ko), **Okazaki** (Naotaro, Kui e Shizuka), **Takada** (Hachijiro, Kinjiro, Kiya, Yurizo e Fusako), Takaki, que na verdade deram entrada ao Brasil com a grafia **Takagi**, a que constava nos registros dos passageiros do navio Hakata-Maru (Shigeki, Shigeri e Sue), **Takayama** (Yosoda, Toshi, Takeno e Yosaburo), **Tanaka** (Inataro, Kura e Renzo), **Tashiro** (Tomoji, Satano, Kohei, Kuraji, Kikue e Yasuno), **Yamashita** (Shichizo, Sei e Jiro) e **Ueda** (Ushitaro, Ju, Hyokichi e Itoe). Quinze japoneses vieram sozinhos: **Ishizawa** (Eijiro), **Kimura** (Kokichi), **Kobayashi** (Koichi), **Misawa** (Hisashige, primo de Takagi), **Nakano** (Daisuke), **Ninomiya** (Teikichi), **Nonaka** (Harukichi), **Orii** (Imaichi), **Okano** (Shigeru), **Sato** (Mine), **Shimizu** (Kunihiro), **Shiratori** (Mitsue), **Takeuchi** (Toshi), **Yamasaki** (Hitoshi) e Masana, cujo sobrenome não consta no registro de entrada. Um outro japonês, Kiyozaku Imamura, se uniu ao grupo, contratado por Moraes Barros, proprietário da fazenda Pau D´Alho, como fiscal e intérprete.

Vale o registro que várias famílias trocaram Piracicaba por outras terras antes mesmo do término do contrato de dois anos de trabalho. Algumas – segundo Kazuo Miyazaki, o Mário Japonês, figura lendária de Piracicaba, já falecido – teriam sido "sequestradas" ou "roubadas" por fazendeiros. "Por incrível que pareça, naquela época havia ladrões de imigrantes. Um fazendeiro, que não era aquele que havia patrocinado a vinda do imigrante, mandava um emissário que falasse alguma coisa de japonês para roubar os colonos daquela fazenda para outra. Diziam: 'Vá para a minha fazenda que lá é melhor!' Assim tiravam imigrantes de seus locais de trabalho e os levavam para a fazenda de outro proprietário".

Um manuscrito, escrito por Kiyoshi Mizuhira em comemoração aos 50 anos da imigração japonesa em Piracicaba, guardado a sete chaves por Helena Mizuhira, revela que, em 1917 (portanto, um ano antes), a família Shinohara assinou um contrato de trabalho com a Usina Central, situada nas redondezas de Artêmis, para serviços relacionados ao plantio de cana.

Hashiyama (Tanezo and Tsuruno), Ishimitsu (Yujiro, Chisa, Hana and Shizu), Kitajima (Toyoji, Saki and Hideo), Kumakura (Kokichi, Riwa, Toshi, Kozaburo, Tome, Seiichi and Sue), Miyamoto (Shigematsu, Hana and Masao), Mori (Densaku and Yumi), Nagao (Kenkichi, Fumie and Masaju), Ogawa, family originating from Kagoshima (Masamori and Fuki), Ogawa, originating from Niigata (Eisaku, Haru, Yai, Kinichiro, Motozo, Yoki, Kanji, Fukukichi and Mitsu), Oka (Yukiko and Ko), Okazaki (Naotaro, Kui and Shizuka), Takada (Hachijiro, Kinjiro, Kiya, Yurizo and Fusako), Takaki, who actually entered Brazil written down as Takagi, as recorded in the roll of passengers of the Hakata-Maru (Shigeki, Shigeri and Sue), Takayama (Yosoda, Toshi, Takeno and Yosaburo), Tanaka (Inataro, Kura and Renzo), Tashiro (Tomoji, Satano, Kohei, Kuraji, Kikue and Yasuno), Yamashita (Shichizo, Sei and Jiro) and Ueda (Ushitaro, Ju, Hyokichi and Itoe). Fourteen Japanese arrived alone: Ishizawa (Eijiro), Kimura (Kokichi), Kobayashi (Koichi), Misawa (Hisashige, a cousin of Takagi), Nakano (Daisuke), Ninomiya (Teikichi), Nonaka (Harukichi), Orii (Imaichi), Okano (Shigeru), Sato (Mine), Shimizu (Kunihiro), Shiratori (Mitsue), Takeuchi (Toshi), Yamasaki (Hitoshi) and Masana, whose surname is not listed in the entry records. One further Japanese, Imamura Kiyozaku, joined the group hired by Moraes Barros, owner of the Pau D´Alho Farm, to do duty as supervisor and interpreter.

It's worthwhile recording that several families exchanged Piracicaba for other lands even before the end of their two-year work engagement. Some – according to Kazuo Miyazaki, aka Japanese Mário, a legendary person in Piracicaba already deceased – were "kidnapped" or "stolen" by other farmers. "Oddly enough, in those times there were thieves of immigrants. A farmer, not the one who had sponsored the coming of an immigrant, sent a messenger who could talk some Japanese to steal the farmhand from one farm and take him to another one. He said: 'Come to my farm, it's better there!' Thus, they enticed immigrants from their workplaces and took them to the farm of another landowner".

A manuscript written by Kiyoshi Mizuhira as a tribute to the 50 years of Japanese immigration in Piracicaba and closely guarded by Helena Mizuhira, discloses that in 1917 (therefore, one year before), the Shinohara Family signed a labor contract with the Usina Central (Central Sugar Factory), located close to Artêmis, to render services related to sugar cane planting.

Fotos: Kichisaburo Nakagawa

FAMÍLIA IEDA - *José Matani Ieda fazia parte da primeira turma que chegou ao Brasil em 1908. Antes de escolher Piracicaba para viver, em 1932, passou pela cidades de Ibaté e Poços de Caldas, onde conheceu sua esposa, Aurora Malpaci Ieda.*

Navio: **HAKATA-MARU** Partida: **7/11/1918**
Destino: **SÃO PAULO** Chegada: **9/2/1918**
Fazenda: **PAU D'ALHO & IBICATÚ** Estação: **PORTO JOÃO ALFREDO**

Sobrenome(romanji)	Nome(romanji)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
HARA	KEIJU	原	慶重
HARA	HARUE	原	はる江
HARA	MASAYUKI	原	正幸
HARA	TAKI	原	たき
HARA	MASAMI	原	正巳

FAMÍLIA HARA - *O casal Keiju e Harue estão entre os imigrantes japoneses que vieram para Piracicaba em 1918.*

OS YAMASHITA - *Shichizo e a esposa Sei estavam entre os primeiros imigrantes japoneses e fazem parte da história de Piracicaba.*

Navio: **HAKATA-MARU** Partida: **7/11/1918**
Destino: **SÃO PAULO** Chegada: **9/2/1918**
Fazenda: **PAU D'ALHO & IBICATÚ** Estação: **PORTO JOÃO ALFREDO**

Sobrenome(romanji)	Nome(romanji)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
YAMASHITA	SHICHIZO	山下	七蔵
YAMASHITA	SEI	山下	せイ
YAMASHITA	JIRO	山下	次郎

Foto: Acervo Família Yamashita

Em 1919, mais famílias vieram para o Brasil, entre as quais a **Takematsu** (composta por Hayato, Keinosuke e Sadae), tida como uma das pioneiras em vários registros pela imprensa piracicabana, mas que – ao chegar em 20 de maio de 1919 – passou primeiro pela fazenda Palmyra, em São Simão, transferindo-se para Piracicaba somente dois anos depois. Hayato Takematsu, no entanto, faz jus ao título de pioneiro, já que – unindo-se a outros líderes como Keiju Hara, Shichizo Yamashita, Ushitaro Ueda, Tomokichi Nishide e aos irmãos Takaki (Shigeki e Shigeri) – participou da fundação da primeira entidade nipo-piracicabana, Pau D´Alho Nihonjin Kai, em 19 de agosto de 1926, tornando-se seu primeiro presidente, com Nishide na vice-presidência e Ono, como tesoureiro, conforme atesta o manuscrito dos Mizuhira.

OUTRAS LIDERANÇAS

Em Piracicaba, a recém-formada colônia japonesa contava, ainda, com outros três ativos representantes: Tomokichi Nishide, Eizo Otsubo e Toshio Mori. Nishide, que se tornaria o segundo presidente da Pau D´Alho Nihonjin Kai, chegou no navio Manila-Maru, no dia 19 de setembro de 1925, proveniente de Ishikawa, ao lado de sua mulher, Ito, e dos filhos Kazuco, Seijo, Itaru e Koo, a Rosa, que uniu sua família aos Mori, ao contrair matrimônio com Mitsuho. É da família Mori que surgiu o quarto presidente da associação nipo, Toshio, integrante da tripulação do navio Hawaii-Maru, que, ao lado de Kikue, Mitsue (Mitsuho) e Hisae, chegou ao Porto de Santos no dia 22 de outubro de 1929. Antes, Eizo Otsubo havia exercido o cargo de presidente da entidade.

Eizo chegou ao Brasil no dia 16 de abril de 1933, no navio Rio de Janeiro-Maru, ao lado da mulher Shu e do filho Jiichi, tendo como destino a Fazenda Guatapará, na região de Ribeirão Preto, transferindo-se para Piracicaba somente em 1937.

Ao longo dos anos, outras lideranças da comunidade nipo-piracicabana foram surgindo: Hiroshi Mizuhira, Fissayuki Miyasaki, Noburo Nishide, Imari Mori, Hisayoshi Takami, Kenji Anraku e Yamamitsu Sato. Foi a partir de 1960 que o intercâmbio entre japoneses e cidadãos piracicabanos começou a ganhar corpo, graças aos trabalhos desenvolvidos por Musashi Nishimura, conhecido como Oscar, que abriu as portas do clube nipo a brasileiros para a prática do judô;

In 1919 a further 10 families arrived in Brazil, among those the Takematsu (Hayato, Keinosuke and Sade), recorded by several Piracicaban newspapers as one of the pioneers, notwithstanding that – on their arrival May 20, 1919 – at first, they stayed at the Palmyra Farm in São Simão, moving to Piracicaba only two years later. However, Hayato Takematsu deserves the title of pioneer as – joining other leaders such as Keiju Hara, Shichizo Yamashita, Ushitaro Ueda, Tomokichi Nishide and the Takaki Brothers (Shigeki and Shigeri) – he partook in the foundation of the first Japanese-Piracicaban entity, the Pau D´Alho Nihonjin Kai, on August 19, 1926. He became its first President, sided by Nishide as Vice-president and Ono as Treasurer, as recorded in the Mizuhira's manuscript.

OTHER LEADERS

The newly-established Japanese Colony in Piracicaba had three other active representatives: Tomokichi Nishide, Eizo Otsubo and Toshio Mori. Tomikichi Nishide, who in due time would become the second President of the Pau D´Alho Nihonjin Kai, arrived in Piracicaba aboard the Manila-Maru ship on September 19, 1925, hailing from Ishikawa with his wife Ito and their children Kazuco, Seijo, Itaru and Koo, aka Rose, who united her family with the Mori by marrying to Mitsuho. The fourth President of the Japanese Association came from the Mori Family, Toshio, a crew-member of the Hawaii-Maru steamer, who along with Kikue, Mitsue (Mitsuho) and Hisae arrived in the Port of Santos on October 22, 1929. Before him, Eizo Otsubo had been the President of the entity. Eizo arrived in Brazil on April 16, 1933, aboard the Rio de Janeiro-Maru, with his wife Shu and son Jiichi, his destination being the Guatapará Farm in the Ribeirão Preto region, transferring to Piracicaba only in 1937.

Over the years, other leaders arose in the Japanese-Brazilian community: Hiroshi Mizuhira, Fissayuki Miyasaki, Noburo Nishide, Imari Mori, Hisayoshi Takami, Kenji Anraku and Yamamitsu Sato. From 1960 on, interchange between Japanese and Piracicaban citizens started to thrive, thanks to the efforts of Musashi Nishimura, known as Oscar, who opened the doors of the Japanese club to Brazilians wishing to learn judo; of Seijun Kanashiro, teacher of Karate who – in the seventies – taught the art to great non-Japanese masters such as Otávio José Spigolon, Miguel Carmo de Carvalho, Vlamir Marques da Silva and Antônio Mantelatto; and of Yochiro Umeda, from 1988 on responsible for the

Foto: Acervo Frei Everson Takaki

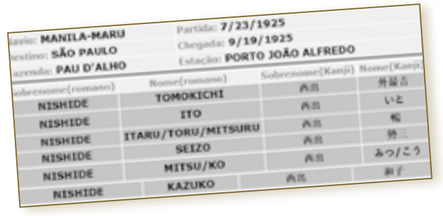
GRANDES LÍDERES DA COMUNIDADE JAPONESA - *Toshio Mori, Shigueri Takaki, Tsurujiro Onishi, Tomokichi Nishide e Shigueki Takaki*

por Seijun Kanashiro, professor de karatê que – nos anos 1970 – ensinou a arte a grandes mestres de origem não nipônica, como Otávio José Spigolon, Miguel Carmo de Carvalho, Vlamir Marques da Silva e Antônio Mantelatto; e por Yochiro Umeda, responsável a partir de 1988 pelo avanço do beisebol em Piracicaba, reunindo atletas nipônicos e brasileiros, que resultou na convocação de um atleta piracicabano – Leonardo Aismoto, então com 12 anos – para a Seleção Brasileira, categoria infantil. Foi ele também quem incentivou a prática do softbol por crianças e idosos.

O lado festeiro dos japoneses começou a despontar a partir das gestões de Kazuo Miyazaki e de Hélio Takaki frente ao clube nipo, tornando-se uma realidade sob os comandos de Naoki Kawai e do filho Pedro (primeiro vereador de origem nipônica eleito em Piracicaba), do casal Mizutani – Pedro e Eunice – que introduziu, definitivamente, a tradicional cultura japonesa com as organizações da Festa da Primavera, Japão na Praça e Karaokê Taikai, atualmente tão bem conduzidas pelo grupo e por Irio Kawasima, presidente do Clube Nipo-Brasileiro no ano do centenário da imigração japonesa em Piracicaba.

development of baseball in Piracicaba, bringing together Japanese and Brasilian athletes and leading to the appointment of a Piracicaban athlete – Leonardo Aismoto, then 12 years old – to the Junior Brazilian Team. He also encouraged the practice of softball by children and elders.

The partying side of the Japanese began showing up as of the tenures of Kazuo Miyazaki and Hélio Takaki, becoming reality under the command of Naoki Kawai and his son Pedro (first City Councilor of Japanese origin elected in Piracicaba) and of the Mizutani couple – Pedro and Eunice – who definitively introduced the traditional Japanese culture by organizing the Spring Festival, Japan on the Square and the Taikai Karaoke, currently so well conducted by the group and by Irio Kawasima, President of the Japanese-Brazilian Club in the year of the Japanese Immigration Centennial in Piracicaba.



Navio: MANILA-MARU Partida: 7/23/1925
Destino: SÃO PAULO Chegada: 9/19/1925
Agencia: PAU D'ALHO Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
NISHIDE	TOMOKICHI	西出	善吉
NISHIDE	ITO	西出	いと
NISHIDE	ITARU/TORU/MITSURU	西出	格
NISHIDE	SEIZO	西出	誠三
NISHIDE	MITSU/KO	西出	みつ/こう
NISHIDE	KAZUKO	西出	和子

Navio: SANUKI-MARU
Partida: 3/27/1919
Destino: SÃO PAULO
Chegada: 5/20/1919
Fazenda: PALMYRA
Estação: CHANAAN

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
TAKEMATSU	HAYATO	竹松	早登
TAKEMATSU	SADAE	竹松	さだえ
TAKEMATSU	KEINOSUKE	竹松	啓之輔

Família Takematsu: trabalhando de sol a sol .

A bravura e resistência de Hayato Takematsu, o primeiro presidente da associação dos japoneses em Piracicaba, a Pau D'Alho Nihonjin Kai, e de sua esposa, Sadao, são lembradas pela filha do casal, Hideko Takematsu Ueki.
Os dois chegaram a Santos em 1919 e de lá foram direto para uma fazenda de café no interior do Estado e tiveram uma vida dura, trabalhando de sol a sol.
"Eles deixavam o primeiro filho, um bebê muito novinho, no começo da fileira do café e só vinham vê-lo quando acabavam de capinar. Não sabiam o que acontecia com o menino exposto a picadas de inseto e passando fome", destaca Hideko, lembrando o que os pais contavam.
Logo o casal veio para Piracicaba.
No começo trabalham num sítio na Chácara Nazareth, onde cultivam verduras e legumes. "Mas, como a terra era muito fraca, cheia de pedras e com água salobra, saíram de lá e adquiriram uma área na Fazenda Pau D'Alho", conta Hideko. Depois dessa experiência, voltam à Chácara Nazareth, em outras condições, tendo mais sorte na produção de verduras e legumes.
O próximo passo foi mudarem-se para a cidade, onde montaram um bar chamado Café Imperial, na Praça da Catedral. Tiveram outro bar, perto da Rodoviária, antes de se aposentarem.
Takematsu recebeu, em 13 de dezembro de 1967, a medalha de honra ao mérito Hipólito José da Costa, pelos serviços prestados. No ano seguinte, ganhou o título de Cidadão Piracicabano.

Foto: Acervo Família Yamashita

YAMASHITA - *Integrantes da família fazem pose para uma foto histórica*

Foto: Acervo Frei Everson Takaki

FAMÍLIA TAKAKI - *Sigueri e Shigueki e seus descendentes*

Foto: Acervo Família Torigoi

FAMÍLIA TORIGOI - *Hiroshi e Tomiko (na foto, com Shunhiti no colo), ao lado da pequena Tiyoka e dos avós, Heiza e Tiyo (com Massako no colo), e tios.*

Foto: Acervo Família Otsubo

FAMÍLIA OTSUBO - *Casamento de Nobuo e Chioko*

Foto: Acervo Família Mori

FAMÍLIA MORI - *Tradição e pioneirismo*

OS 105 IMIGRANTES JAPONESES QUE VIERAM EM 1918

FAMÍLIA ABE
Eiji Abe
Nami Abe
Sanroku Abe
Sue Abe
FAMÍLIA FURUNO
Fuji Furuno
Keisuke Furuno
Otokichi Furuno
FAMÍLIA FURUYAMA
Koji Furuyama
Kokichi Furuyama
Kosaku Furuyama
Mina Furuyama
Misa Furuyama
Mitsutaro Furuyama
Nobuo Furuyama

FAMÍLIA HARA
Harue Hara
Keiju Hara
Masami Hara
Masayuki Hara
Taki Hara
FAMÍLIA HARAMURA
Jutaro Haramura
Misao Haramura
Yonosuke Haramura
FAMÍLIA HASHIYAMA
Tanezo Hashiyama
Tsuruno Hashiyama
FAMÍLIA ISHIMITSU
Chisa Ishimitsu
Hana Ishimitsu
Shizu Ishimitsu
Yujiro Ishimitsu

FAMÍLIA KITAJIMA
Hideo Kitajima
Saki Kitajima
Toyoji Kitajima
FAMÍLIA KUMAKURA
Kokichi Kumakura
Kozaburo Kumakura
Riwa Kumakura
Seiichi Kumakura
Sue Kumakura
Tome Kumakura
Toshi Kumakura
FAMÍLIA MIYAMOTO
Hana Miyamoto
Masao Miyamoto
Shigematsu Miyamoto

FAMÍLIA MORI
Densaku Mori
Yumi Mori
FAMÍLIA NAGAO
Fumie Nagao
Kenkichi Nagao
Masaju Nagao
FAMÍLIA OGAWA
(de Niigata)
Eisaku Ogawa
Fukukichi Ogawa
Haru Ogawa
Kanji Ogawa
Kinichiro Ogawa
Mitsu Ogawa
Motozo Ogawa
Yai Ogawa
Yoki Ogawa

FAMÍLIA OGAWA
(de Kagoshima)
Fuki Ogawa
Masamori Ogawa
FAMÍLIA OKA
Ko Oka
Yukiko Oka
FAMÍLIA OKAZAKI
Kui Okazaki
Naotaro Okazaki
Shizuka Okazaki
FAMÍLIA TAKADA
Fusako Takada
Hachijiro Takada
Kiya Takada
Kinjiro Takada
Yurizo Takada

FAMÍLIA TAKAGI (TAKAKI)
Shigeki Takagi (José Shigueki Takaki)
Shigeri Takagi (João Shigueri Takaki
Sue Takagi (Sue Maria Takaki)
FAMÍLIA TAKAYAMA
Takeno Takayama
Toshi Takayama
Yosaburo Takayama
Yosoda Takayama
FAMÍLIA TANAKA
Kura Tanaka
Inataro Tanaka
Renzo Tanaka

FAMÍLIA TASHIRO
Kikue Tashiro
Kohei Tashiro
Kuraji Tashiro
Satano Tashiro
Tomoji Tashiro
Yasuno Tashiro
FAMÍLIA YAMASHITA
Jiro Yamashita
Sei Yamashita
Shichizo Yamashita
FAMÍLIA UEDA
Hyokichi Ueda
Itoe Ueda
Ju Ueda
Ushitaro Ueda

ESTAÇÃO JOÃO ALFREDO: PONTO DE CHEGADA DOS IMIGRANTES JAPONESES.
Dos imigrantes japoneses que desembarcaram no Porto de Santos, no dia 2 de setembro de 1918, tripulantes do navio Hakata-Maru, 105 deles tiveram como destino a Estação João Alfredo, em Artêmis, onde chegaram no dia 7 de setembro, seguindo, em carroças puxadas por bois, para a Fazenda Pau D´Alho. A estação foi inaugurada em 1887 e fazia parte de um ramal da Estrada de Ferro Sorocabana, construído para ligar a Estrada de Ferro Ituana à navegação fluvial recém-adquirida em 1886. Seu início se dava na Estação de Chave (Montana) e o término na João Alfredo, cujo nome é uma homenagem ao senador João Alfredo Corrêa de Oliveira (autor do projeto da Lei Áurea). Por conta da beleza do local e da viabilidade de acesso, passou a servir como ponto de passeio para o povo piracicabano. A E. F. Ituana foi incorporada à E. F. Sorocabana em 1892, com a formação da Cia. União Sorocabana e Ytuana (CUSY), que passou a se denominar Sorocabana Railway, em 1907, e Estrada de Ferro Sorocabana, em 1919. A partir de 1945, a estação e o ramal ganharam o nome de Artêmis, com três paradas, além da estação terminal, sendo somente a Parada Torquato citada nos relatórios anuais da Sorocabana. Em 1948, o prédio da Estação de Artêmis passou por uma reforma que lhe suprimiu o segundo pavimento central. A Circular 26/6, de 3 de fevereiro de1961, ordenava sua extinção, ocorrida somente em 1962, conforme relatório da Estrada de Ferro Sorocabana. Por sua importância histórica, foi tombada pelo CODEPAC (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba) por meio de decreto nº 10.155, de 27 de dezembro de 2002.

IMIGRANTES QUE VIERAM SEM A FAMÍLIA
Daisuke Nakano
Eijiro Ishizawa
Harukichi Nonaka
Hisashige Misawa (primo de Takagi)
Hitoshi Yamasaki
Imaichi Orii
Koichi Kobayashi
Kokichi Kimura
Kunihiro Shimizu
Masana (sobrenome não consta no registro de entrada)
Mine Sato
Mitsue Shiratori
Shigeru Okano
Teikichi Ninomiya
Toshi Takeuchi

OBS.: Kiyozaku Imamura foi contratado por Moraes Barros como intérprete do grupo

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

A FAZENDA PAU D´ALHO

Parece-nos redundante voltarmos a escrever sobre riqueza e o poderio de Piracicaba e da região como fundamentais para a economia paulista em séculos anteriores. Mesmo que parcialmente, já o fizemos em livros anteriores. Terras piracicabanas estiveram, sempre, como formadoras e forjadoras de uma elite rural paulista, responsável, esta, por domínios políticos e econômicos.

Ainda em 1816, Piracicaba ultrapassara a produção canavieira de Itu e as nossas eram as maiores propriedades rurais do Estado de São Paulo. A importante historiadora piracicabana, Neide Marcondes, tem um alentado estudo a respeito, publicado em seu livro "Piracicaba – Na Trilha do Passado Paulista". Nessa obra, temos um retrato vivo do que eram as fazendas da região e quais os grandes e poderosos fazendeiros, senhores de terra. Entre eles, estavam figuras notáveis da vida nacional, tais como o todo poderoso Luiz Antônio de Souza Queiroz, o senador Nicolau Campos Vergueiro, o conselheiro Costa Pinto, José da Costa Carvalho (Marquês de Monte Alegre), Estêvão Ribeiro de Rezende (Barão de Rezende) e outros. E destacando-se, como líder liberal, o senador Manoel Moraes Barros, irmão de Prudente de Moraes e pai de Paulo de Moraes Barros.

A Fazenda Pau D´Alho – conhecida, anteriormente, como Pico Alto, no eixo Piracicaba-Conchas – tornou-se propriedade do senador Manoel de Moraes Barros, num somatório de aquisições desde 1868 a 1896. Era uma vastidão, de 2.500 alqueires de terra, formada com produção mista de cana e café. Há que se lembrar ter sido uma propriedade do século 19, quando, infelizmente, ainda vigia a escravidão no Brasil. E os Moraes Barros foram, sim, também proprietários de escravos, o que veio, ao advento da República, a causar constrangimentos a Prudente de Moraes, primeiro presidente civil do Brasil. Tanto assim que há registros fotográficos das antigas senzalas dos Moraes Barros que abrigavam os escravos negros. Essa cultura escravagista viria a manter-se, ainda que em termos menos cruéis, entre os imigrantes que aqui chegaram, com seus sonhos e esperanças. Resíduos disso alcançaram também os imigrantes japoneses, já no século 20. Eram pessoas juridicamente livres, mas prisioneiras do espírito patrimonialista dos poderosos senhores de terras paulistas. Entre os quais, obviamente, fazendeiros da região caipiracicabana.

THE PAU D´ALHO FARM

It seems redundant to write again about how the wealth and power of Piracicaba and region were vital for Paulistan economy in former centuries. Even if only partly, we have already done so in former books. Piracicaban lands have always been formers and forgers of the Paulistan rural elite, responsible for political and economic dominions.

By 1816, Piracicaba left behind Itu's sugar cane production and ours were the largest rural properties in the State of São Paulo. Distinguished Piracicaban historian Neide Marcondes made a sizable study on the subject, published in her book "Piracicaba – On the Trail of Paulistan Past". In that book we have a lively portrait of what were the farms in the region and who were the big and powerful farmers, the land owners. Among them were remarkable figures in national life, such as the all-powerful Luiz Antônio de Souza Queiroz, Senator Nicolau Campos Vergueiro, counselor Costa Pinto, José da Costa Carvalho (Marquis of Monte Alegre), Estêvão Ribeiro de Rezende (Baron of Rezende) and others. And standing out as leader of the liberals, Senator Manoel Moraes Barros, brother of Prudente de Moraes and father of Paulo de Moraes Barros.

The Pau D´Alho Farm – formerly known as Pico Alto, located on the Piracicaba-Conchas axis – became property of senator Manoel de Moraes Barros, part of a set of acquisitions from 1868 to 1896. It was vast, with 2,500 alqueires (1 alqueire = 28,943 sq yd) yielding a mixed produce of sugar cane and coffee. It should be remembered that it was a 19th Century property, when unhappily there was still slavery in Brazil. And yes, the Moraes Barros also owned slaves, a fact that, after the advent of the Republic caused embarrassment to Prudente de Moraes, first civilian President of Brasil. So much so that there are photographic records of the old senzalas (slave quarters) that housed the black slaves.

The slavery culture was still professed, although in a less cruel form, towards the immigrants who arrived here, with their dreams and hopes. Residues of that reality also reached the Japanese immigrants, already in the 20th Century. Legally they were free people, but imprisoned by the patrimonial spirit of the powerful Paulistan land owners. Among them, obviously, farmers in the caipiracicaban region.

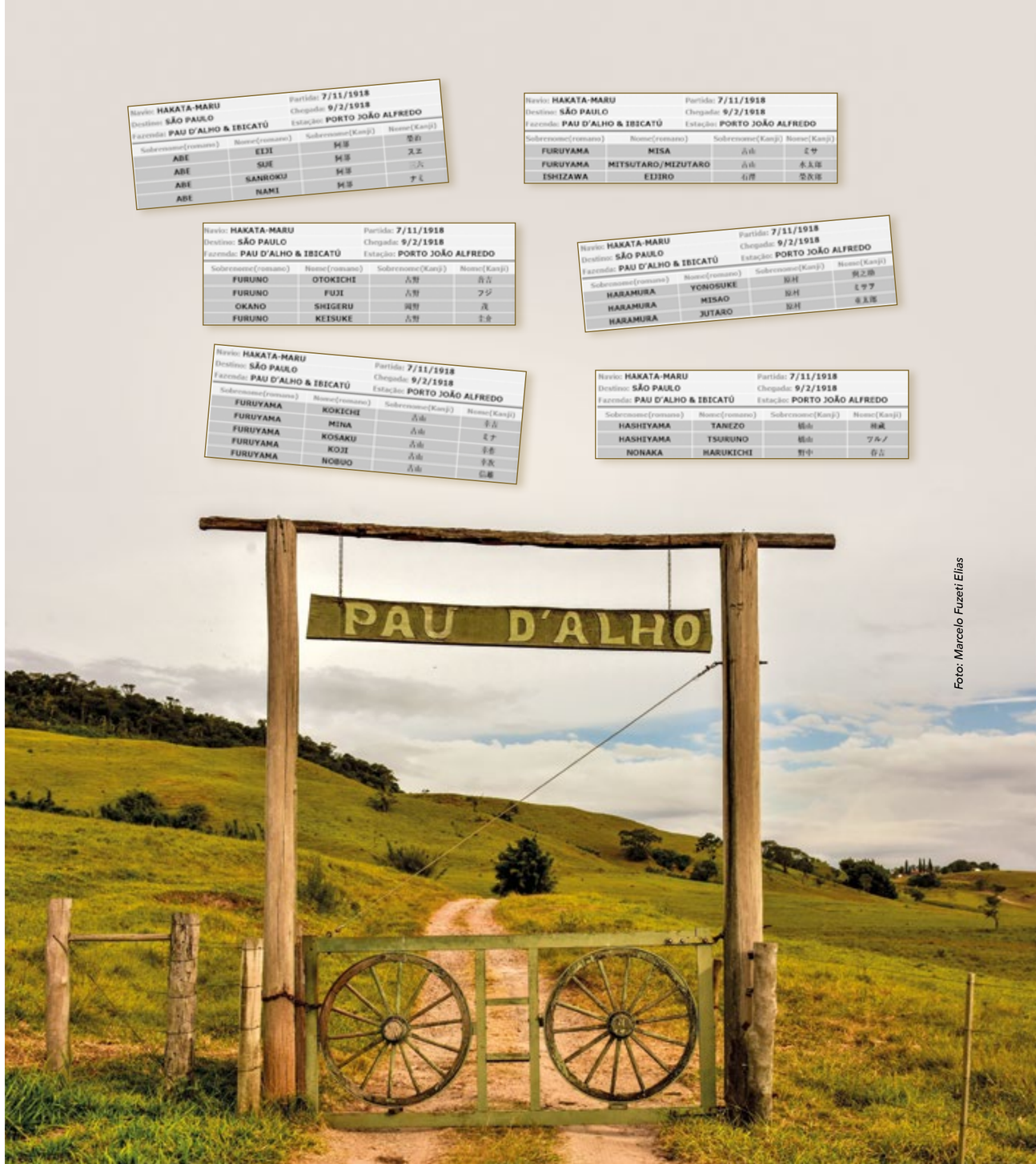


Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
ISHIMITSU	YUJIRO	石光	雄治郎
ISHIMITSU	CHISA	石光	チサ
ISHIMITSU	HANA	石光	ハナ
ISHIMITSU	SHIZU	石光	シズ

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
KITAJIMA	TOYOJI	北島	豊次
KITAJIMA	SAKI	北島	サキ
KITAJIMA	HIDEO	北島	秀雄

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
KUMAKURA	KOKICHI	熊倉	幸吉
KUMAKURA	RIWA	熊倉	リワ
KUMAKURA	TOSHI	熊倉	トシ
KIMURA	KOKICHI	木村	弘吉
KUMAKURA	KOZABURO	熊倉	幸三郎
KUMAKURA	TOME	熊倉	トメ
KUMAKURA	SEIICHI	熊倉	誠一
KUMAKURA	SUE	熊倉	スエ

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
NÃO CONSTA	MASANA	記載ナシ	正名

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
MIYAMOTO	SHIGEMATSU	宮本	重松
MIYAMOTO	HANA	宮本	はな
MIYAMOTO	MASAO	宮本	正雄
NAKANO	DAISUKE	中野	大介

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
MORI	DENSAKU	森	傳作
MORI	YUMI	森	ユミ
SATO	MINE	佐藤	ミ子

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
NAGAO	KENKICHI	長尾	謙吉
NAGAO	FUMIE	長尾	ふみえ
NAGAO	MASAJU	長尾	正重
SHIMIZU	KUNIHIMO	清水	國秀

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
OGAWA	MASAMORI	小川	政盛
OGAWA	FUKI	小川	フキ
YAMASAKI	HITOSHI	山崎	人志

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
OGAWA	EISAKU	小川	榮作
OGAWA	HARU	小川	ハル
OGAWA	YAI	小川	ヤイ
OGAWA	KINICHIRO	小川	金一郎
OGAWA	FUKUKICHI	小川	福久吉
OGAWA	MITSU	小川	ミツ
KOBAYASHI	KOICHI	小林	幸一
OGAWA	MOTOZO	小川	元三
OGAWA	YOKI	小川	洋木
OGAWA	KANJI	小川	完司
NINOMIYA	TEIKICHI	二宮	貞吉

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
OKA	YUKIKO	岡	ゆき子
OKA	KO	岡	こう
SHIRATORI	MITSUE	白鳥	みつえ
ORII	IMAICHI	織井	今一

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
OKAZAKI	NAOTARO	岡崎	直太郎
OKAZAKI	KUI	岡崎	クイ
OKAZAKI	SHIZUKA	岡崎	静

Casa sede Fazenda Pau D´Alho

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
TAKADA	HACHIJIRO	高田	八次郎
TAKADA	KINJIRO	高田	金治郎
TAKADA	KIYA	高田	キヤ
TAKADA	YUKIZO	高田	幸三
TAKADA	FUSAKO	高田	房子

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
TAKAYAMA	YOSODA	高山	與惣太
TAKAYAMA	TOSHI	高山	トシ
TAKAYAMA	TAKENO	高山	タケノ
TAKAYAMA	YOSABURO	高山	與三郎

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
TANAKA	RENZO	田中	連三
TANAKA	KURA	田中	クラ
TANAKA	INATARO	田中	稲太郎

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
TASHIRO	TOMOJI	田代	友次
TASHIRO	SATANO	田代	サタノ
TASHIRO	KOHEI	田代	幸平
TASHIRO	KURAJI	田代	倉次
TASHIRO	KIKUE	田代	キクエ
TASHIRO	YASUNO	田代	ヤスノ

Navio: HAKATA-MARU — Partida: 7/11/1918
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 9/2/1918
Fazenda: PAU D'ALHO & IBICATÚ — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
UEDA	USHITARO	上田	丑太郎
UEDA	JU	上田	じう
UEDA	HYOKICHI	上田	兵吉
UEDA	ITOE	上田	いと恵
TAKEUCHI	TOSHI	竹内	とし

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Reserva de Ibicatu

Oratório e peças decorativas do casal Shigueki e Sue Takaki (1918)

Frei Everson, guardião da memória da família Takaki.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Frei Everson Shigueki Takaki, de 40 anos e ordenado frade há 18, é considerado o guardião da memória de sua família, que chegou a Piracicaba, vinda do Japão, há exatos 100 anos. "Eu acabei me tornando uma referência e gosto de exercer esse papel", conta. Ele anda sempre às voltas com pesquisas, recolhe fotos antigas e foi conhecer os ancestrais que ficaram no país de origem. Isso, nos anos 1990, quando foi decasségui.

Por tanto estudar as origens, frei Everson conta ter havido uma primeira turma de imigrantes nipônicos, que chegaram na cidade em 1917, um ano antes dos pioneiros. "Acontece que nenhum deles ficou, não sei exatamente os motivos da desistência. Por isso, esse grupo não é considerado", ressalta.

A família dele, os Takaki, estava presente no desembarque na cidade, a 7 de setembro de 1918. "Acredito, ao contrário da lenda, que chegaram na Estação da Sorocabana", conta. Frei Everson tem uma visão crítica da imigração, mas ressalta que tudo mostrou a força de resistência de seus antepassados. "Eles não foram tão bem recebidos assim, e logo viram que a realidade era bem diferente do que imaginavam", destaca.

O frade não esconde que eles, de certa forma, estavam "iludidos". Pois a propaganda feita no Japão, à época, garantia ser, o Brasil, uma espécie de paraíso tropical, onde poderiam enriquecer rapidamente. "Imagine que havia histórias dizendo que, no Brasil, havia dinheiro até em árvore!", revela.

A fantasia foi-se desfazendo logo na chegada, no Porto de Santos, e, depois, na Hospedaria do Imigrante, na Capital. "Ofereceram para eles pão com mortadela e eles nunca tinham visto aquilo. Viram aquela carne vermelha no meio do pão, acharam o cheiro muito forte e jogaram fora". Na chegada em Piracicaba, ganharam fubá de presente, e esperava-se que, como os italianos, fizessem polenta. "Eles olhavam aquela coisa amarela e não faziam a menor ideia do que significava. Mas tiveram de dar um jeito porque era a única comida que tinham", conta.

As pesquisas de Everson revelam que os principais núcleos eram liderados pelos Takaki, Hara e Yamashita, além dos Takematsu, que se uniram ao grupo anos depois. "Logo viriam outras famílias e algumas desistiram no prazo de dois anos. Mas esses grupos familiares permaneceram e deram frutos". O prazo de dois anos era dado para o imigrante, que, então, poderia ter liberdade de fazer o que quisesse, depois de se livrar dos custos da passagem.

O avô dele, Shigueki Takaki – que, hoje, dá nome à principal praça do bairro da Paulista – veio com a mulher, Sue, ao lado do irmão mais novo Shigueri e de um primo, Misawa, que entraram no Brasil sob sua responsabilidade. Aqui eles começaram um trabalho duro na Fazenda Pau D'Alho, em Artêmis.

Dois anos depois, o avô tinha seu próprio sítio, no bairro Cachoeira, um pouco à frente de Artêmis. Lá, ele começou a cultivar verduras com o auxílio dos filhos mais velhos. O casal teve 11 filhos. O mais velho, porém, morreu com poucos dias de vida. "Não consegui saber o nome dele, nem onde foi enterrado. Ficou um mistério na família", diz Everson.

Nessa propriedade rural, Shigueki Takaki estabilizou-se, mas faleceu nos anos 1950, na casa dos 60, por conta de uma úlcera

Foto: Acervo Frei Everson Takaki

Shigueri, o casal Shigueki e Sue, com os filhos Massahal e Julio.

que não recebeu tratamento adequado, sendo sepultado no Cemitério da Saudade. Os filhos mais jovens, como a tia Tereza e o pai de Everson, Rosário, não seguiram na lavoura e estudaram, mudando o perfil da família. "Meu avô nunca voltou para lá, apesar de minha avó querer. E meu pai nem conheceu o Japão", afirma.

Já ele, aos 18 anos, viveu por um ano no país de seus ancestrais, onde trabalhou numa fábrica de ar-condicionado. "Adorei a experiência, eu ganhava bem e pude ver o lugar de minha origem, o que era meu sonho", revela. Foi até a cidade de Ina, onde o avô nasceu, e conheceu parentes. "A matriarca, que era prima dele, chegou a se ajoelhar quando soube quem eu era", recorda.

No Japão, Everson ficou atônito com um relato de Yoshihiko, sobrinho de Shigueki Takaki, sobre uma correspondência vinda do Brasil. Takaki o presenteou com uma cobra, viva, dentro de uma caixa de sapato. Coisa de "amigo da onça" ou de alguém encantado com a fauna brasileira? Na verdade, segundo Yoshihiko, tratava-se de uma serpente não peçonhenta, com hábitos semi-arborícolas (termo usado para descrever animais cuja vida se dá principalmente nas árvores), portanto, sem veneno, muito comum em terras piracicabanas.

Ao retornar ao Brasil, sentiu o chamado da religião, já que a família sempre foi católica. "Misturamos as tradições. Temos um altar dos falecidos, mas, em vez de um Buda, temos uma cruz e uma imagem de Nossa Senhora", conta. Hoje, mora no Seminário Seráfico e, além de celebrar missas na igreja do Lar Franciscano, atua como formador dos postulantes, os jovens que querem ingressar na carreira religiosa. Sente-se recompensado por conhecer melhor suas raízes. Revela que, da família, é um dos menos ocidentalizados, pois se divide entre as duas tradições. É um dos que mais entende a língua japonesa, e canta canções folclóricas, além de tocar instrumentos típicos. "Eu sempre sonhei com essa data, a celebração de nosso centenário na cidade. Eu me sinto orgulhoso por isso", conclui.

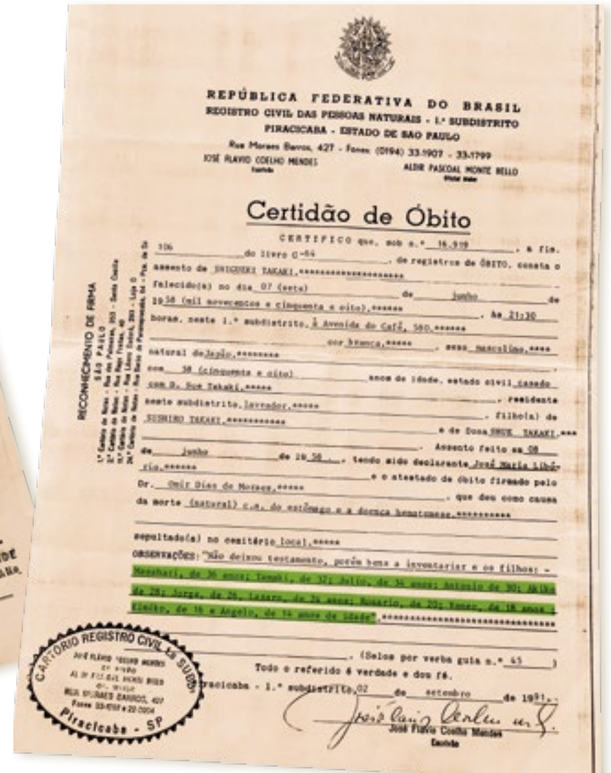
Mudanças constantes nos nomes e sobrenomes

As dificuldades encontradas no idioma e nas grafias dos nomes geraram uma série de transtornos aos imigrantes japoneses que vieram para o Brasil. Geralmente, ao tirar novos documentos, seus nomes sofriam alguma alteração. Soma-se a isto o fato da exigência de nomes "abrasileirados" para que pudessem ser batizados pela Igreja Católica. Exemplo claro é o de Shigueki Takaki, que desembarcou no Brasil como Takagi (sobrenome que consta na relação de entrada ao país) e, mais tarde, acrescentou o nome de José.

Três documentos diferentes de Sue Takaki comprovam a rotina de equívocos: na certidão de registro de estrangeiros, consta Shme Takaki, nascida em 22 de maio de 1888, filha de Mothossuh Curissi e Sin Curiassi, casada com José Squeki Takaki. Já na carteira de identidade para estrangeiros aparece como Sue Takaki, nascida em 7 de abril de 1900, filha de Motosuke Kuraishi e Shu Kuraishi. Na certidão de batismo está como Sue Maria Takaki, nascida no dia 1º de abril de 1900, filha de Kuraishi Takaki e Motossuki Takaki.

Outra curiosidade: no atestado de óbito consta que Sue Takaki deixou 10 filhos: Massahal, Julio, Antonio, Rosa, Tereza, Fernando, Rosário, Ignacio, Kimico e Angelo; enquanto no de Shigueki Takaki, seu marido, diz que ele deixou 11 filhos, a maioria com nomes diferentes: Masahari, Julio, Tamaki, Antonio, Akiko, Jorge, Lazaro, Rosário, Yoneo, Kimico e Angelo.

Vale registrar que o mesmo fato se repete com a maioria das famílias japonesas residentes em Piracicaba, com registros de nomes duplos e sobrenomes com grafias diferentes.



YAMASHITA - *Os nomes de Shichizo e Sue também foram alterados de acordo com os documentos abaixos. Enquanto o passaporte indica Sei Yamashita, o Certidão do Registro, aponta para Shy Yamacita, casada com Shytzo.*

Nem tudo era rosa...

Em entrevista ao jornal A Província, em 1988, Yukie Onishi Takaki, a dona Rosa, que chegou a Piracicaba em 1929, ao lado dos pais e irmãos (Tsurujiro, Fuji, Sumio, Kinji, Toshie e Tetsutaro) lembrava de uma vida dura, sacrificada, nos primeiros anos de trabalho na Fazenda Pau D'Alho. "Eu nunca tinha pegado na enxada. No Japão, eu estudava, fazia o terceiro ginasial; aqui, tive que trabalhar na roça".

Na matéria, Rosa destacou a dificuldade para se comunicar: "tinha que gesticular e não tive tempo para estudar, só puxava enxada", mencionando, ainda, que, no início, os Onishi eram alvos de algumas brincadeiras feitas por moradores da região: "Brincavam muito com o nome Fuji e Sumio. Diziam que Fuji fugiu do Japão e que Sumio sumiu do mapa".

Mais tarde, o pai arrendou um sítio e, novamente, lá estava ela trabalhando na lavoura, até conhecer Shigueri Takaki, o João, pertencente ao primeiro grupo que chegou a Piracicaba, em 1918. Casaram-se e foram morar com o irmão mais velho – Shigueki – até adquirirem um sítio próprio no bairro Limoeiro, em Pedra Branca, onde ficaram 12 anos e tiveram nove filhos (Maria, Lúcia, já falecida, Natalia, Amélia, Emília, Marcos, Inês, Helio e Irineu, por ordem decrescente de idade). Shigueri vendeu o sítio para comprar um bar em frente à UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba, permanecendo na cidade até o dia de sua morte.

Segundo frei Everson, a família Takaki registra outras duas Rosa: a esposa de Júlio, irmão de seu pai e filho de Shigueki, e Rosa Tsumori, filha de Shigueki e irmã de seu pai, ainda viva, que reside em São Paulo. Outra Rosa – a Koo, filha de Tomokichi e Ito Nishide, casada com Mitshuho Mori e conhecida como Rosa Mori – revela no livro "Brasileiros sem perder a origem", de Ana Paula da Silva, editado pelo Clube Nipo-Brasileiro durante a comemoração dos 80 anos da imigração japonesa em Piracicaba, que na primeira semana em que chegaram à Fazenda Pau D'Alho, as famílias dormiam sobre palhas de milho. Lembra, ainda, que, na escola da fazenda, uma professora castigava as crianças com reguadas na cabeça por não entenderem o idioma.

Navio: HAWAII-MARU — Partida: 8/31/1929
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 10/22/1929
Fazenda: PAU D'ALHO — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
ONISHI	TSURUJIRO	大西	鶴次郎
ONISHI	FUJI	大西	富士
ONISHI	TETSUTARO	大西	鉄太郎
ONISHI	KINJI	大西	金次郎
ONISHI	SUMIO	大西	澄
ONISHI	YUKIE	大西	雪江
ONISHI	TOSHIE	大西	俊枝

ASSIMILAÇÃO E ADAPTAÇÃO

Permito-me recorrer a dois pensamentos que – melhormente do que pretenda, eu, escrever – traduzem, penso eu, minhas convicções diante da imigração dos japoneses a Piracicaba.
O primeiro, do Evangelho de Tomé, gnóstico:
"14 – Quando entrardes em um país e percorreres seu território, no lugar em que vos acolherem, comei o que colocarem à sua frente".
E de Mahatma Gandhi, o imortal pacifista indiano:
"E não quero que a minha casa seja murada de todos os lados e que as minhas janelas estejam fechadas. Eu quero que as culturas de todas as terras sejam sopradas para dentro de minha casa, tão livres quanto for possível. Contudo, eu me recuso a ter meus pés soprados para fora por qualquer uma delas (culturas)".

Parecem-me palavras apropriadíssimas à adaptação dos japoneses a quaisquer países para onde imigrem, espontânea ou necessitadamente. Eles conseguem – pelo menos, é o que sempre vi e senti em Piracicaba – adequarem-se à cultura local, respeitando-a, enriquecendo-a, sem, no entanto, se deixarem assimilar. Ou seja: não abandonam suas raízes, o que os impede de serem absorvidos ou incorporados. É como se um espírito eterno os acompanhe para onde quer que se transfiram. Com essa capacidade de adequação, os imigrantes japoneses conseguem criar "uma nova cultura" onde quer que estejam. Com raízes fixas, produzindo frutos os mais diversos.

Talvez, seja, a dança, o que melhor revela esse amálgama. Pois, mesmo no Japão – no pós Segunda Guerra, quando as artes foram intoxicadas pelo Ocidente – a dança e outras manifestações mantiveram a "moda nipônica". Com todos os monstros e fantasmas – de intensos coloridos e graciosidades – criados pelo imaginário japonês. Neste livro, acreditamos que essa mescla cultural, em Piracicaba, seja melhor identificada por nossos entrevistados e pela memória, que nos foi deixada, por muitos de seus ancestrais.

Aqui – como a seguir as palavras de Tomé Dídimo – eles, ainda que a contragosto, "comeram o que lhes foi servido". Aqui – conforme Gandhi já sentira – as janelas nipônicas "não foram fechadas". Mas nunca, os pés "foram soprados para fora".

ASSIMILIATION AND ADAPTATION

I allow myself to use two thoughts that in my view – better than what I had intended to write – translate my own convictions regarding the Japanese immigration in Piracicaba.
The first one, from the Gospel of Thomas, Gnostic:
"14 – When you enter a country and walk through its territory, wherever you are welcome, eat what is placed in front of you".
And from Mahatma Gandhi, the immortal Indian pacifist:
"And I don't want my house walled on all sides nor my windows shut. I want the cultures of all lands blown into my house, as freely as possible. Nevertheless, I refuse to have my feet blown to the outside by any one of them (cultures)".

To me, those words seem very much appropriate to describe the adaptation of Japanese in all countries they immigrate into, spontaneously or by necessity. They are able – at least, that's what I saw and felt in Piracicaba – to adjust into the local culture, respecting it, enrichening it, not letting themselves, however, to be assimilated. That is: they do not forsake their roots, thus preventing them from being absorbed or incorporated. It's as though an eternal spirit follows them wherever they move to. With such ability for adjustment, Japanese immigrants are able to create "a new culture", wherever they are. With fixed roots, producing the most varied fruits.

Perhaps dance is what best reveals such amalgam. For even in Japan – in the post-Second World War when arts were intoxicated by the West – dancing and other events retained the "Japanese Fashion". With all the monsters, ghosts – intensely colorful and gracious – created by Japanese imagination. In this book, we believe that that cultural mixing, in Piracicaba, is better identified by those we interviewed and by the memories left us by many of their forebears. Here – as if following the words of Tomas Didymus – even though grudgingly, they "ate what was served them". Here – as Gandhi had perceived ready – the Japanese windows "were not closed". But never "were the feet blown to the outside".

Casamentos arranjados, uma rotina entre os japoneses.

Os imigrantes japoneses trouxeram para Piracicaba um costume tradicional: o Omiai Kekkon (casamentos arranjados), algo comum até nos dias de hoje na Terra do Sol Nascente.
Com longa tradição no Japão, principalmente na Era Meiji (1868-1914), o Omiai tem como característica a presença do nakodo (intermediador do casamento entre duas famílias), responsável pelo levantamento do passado das famílias envolvidas e do status social (o do noivo deveria ser superior ou equivalente ao da noiva). Somente com o término da Segunda Guerra Mundial é que os japoneses começaram a adotar o Rein´ai Kekkon (casamentos motivados pela escolha recíproca de duas pessoas), também conhecido como "casamento por amor".
Em Piracicaba, a união matrimonial para os japoneses – nos primeiros 50 anos – tinha um único caminho: teria que ser entre eles. Como nos primeiros anos poucas famílias japonesas viviam no município (e ninguém falava português ou entendia a cultura brasileira), ficava difícil "arranjar" um bom partido. Assim, pais, tios e padrinhos faziam o papel de nakodo e se esmeravam ao máximo em busca do par perfeito para os filhos, sobrinhos ou afilhados. Um exemplo de casamento bem-sucedido foi o de Yukie Onishi. Assim que ela chegou a Piracicaba, em 1929, com apenas 16 anos, foi prometida a João Shigueri Takaki, imigrante da primeira turma (1918), com quem constituiu uma bela família, numa prova de que dentro da cultura japonesa isso funcionava (e ainda funciona) muito bem, com o amor surgindo a cada minuto, através do convívio e boa vontade dos nubentes.
Outros casos, envolvendo famílias tradicionais: Murano Hakozaki, que se casou com Jiichi Otsubo; Koo Nishide, com Mitsuho Mori; Eku Komatsu, com Musashi Nishimura; Cleide Teramoto, com Kenji Anraku; Chioko, com Nobuo Otsubo; Yuriko Kamiyama, com Mikio Tsuji; Rosa Yamashita, com Julio Takaki (o primeiro casamento realizado no Clube Nipo-Brasileiro). As uniões com os não descendentes foram surgindo aos poucos, mas com restrições por parte dos pais japoneses, casos de Mikio Yamanaka, com Áurea Duarte, e de Inês Miyazaki com Antônio Benitez, e se popularizando com o passar dos anos. Observa-se que as mulheres da família Takaki, de um modo geral, se uniam a homens de origens nipônicas (Maria, com Seite Ito; Tereza, com Susumo Saito; Neusa, com Nelson Miyata; Lucia, com Imari Mori; Inês, com Massahiro Yanaguihara), enquanto os Takaki (homens), a mulheres brasileiras, casos de Rosário, que se uniu a Margareth Viveiros; e Irineu, a Maria Célia Lara (os chamados "casamentos por amor"). Hoje, a união entre nikkeis e não descendentes são comuns, como os de Jeferson (neto de Shigueki e Sue Takaki), com Alice; de Isabel Takaki, com Fábio Gasparini; de Marisa Takaki, com Fabio Petruchelli; de Adriana Takaki, com Marciano Magrini; de Débora Saito, com Fabio Spolidoro; de Cassia Otsubo, com Marcos Gomes; Ivete Miyazaki, com Paulo Toledo; e de Luciana Tsuji, com Fabiano Santana, entre tantos outros.

Foto: Kichisaburo Nakagawa

João Shigueri e Yukie Onishi Takaki

Irineu e Maria Célia Lara Takaki: amor fala mais alto.

Jeferson e Alice Takaki, com o filho João Marcos.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Luciana Tsuji, Fabiano e a filha Yasmin.

LOUCURAS DA PAIXÃO

Um amor à Skakespeare

Pena estar, minha caminhada pelo tempo, chegando ao fim. Pois ainda me excita escrever a história dos grandes amores piracicabanos, paixões explosivas, fugas, clandestinidade, amantes corajosos, rompimentos de tabus. Tempo houvesse, inspirassem-me as deusas das letras, o romance haveria de ser emocionante. Como, por exemplo, a história, a fuga, a paixão de Inês e Toninho, abalando os alicerces austeros do nipo-piracicabanismo.
Foi em 1952, conferi. No dia 29 de abril. Lembro-me, apenas, de brumas, de silêncios, de cochichos. Estava, eu, ainda nos meus 11 anos, a cabeça voltada para a expectativa de grandes amores, talvez aspirando por Ava Gardner. O que acontecia dentro da casa de meus pais já não me interessava muito. Era o mundo, o grande mundo que me despertava, mal imaginando, eu, que uma grande história começava a acontecer em minha própria casa. Dentro de duas malas escondidas num canto. Eram as malas de Inês (Teruko) Miyazaki e de Toninho (Antônio) Benites. Ela, a bela Inês, jovenzinha nissei, filha da família Miyazaki, dona do Restaurante Líder Bar. Ele, Antônio, humilde garçom no importante Restaurante Brasserie. A casa de meus pais ficava a meio caminho entre os dois bares famosos. Inês era amiga de minha irmã Marlene. Quase ninguém sabia – eu, também, não – que, naqueles cochichos e silêncios, havia uma manta cobrindo e encobrindo paixão que incendiava Inês e Toninho, o casal nipo-espanhol-piracicabano.

Mas Ginjiro Miyazaki, patriarca da família, pai de Inês, descobriu. E indignou-se. Não admitiria que a filha se casasse com um não japonês, um pé rapado (não sei se ele usou essa expressão), um garçom, um zé-ninguém. O próprio Mario Japonês, o Miyazaki irmão de Inês rebelou-se. O drama estava pronto, sem nenhum Shakespeare para contá-lo. Eis, então, que apareceu Dona Amélia – minha mãe, sempre ela! – a alcovitar o jovem casalzinho. Ela própria, Amélia, fugira para se casar com Tuffi. E estimulou o casal, mesmo com o risco de enfrentar a ira nipônica dos Miazaki. Toda a família Elias organizou-se para proteger os amantes apaixonados, mais outros Romeu e Julieta caipiracicabanos. Tudo combinado. As malas ficariam escondidas na casa de meus pais. Claudio Ramiro, um motorista, amigo dos Elias e do Toninho Benites – cujo ponto de táxi estava a meio quarteirão – aceitou ser parte do complô. E, na noite de 29 de abril de 1952, apanhou as malas dos fugitivos, fê-los entrar no táxi e – "Sayonara, adiós, tchau" – lá se foram para Santos, levados por um táxi e pelas "asas do amor". Foi um começo de grandes sacrifícios: Toninho, como garçom no Palace Hotel; Inês, como faxineira de prédio. Até que se associaram a amigos e compraram o Hotel Santa Mônica. A história é fantástica, mas não devo contá-la aqui. Conto, porém, o final: retornaram a Piracicaba em 1968, expandiram o Restaurante Mirante e foram os criadores de um cardápio que se tornou atração nacional: o pintado na brasa. Que, portanto, é nipo-piracicabano.

A primeira namorada a gente nunca esquece

A imigração japonesa em Piracicaba gerou não apenas exemplos de bravura e resistência, mas belas histórias de amor. Como a que foi destacada por Helena Mizuhira e publicada há 50 anos, em setembro de 1968, no Jornal de Piracicaba e destacada também pelo Instituto Histórico e Geográfico da cidade.
A história envolve Tadashi Matuski e a esposa, Yoshio, mostrando que o amor verdadeiro não é vencido pela distância. Acontece que, em 1959, o jovem Tadashi, então com 21 anos, veio para o Brasil, em busca de uma vida melhor. Aqui chegando, ele foi trabalhar numa fazenda de café em Americana. Tadashi tinha disposição para o trabalho, aproveitava as festas que o grupo de imigrantes fazia, até observava as moças, mas não conseguia se esquecer da namorada que deixou no Japão, a bela Yoshio, de longos cabelos negros. "Eles se conheceram na escola, no Japão, e, enquanto caminhavam juntos, de mãos dadas, construíam sonhos de viver muitos anos juntos", destaca a matéria do JP, no melhor estilo romântico. Com o tempo, os dois namorados começaram a trocar cartas de amor, e o sentimento entre eles não passava, apesar de estarem tão distantes. Foi aí que Tadashi teve uma ideia: mandar uma procuração para o Japão, consolidando seu amor pela namorada, e marcar um casamento por correspondência. "No dia combinado para realizar o casamento, Yoshio, vestida de branco e com uma coroa de flores de cerejeira na cabeça, recebeu as bênçãos matrimoniais das mãos dos pais. Enquanto isso, no Brasil, Tadashi assinava no cartório a certidão de casamento", destaca o texto do jornal.
Eles só se reencontraram em 1962, quando aportou em Santos o navio que trazia Yoshio. Efetivamente casados, mudaram-se para Piracicaba, onde viveram muitos anos e tiveram uma vida plena. Ainda existem histórias de amor com finais felizes...

A história de Jiichi e Murano: colono se apaixona pela filha do patrão.

Parece coisa de romance. Afinal, o colono se apaixonou pela filha do patrão e com ela se casou. Foi assim que começou a história de amor de Jiichi e Murano Komatsu. Ele havia chegado ao Brasil em 1936, trabalhou um período na Fazenda Guatapará, na colheita do café. Terminado o contrato, veio para Artêmis e foi aí que tudo começou.
Quem recorda os antepassados é Kasue Otsubo, 78 anos, que até hoje vive no distrito de Artêmis, em Piracicaba, cuidando do comércio que o pai fundou há mais de 60 anos. "Eu não me casei porque não quis deixar meus pais sozinhos. Hoje é diferente, os filhos não se preocupam com isso", afirma, entre resignada e orgulhosa. Kasue faz parte de uma prole de nove irmãos, sendo que um nasceu morto e outro viveu pouco, vitimado pela meningite.
A história dos pais, apesar de começar romântica, teve mais luta do que outra coisa. "No começo foi muito duro. Meu pai veio para cá com 17 anos, porque lá no Japão a coisa estava difícil. Teve de vir junto com um parente maior de idade" conta. Segundo ela, Jiichi veio para o Brasil "enganado". "Ele achava que aqui tinha árvore que dava dinheiro, porque era isso que contaram para ele no Japão. Sofreu muito na primeira fazenda que trabalhou, veio com uma malinha nas costas procurar emprego e achou com meu avô materno".
A família morou quase sempre em Artêmis, a não ser por um período em que Jiichi tentou a sorte num sítio perto de São Pedro, no bairro Pedra Branca. "Ele arrendou terra de Francisco Leitão. Plantava algodão e vendia para os ricos de Piracicaba. Hoje esse lugar pertence à Raizen", destaca.
As lembranças de Kasue falam sempre de luta pela sobrevivência. "A infância era diferente, a gente vivia solto, mas não tinha muita coisa", diz, misturando o sotaque japonês com o caipiracicabano.
Ela se formou no curso técnico em Química pelo Dom Bosco, quando já tinha 32 anos, mas nunca exerceu a profissão.
Cuida do mercadinho que fica à Rua Fioravante Cenedese, a principal de Artêmis, sete dias por semana. Está sempre à porta, sentada numa carteira escolar, de onde aprecia também o movimento.

Kasue Otsubo mistura tradição japonesa com o jeito brasileiro

Fotos: Acervo Família Otsubo e Marcelo Fuzeti Elias

Jiichi e Murano Otsubo, 1938, Fazenda Cachoeira.

Ela mistura a tradição japonesa com o jeito brasileiro.
"Sou brasileira, mas muita gente diz que tenho o espírito japonês, porque tem muita coisa moderna que não aceito", revela.
Kasue já foi ao Japão, nos anos 80, e afirma que voltou impressionada com muita coisa que viu por lá. "Lá é diferente. O japonês não gosta de mostrar a residência, porque dentro não tem nada, lá fora que é lindo. Eles enfeitam as ruas, tem flores plantadas e tudo. Eles cuidam do país. Nas portas das casas quase sempre tem a bandeira japonesa". Para ela, se tem uma coisa que brasileiro devia imitar de japonês é isso: patriotismo. "Eles são mais patriotas. Ninguém joga lixo na rua. O lixo é todo separado. Seria bom que no Brasil fosse assim, mas aqui é muito grande, tem gente de todo tipo. Mas gosto do Brasil e Piracicaba é minha cidade. Não sei viver em outro lugar", conclui.

Susumu e Tereza, símbolos da união entre Japão e Piracicaba.

Integrantes de duas famílias pioneiras na história da imigração japonesa na cidade – os Takaki e os Sato –, o casal Susumu e Tereza, juntos há praticamente 70 anos, é tido como símbolo da união entre Japão e Piracicaba.
Natural de Yokohama, Japão, onde nasceu em 27 de outubro de 1924, Susumu Sato veio para o Brasil em dezembro de 1930, com apenas seis anos de idade, acompanhando os pais, três irmãos e um primo. "Minha família é da região de Miyagi-ken e chegamos ao Brasil de navio, depois de 47 dias de viagem. A primeira parada foi no Rio de Janeiro, onde desceram as famílias que iriam para a Amazônia; a seguir desembarcamos no Porto de Santos, onde ficamos parados por dois dias. Depois viemos para Piracicaba, indo direto para a Fazenda Pau D'Alho", contou.
Tereza Takagi Sato nasceu em Piracicaba, no Porto João Alfredo (hoje, Artêmis), no dia 10 de junho de 1930, mas os pais vieram de Nagano, em 1918, integrando o grupo pioneiro de 23 famílias que escolheram a Fazenda Pau D´Alho para trabalhar e viver, dando origem à imigração japonesa em terras piracicabanas. De toda a família, Tereza é a única com o sobrenome Takagi (que em japonês significa "árvore grande"), tal como consta no registro de entrada dos pais (Shigeki e Sue) no Brasil. E que, mais tarde, adotaram os nomes de José Shigueki Takaki e de Sue Takaki.
Susumu é – atualmente – o imigrante japonês que está há mais tempo em Piracicaba (são 88 anos na cidade) e o que melhor fala o português. Porém, como revela, a língua foi o primeiro grande impacto que sofreu ao chegar a Piracicaba. "Tinha seis anos e logo fiz amizade com as crianças de uma família de negros que morava perto. Mas a comunicação era difícil. Tanto a linguagem como as brincadeiras eram diferentes. Fui para a escola e demorei mais de três anos para dominar o idioma", lembra.
Ele revela que seu pai, carvoeiro de profissão, vivia momentos difíceis no Japão, e imaginava que teria uma vida mais fácil por aqui. Engano total. "Lá no Japão, naquele tempo, tinha muita gente e pouco emprego. Mas o trabalho aqui foi pesado e com pouco dinheiro".
A família ficou três anos na Fazenda Pau D'Alho, cumprindo o contrato, depois se mudou para outra propriedade rural, no bairro Marins. "O início foi muito duro, teve muita maleita. Eu não peguei, mas quase todo mundo ficou doente. Até os cachorros pegaram", ressalta, recordando que esse surto de maleita, como é conhecida por aqui a malária e suas febres terríveis, aconteceu em 1935.
A seguir, mudou-se várias vezes. Para o bairro Tanquinho, para um sítio em Santa Gertrudes, para o bairro Assistência, próximo a Rio Claro, até fixar-se em São Pedro, onde já era dono do Restaurante Central. As mudanças eram constantes e ele se recorda que demorou a se acostumar. "Eu achava o jeito do povo estranho. A comida era diferente, eu nunca tinha comido arroz misturado com feijão. Nem sabia o que era polenta", conta.
Foi quando morava em São Pedro que conheceu, num ônibus, Tereza Takagi. Casaram-se logo, no dia 28 de março de 1951, na igreja de São Pedro. "Naquele tempo não tinha namoro, a gente logo casava", revela Tereza, que, de repente, se viu trabalhando no restaurante. "Era muito difícil, tinha de fazer comida brasileira e no panelão", lembra.
O restaurante não estava indo bem. Então, o irmão dela, Fernando, trouxe-os para Piracicaba, onde foram morar na Paulista, bairro onde estão até hoje. Susumu foi trabalhar numa pastelaria ao lado do Mercado – "japonês tem fama de pasteleiro, mas eu nunca tinha feito um pastel, tive de aprender", conta -, enquanto Tereza acabou descobrindo a verdadeira vocação: cabeleireira.

Foto: Acervo Família Sato

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Fez curso numa escola da Rua Governador Pedro de Toledo e teve vários salões, um perto da Praça São Benedito, outro no Bairro Alto, com muito movimento. "Era um tempo diferente, não havia gel ou mousse, e era mais difícil fazer os penteados, que eram bem mais armados", afirma. Lembra-se do famoso coque banana, de enrolar cabelo com cerveja e de colocar um bombril para dar mais volume. A convivência durante tantos anos com as freguesas deve ter contribuído para o jeito expansivo de Tereza.
O casal – que tem dois filhos e três netos – mora na Avenida do Café, bem perto do Clube Nipo-Brasileiro, um espaço que teve o pai de Tereza, Shigueki Takaki, como um dos fundadores. "O clube é a melhor coisa que temos para levar uma vida mais ativa", conta Tereza, revelando que deu uma grande virada em sua vida, quando, no tempo do prefeito José Machado, foi convidada para coordenar a equipe da cidade para as Olimpíadas da Terceira Idade. "Fiz esse trabalho durante 11 anos, depois fui fundadora da Terceira Idade, no Clube Nipo", destaca. Em casa, ela guarda vários troféus que marcam essa trajetória. Seu pai também dá título à principal praça do bairro onde moram. "É um orgulho saber que ele dá nome a um lugar tão conhecido. A gente se sente importante", afirma.
Nascida em Artêmis, no começo da vida na lavoura de sua família, Tereza dá valor à origem nipônica, mas não tem nada a reclamar dos costumes brasileiros. "O japonês é mais fechado, aqui as pessoas são mais abertas, mais expansivas. Eu gosto dessas reuniões que fazemos no clube, com os mais velhos. Isso alegra a vida da gente".
Mas ela conta que os pais demoraram a se acostumar. "Minha mãe, Sue, sempre queria voltar. Nos últimos anos de vida, quando não estava com a cabecinha tão boa, ela dizia que ia voltar para o Japão a pé. É que eles sofreram muito", diz. Porém, o que fica para ela é uma lição de força. "Eles foram resistentes, enfrentaram tudo com garra".

Apontamentos de Carlos Botelho sobre os 50 anos da imigração japonesa no Brasil

A edição nº 15 da revista Mirante, de maio de 1958, registrou alguns trechos do artigo escrito por Carlos Botelho, em homenagem aos 50 anos da imigração japonesa no Brasil.
"Foi no dia 18 de junho de 1908, que aportou em Santos o navio Kasato Maru conduzindo 781 imigrantes nipônicos, constituindo, entre nós, os primeiros núcleos de uma colônia.
Vale revelar o fato de que, geralmente, os japoneses se entregaram à agricultura intensiva, de produção exótica, o que, diga-se de passagem, equivale a dizer que eles têm introduzido no Brasil e lançado no mercado, durante este meio século, produtos que se constituem novas fontes de riquezas, como o rami, o mentol, o chá, pêssegos, morangos, etc, de cuja produção detêm aproximadamente 90%.
Para que se tenha uma ideia ligeira da importância da imigração japonesa no Brasil, vale a pena divulgar certos dados cujas cifras, por si, exprimem a gratidão de um país ainda novo, como o nosso, mas extremamente necessitado da mão de obra efetiva e operante no amanhã da terra. São os japoneses responsáveis por 13% de nossa produção de café (incluindo o Paraná), 25% da de algodão, 20% da de arroz, 60% da de batata, 90% da de rami, de mentol, de ovos e tomates, 70% da produção de verduras, 100% das produções de chá, pêssegos, morangos e caquis.
Bastam estas cifras, que se referem apenas a São Paulo e Paraná, para demonstrar quanto os japoneses cooperaram para a necessária diversificação de nossa agricultura, concorrendo, principalmente, para melhorar a dieta alimentar brasileira com produtos ricos de elementos nutritivos.
Não há dúvida que os primeiros imigrantes japoneses enfrentaram, de início, grandes dificuldades para se adaptarem ao nosso país, como a alimentação, o clima, o ambiente, a falta de prática na cultura principal que era o café e o desconhecimento da língua. Contudo, perseverantes, sóbrios, disciplinados e inteligentes, foram aos poucos vencendo essas dificuldades, aprendendo tudo quanto era necessário e adquirindo a confiança dos brasileiros, que passaram a olhá-los e acolhê-los com a maior simpatia e boa vontade".

Foto: Acervo Família Torigoi

Maria Dalva de Souza Dezan escreve livro sobre a imigração japonesa em Piracicaba

Foi uma experiência marcante não apenas em termos acadêmicos, mas principalmente humanos. Assim Maria Dalva de Souza Dezan define seu trabalho, que resultou na publicação do livro "Impactos da Imigração Japonesa em Piracicaba", lançado em 2010. Professora da rede pública em Piracicaba, Dalva atua na Escola Estadual Prof. José Martins de Toledo, que fica no distrito de Artêmis, para onde foram os primeiros imigrantes a chegar na cidade.
Veio daí seu interesse, que na verdade nasceu bem antes, quando ainda morava na Capital. "Sou filha de migrantes nordestinos e o tema norteia minha formação pessoal e profissional. Nasci e morei em São Paulo, em uma rua na Zona Leste, onde tinha contato com imigrantes japoneses. Convivi e aprendi muito com eles", lembra. Escolheu o tema para continuar o mestrado na Unesp de Rio Claro, na área de Geografia Humana.
Foram quatro anos de preparação e, para suprir a falta de bibliografia em Piracicaba, utilizou-se da metodologia da História Oral. Ou seja, além de pesquisar documentos, colheu depoimentos para criar o livro, que contou com o apoio do Centro de Memória da Unicamp.
Logo de cara, nas primeiras conversas, apareceu a questão da ilusão. "Os primeiros imigrantes foram iludidos pelas companhias japonesas de imigração e viram que aqui a realidade era totalmente diferente do que imaginavam. Muitos vinham com a intenção de fazer riqueza e voltar para o Japão. Não voltaram porque o Japão perdeu a Guerra. Muitas famílias, mediante a situação, trabalharam ainda mais duro. Dos grupos imigrantes, os japoneses eram os que mais passavam sua cultura aos familiares, por meio da transmissão oral", relata a autora.
Os problemas que enfrentaram foram muitos, começando pelo desconhecimento da nossa língua, e chegando à estranheza dos costumes. "Uma das minhas depoentes contou que achava esquisito até o nosso costume de andar descalço fora de casa", conta. Apesar do estranhamento inicial, com o tempo, afirma a professora, Piracicaba foi ficando mais receptiva aos nipônicos. "A cidade tinha diversos imigrantes, os japoneses eram os mais discretos e trabalhadores. Não causavam confusões e eram muito disciplinados. Piracicaba não tinha uma colônia grande, como em outros municípios paulistas, mas aqui eles eram muito unidos, por causa do Clube Nipo-Brasileiro".
Para Dalva, a pesquisa foi também uma aula de respeito aos costumes orientais. "Aprendi a ter uma postura de discrição.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Por exemplo, ao cumprimentar, não abraçar. E não falar alto. Mas, com o passar do tempo, eles me respeitaram muito, porque sou professora e observaram a seriedade de minha pesquisa. Criaram confiança, disponibilizaram muitos documentos, fotos, relatos, formando um elo muito gratificante. Após o mestrado, fiz doutorado estudando os espanhóis e sírio-libaneses de Piracicaba, que foram também solícitos. Mas os japoneses foram maravilhosos, me encantam até hoje".

O PERFUME DOS PASTÉIS DO MÁRIO JAPONÊS

Preconceitos são, em meu entender, frutos do egoísmo e das inseguranças humanas. É raro – ou, apenas, duvidoso – haver quem não os tenha, mesmo negando tê-los. Revelam-se quando sobrepomos a simples impressão pessoal, ou coletiva, sem reflexões críticas. No Estado de São Paulo, durante a escravidão negra, Piracicaba tinha cerca de cinco mil cativos, sendo a terceira cidade mais escravagista, logo após Campinas e Bananal. É possível avaliar ou imaginar os conflitos, as diferenças e até mesmo as crueldades ocorridas. Pois – em qualquer lugar do mundo – o "estrangeiro" é o diferente. E o imigrante, pelo menos inicialmente, é o intruso. Somente o tempo – e, muitas vezes, nem ele – pode criar o amálgama de etnias, de raças, de culturas. Mas há uma lei que se não revoga: a maioria absorve a minoria, sendo, porém, por ela influenciada. Aspectos culturais diferentes ajustam-se. Se não acontecer, os conflitos serão cada vez maiores.

Imigrantes japoneses foram, também, vítimas dos preconceitos e desvarios que lhes aumentaram ainda mais o sofrimento da imigração. Chegando com a esperança de mais e generosas possibilidades, nada mais viveram do que sofridas intolerâncias e prevenções. Pode-se dizer que se viram presos como que numa teia de aranha social e racial. Não há como esquecer que – para agravar tal coexistência – a Primeira Guerra Mundial (1914/18) veio aumentar ainda mais o facciosismo. E piorar, com a explosão da Segunda Guerra Mundial (1939/45).

Esses fatos, porém, são apenas pano de fundo servindo como moldura para a narrativa do autor. Que admite, sim – com o necessário relativismo – preconceitos existentes de cada lado: negros, brancos, italianos, árabes, japoneses, judeus, alemães, espanhóis. Como, praticamente, no mundo todo. Não eram, porém, publicamente declarados, pelo menos no quarteirão de minha infância e adolescência. Com alegria – mas com serena saudade – posso dizer, ainda agora, que aquelas ruas e calçadas poderiam assemelhar-se a uma pequenina ONU Caipira. De amável coexistência, mas de pouquíssima convivência.

THE FRAGRANCE OF MÁRIO JAPONÊS' PASTRIES

Prejudices, in my understanding, are the fruit of human selfishness and insecurity. It's rare – or just doubtful – finding one who doesn't have them, even though denying it. They show up when we overlay a simple personal or collective impression, without a critical reflection. In the State of São Paulo, during black slavery, Piracicaba had around five thousand captives, the third city with most slaves, right behind Campinas and Bananal. One can evaluate or imagine the conflicts, the differences, or even the cruelty of that time. Because the "alien" – everywhere in the world – is different. And the immigrant, at least in the beginning, is an intruder. Only time – and sometimes not even time – can create an amalgam of ethnicities, of races, of cultures. However, there is one Law that cannot be repealed: majority absorbs minority, nevertheless it is influenced by it. Diverse cultural features adjust themselves. If not so, conflicts will be increasingly more intense.

Japanese immigrants were also victims of prejudices and nonsenses that increased even more the pains of immigration. Having arrived with hopes of better and more generous possibilities, they faced no more than painful intolerances and prejudices. It can be said that they found themselves as caught in a social and racial spiderweb. It cannot be forgotten – and it worsened coexistence even more – that the First World War (1914/18) unleashed bigotry to an even higher degree. And it got still worse with the explosion of the Second World War (1939/45).

Those happenings, however, are only the background, a frame for the author's narrative. Who acknowledges, yes – with the necessary relativism – prejudices on all sides: Black, White, Italians, Arabs, Japanese, Jews, Germans, Spaniards. As virtually everywhere in the world. However, they were not stated openly, at least not in the block of my childhood and adolescence. Joyfully – but with serene longing – I can say, even now, that those streets and sidewalks could resemble a petite caipira UNO. In amiable coexistence, but with very little interaction.

Sem noção do que fazíamos, repetíamos o que os adultos falavam entre dentes: "alemão batata come queijo com barata", "negro sujo", "japonês traidor", "quinta coluna" (expressão usada para se referir a grupos clandestinos que atuam, dentro de um país ou região prestes a entrar em guerra – ou já em guerra – com outro, ajudando o inimigo, espionando e fazendo propaganda subversiva), "italiano porco", "turco comedor de criança", "judeu ladrão". Até mesmo em relação a brasileiros, imigrantes e descendentes mostravam, cuidadosamente, seus preconceitos: "brasileiro vagabundo", "brasileiro malandro". Meus pais – quando aborrecidos com algum nativo – murmuravam entre si: "brasilie, brasilie".

No entanto, não eram injustiças e preconceitos o que, imaturo, eu via. Ou sentia. Ainda agora, voltam-me – aos olhos da alma e do coração – as imagens de uma adolescência feliz, sonhadora, conduzida por aqueles anos que não sabíamos, ainda, ser dourados. Eram os meados dos 1950, o mundo ocidental sacudido por novos ares, novos perfumes, novas esperanças, aqueles anos primaveris. Famílias amigas, morávamos em quarteirões cuja imagem, em minhas recordações, ainda se assemelha a um amálgama étnico de cultura, de linguagens, de hábitos – instalado no que chamo "ventre da Noiva da Colina", o centro da bela e suave cidade.

Era, no pós-guerra, a Piracicaba da Casa Hoeppner (alemães), da Loja do Natan (judeu); da Porta Larga, do Comercial Tuffi Elias e da Loja Kraide (árabes), da Relojoaria Gatti, Joalheria Galina, Tecidos Tardivo e Furlan (italianos), da Casa Nelly (do português Sérvolo). E todos, todos eles embriagados pelo perfume dos pastéis do Mário Japonês.

Not realizing what we were doing, we repeated what the grown-up muttered among themselves: "potato German, eats cockroaches with cheese" (in Portuguese, the parts of the sentence rhyme), "dirty nigger", "traitorous Japanese", "fifth column" (expression. used to describe clandestine groups operating inside a country about to go to war – or already at war – helping the enemy, spying or spreading subversive propaganda), "dirty Italian", "child-eating Turk", "thieving Jew". Even in relation to Brazilians, immigrants and their descendants showed, carefully, their prejudices: "Brazilian bum", "Brazilian rascal". My parents – when annoyed with a native – whispered to each other: "brasilie, brasilie".

Nevertheless, to me, in my immaturity, what I saw – or felt – was not unfairness or prejudice. Even today I recall – through the eyes of soul and heart – images of a happy, dreamy adolescence, conveyed by those years which we didn't know yet to be golden ones. It was mid-fifties, the Western World shaken by new airs, new fragrances, new hopes, those springtime years. Friendly families, we lived on blocks whose image, in my recalling, still looks like an ethnical amalgam of cultures, languages, customs – established in what I call the "womb of the Bride of the Hill", the inner part of our beautiful and gentle city.

It was, in the post-war, the Piracicaba of the Hoeppner House (Germans), Natan's Shop (Jew); the Wide Door, Tuffi Elias Commercial and Kraide Shop (Arabs), of the Italians (Gatti Watchmaker Shop,Galina Jewlry Shop, Tardivo Fabrics, Furlan), the Portuguese Sérvolo (Nelly House). And all, all of them inebriated by the fragrance of Mário Japonês' pastries.

PERSEGUIÇÕES, INJUSTIÇAS E SEVERAS RESTRIÇÕES.

Muitos, gentilmente, me intitulam como um bom jornalista, professor e escritor; outros – erroneamente – como pesquisador, historiador. Gostaria, na verdade, de ser sempre lembrado apenas como um "escrevinhador caipiracicabano, contador de histórias, que ama Piracicaba e sua gente".

Aqui, nesta terra, vivemos, vivenciamos e presenciamos muitas histórias, muitas delas ao lado de amigos japoneses, todas inesquecíveis.

Nos anos duros, quando vivi o pior momento de minha vida – o do autoexílio e da prisão – tive nos pastéis de Mário Japonês suave conforto. Não pelo sabor inigualável da iguaria, mas pela atitude fraterna e solidária de um amigo que muito se identificava com a minha dor. Também fora vítima de injustiça, de bullying e preconceito. Durante todo o período de minha prisão domiciliar, toda semana, lá estava ele, no portão de minha casa, entregando-me, no estilo serviço delivery, uma cesta recheada com seus perfumados pastéis. Sentia-me recompensado, com tanto carinho dedicado pelo amigo japonês, infelizmente, já falecido.

E foi graças ao apoio de amigos, como o de Mário, que pude, em 1982 – quando os primeiros sinais de abertura democrática se revelavam – entender que a missão fora cumprida. Mais do que injustiças, boicotes e agressões a mim e a meus familiares – foi o cansaço que me exauriu. A censura aos jornais fora afrouxada, anunciava-se a anistia "lenta, gradual e segura". Pediam-se eleições diretas para a Presidência da República.

O Brasil retornaria à democracia. Tantos anos e tantas lutas depois, é possível – pelo menos, para alguns – repetir o que Saldanha Marinho dissera da novel república: "Não é a República dos meus sonhos". As nossas, em meu entender, não são, também, a República e a democracia dos nossos sonhos. Ainda exigem mudanças, que cabem, agora, às novas gerações, o dever de alterá-las e a responsabilidade de aprimorá-las.

PERSECUTION, INJUSTICE AND SEVERE RESTRICTIONS.

Many, kindly, call me a good journalist, teacher, writer; others – mistakenly – a researcher, historian. Actually, I would like to be remembered only as a "caipiracicaban scribbler, a storyteller who loves Piracicaba and its people".

Here, in this land, we have lived, experienced and witnessed many stories, many of them alongside Japanese friends, all unforgettable.

During the hard years, when I went through the worst time in my life – self-exile and prison – I had a gentle comfort in Japanese Mário's pastries. Not due to the unmatched taste of the delicacy, but to the brotherly and solidary attitude of a friend who felt deeply identified with my ache. He, too, had been a victim of injustice, bullying and prejudice. During the whole period of my house-arrest, there he was every week at the gate of my house, providing me, delivery-service style, with a basket brim-full with his fragrant pastries. I felt rewarded with so much affection and dedication of my Japanese friend, sadly already deceased.

And thanks to the support of friends such as Mário, I was able, in 1982 – when the first signs of a democratic opening were glimpsed – to understand that my mission had been accomplished. More than injustice, boycotts, aggression against me and my family– tiredness was what left me depleted. Censorship on newspapers had been relaxed, a "slow, gradual and safe" amnesty was heralded. Direct elections for President of the Republic were demanded.

Brazil returned to democracy. So many years and so many fights later it is possible – at least to some – to repeat what Saldanha Marinho had said about the then new Republic: "Not the Republic of my dreams". In my view, ours also are not the Republic and Democracy of our dreams. They require changes and it's up to the new generations the duty of changing them and responsibility for improving them.

On March 21, 2013 – therefore, 54 years after the military coup – I received a document from the Amnesty Commission of the Ministry of Justice, whose summary, textually, I request permission for reproducing here:

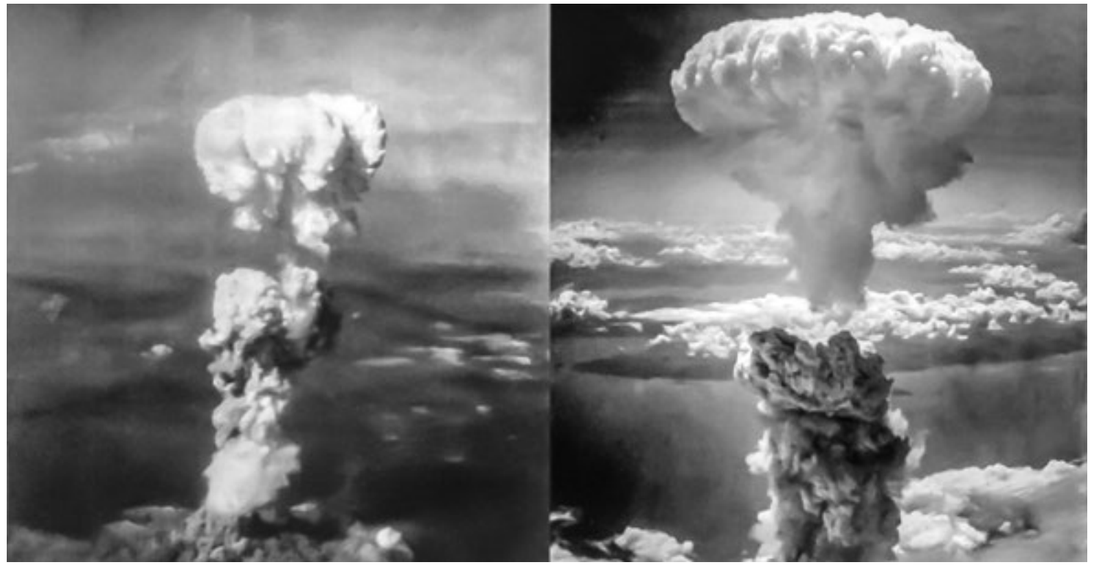


Foto: Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

Explosões em Nagasaki e Hiroshima são marcas horrorosas da história da humanidade. Estima-se que cerca de 140.000 pessoas morreram em Hiroshima e 80.000 em Nagasaki, além das mortes ocorridas posteriormente aos ataques em decorrência da exposição radioativa.

No dia 21 de março de 2013 – e, portanto, 54 anos depois do golpe militar – recebi, da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, um documento cuja síntese, "ipsis literis", peço permissão para aqui reproduzir: "Indubitavelmente, o Anistiando sofreu monitoramento ostensivo por parte do Estado, na medida em que a maioria das suas publicações eram encaminhadas ao DOPS para averiguação, e o mesmo, concomitantemente, tinha que se dirigir ao órgão para prestar esclarecimentos.

Assim, por decorrência lógica, não fica difícil supor que um cidadão que sempre está sendo obrigado a se dirigir a um reconhecido órgão de repressão para prestar esclarecimentos, sofra constrangimentos e retaliações de várias espécies, restando assim comprovado a perseguição de cunho político (…)

Assim, diante dos documentos que instruem o presente Requerimento de Anistia, e em decorrência da comprovação da imprescindível motivação exclusivamente política (…) opino pela "Declaração de anistiado político, oficializando em nome do Estado Brasileiro o pedido de desculpas ao sr. Cecílio Elias Neto".

"Undoubtedly this Amnestied had been subject to ostensive monitoring by the State, since most of his publications were forwarded to the DOPS for scrutiny and, at the same time, he had to present himself at the agency for clarifications.

Thus, by logic, it is not hard to assume that a citizen who is, all the time, forced to report to a recognized enforcement agency in order to provide clarification, is subject to constrains and retaliations of various kinds, therefore evidencing political persecution (…)

Thus, in view of the documents supporting this Request of Amnesty, and as a result of the indispensably attestation of solely political motivation (…) I vote for a "Statement of Political Amnesty and to make official, on behalf of the Brazilian State, an apology to Mr. Cecílio Elias Neto".

I ask myself: amnesty for what, why an amnesty? No one who fights against dictatorships and tyrannies should be amnestied but has the right of waiting for time to open the path of justice.

Pergunto-me: anistiado de quê, anistiado por que? Ninguém que luta contra ditaduras e tiranias há que ser anistiado, mas tem o direito de aguardar que o tempo abra o caminho da justiça. Creio não haver justiça quando se anistiam, ao mesmo tempo, inocentes e culpados, torturadores e torturados. Nunca esperei recompensas pelas lutas que fiz obrigado pela minha consciência. Nem reclamei jamais de prejuízos e perseguições, de perdas e danos.

No entanto – quando estou em fase de minhas cerimônias de adeus e 50 anos depois – recebo o maior de todos os presentes, o mais belo dos prêmios, a mais emocionante e gratificante das recompensas. Não foi o "pedido de desculpas do Estado Brasileiro". Mas uma carta eletrônica de meu filho Marcelo Fuzeti Elias, que emoldurei em minha parede, como bênção para minha vida. Recebi-a no dia 26 de março de 2013, logo após a decisão da Comissão de Anistia. Comovido, peço permissão para divulgá-la:
"Pai, o que mais um homem pode querer da vida?
Você construiu uma família maravilhosa!
Olhando de perto, poucas são assim.
Você viveu tudo o que viveu e teve tempo para tudo. Para as suas convicções, para nós, para as pessoas e, também, teve o melhor dos tempos: o tempo de colher tudo isso. Você viu seus filhos se tornarem boas pessoas, você viu a mudança que o país passou com a contribuição do seu suor; você resistiu a todas as dores e sofrimentos dos tempos mais duros (que para nós, filhos, eram só diversão. Olha que mágico!) Mas o melhor de tudo é que você também teve tempo de ver o reconhecimento por tudo isso. Parabéns por toda a nossa vida. Muito, muito, muito obrigado por seu meu pai! Beijo enorme".

Conto esta história para – utilizando essa oportunidade única – pedir, humildemente, em nome dos piracicabanos e, por que não?, dos brasileiros – perdão a nossos amigos japoneses. Pelas perseguições e severas restrições que aqui sofreram durante a Segunda Guerra Mundial; pela proibição do ir e vir; pela disseminação de quaisquer escritos; pelo confisco de bens – tola atitude – decretado por Getúlio Vargas. Enfim, desculpas por todo esse clima de tensão e angústia que envolveu a colônia nipônica no Brasil, na época da Segunda Guerra.

I believe there is no justice when, at the same time, the amnesty is granted for both innocent and guilty, for torturers and tortured. I never expected rewards for the fights I entered, forced by my conscience. Neither have I ever complained of losses and persecution, of losses and damages.

However – now that I am into my farewell ceremonies and 50 years later – I'm given the greatest of all gifts, the most beautiful of all prizes, the most touching and gratifying of all awards. It wasn't the "apology from the Brazilian State". But an electronic letter from my son Marcelo Fuzeti Elias, which I had framed and hangs on my wall, as a blessing for my life. I got in on March 26, 2013, soon after the decision of the Amnesty Commission. Moved, I beg for permission to reproduce it:

"Dad, what else can a man want from life?
You have built a wonderful family!
Looking closely, few are like that.
You have experienced all you have lived through and found time for everything. For your beliefs, for us, for people. Also, you had the best of all times: time to harvest it all. You have watched your children become good people, you saw the changes the country went through with the contribution of your sweat; you withstood all the pain and suffering of the hardest times (that to us, children, were just amusement. Look, what a Magic!). But the best of all is that you had time to witness the recognition of all that. Congratulations for all our life. Thank you very, very, very much for being my father! A huge kiss."

I tell this story to humbly ask our Japanese friends – using this unique opportunity – for forgiveness on behalf of Piracicabans and, why not? of Brazilians? For the persecution and severe restraints they suffered here during the Second World War; for the prohibitions of coming and going; for the dissemination of writings; for the forfeiture of assets – foolish attitude – decreed by Getúlio Vargas. Ultimately, apologize for all that climate of tension and anguish that befell the Japanese colony in Brazil at the time of the Second World War.

Paris: sorveteria mais famosa de Piracicaba é de família japonesa.

A sorveteria mais famosa de Piracicaba tem mais de 60 anos de tradição japonesa. Mas seu nome – Paris – não revela essa marca. "Por que Paris e não Tóquio?" é a pergunta que arranca uma gargalhada de Cleide Aruyo Anraku, viúva de Kenji, muito conhecido na comunidade japonesa por presidir o Clube Nipo-Brasileiro, e que cuidou da sorveteria até sua morte, em 2015. "É porque quando meus sogros compraram, nos anos 50, já tinha esse nome e eles não quiseram mudar", conta. A antiga Paris ficava na Rua Prudente de Moraes, esquina com a Praça José Bonifácio, onde hoje existe uma agência bancária. Logo o local ficou pequeno e, desde 1962, está na Rua Santa Cruz, esquina com a Rua Marechal Deodoro. "Antes era um bazar da família, que eu tomava conta. Fechamos e abrimos a sorveteria", lembra. O sucesso vem desde o começo, "graças a Deus", expressão que Cleide usa várias vezes. "Quando eu ficava junto com meu marido, várias vezes a gente só ia para casa depois das duas da manhã", lembra. A sorveteria sempre foi ponto de encontro de jovens, mas atrai gente de todas as idades. O segredo do sucesso? "Acho que não existe isso, é dedicação mesmo, fazer bem feito", afirma. "Acontece que a maioria dos japoneses é disciplinada", acredita Cleide. Quando os Anraku compraram a Paris, a sorveteria nada tinha de especial. Foi criando fama com o tempo. E o ramo de sorvetes surgiu sem planejamento, pois tanto os Anraku quanto a família dela, os Teramoto, trabalhavam com tinturaria. "Meu pai, Arudi, veio do Japão para trabalhar com os irmãos, que já estavam aqui, num bar em Rio Claro. Depois é que ele veio para Piracicaba", recorda. Foi assim que as duas famílias se uniram. "Eu fiquei casada 45 anos com o Kenji e tivemos quatro filhos. Pelo sistema japonês, o mais velho, Carlos, é quem agora toma conta dos negócios", diz Cleide. É ele também quem cuida da lista de sabores oferecidos pela Paris. Hoje são mais de 30 no cardápio. "O mais procurado é o de chocolate suíço. Outro famoso é o de chantimallow, uma mistura de chantili com marshmallow. O piracicabano gosta de coisa bem doce", destaca. Carlos procura criar novas opções de sorvete, por meio de pesquisas que faz na internet. "Recentemente ele bolou um sorvete de cerveja, mas ainda não foi incluído. Meu outro filho achou que ainda não estava bom", explica.
Toda a prole está envolvida na administração. Alexandre, o segundo filho, toma conta da filial da Paris na Vila Rezende. Renato, o terceiro, trabalha na fábrica, que fica a poucos metros da sede. Ele e a irmã caçula, Kátia, nasceram com problemas de visão, o que não os impede de levar vida produtiva. "Eles têm mancha no nervo ótico, o mesmo problema do filho do Roberto Carlos, o Dudu. Ele até me indicou um médico do exterior, mas não tem cirurgia que conserte", revela.
São questões que não afetam o bom humor de Cleide, conhecida pelo jeito expansivo. "Falam que japonês é fechado. Se for assim, eu sou uma japonesa do Paraguai!", diverte-se. Ela conta que basta chegar à sorveteria para "agarrar na prosa" com todo mundo. E, quando se senta no banquinho que fica em frente, mexe com todo mundo que passa. Parece bem diferente da irmã, Lola, recentemente falecida, e que ficou famosa, até com uma comunidade dedicada a ela na extinta rede social Orkut. Tudo por causa do jeito sério com que recebia todo cliente, com a frase: "Uma bola ou duas bolas?" "Ah, eu me diverti muito com isso, achei muito engraçado. Mas eu, que convivia com ela, digo que ela só parecia mal-humorada. Se você brincasse com ela, ela brincava também", diz Cleide que, agora aposentada, gosta de ir ao Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba e de frequentar cursos de culinária. "Não que eu goste muito de cozinhar. Eu vou mais pra bagunçar, conhecer gente nova e dar risada!".

Foto: Davi Negri

Cleyde Aruyo Anraku e o filho Carlos Eduardo Anraku recebem a homenagem póstuma a Kenji Anraku, na Câmara Municipal.

MARIO PASTELÃO: EDUCAÇÃO EM PRIMEIRO LUGAR.

A maior identificação entre piracicabanos e japoneses é o amor pela sua terra. Tal como um filho ausente a suspirar por ti, os japoneses – mesmo distantes – também cantam e propagam suas origens.

Kazuo Miyazaky é o nome civil de nosso personagem, o Mário Japonês ou Mário Pastelão, como também era carinhosamente chamado, por fundar, em Piracicaba, uma pastelaria que logo se transformou em coqueluche na cidade: O Pastelão, onde se fazia o melhor pastel do mundo.

Nascido no Japão, na Ilha de Kiychuo, província de Fukuoka, em 6 de junho de 1924, era filho de Ginjiro Miyazaky e de Tatsuo Miyazaky. Chegou ao Brasil no dia 15 de novembro de 1929, após viagem de 58 dias no navio Kanagawa-Maru, ao lado dos pais e das irmãs Chiyoka, Misao e Teruko, estabelecendo-se na Fazenda Pau D´Alho.

Com o pouco dinheiro que conseguiram economizar no período de dois anos, arrendaram um terreninho e foram plantar por conta própria. Após uns três anos, adquiriram um terreno de 7 a 8 alqueires, plantando algodão e batatinha. Em Piracicaba, seus pais tiveram mais cinco filhos. Na cidade, Mario fez um pouco de tudo. Vendia seus produtos no Mercadão, montou o Bar Esportivo (em frente ao Teatro São José), o Líder Bar (Rua Governador Pedro de Toledo, esquina com a Rua São José), uma loja de auto-acessórios (também, na Rua Governador) e o famoso Pastelão, com duas lojas em Piracicaba, uma em Araraquara, uma em São Paulo e duas no Rio de Janeiro. "Pensava que seria o McDonald´s do pastel, mas acabou não dando certo. Com o Plano Real, deu tudo errado". Com 22 anos, Mario se casou com Eiko Kanamaru, com quem teve quatro filhos. Foi, durante duas gestões (de 1986 a 1992), presidente do Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba. Faleceu em 20 de fevereiro de 2014.

Entre tantas histórias, Mario repetia uma a exaustão. Contava – com orgulho – sobre uma frase que ouvira de sua professora, Dona Avelina: "Aonde vai um imigrante italiano logo ele constrói uma igreja; aonde vai um imigrante japonês, ele constrói uma escola".

PASTRY MÁRIO: EDUCATION IN THE FIRST PLACE.

The greatest commonality between Piracicabans and Japanese is love for their land. Like an absent son sighing for you, the Japanese – even when far away – also sing and prize their origin.

Kasuo Miyazaky is the civilian name of our personage, aka Japanese Mário or Pastry Mário, as was also known affectionately the founder, in Piracicaba, of a pastry shop that soon turned into a whooping success in the city: O Pastelão (The Big Pastry), where the best pastry in the world was offered.

Born in Japan on the Island of Kiychuo, Fukuoka Province, on June 6, 1924, he was son of Ginjiro Miyazaky and Tatsuo Miyazaky. He arrived in Brazil on November 15, 1929, after a 58-day sea-voyage aboard the Kanagawa-Maru, with his parents and sisters Chiyoka, Misao and Teruko. The family settled in the Pau D´Alho Farm, where they earned almost no pay. One must also recall the terrible crisis brought on the whole world by the 1929 recession.

With the little money they managed to save in a two-year period, they leased a small plot and began planting on their own. After some three years, they leased a 7 to 8 alqueires plot, there planting cotton and potato. In Piracicaba, his parents had five more children. When 22, Mario married Eiko Kanamaru, with whom he had four children, nine grandchildren and three great granddaughters.

In the city, Mario did a bit of everything. He sold his produce in the Municipal Market, established the Bar Esportivo (in front of the São José Theater), the Líder Bar (Governador Pedro de Toledo Street, at the corner with São José Street), a car-parts shop (also on the Governador) and the famous Pastelão, with two shops in Piracicaba, one in Araraquara, one in São Paulo and two in Rio de Janeiro. "I thought I would be the McDonald´s of pastries, but it didn't work out. With the Real Plan, everything went astray". He was the Chairman of the Japanese-Brazilian Club in Piracicaba for two terms.

Foto: Acervo Família Miyazaki

O casamento de Mário Miyazaki com Eiko, em 1946, reuniu a nata das famílias japonesas em Piracicaba.

Recordava, também, que nenhuma das medidas tomadas pelo governo brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial doeria tanto na alma japonesa quanto a ordem de fechamento das escolas de seus filhos. Nem tanto pela alfabetização, que até poderia ser realizada em outra língua, mas, sim, pela privação do aprendizado do Yamato Damaschi – a doutrina do espírito nipônico e qualidades nobres da alma, que, no Japão de outrora, era sinônimo de coragem, lealdade e bravura, características marcantes de um samurai.

Neste período, Mario sofreu muito com o preconceito: "Não se vencem preconceitos com leis. O que nos ajudou muito foi a educação milenar do japonês de ser humilde, trabalhador e honesto. Neste momento, a pessoa tem que mostrar o seu valor. Foi o que os japoneses fizeram. Para ser respeitado tem que ser rico ou então ter estudado. Hoje, 70% dos netos dos japoneses são universitários", dizia.

Essa preocupação com a educação rende frutos até os dias de hoje. De acordo com uma pesquisa feita pela USP e UNESP, os nipo-brasileiros, que são 1,2% da população da cidade de São Paulo, representam 4% dos inscritos no vestibular e cerca de 15% dos aprovados.

Among so many stories, there was one Mario repeated up to exhaustion. He told – proudly – about a sentence he had heard from his teacher, Mrs. Avelina: "Wherever an Italian immigrant goes, he soon builds a church; wherever a Japanese immigrant goes, he builds a school".

He recalled, too, that none of the measures taken by the Brazilian Government during the Second World War brought so much pain to the Japanese heart as the order to shut down the schools for their children. Not so much for alphabetization, that could, after all, be conducted in another language, but due to them being deprived from the learning of the Yamato Damaschi – the doctrine of Japanese Spirit and of the noble qualities of the soul, which in the Japan of yesteryear were synonymous with courage, loyalty and bravery, the outstanding characteristics of a samurai.

During that period, Mario suffered a lot with prejudice: "Prejudice is not defeated with laws. What really helped us was the ancient Japanese education of humbleness, hard work and honesty. At times like those, one has to show his stuff. And that's what the Japanese did. To be respected, you must be either rich or be learned. Today, 70% of the grandchildren of those Japanese have university degrees", he used to say.

Nas carreiras mais concorridas, como Medicina e Engenharia, eles chegam a representar, em média, 15% e 20% dos estudantes matriculados, respectivamente. Segundo dados do IBGE, 28% dos nipo-brasileiros possuem o ensino superior completo, enquanto a média nacional de jovens está em aproximadamente 8%. O bom desempenho desses estudantes deve-se ao fato de os japoneses carregarem valores como a disciplina, o respeito à hierarquia, o esforço e a dedicação, além do sentimento de que a melhor maneira de ascender economicamente é por meio da educação.

A escola era uma das principais instituições em comunidades japonesas agrícolas. O nissei devia receber educação japonesa, para ser um japonês. A escola, portanto, cumpria o papel de formar o nissei segundo os preceitos da educação japonesa, informá-los sobre o Japão e transmitir disciplina (o governo japonês também enviava fiscais para observar a situação das colônias, além de aconselhar as comunidades em seus afazeres e ensino nas escolas).

Segundo dados da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, em relação aos imigrantes que desembarcaram no Porto de Santos entre 1908 e 1932, maiores de 12 anos, a taxa de pessoas alfabetizadas era de 89,9% entre os japoneses; 71,36% entre italianos e 51,7% entre os portugueses.

Em Piracicaba, as famílias japonesas nunca pouparam esforços para a educação dos filhos, e um dos maiores orgulhos são os diplomas universitários, em escolas de alto nível, em diversas profissões, obtidos pelos seus descendentes.

Um fato pitoresco marcou as andanças de Mario por Piracicaba. Obteve brevê de piloto e – em momentos de traquinagens, nada normais para um japonês – passava com o avião embaixo da ponte de ferro de Artêmis, assustando os pescadores, que chegavam até a pular do barco para a água. Inconformado, um deles o procurou para tirar tudo a limpo: queria, a todo custo, brigar com ele.

Kazuo Miazaki – nosso inesquecível Mário Japonês – foi um semeador de alegria e cantor da vida entre os piracicabanos.

That concern with education yields fruit even in current times. According to a survey conducted by the USP and UNESP, Japanese-Brazilians make up 1.2% in the population of São Paulo City, yet they are 4% in the enrollment for entrance examinations to the universities and around 15% of the approved. In the most sought-after careers such as Medicine and Engineering they comprise, in average, respectively 15% and 20% of the enrolled students. According to the IBGE data, 28% of the Japanese-Brazilians have full university degrees, against a national average of around 8%. The outstanding performance of those students is due to the Japanese imbedded values such as discipline, respect for hierarchy, effort and dedication, in addition to a feeling that the best way to rise economically is through education.

Schools were one of the major institutions in agricultural Japanese communities. A nisei should be given a Japanese education, in order to be a Japanese. School, therefore, had the role of forming the nisei according to the precepts of Japanese education, advise them about Japan and transmit discipline (the Japanese government also sent supervisors to observe the situation of the colonies and advised the communities on their chores and on the teaching at schools).

According to records of the São Paulo Secretariat of Agriculture on immigrants over 12 years old disembarking in the Port of Santos between 1908 and 1932, the rate of literate people was 89.9% among Japanese; 71.36% among Italians and 51.7% among Portuguese.

In Piracicaba, the Japanese families never spared efforts for the education of their children and one of their greatest pride is the University Diplomas from high level schools, in various professions, obtained by their descendants.

A picturesque fact marked the wanderings of Mario in Piracicaba. He took a pilot course and in moments of romps – quite unusual for a Japanese – he flew his plane under the iron bridge at Artêmis, scaring the anglers who, at times, even jumped overboard. One of them went to the Aeroclub "to set the record straight": he wanted, at all costs, to fight it out with him.

Kasuo Miyazaki – our unforgettable Japanese Mário – was a sower of joys and a singer of life among Piracicabans.

Icizuca lembra as dificuldades e o barraquinho de pau a pique

Imagine você estar num país estranho, comprar cinco alqueires de terra para poder se estabilizar, e descobrir depois que adquiriu um pedaço de mata virgem. Foi o que aconteceu com Gynnie e Sata Icizuca, os pais do engenheiro e escritor Toshio Icizuca, que nasceu em Londrina e mora em Piracicaba há mais de 30 anos.
"Eles descobriram que não tinham onde ficar. Por sorte o fazendeiro do lado teve dó e os deixou ficar durante um tempo, até que eles conseguissem fazer uma clareira e erguer um barraquinho", lembra Toshio. Foi assim que os pais do escritor atuaram literalmente como desbravadores da cidade paranaense quando lá chegaram, em 1934, época em que Londrina não passava de uma vilazinha.
Típico do espírito de aventura e do senso de resistência de ambos, Toshio conta que os pais não vieram para cá sem saber nada sobre o país. "Ao contrário, eles se matricularam numa escola de imigração, uma instituição que preparava os futuros imigrantes para conhecer sobre o país em que queriam viver. E eles escolheram o Brasil", enfatiza.
Naquele tempo, o Japão vivia grave crise econômica. Gynnie, o pai, trabalhava com um caminhãozinho de mudança, e Sata, a mãe, queria ser professora, mas os pais não tinham condições de mantê-la numa escola. A vida em outro país lhes pareceu a saída. Foram apresentados pelo diretor da escola de imigração, que foi o padrinho do casamento.
Logo, em 1933, encararam a aventura da viagem em navio, que durou 45 dias. O irmão mais novo do pai veio junto.
Logo depois de chegar, estavam em uma fazenda em Penápolis. "Foi um impacto porque nunca tinham visto nada assim. Eles sofreram porque a comida era diferente, o modo de vida, tudo. Nem sabiam como preparar arroz com feijão. A principal dificuldade era o idioma. Tudo era difícil, o trabalho na lavoura era algo que nem sabiam, retirar café do pé, juntar com rastelo. Os funcionários da fazenda reconheciam as dificuldades deles e eram bastante atenciosos. Já os donos da fazenda nem apareciam", recorda Icizuca.
Terminada essa fase, viveram a aventura em Londrina, quando o pai viu um anúncio no jornal japonês da cidade e comprou a terra, com as economias que trouxe do Japão, sem ter ideia do que era. "Moravam pertinho do rio, para pegar água, e começaram a derrubar a mata. Foram fazendo aos poucos. Cortavam um pedaço de mata, queimavam e depois faziam plantação. Começaram a plantar café e outra parte para subsistência deles, para poderem comer", conta. Toshio foi o terceiro dos cinco filhos do casal, o último a nascer no barraquinho de pau a pique. Depois, a vida foi melhorando aos poucos e construíram uma casa maior, numa parte mais alta. A lição de resistência ficou para ele. "Meus pais foram literalmente desbravadores", destaca.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Cronista dos anos duros

A cena ficou marcada até hoje na memória de Toshio Icizuca. A família escutava música de um jeito diferente. A vitrola antiga, um gramofone de dar corda, era colocada numa grande caixa de arroz e eles ouviam os discos japoneses por meio de um buraco feito na tampa. Só tinham direito a ouvir aquele som abafado. "É que, no tempo da Segunda Guerra Mundial, havia uma proibição oficial de se falar japonês em público, assim como de ouvir canções nipônicas", destaca.
Acontece que os japoneses ficaram do lado "errado" do conflito, aliados de Alemanha e Itália. E eram mais facilmente identificados. "Quando eu tinha oito anos, fui hostilizado verbalmente na escola. Me chamavam de 'japonês sem vergonha' ou de 'quinta coluna, amigo de Hitler'. Aquilo me doeu muito. Cheguei a me perguntar: por que eu tinha de ser japonês?", reconhece.
Dessa insegurança infantil nasceu, mais tarde, em contrapartida, o desejo de reafirmação da sua origem. Toshio queria contar a história de seus antepassados. Mas teve de se preparar aos poucos. Formado engenheiro e trabalhando em São Paulo, viu que era técnico. "Eu tinha muita dificuldade em escrever. Não conseguia fazer cinco parágrafos sem cometer um erro. Então, comecei a ler Seleções, como um primeiro passo. Depois entrei para o Clube Boa Leitura, que mandava pelo correio um livro por mês", conta. Foi tomando gosto pela leitura e depois pela escrita. Pois entende que só escreve bem quem lê muito.
Desenvolveu o lado escritor em Piracicaba, cidade aonde chegou em 1980, para trabalhar como engenheiro na Itelpa. Passou a escrever colunas em jornais locais, depois entrou em contato com o Paraná Shimbum, jornal de Londrina, escrito em japonês. Já publicou mais de 130 artigos com as histórias que ouviu ou viveu.
Ao mesmo tempo, em Piracicaba, cidade que adotou como sua, atuou na administração municipal, é membro do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba) e teve desempenho marcante no Clube Nipo-Brasileiro, como técnico de beisebol, além de preparar um livro, com o título provisório De Tudo um Pouco, em que destacará histórias dos primeiros imigrantes. "Tenho esse espírito aventureiro do meu pai. Acho que essa é a herança japonesa, também a disciplina e o respeito ao próximo. Misturei as duas culturas", define.

OSCAR NISHIMURA, UM IMIGRANTE PERSISTENTE.

Musashi Nishimura, conhecido como Oscar, e que, por 15 anos (de forma intercalada), presidiu o Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba, rodou muito por terras brasileiras até chegar a Piracicaba.

Com 20 anos de idade, o jovem Oscar desembarcou no Rio de Janeiro no dia 31 de maio de 1933, integrando um grupo de 56 estudantes que deixava no Japão a crise do desemprego. Seguiu para a região Amazônica, onde trabalhou na plantação de juta (as mudas vieram da Índia e do Paquistão), cacau e seringueira, num período aproximado de dois anos. Plantou repolho em Suzano (SP) e tomates, num sítio que comprou em 1935, na cidade de Mogi das Cruzes (SP).

De lá foi para Piraí (SP), onde aprendeu a "queimar carvão", passando, ainda, por Santa Bárbara do Rio Pardo, onde plantou algodão; pela capital paulista, onde montou uma equipe de luta livre percorrendo as cidades do Interior. Suas andanças continuaram por Marília e Rio Claro – onde, em 1941, conheceu a jovem Eku Komatsu, também imigrante japonesa, com quem se casou – até chegar a Piracicaba.

O casamento com Eku, conhecida como Dona Lourdes, foi intermediado pelo tio dela, Yabuki, com Oscar conhecendo sua noiva apenas no dia do casamento. Seus pais moravam num sítio em Pau Queimado, o que facilitou a vinda do casal para Piracicaba, onde tiveram seis filhos.

Em solo piracicabano, Oscar queimou carvão na Chácara Nazareth até decidir abraçar o comércio local (teve pastelaria, quitanda, bar, restaurante). No Clube Nipo-Brasileiro, além de presidente, atuava como professor de judô, uma forma de enraizar os costumes japoneses e a cultura nipônica aos jovens associados.

Com a venda do restaurante – e já aposentado – conseguiu realizar o sonho de voltar a colocar os pés no Japão. Ao lado da esposa foram rever amigos e parentes, e matar a saudade dos lugares.

OSCAR NISHIMURA, A PERSISTENT IMMIGRANT.

Musashi Nishimura, known as Oscar, who was President of the Japanese-Brazilian Club of Piracicaba for 15 years (in non-consecutive terms), roamed about Brazilian lands quite a lot before arriving in Piracicaba.

He disembarked in Rio de Janeiro on May 31, 1933, 20 years old, part of a group of 56 students who had left Japan due to an unemployment crisis. Proceeding to the Amazonian region, he worked in the cultivation of jute (the seedlings came from India and Pakistan), cocoa and rubber trees for about two years. He planted cabbage in Suzano (SP) and tomatoes in Mogi das Cruzes (SP), in a small farm he bought in 1935.

From there, he moved to Piraí (SP), where he learned to "burn coal" and spent some time in Santa Bárbara do Rio Pardo, where he planted cotton; then, in the Capital City of São Paulo, where he set up a wrestling team that traveled the Countryside towns. His wanderings continued through Marília and Rio Claro – where in 1941 he met a young girl, Eku Komatsu, also a Japanese immigrant whom he took as his wife – until arriving in Piracicaba.

The marriage with Eku, known as Mrs. Lourdes, was intermediated by her uncle Yabuki, with Oscar meeting his bride only on the marriage day. Her parents lived in a small farm in Pau Queimado, making it easier for the couple to move to Piracicaba, where they had six children.

In Piracicaban soil Oscar burned coal at the Chácara Nazareth until deciding to embrace the local commerce (he owned patisserie, grocery, bar, restaurant). At the Japanese-Brazilian Club, in addition to being its President, he taught judo, a way of rooting Japanese costumes and culture into the enrolled youngsters.

With the sale of his restaurant – and already retired – he succeeded in fulfilling his dream of setting foot on Japan once again. With his wife, they met friends and relatives and revisited the places of old times.

Joana fala sobre o pai Oscar com muito orgulho

Formada em Economia e Administração de Empresas, Maria Joana Nishimura trabalhou muitos anos na Receita Federal e na Secretaria Estadual da Fazenda. Hoje deixou de lado os números para atuar em terapias orientais. Coisas da herança nipônica. Afinal, é filha de um homem dinâmico e que marcou a boemia piracicabana, além de ser dono de um temperamento ao mesmo tempo forte e expansivo. O nome dele era Musashi Nishimura, mas em terras piracicabanas ficou conhecido como o Oscar do Bar Alvorada. Chegou ao Brasil em 1933 e, ao contrário de outros imigrantes, tinha muitas informações sobre o país. "Ele era estudante, tinha feito um curso de colonização no Japão. Ele já veio preparado, sabia muitas coisas sobre o Brasil e foi morar no Amazonas", lembra Joana. Era de Nagasaki, cidade que ficou tristemente famosa por ser onde foi lançada a segunda bomba atômica pelos americanos, e que decretou a rendição japonesa na Segunda Guerra Mundial. Mas quando isso aconteceu, Musashi, ou Oscar, já estava estabelecido por aqui. "Ele veio de uma região católica e, como tinha um amigo que já estava aqui e era bastante envolvido com religião, passou antes na Bahia e foi até recebido pelo bispo. E isso era uma coisa muito importante", conta.

Foto: Davi Negri

Maria Joana e Valdiza Capranico, presidente do IHGP

A temporada amazônica não durou muito, por conta de problemas com o convênio de imigração entre os dois países. Chegou a Piracicaba em 1941, onde teve várias funções antes de marcar o comércio da cidade. "Primeiro ele foi carvoeiro na Chácara Nazareth, isso já na época da Segunda Guerra Mundial, onde se usava o gasogênio", explica Joana. Gasogênio era um sistema diferente de abastecimento, utilizado como quebra-galho para suprir a falta de gasolina nos tempos do conflito. Nishimura iniciou a atividade comercial como pasteleiro no Mercado Municipal, até se tornar dono de bar. O primeiro estabelecimento se chamava Giocondo. Apesar de ser pequena, Joana tem recordações daquela época. "Antes ficava na frente do Teatro São José, depois foi para a Praça José Bonifácio. A cidade era mais tranquila, não havia tantos restaurantes, por isso acabou tendo tanto destaque", acredita. Joana conta que o segundo, Alvorada, já na Praça, era lugar agitado, e que atraía estudantes e intelectuais. "Eu me lembro que os estudantes da Agronomia e da Odontologia cantavam e faziam desafios de uma turma para outra. Era como se fosse o nosso cururu", diz. Também era ponto de encontro da torcida do XV, num período em que o time de futebol estava em alta e a cidade chamava atenção de turistas de vários pontos do Brasil. O hino informal do time, o famoso Cáxara de Forfe, era muito cantado por lá. "O cardápio era simples, os destaques eram o pernil assado e dourado, que era muito gostoso", recorda-se Joana.

A culinária japonesa nem tinha destaque, e Oscar só foi fazer alguns pratos quando alguns técnicos japoneses vieram trabalhar na Dedini. O Alvorada ficou na Praça José Bonifácio até 1976, durou mais de 30 anos. Segundo ela, com o vizinho também famoso, o restaurante Brasserie, havia mais amizade do que rivalidade. Oscar sempre falava sobre a maior dificuldade encontrada pelos japoneses no Brasil: a linguagem. E, brincalhão, lembrava de um fato pitoresco: "Um japonês entrou num armazém e, na tentativa de comprar o que queria, utilizava gestos com as mãos. O comerciante não entendia nada e – irritado – o japonês fez um desabafo: 'bacaiarô', que quer dizer bobo. Aí o negociante não teve dúvida e entregou-lhe um bacalhau".

Além do comércio, Oscar foi um dos presidentes do Clube Nipo-Brasileiro e tinha a preocupação de unir a colônia na cidade. "Meu pai tinha tanta amizade! Ele era muito sociável, participava de qualquer setor. Não era só com japonês. E era em várias áreas: educativa, jurídica, policial", destaca. Joana diz que procura seguir esse exemplo. "Acho que nós, os japoneses, temos muita persistência, lutamos pelo que a gente quer. Outra coisa importante é a honestidade. Procuramos também ser mais discretos. Mas acho que as questões principais são a disciplina e o respeito ao próximo".

O "PARDAL" SATTO, HERÓI DO XV.

Certamente, deve ter sido trauma infantil, medo de morrer vítima das horrendas e homicidas bombas atômicas lançadas sobre o Japão. Com certeza. Pois, ainda hoje, bombas me assustam. Sequer com fogos de artifício brinquei. E, em toda a minha vida, jamais tive uma arma na mão.

O fato é que – quando via o Satto e me via próximo dele – eu sentia um misto de admiração e de incompreensão. Ele era um dos nossos heróis, os primeiros campeões do interior paulista a ingressar, com o "Nhô Quim", na elite do futebol da chamada Primeira Divisão do futebol paulista.

Como era possível? Japonês, campeão pelo XV, ressuscitado do massacre? Seria, o Satto, uma assombração?

Quando fico a pensar naquilo que vi, nos nossos quarteirões centrais, rendo, ainda mais fartamente, graças ao Criador e à Vida. O mundo estava lá. Lá, era o mundo. Mas eu sequer imaginava a crueldade da guerra, motivos, causas, atrocidades, vinganças. Eu apenas enxergava e sentia aquele meu pequeno e encantador mundo, do qual Satto também fez parte. Ele era o craque e um ídolo esportivo. Satto, o japonês que estudava na Escola Agrícola, era um dos primeiros nikkeis, no Brasil, a se tornar agrônomo com diploma universitário. E tornava-se, também, o primeiro japonês de Piracicaba – e, talvez, também no país – a ser campeão de futebol. Como era possível? Se os japoneses haviam sido "destruídos", ele deveria ser uma assombração. Ou, então, tinha ressuscitado. Pois, estava quase sempre passeando por aqueles nossos quarteirões.

Devo – quero – contar rapidinho. Naquelas calçadas e pracinhas, estavam os mais conhecidos bares e restaurantes de Piracicaba. O Bar Esportivo – não me recordo se do Mário Japonês, se do Oscar Nishimura, se de ambos – que nós, estudantes e esportistas, frequentávamos. Morávamos entre toda aquela adorável boêmia. E, com algo muito especial: Elias, zagueiro campeão, era primo de minha mãe, da família Sarkis; Idiarte – nosso ícone maior – namorava ou estava noivo de Vitória, outra prima, também Sarkis (a linda Vitória morreu ao partejar o primeiro filho).

SATTO THE "SPARROW", HEROE OF THE XV.

It certainly must have been a child trauma, fear of dying a victim of the horrendous and murderous atomic bombs dropped on Japan. For sure. For even today bombs scare me. Not even with firecrackers I have played. And in all my life I have never held a gun in my hands.
The fact is that – when I saw Satto and stood near him – I felt a mixture of awe and incomprehension. He was one of our heroes, the first champions of the Paulist countryside to enter, with the "Nhô Quim", the elite of football called the First Division of Paulist football.

How was that possible? A Japanese, champion of the XV, reborn from the massacre? Was he, Satto, a revenant?

When I recall what I have seen, in our downtown blocks, I render my thanks to the Creator and to Life even more strongly. The world was there. There was the world. But I didn't even imagine the cruelty of war, its reasons, causes, atrocities, revenges. I only saw and felt that small and charming world of mine, of which Satto was a part also. He was the star and a sport idol. Satto, the Japanese who studied at the Agricultural School, was one of the first "nikkei" in Brazil who became an agronomist with university degree. And he became also the first Japanese in Piracicaba – perhaps in the whole country – to be a football champion. How was that possible? If the Japanese had been "destroyed", he must have been a revenant. Or, otherwise, a reborn. For he was almost always walking by those blocks of ours.

I should – I want to – tell it swiftly. On those sidewalks and small squares, there were located the better-known bars and restaurants of Piracicaba. The Bar Esportivo (Sports Bar) – I don't recall whether belonging to Mário Japonês, to Oscar Nishimura, or to both – that we, students and sportsmen, patronized. We lived among all that lovely bohemia. And with something very special: Elias, the champion defender, was a cousin of my mother, from the Sarkys Fmily: Idiarte – our greatest idol – dated or was engaged to Vitória, another cousin, also Sarkys (beautiful Vitória died when giving birth to her first child).

Foto: Acervo Cecílio Elias Netto

Luiz Satto Junior, o grande Satto, nipo-piracicabano. Agrônomo, futebolista, "gentleman", com vida profissional brilhante. E "pardal". Pois, em Piracicaba, "pardal" é aquele que, para cá vindo, leva embora as moças bonitas. E o "pardal" Satto levou-nos a bela Carlinda Barbosa, com quem se casou e teve seis filhos: Liliana (médica), Luiz Carlos (advogado), Ubirajara (engenheiro civil), José Roberto (engenheiro civil), Maria Cecília (administradora de empresas) e Silvia Maria (advogada), vários netos e bisnetos. A paixão de Satto pelo XV, no entanto, era tanta que, em plena lua-de-mel, foi chamado a jogar futebol. Ia aceitando, mas Carlinda embraveceu e não deixou...

Carlinda morreu em 1994, encerrando 45 anos de feliz união. Passados alguns anos de viuvez e sentindo-se solitário, Satto – com aprovação de todos os filhos – passou a procurar uma companheira. Foi quando se lembrou de uma antiga namorada de Pindamonhangaba, cujo namoro havia sido interrompido quando ele veio para Piracicaba. Por coincidência, Clélia também estava viúva, o que resultou num novo e feliz casamento de Satto, então com 76 anos. A união perdurou quinze anos, até o falecimento de Luiz Satto Junior, em 11 de dezembro de 2013, aos 91 anos de idade, em Sorocaba. Ele foi sepultado em Piracicaba.

Satto foi "meia direita" – como se falava antes – do inesquecível ataque quinzista, que me está na memória: De Maria, Satto, Picolino, Gatão e Rabeca. Sua morte foi noticiada nos cadernos de esportes dos jornais de São Paulo por seus feitos no campo do XV e foi lembrado por ter sido autor do primeiro gol na inauguração do Estádio Moisés Lucarelli, na vitória por 3 a 0 em cima da Ponte Preta.

Luiz Satto Junior, the great Satto, Japanese-Piracicaban. Agronomist, football player, gentleman, with a brilliant professional life. And, a "sparrow". For, in Piracicaba, a "sparrow" is one who, upon coming here, takes away the pretty girls. And Satto ,"the sparrow", took away from us beautiful Carlinda Barbosa, whom he married, and they had six children: Liliana (physician), Luiz Carlos (lawyer), Ubirajara (civil engineer), José Roberto (civil engineer), Maria Cecília (business administrator) and Silvia Maria (lawyer), several grandchildren and great-grandchildren. However, Satto's passion for the XV was so huge that in the middle of the honeymoon he was requested to play football. He was about to agree but Carlinda was really angry and didn't let him...

Carlinda died in 1994, ending 45 years of a happy marriage. After some years of widowhood and feeling lonely, Satto – with the approval of all sons and daughters – started looking for a partner. That was when he remembered an old sweetheart in Pindamonhangaba, an affair discontinued when he moved to Piracicaba. Coincidentally, Clélia was widowed too and that led to a new and happy marriage at an age of 76. The marriage lasted fifteen years, until Luiz Satto Junior's death in December 11, 2013, 91 years old, in Sorocaba. He was buried in Piracicaba.

Satto was "right middle field" – as was said at the time – of the unforgettable attack of the XV, still in my memory: De Maria, Sato, Picolino, Gatão and Rabeca. His death was reported in the sports sections of São Paulo newspapers due to his achievements on the field of the XV and it was recalled that he had scored the first goal at the inauguration of the Moisés Lucarelli Stadium in the victory, by 3 to 0, against the Ponte Preta.

Nobuo e Takashi relatam as aventuras da família Otsubo

Aos 91 anos, Nobuo Otsubo sempre fala a respeito da boa imagem que teve do Brasil quando aqui chegou, há exatos 85 anos, em 1933. Com apenas seis anos, ele veio com os pais, Eizo e Shu – guarda o passaporte com a foto do pai e a sua, no colo da mãe – e foi direto para a região de Ribeirão Preto. "Nós fomos para a Fazenda Guatapará. Eu gostava de lá, a casa era boa, e o fiscal era um italiano, homem bom que ajudou a gente", conta.
Ao contrário de outros imigrantes, Nobuo não destaca as dificuldades desses primeiros anos. "Meus pais vieram para aventurar a vida. O trabalho era difícil, mas eles sabiam que seria assim", revela.
Depois de quatro anos, vieram para o Porto João Alfredo, como era conhecido Artêmis, trabalhar num sítio, primeiro com café e depois no cultivo do bicho-da-seda, onde o pai Eizo se destacou como líder da comunidade, chegando a presidir o Clube Nipo-Brasileiro.
Depois veio para a cidade, onde abriu o Mercadinho do Porto, à beira do Rio Piracicaba, junto com os irmãos, Issamu e Minoru. Encerrada a sociedade, em 1973, abriu um bar no Bairro Alto. Do casamento com Chioko, teve dois filhos, Oswaldo Massao e Edson Takashi. "Coloquei também nome brasileiro porque senão o padre não batizava", conta.
Na verdade, porém, ele sempre se sentiu brasileiro. "Eu gosto de tudo que é daqui. Como arroz com feijão, sushi só de vez em quando", afirma Nobuo, que hoje mora com o filho mais novo – o mais velho faleceu jovem, há mais de 20 anos. "Eu gosto muito de Piracicaba, o pessoal recebeu

Navio: RIO DE JANEIRO-MARU — Partida: 2/28/1933
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 4/16/1933
Fazenda: GUATAPARÁ — Estação: MONTEIROS

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
OTSUBO	EIZO	大坪	栄蔵
OTSUBO	SHU	大坪	しう
OTSUBO	NOBUO	大坪	伸夫
OTSUBO	JIICHI	大坪	初一

Foto:Acervo Família Otsubo

Nobuo Otsubo na comemoração dos 50 anos da imigração japonesa

a gente muito bem e nunca enfrentei preconceito nenhum", garante.
O filho até teve a ideia de oferecer uma viagem ao Japão, mas ele não se entusiasmou com a ideia. "Na verdade, meu pai, desde que chegou aqui se adaptou. Ele nunca pensou em voltar para o Japão", explica Edson Takashi, que há 33 anos é proprietário da Kami Papelaria, que tem duas lojas físicas e uma para atendimento corporativo em Piracicaba.
Formado engenheiro pela EEP - Escola de Engenharia de Piracicaba, ele nunca exerceu a profissão. "Acredito que me encontrei no comércio também por conta da influência do meu pai, que sempre teve essa vocação". Da genética nipônica, destaca outras características. "Penso em disciplina, educação. O japonês valoriza sempre os mais velhos. Isso é natural para a gente. Tem gente que se forma médico e se esquece que o pai trabalhou na roça para que ele estudasse", conclui.

Tem japonês no samba

A frase, claramente preconceituosa, costumava ser falada pelos "bambas" do samba carioca, num tempo com menos preocupação com o politicamente correto, quando alguma escola não ia bem na avenida. Pois em Piracicaba sempre teve japonês no samba. E ele fez o maior sucesso. Seu nome? Oswaldo Massao Otsubo.
"Meu irmão gostava muito de Carnaval, mas não era só de brincar. Ele apreciava o lado cultural da festa, de fazer enredo para o desfile", conta Takashi. Massao, como ele era conhecido na cidade – "e ele era muito conhecido, em todas as classes sociais", recorda o irmão – foi vice-presidente da Ekypelanka, escola de samba que marcou a época áurea dos desfiles piracicabanos. O presidente era José Maria Cassaniga, sogro dele, pai de Denise, sua viúva.
Terminada a fase da Ekypelanka, em 1980 ajudou a fundar a Caxangá, que também é lembrada até hoje. Do grupo criador, além de Cassaniga, José Medinilha Flórida e Décio Azevedo, entre outros, faziam parte Takashi e o primo Jorge Akira, hoje secretário Municipal de Trânsito.
"Os japoneses comandavam o samba", diverte-se.
Massao cuidava dos enredos, mas nunca desenvolveu algo relacionado à imigração japonesa, pois à época os temas tinham de ser totalmente nacionais. A passagem dele pelo carnaval piracicabano foi tão marcante que, após sua morte precoce, ele deu nome a um troféu que era oferecido pela Secretaria de Turismo para as agremiações vencedoras.
A perda do irmão, confessa Takashi, foi um golpe difícil de superar. "Fiquei perdido durante um tempo, porque ele era meu norte. A gente era muito unido", se emociona.

Foto:Acervo Família Otsubo

Massao Otsubo e amigos de folia carnavalesca

Massao faleceu em 1997, aos 43 anos, de tumor cerebral. "A doença começou primeiro no pulmão, ele operou e parecia curado. Daí voltou na cabeça e não houve mais jeito".
Além do Carnaval, Massao era conhecido na Escola Sud Mennucci, onde foi durante muitos anos o presidente do grêmio estudantil. Formou-se em Geologia pela Unesp de Rio Claro e trabalhou em Sorocaba, com poços artesianos e abastecimento de água da cidade. "Meu irmão era muito inteligente e foi um líder em tudo em que atuou. Ele não se abateu nem com a doença, reagiu ao sofrimento com tranquilidade. Esse foi o maior legado que nos deixou", define Takashi.

Família Mori: relojoaria, pastelaria e peixaria.

A família Mori é uma verdadeira "marca" no comércio de Piracicaba. O estabelecimento mais famoso foi a peixaria – que ainda existe com o mesmo nome no Mercado Municipal, embora sem a direção do núcleo original –, mas também houve relojoaria e pastelaria. Tudo resultado do empreendedorismo e da versatilidade.
A peixaria começou no final dos anos 1940, como lembra Imari Mori, o Mário, de 86 anos. O dono era seu tio, Mitsuo, conhecido na cidade como Milton. "Desde que ele deixou o sítio em que morava, trabalhou com peixaria. Ele começou em 1947, vendendo peixe com cestinha na rua. Pegava de um peixeiro que morava na Rua do Porto", lembra.
Não demorou muito para assumir um box no Mercado Municipal e abrir um frigorífico na Paulista, tornando-se uma referência no setor na cidade. "A peixaria durou mais de 50 anos, foi até os anos 2000. Foi sempre crescendo, até que a família optou por vendê-la", conta.
Mário Mori revela que essa dedicação ao comércio começou em outubro de 1929, quando boa parte da família deixou o Japão, onde era produtora rural, e desembarcou no Brasil.

Navio: HAWAII-MARU — Partida: 8/31/1929
Destino: SÃO PAULO — Chegada: 10/22/1929
Fazenda: PAU D'ALHO — Estação: PORTO JOÃO ALFREDO

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
MORI	TOSHIO	森	利男
MORI	KIKUE	森	キクエ
MORI	MITSUE/MISUE	森	美須枝
MORI	HISAE	森	ヒサエ

A primeira parada aconteceu na Fazenda Pau D'Alho, de lavoura de café, para onde foram os pais dele, Toshio e Kikue. "Eles trabalhavam como colonos e tiveram três filhos. Eu nasci na fazenda. Ele deixou no Japão uma lavoura que era como um jardim para encarar o trabalho bem mais pesado aqui no Brasil. Mas achava que iria ficar rico cedo. Estava enganado", afirma Mori.
Para complicar, logo começaram os efeitos da queda do café, resultado da quebra da Bolsa em 1929. Segundo Mário, o fazendeiro ficou em dificuldades financeiras e liberou os colonos para procurar outro pouso. Toshio Mori logo mudou de ramo. "Ele foi trabalhar no sítio de Juvenal Bueno, plantar algodão. Só entrava com os braços, com a mão de obra. Ficou um tempo até achar que dava para enfrentar sozinho. Aí foi para depois de Artêmis,

Fotos:Marcelo Fuzeti Elias e Acervo Família Mori

Imari Mori, o Mário, lembra com carinho da peixaria do tio, Mitsuo (na foto acima, ao lado de Koo Mori).

na estrada que vai para Águas de São Pedro, na Fazenda São Francisco". Foi outra experiência que não durou muito tempo, pois o dono das terras não quis arrendá-la mais.
O próximo alvo de Toshio foi a criação de bicho da seda, que estava em alta. Outro tiro na água. Até que comprou um pequeno sítio no bairro Congonhal, onde decidiu plantar tomate. Finalmente, teve uma época mais tranquila.
Quando Mário se casou, aos 25 anos, saiu do sítio, veio para a cidade e, também, encarou altos e baixos. "Eu dei muita cabeçada até me acertar", assume. Começou como mecânico de automóveis, mas não deu muito certo. "Então decidi abrir uma relojoaria. Fiquei mais tempo, 22 anos, mas logo vi que o setor começava a entrar em crise, isso ainda antes do celular, quando piorou de vez", conta.
No mesmo espaço da Rua XV de Novembro, bem no Centro da cidade, abriu uma pastelaria, embora não tivesse nenhuma experiência. "Eu nunca tinha fritado pastel, quem me ensinou foi o Susumu Sato", revela. Surpreendentemente, ou não, foi a sua melhor fase. "Peguei uma fase de vaca gorda, e consegui me dar bem". Tantas idas e vindas ensinaram a Mori a importância de ter paciência e ser resistente.

Foto: Acervo Família Yamanaka

Família Yamanaka (no destaque, MIkio e Áurea)

Yamanaka é da época em que os farmacêuticos eram mais procurados do que os médicos

No tempo em que os práticos de farmácia atendiam diretamente o público, ouviam seus problemas e indicavam soluções, Mikio Yamanaka, filho de japoneses, garantia o movimento da Farmácia do Povo, em Piracicaba. "O pessoal dizia que ele e o Zezinho, da Farmácia da Vila, eram mais procurados do que médicos", lembra a viúva de Mikio, Áurea Duarte Yamanaka.

Eram outros tempos, em que eles podiam indicar remédios, sem que a pessoa tivesse receita médica. Hoje tudo é mais controlado. "Eu acho que ele ficou famoso porque era atencioso, tinha paciência com o público e era bom naquilo que fazia", afirma Áurea, que conta ter vivido um bom casamento com o marido, até a morte recente dele, por conta de problemas cardíacos.

A relação, porém, teve de ser batalhada. A família de Mikio, no começo, não via com bons olhos o fato de ele querer se casar com uma brasileira. Aos poucos a resistência foi cedendo. A história da família do marido é também uma lição de coragem. Quando aqui chegou, em 16 de maio de 1924, o sogro Takao, já casado com Jue, foi para a Fazenda Guatapará, em Ribeirão Preto, trabalhar na lavoura de café, mas enfrentou uma barra pesada. "Ele ficou desesperado porque era professor em Wakayama, no Japão, e não entendia nada de plantação", lembra.

Aconselhado por amigos, resistiu, apesar de tudo. Mais tarde, em Cafelândia, começou a dar aula de japonês para os filhos de amigos que não tiveram contato com a língua dos pais.

Foi aí que entra a coincidência, ou destino. Áurea nasceu em Cafelândia, pois a família piracicabana foi para a cidade tentar nova vida, mas retornou. "Aí, quando eu fui a Cafelândia a passeio, acabei conhecendo-o. Foi paixão à primeira vista", conta.

O namoro começou entre as duas cidades, até que eles se casaram e ficaram morando em Cafelândia. "Logo no começo, meu sogro teve um derrame, ficou uns dez anos na cama antes de morrer novo ainda, com 60 anos", diz.

Mikio cuidava do pai e essa situação, segundo Áurea, pode ter contribuído para a escolha de sua profissão.

Recém-casada, foi morar com a sogra, que estava viúva. E precisou usar de diplomacia. "No início foi um pouco difícil, mas com paciência as coisas foram se acertando. Os costumes eram diferentes, antes eu não entendia o que ela falava. Depois eu saía com ela, ia assistir filme japonês e passei a entender melhor a cultura". Em Cafelândia, nasceram os quatro primeiros filhos: o radialista Carlos, o engenheiro Roberto, o analista de sistemas Sérgio e o técnico em telefonia Áureo. O caçula, o desenhista projetista Paulo, nasceu em Piracicaba.

Áurea mora há mais de 50 anos na mesma casa, no Bairro Alto. "Quando a gente veio uma vez a passeio, o Cançado, da Farmácia do Povo, convidou Mikio para trabalhar. Fiquei feliz quando ele aceitou, pois queria voltar. A farmácia ficava na Rua Governador, mas na esquina da Moraes Barros, em frente à Porta Larga", conta.

A atividade profissional de Mikio foi intensa. "Ele era mais quieto em casa, mas comunicativo com o público, as pessoas confiavam nele. Ele até poderia ter feito Medicina, mas de que jeito? Ele não ganhava muito e tinha cinco filhos para criar", explica.

A trajetória de Mikio a leva a ter uma definição clara para o marido. "Para mim, ele foi acima de tudo um lutador", conclui.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Áurea Yamanaka, viúva de Mikio.

Família Komatsu: da casa de taipa à Medicina.

O médico Francisco Komatsu, de 74 anos, lembra, como se fosse hoje, da cena mais emocionante no velório do pai, Matsutaro, acontecido há mais de 20 anos. Foi quando a mãe, Tomi, veio falar com ele com um pacotinho misterioso na mão. "Ela me disse que era terra do quintal da casa deles no Japão. E me contou que era o desejo dele que fosse colocado embaixo da cabeça, no caixão".

Ele realizou a última vontade do pai e, meses mais tarde, a mãe lhe deu outro pacotinho com terra, que seria para ela. E que ele só usou bem mais tarde, pois ela faleceu com 98 anos. Além de emocionante, o pedido foi curioso. É que Matsutaro Komatsu chegou ao Brasil, em 1933, disposto a não voltar mais ao país de origem. A raiz, porém, não foi esquecida.

A família desembarcou no Porto de Santos, com seis pessoas, o casal e mais quatro filhos. Eram Eku, que aqui ficou conhecida como Lourdes, Tsikaro/ Chikara (José), Hatsu (Célia) e Terumi (Maria). Os três filhos nascidos aqui – Natálio, Antonio e Francisco -, nem tiveram nomes orientais, tal o desejo de se estabilizarem em terras brasileiras.

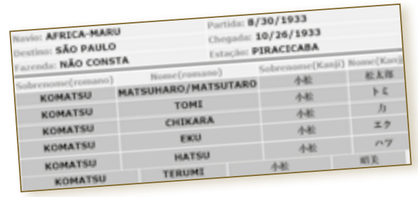
"Eles vieram direto para Piracicaba, onde já estava meu tio. Trouxeram tudo: cama, colchão, ferramentas. E meu pai tinha a ideia de ficar para sempre aqui", conta o médico. "Nisso ele foi diferente da maioria dos imigrantes, que pensava em ganhar dinheiro durante um tempo e retornar", destaca.

"Meu pai estava tão disposto que deixou o sítio onde cultivava bicho-da-seda para o irmão dele", conta. O começo foi muito difícil. Logo nos primeiros meses, dos seis integrantes da família, cinco pegaram maleita. Só a mãe escapou. Matsutaro tinha seringa e agulha entre as coisas que trouxe do Japão. Comprou remédio e ele mesmo aplicou injeção em toda a família.

Os primeiros anos aconteceram num sítio em Paraisolândia. "Ele comprou uma pequena propriedade, quatro quilômetros longe da estação. E, lá, fez a casa de taipa, tudo sozinho. Meu irmão mais velho cortou árvores para fazer os batentes, trançou taquara e botou barro. O chão era de terra batida", lembra. O pai plantava

Foto:Marcelo Fuzeti Elias

Francisco Komatsu, 50 anos dedicado à Medicina



Navio: AFRICA-MARU		Partida: 8/30/1933	
Destino: SÃO PAULO		Chegada: 10/26/1933	
Fazenda: NÃO CONSTA		Estação: PIRACICABA	
Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
KOMATSU	MATSUHARO/MATSUTARO	小松	松太郎
KOMATSU	TOMI	小松	トミ
KOMATSU	CHIKARA	小松	力
KOMATSU	EKU	小松	エク
KOMATSU	HATSU	小松	ハツ
KOMATSU	TERUMI	小松	照美

tomate, pepino, e levava para vender no mercado da cidade.

Francisco, o caçula, nasceu quando moravam no bairro Volta Grande. Foi uma vida de muita luta, afirma o médico, e as raízes nipônicas ajudaram. "O mais importante que me transmitiu foi resistência e disciplina. Quando eu já era médico, e podia comprar a passagem, quis levá-lo para o Japão. Não quis, disse que era brasileiro, gostava de arroz e feijão com salada e bife".

QUATRO MÉDICOS NA FAMÍLIA

Os três irmãos Komatsu, nascidos no Brasil, têm em comum a profissão: são médicos e estão na atividade até hoje. Francisco é uma referência na oftalmologia de Piracicaba. Natálio, o mais velho, mora em São José dos Campos, onde é ginecologista. Antonio é ortopedista e reside em Cascavel, no Paraná. Outro Komatsu, o filho Fernando, também optou pela Medicina, o que contabiliza quatro médicos na família.

Francisco tem viva na memória uma cena acontecida quando era bem pequeno. Era um domingo e a família estava toda reunida na sala, num tempo em que não havia televisão. "Eu me lembro que, da porta, a gente via uma estradinha de areia branca. Aí, minha mãe disse que estavam vindo duas pessoas".

Eram o diretor da escola onde Natálio estudava e o professor do garoto. "Eles falaram para meu pai que meu irmão era muito inteligente e que ele deveria estudar em Piracicaba, onde teria mais chances", lembra. Segundo ele, o pai nem precisou ouvir duas vezes, pois via a educação como prioridade. Logo, Natálio estava matriculado no Colégio Piracicabano e foi morar num quarto pequeno na Rua Benjamin Constant. "Ele só tinha, além do colchão, uma espiriteira, uma panela em que cozinhava arroz e uma frigideira para fritar ovo. Ficou assim durante um ano", diz.

Foi quando Matsutaro veio para Piracicaba com o resto da família e abriu um bar e pastelaria no Largo da Sorocabana, em frente à Estação. Os outros filhos tiveram a mesma oportunidade de estudar. Francisco frequentou o Sud Mennucci e, na hora do vestibular, mesmo sem cursinho, foi aprovado em três faculdades: Santa Casa de São Paulo, Unesp de Botucatu e Unicamp. Escolheu a primeira e fez sua especialização no Hospital das Clínicas. "Meu pai mantinha três filhos em faculdades que ficavam fora da cidade com o dinheiro do bar. Ele dava um fixo, mas não sabia que nós três trabalhávamos para ter mais dinheiro. Eu dava aulas de Biologia das sete às onze da noite. Dormia de madrugada e, às seis da manhã, já estava de pé para estudar", afirma. Hoje, trabalha de segunda a sexta-feira, e aos sábados de manhã, na clínica que conta 13 médicos. E neste 2018 vai completar 50 anos de formado.

A PIONEIRA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Com sede em Piracicaba, a ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) é uma das unidades fundadoras da Universidade de São Paulo (USP). A Escola nasceu do idealismo e iniciativa de Luiz Vicente de Souza Queiroz, que doou, em 1892, ao Governo do Estado de São Paulo, a fazenda onde se situa hoje a parte principal do Campus. Entre 1901, ano em que a Escola Agrícola Prática São João da Montanha foi inaugurada, e 1934, a instituição fez parte da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. A partir de então passou a integrar a Universidade de São Paulo (USP), já com a denominação que recebeu em 1931, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em homenagem ao seu idealizador.

A FORTE LIGAÇÃO ENTRE A ESALQ E JAPONESES

Mais de 10% dos alunos formados na ESALQ e parte de seu corpo docente são de origem nipônica. Essa estreita ligação proporcionou à Escola uma participação efetiva de japoneses e seus descendentes em contribuições técnicas e acadêmicas no setor do agronegócio brasileiro.

Desde 1942, quando se diplomou o primeiro aluno de origem nipônica, Shisuto José Murayama, até hoje, a relação da ESALQ com o Japão se intensificou. Hoje a Escola mantém convênio com três importantes universidades de lá: Tsukuba (a primeira), Tokio University e Hokkaido University. Entre várias ações e pesquisas desenvolvidas por descendentes nipônicos à frente da ESALQ registramos três delas, tendo como protagonistas Jorge Horii, Elliot Watanabe Kitajima e Akihiko Ando.

Horii, pioneirismo na produção de etanol em escala

Jorge Horii é um dos exemplos no pioneirismo na produção de álcool de cana-de-acúcar no país. Foi ele quem abriu caminho para a produção de etanol em escala no Estado de São Paulo, e se hoje o setor está repleto de novidades tecnológicas, deve-se muito às suas pesquisas desenvolvidas na década de 1970. Com mais de 40 anos de serviços prestados à ESALQ, Horii revela que seu interesse pelo estudo do etanol teve início em julho de 1970, após sua graduação. "Fui convidado – na qualidade de pesquisador – para integrar o Departamento de Agroindústria, Alimentos e Nutrição e, ao completar o doutorado, fui convocado para desenvolver a área de fermentação alcoólica da Universidade. Foi a partir de 1973 que começamos a produzir álcool de cana". Ele lembra que na época ninguém dava atenção à produção do etanol e que o produto passou a ter importância no Brasil apenas em 1975.

Outra grande contribuição de Horii ao setor foi a adaptação de um equipamento russo, em 1982, que resultou no chamado Redutec, hoje amplamente utilizado pelas usinas e destilarias, para determinação de açúcares redutores e ácidos voláteis. "Desenvolvi, mas não patenteei, já que as peças eram de vidro e o trabalho foi considerado artesanato".

THE STRONG LINK BETWEEN ESALQ AND JAPANESE

More than 10% of the students concluding ESALQ and part of its teaching staff are of Japanese origin. That close link provided the School with an effective participation of Japanese and their descendants in technical and academic contributions to the Brazilian Agrobusiness sector.
Since 1942, when the first student of Japanese origin, Shisuto José Murayama, graduated, until today, the relationship of the ESALQ with Japan intensified. Today, the school keeps covenants with three important universities there: Tsukuba (the first one), Tokio University and Hokkaido University.
Among the various actions and researches developed by Japanese-descendants at ESALQ we point out three, their protagonists being Jorge Horii, Elliot Watanabe Kitajima and Akihiko Ando.

Horii, pioneering in large-scale ethanol production

Jorge Horii is an example of pioneering in the production of cane-sugar alcohol in our country. He opened the way for large-scale ethanol production in the State of São Paulo and if the sector today is choke-full of technological novelties, it owns much to his researches conducted in the nineteen-seventies.
With over 40 years of services rendered to ESALQ, Horii discloses that his interest for studying ethanol began in July 1970, after his graduation. "I was invited – in the capacity of researcher – to integrate the Department of Agrobusiness, Food and Nutrition, and on concluding my Doctorate, I was summoned to develop the alcohol fermentation area at the University. From 1973 on, we began producing sugar-cane alcohol". He recalls that at the time no-one paid any attention to the production of ethanol and that the product only became important in Brazil in 1975.
Another great contribution of Horii to the sector was the adapting of a Russian equipment in 1982, resulting in the so-called Redutec today widely employed by sugar plants and distilleries for determining reducing sugars and volatile acids. "I developed it but couldn't patent it, as the parts were made of glass and the work was considered to be handcraft".

Estudos de Kitajima contribuem com a redução de prejuízo nas lavouras

Formado em Engenharia Agronômica, em 1958, pela ESALQ, Elliot Watanabe Kitajima, professor de Virologia Vegetal, bolsista sênior do CNPq e membro da Academia Brasileira de Ciências, foi o responsável pela primeira visualização do vírus da tristeza dos citros (também conhecido como VTB, transmitido por Brevipalpus, que ataca particularmente as laranjeiras doces), cujos dados foram publicados na revista Nature. Seus estudos – de vírus transmitidos por ácaros – foram fundamentais para a redução de prejuízo nas lavouras. Nascido a 12 de agosto de 1936, na cidade de Registro, Kitajima numa primeira etapa escolheu Piracicaba para estudar, entre 1955 e 1958 (obteve o 1º lugar no concurso vestibular); e depois, para viver, a partir de 1995, quando assumiu a coordenação do centro de microscopia eletrônica recém-instalado.

Nesta unidade, denominada formalmente de Núcleo de Apoio à Pesquisa em Microscopia Eletrônica (NAP/MEPA), propôs-se a formar usuários, manter e ampliar suas instalações, além de continuar suas pesquisas em virologia vegetal e participar da organização do curso de pós-graduação em Fitopatologia, no qual orientou 15 mestrandos e 3 doutorandos em virologia vegetal. Foi responsável, também, pela introdução do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Microscopia Eletrônica Aplicada à Pesquisa e maior referência em microscopia do país.

Antes de fixar-se em Piracicaba, passou por Chicago, Estados Unidos, onde – em 1968 e 1969 – desenvolveu trabalhos sobre citoquímica de tecido vegetal no Whitman Laboratory University of Chicago, ao lado do dr. Hewson Swift; fez um estágio pós-doutoral de seis meses em citopatologia de Comovirus e vetores, no Plant Pathology da University Arkansas, Fayetteville, com o dr. K.S. Kim, em 1982/ 1983; e, entre 1989 e 1990, atuou como bolsista do CNPq no Department of Virology, Agricultural University of Wageningen, na Holanda, tendo trabalhado com o dr. Dick Peters em citopatologia de Tospovirus. Passou ainda pelo Instituto Agronômico de Campinas (1959/1973) e pela Universidade de Brasília (1973/1995). Em 2001, durante a comemoração dos 110 anos da ESALQ, foi condecorado com a Medalha Paulista do Mérito Científico e com o Troféu Árvore dos Enigmas, entregue por Geraldo Alckmin, na época governador do Estado de São Paulo.

Kitajima's studies contribute to the reduction of crop losses

Graduated in Agronomic Engineering in 1958 at the ESALQ, Elliot Watanabe Kitajima, teacher of Vegetal Virology, Senior Scholarship Holder at CNPq and member of the Brazilian Academy of Sciences, he was responsible for the first sighting of the Citrus tristeza virus (aka VTB, transmitted by Brevipalpus, that particularly attacks the sweet orange trees), the data thereof published in the Nature magazine. His studies – on virus transmitted by mites – were fundamental for reduction of crop losses. Born August 12, 1936 in the City of Registro, at a first stage Kitajima chose Piracicaba to study in, from 1995 to 1958 (he was first-place in the entrance examination); later, from 1995 on, he chose the city to live in, when he took on coordination of the newly established electronic microscopy center.

At that unit, formally called Support Nucleus for Electronic Microscopy Researches (NAP/MEPA) he undertook to form users, maintain and expand the facilities of the NAP/MEPA, and in addition to continue his researches in vegetal virology and take part in the organization of postgraduate courses in Phytopathology, where he mentored 14 Master-Degree Attendees and 3 Doctorate Attendees in vegetal virology. He was also responsible for introduction of the Research Support Nucleus in Electronic Microscopy Applied to Research, greatest reference in microscopy in the country.

Prior to settling down in Piracicaba, he spent some time in Chicago, USA, where – in 1968 and 1969 – he developed work on vegetal tissue cytochemistry at the Whitman Laboratory University of Chicago, jointly with Dr. Hewson Swift; concluded a six-month post-doctorate internship on cytopathology of comovirus and vectors at the Plant Pathology of the University of Arkansas, Fayetteville, with Dr. K.S. Kim in 1982/ 1983; and in 1989 and 1990, he was a CNPq Scholarship Holder at the Department of Virology at the Agricultural University of Wageningen in Holland, working with Dr. Dick Peters on Tospovirus cytopathology. He also worked in the Agronomic Institute of Campinas (1959/1973) and in the University of Brasília (1973/1995). In 2001, during the commemorations of 110 years of the ESALQ, he was awarded the Paulist Medal for Scientific Merit and the Tree of Enigmas Trophy by Geraldo Alckmin, at the time Governor of the State of São Paulo.

Ando, sinônimo de cultivo de arroz

Akihiko Ando, professor da ESALQ e pesquisador aposentado do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA/ USP), entrou para a história ao desenvolver – em parceria com o professor Augusto Tulmann Neto, também da ESALQ –, um programa de melhoramento de arroz através do emprego da mutagênese induzida por radiação gama, em conjunto com a Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina).

A cultivar – denominada Ando San, em homenagem a Akihiko – começou a ser introduzida em 1993, quando sementes da IR 841 – bastante produtiva, mas com grãos de baixa qualidade –, foram irradiadas no CENA/ USP, em Piracicaba. Em seguida, as sementes foram levadas para a Estação Experimental da Epagri, em Itajaí (SC), e na safra 1993/1994 começou o processo de seleção das linhagens. A partir de 1999/2000, um genótipo promissor passou a ser avaliado em seis regiões orizícolas de Santa Catarina, considerando seu desempenho produtivo, rendimento industrial, qualidade culinária e resistência à brusone. Os resultados levaram ao lançamento da cultivar de arroz irrigado em sistema pré-germinado Ando San, a primeira obtida por mutação por indução no Brasil.

Ando, synonym of rice culture

Akihiko Ando, teacher at the ESALQ and retired researcher of the Nuclear Energy Center in Agriculture (Cena/ USP), made history by developing – in partnership with Professor Augusto Tulmann Neto, also from the ESALQ –, a rice improvement program via employment of mutagenesis induced by gamma radiation, in concert with the EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Farming and Rural Extension Company of Santa Catarina).

The cultivation – named Ando San as a tribute to Akihiko – began to be introduced in 1993, when IR 841 seeds – quite productive but with low-quality grains –, were irradiated at the CENA/ USP, in Piracicaba. Next, the seeds were taken to the Epagri Experimental Station in Itajaí (SC), and with the 1993/1994 crop the lineage selection process began. As of 1999/2000, a promising genotype began to be evaluated in six rice-growing areas in Santa Catarina, taking into account its productive performance, industrial output, culinary quality and resistance to rice blast fungus. The outcomes led to the beginning of cultivation of irrigated rice by the pre-germinated Ando Sand system, the first obtained by inducted-mutation in Brazil.

Antes da cultivar SCS 114 Ando San ser oficialmente lançada, em 2005, o setor orizícola prestou uma homenagem ao mestre Akihiko Ando, ocorrida durante a XXVI Reunião da Cultura de Arroz Irrigado e IV Congresso Brasileiro de Arroz Irrigado, realizados em Santa Maria (RS) entre os dias 9 e 12 de agosto.

Na ocasião, pesquisadores da Epagri entregaram a Ando um troféu representando o mapa de Santa Catarina, contendo um grão de arroz em seu interior, em agradecimento à ativa colaboração do pesquisador do CENA/USP com o programa de melhoramento do arroz da Epagri.

Graduado em Agronomia pela University of Tokio, em 1958, com doutorado em Agronomia (Genética e Melhoramento de Plantas) pela Universidade de São Paulo, em 1971, Akihiko ministrou aulas na ESALQ, em Piracicaba, de 1966 a 2002, com ênfase em Melhoramento Vegetal, com destaque aos seguintes temas: Arroz, Raios-Gama e Substâncias Alquilantes, Tratamento Combinados.

Before the official launching of the SCS 114 Ando San cultivation in 2005, the rice-production sector paid a tribute to Master Akihiko Ando, during the 26th Irrigated Rice Culture Meeting and 4th Brazilian irrigated Rice Congress taking place in Santa Maria (RS) from August 9 to 12, 2005.

On that occasion, Epagri researchers awarded Ando with a trophy depicting the map of Santa Catarina and containing a grain of rice inside, in appreciation for the active collaboration of the Cena/USP researcher for the rice improvement program of the Epagri.

Graduated in Agronomy at the University of Tokyo in 1958, with Doctorate in Agronomy (Genetics and Improvement of Plants) by the University of São Paulo in 1971, Akihiko taught classes at the ESALQ/USP in Piracicaba, from 1966 to 2002, with emphasis in Vegetal Improvement, highlighting the following topics: Rice, Gamma-Rays and Alkylating Substances, Combined Treatments.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Nakano fala sobre a relação dos japoneses com a ESALQ

Com uma forte ligação com a ESALQ – contabiliza mais de 65 anos, envolvendo os períodos de aluno e de professor – Octávio Nakano faz um balanço sobre a relação entre os japoneses e a entidade. Ele acredita que o fato de os imigrantes japoneses terem voltado seus olhos, desde a chegada, para a agricultura, contribuiu para a consolidação dessa forte relação. "A grande vantagem dos japoneses é que da maioria que vem pra ESALQ o pai já tem propriedade rural. Quase todos vão trabalhar na terra da família". Quando Nakano entrou na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em 1953, havia só mais um aluno nissei, além dele, numa turma de 60. "A gente era tratado com respeito, em condições de igualdade, nunca houve discriminação, nada disso", conta. Afinal, o professor aposentado acredita que existe uma ligação forte entre a instituição de ensino de Piracicaba e a colônia japonesa. "A participação de alunos de origem nipônica está consolidada entre 10% a 12%. Esse índice é bem maior que o relativo ao total do país", destaca. Nakano também sentiu a vocação para a Engenharia Agronômica desde cedo, quando o pai, Heizo, tinha um sítio, numa colônia em São Bernardo do Campo, e vendia a produção, em regime de cooperativa, para o Mercado de São Paulo. Lembra que a grande influência veio justamente de um piracicabano. "Havia um agrônomo piracicabano, formado na ESALQ, cuja família tinha uma loja de armarinhos na Rua Governador, o Bazar Modelo. Era o Galileu Lorandi, que foi ao nosso sítio e fez amizade com a gente. Ele se deu bem com a minha família, a gente era mais aberto à conversa, porque teve mais contato com brasileiros. Por causa dele, comecei a me interessar. Eu já trabalhava na lavoura, meu pai plantava batata, tomate, tinha um pomar com pêssego e laranja", conta Nakano.

O professor teve uma carreira atuante na ESALQ, de 1964 a 2005, ano em que se aposentou, mas sempre frequentou a Escola para fazer pesquisas. "Foi um tempo muito bom porque é minha vocação. Sempre trabalhei em controle de pragas. Era controle químico e hoje se usa mais controle biológico. Minha especialidade era o agrotóxico, que a gente ainda usa muito. A preocupação com essa utilização é mais teórica, porque na prática tem que usar inseticida. As áreas são muito grandes", ressalta. Dessa intensa convivência, talvez a única frustração esteja ligada ao jardim japonês, que destacava a colônia. Houve problemas para a sua manutenção e ele acabou sendo transferido para o município, que o instalou na Estação da Paulista. Nakano destaca os professores de origem nipônica na ativa: Celso Omoto (coordenador do Convênio USP/ESALQ e docente do Departamento de Entomologia, Fitopatologia e Zoologia Agrícola), Pedro Yamamoto (Entomologia), Valdomiro Shigueru Miyada (Zootecnia), Vitor Augusto Ozaki (Fitopatologia), Francisco André Ossamu Tanaka (Nutrição Vegetal), Marcos Yassuo Kamogawa (Estatística) e Ricardo Shirota (Estatística). Entre os aposentados, enumera Hasime Tokeshi (Fitopatologia), Hiroshi Hikura (Genética), Keigo Minami (Horticultura), Jorge Horii (Tecnologia de Açúcar e Álcool), Takeshi Muraoka (CENA), Akihiko Ando (Genética) e Tokiashi Kinjo (Solos). Nakano também lembra os já falecidos Hiroshi Kimati (Fitopatologia), Paulo Yoshio Kageyama (Silvicultura) e Hitoshi Nomura (CENA). E afirma que a presença nipônica continua forte na cidade. "Em relação à contribuição social, cerca de 15% dos nisseis formados pela ESALQ criaram raízes em Piracicaba".Também passaram pela ESALQ os professores Toshiaki Kimoto (1963), Rosa Tomie Higaki (1974), Roberto Toshio Nakamura (1984-1986), Mario Massayuki Inomoto (1988) e Elliot Watanabe Kitajima (1995-2006).

Um japonês do Bixiga: meio sushi meio polenta

O professor Nakano diverte-se com a afirmação que, durante a infância, ele era "meio sushi meio polenta". Mas concorda. Afinal, o começo de vida de sua família aconteceu no Bixiga, como é popularmente conhecido o bairro Bela Vista, tradicional reduto dos italianos em São Paulo. "Eu me considerava italiano também. Cantava a Tarantella, o Funiculi Funiculá", lembra. Também por isso é que não tem nome oriental. A mãe, Korratsu, escolheu Octávio, um imperador romano. Quando os pais vieram, foram direto para o bairro italiano, onde o avô tinha uma marcenaria e chamou Heizo para tomar conta. A ligação com os japoneses só veio depois, quando a família se mudou para em São Bernardo do Campo, onde já havia 33 famílias instaladas. "Aí caí no meio de japoneses e não sabia falar nada na língua deles. Eu até entendia porque meus pais falavam misturado. Isso era em 1942, uma época em que tinha preconceito por causa da guerra. A polícia entrava na casa dos japoneses para ver se tinha arma, se tinha rádio amador para se comunicar. Os japoneses eram considerados inimigos", conta. Porém, o clima de desconfiança logo terminou e ficou muito mais o exemplo de boa convivência. Quis o destino que ele se casasse com uma filha de italianos, Maria Aparecida Gil. "Quando fomos para a Itália, os parentes dela entendiam mais o que eu falava do que ela", lembra. Da herança japonesa ele acredita que carrega a disciplina. "Sou do Lions Piracicaba Centro e tenho ideia de introduzir no currículo escolar a disciplina Civilidade, que já existe no Japão. Desde pequeno o japonês aprende porque não pode fazer bullying e que deve praticar o bem", afirma.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Torigoi, referência na área educacional

Filho de dois japoneses – Hiroshi e Tomiko – Shunhiti Torigoi é uma referência na área educacional de Piracicaba, como um dos proprietários do Colégio Luiz de Queiroz. Ele passou a infância e parte da juventude em Lins, para onde o pai foi trabalhar assim que chegou, em 1933, e só veio para Piracicaba para estudar na ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. "O meu pai sempre foi um fã da agricultura e queria que um filho fizesse Agronomia. E a ESALQ era a melhor escola", lembra.
Hiroshi era o mais velho de nove irmãos e veio com a família toda tentar nova vida. "Os agricultores japoneses estavam passando dificuldades com a crise. Eles vieram com o plano de ficar por aqui no máximo três anos. Ficarem rico e voltarem para o Japão. Só que nunca mais voltaram".
Eles pouco sabiam do país e do que iriam fazer – "pensavam que café dava em árvore", conta Torigoi – e por isso sofreram bastante. "Era outro tipo de lavoura, no Japão meu avô, Heiza, plantava verduras".
Foi em Lins que Hiroshi conheceu Tomiko, já nascida no Brasil, e cuja família se mudou de Borebi, na região de Avaré. Tiveram cinco filhos, e Shunhiti é o terceiro. Ele veio para Piracicaba sozinho, em 1961, prestou vestibular e passou em segundo lugar. "Eu morei na Casa do Estudante logo que ela foi inaugurada, em 1962. Meu pai me disse que só podia me sustentar por um ano, depois eu teria de me virar", afirma.
Foi aí que o Centro Acadêmico abriu o Cursinho José Benedito de Camargo, que estava selecionando professores, e ele ficou em primeiro lugar na área de Física. A partir daí sua trajetória profissional tomou um novo rumo. Torigoi pouco se dedicou à Agronomia, a não ser nos três anos em que deu aulas, apenas aos sábados, na faculdade de Botucatu. "Sempre fui professor, só depois é que descobri que essa é minha verdadeira vocação. Já passaram por mim três gerações e fico muito contente de encontrar ex-alunos. Dei aula durante 41 anos e resolvi parar. O que eu mais gostava era do cursinho. Para mim era um desafio manter a atenção de uma classe que em certa época chegou a ter 350 alunos", conta.
Em 1977, veio o desafio de criar o colégio, que no primeiro ano funcionou junto com o cursinho, no antigo prédio do Jardim da Cerveja. Logo foram para a área da Rua Hide Maluf. No começo oferecia apenas o antigo colegial, hoje ensino médio. "Mas nossos filhos eram pequenos e precisávamos ter escola também para eles". Veio o ensino fundamental.
Hoje Torigoi atua na supervisão e fica feliz de ver que os dois filhos mais novos, Marcos e Fábio, cuidam da administração. Teve mais dois, Naomi e Renato, do casamento com Satie. Da herança nipônica, acredita que ficou com a disciplina. "Os japoneses se vangloriavam que eles pensavam muito à frente. Tanto é que eles se recuperaram depois da guerra. A educação japonesa é rígida, tem que ter responsabilidade, honestidade. A minha avó sempre falava: você pode ser qualquer coisa, mas seja o melhor".

HIROAKI, VÍTIMA DA DITADURA

A família Torigoi enfrentou uma tragédia quando o filho caçula, Hiroaki, foi morto, em janeiro de 1972, pelos órgãos da repressão da ditadura militar. "Ele fez até o quarto ano de Medicina na Santa Casa, em São Paulo, depois largou os estudos e entrou para a luta armada. Ele tinha a convicção de que conseguiria derrubar o regime militar", conta.
Hiroaki integrava a ALN (Aliança Libertadora Nacional), comandada por Carlos Marighella, e depois foi para o Molipo (Movimento de Libertação Popular), do qual era chefe. "Aí começou a ficar perigoso e ele foi para a clandestinidade. Eu me lembro do último encontro que tive com ele, em dezembro de 1971, um mês antes de ele ser assassinado. Teve de ser escondido, num lugar neutro, pois ele se preocupava com a gente e não queria que eu soubesse onde ele morava", lembra. Sunhiti.
Perseguido há algum tempo pelos militares, Hiroaki tinha o rosto estampado no cartaz Terroristas Procurados, que era espalhado pelo governo. "Ele até comentou: desses, eu sou o único que ainda não foi morto!". Com preocupação de irmão mais velho, ele aconselhou Hiroaki que fugisse para o Chile, onde o governo Salvador Allende era de viés socialista. "Ele se recusou porque disse que jamais iria abandonar o seu grupo".
No entanto, foi denunciado por um companheiro que, após ser preso, ligou para ele marcando um encontro na Rua Albuquerque Lins, em São Paulo. "Era uma emboscada. Ele não sabia que aquela pessoa havia 'caído', como se dizia. Foi surpreendido pelos policiais, reagiu à voz de prisão e foi baleado".
Tudo aconteceu em 5 de janeiro de 1972, mas a família só soube da morte 15 dias depois. "Nossa, é horrível perder um irmão desse jeito! E eu tive de fazer o reconhecimento por meio da foto do cadáver dele". O irmão havia sido enterrado, com nome falso, no cemitério de Perus. "Nunca o julguei, ele tinha suas convicções. Nunca denunciou ninguém e foi morto. Como educador, fico muito triste ao ver que algumas pessoas defendem a volta da ditadura militar", desabafa.
Hiroaki Torigoi dá nome a uma pequena rua, de uma quadra de extensão, que fica na Vila Progresso, Zona Leste de São Paulo.
Em Piracicaba, o jovem mártir foi homenageado tendo o seu nome dado a um importante viaduto da cidade. Por ironia, o viaduto atravessa a Avenida 31 de Março, data do início do golpe militar.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Jorge Horii, sem medo de desafios.

Ainda bem que Jorge Horii, professor aposentado da ESALQ, como legítimo descendente de japoneses, nunca teve medo de enfrentar um desafio. Pois foi exatamente isso que aconteceu em sua carreira acadêmica em 1970, quando era recém-formado. "O Departamento de Tecnologia Rural, onde comecei, queria alguém que estudasse fermentação alcoólica. Foi um desafio difícil, porque o prazo era de dois anos para entregar a tese. E eu não tinha orientador em Piracicaba", lembra.
Com orientação de Metri Bacila, médico formado em Curitiba, ele apresentou o trabalho que pode ser considerado o início para a utilização do etanol como combustível no Brasil. "Na época não se pensava sobre a utilização de biocombustível, mas se formos pensar lá atrás, até o primeiro veículo da Ford era a álcool. No Brasil era tudo a gasolina, porque era mais barato", conta.
Então, nos anos 1970, aconteceu a crise do petróleo, quando a OPEP (Organização dos Países Exportadores do Petróleo) aumentou o preço do barril de 13 dólares para mais de 20. As dificuldades econômicas fizeram com que o governo procurasse uma saída. "A ideia do Proálcool surgiu depois disso. Aquilo endividou o Brasil. Então se decidiu pela utilização. O ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica) tinha um professor que estava testando álcool em caminhões. Mas claro que ainda não era algo economicamente viável", ressalta.
Em pleno militarismo, os olhos do poder se voltaram para a ESALQ. "O presidente Ernesto Geisel esteve aqui na Escola. É gozado lembrar isso hoje, mas quando ele visitava nosso departamento, o professor-chefe, Otávio Valsec, foi explicar sobre o álcool, e tomou uma bronca do general. Ele disse: "isso eu já sei! O alemão era duro!", diz.
Apesar disso, o Proálcool não durou tanto tempo, por conta da falta de planejamento. "Os automóveis a álcool começaram a ser adaptados e a ter rendimentos razoáveis. A questão não foi preço, mas faltou álcool na praça porque a adesão foi muito grande. É preciso lembrar que estávamos no militarismo. A parte pensante era deles. E a parte industrial não pensava muito", critica.
Muito tempo depois, já no governo Lula, a questão voltou a ser discutida, com a criação do Polo Nacional de Biocombustíveis, em que Piracicaba ganhou visibilidade. Mas Horii ficou irritado com a fogueira das vaidades que isso gerou. "Muita gente que não tinha participado de pesquisas, aulas, foram os primeiros que se atiraram para obter as benesses". Ele preferiu ficar no seu canto, mas entende que nos dois casos faltou um ingrediente especial: vontade política. "O etanol ainda é importante para o país e pode resolver muitas coisas. Mas está num estágio estagnado tanto na área industrial quanto agrícola. Nossos usineiros, como todo empresário, seguem a biruta do aeroporto, vão para o lado que sopra o vento", afirma.

MASCATE ORIENTAL

Os pais de Horii vieram do Japão com um ano de diferença. A mãe, Sumiko, chegou ao Porto de Santos em 1933, no navio Africa-Maru, junto com cinco irmãos, e se estabeleceram numa chácara do Imirim, em São Paulo. O pai, Tokinoski, veio no mesmo navio. "Meu pai fez Economia em Yokohama. Ele pegou no Japão a crise de 29, com inflação de até 85% ao mês. A turma dele se esparramou pelo mundo. Dos 17 da turma dele, 15 retornaram e viveram muito bem. Ele ficou no Brasil. Foi contador e trabalhou com um italiano, Domênico Silvestrini".
Sempre batalhador, Tokinoski foi também mascate, ofício mais identificado com os árabes. "Ele mascateou pelo Estado, pegava mercadoria em consignação e ia para as cidades onde havia muito japonês", conta. Na época da guerra, por causa da perseguição, o pai queimou todos os documentos, incluindo os títulos universitários, por receio de que algo acontecesse à família.
Horii está em Piracicaba desde 1964, casou-se com uma nativa, Neide Mescolotti. Teve três filhos, mas passou pela dor de perder o único filho homem. "Eu me adaptei à cidade, onde tenho muitos amigos", conclui.

Célebres alunos da ESALQ (de origem nipônica)

Shisuto José Murayama (1942)
Natural de Rincão (SP), onde nasceu em 1914, Murayama foi o primeiro nikkei formado na ESALQ. Trabalhou a vida toda para a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, no Instituto Agronômico de Campinas e na Casa da Agricultura de Campos do Jordão, da qual foi chefe. É autor de 26 livros sobre Agronomia. Foi duas vezes deputado estadual e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão. Foi casado com Cecília de Almeida Murayama, com quem teve dois filhos. Faleceu em 1994, aos 80 anos. Seu pai foi um dos imigrantes vindos no Kasato-Maru, primeiro navio a aportar no Brasil, em 1908.

Itsuro Myazaki (1949)
Natural de Birigui (SP), nasceu em 1923. Fromou-se na ESALQ em 1949. Permaneceu um tempo na empresa Anderson Clayton, de Presidente Prudente, ingressando, em seguida, na Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Foi o primeiro agrônomo da Casa da Lavoura de Bilac. Inclinado a pesquisas, passou a trabalhar no Instituto Biológico, onde chegou à chefia do Setor de Entomologia. Cursou pós-graduação na ESALQ nessa especialidade, tornando-se mestre em 1983. Faleceu em 1985, aos 62 anos.

Luiz Satto Júnior (1949)
Nasceu em Pindamonhangaba (SP), em 1922. Por orientação do pai, recusou o convite para jogar futebol no Corinthians, depois de ser o primeiro nissei profissional no XV de Piracicaba. Formou-se na ESALQ aos 27 anos. Como agrônomo, lutou para que os pequenos e médios agricultores pudessem aumentar a safra e ter acesso a créditos oficiais. Trabalhou na Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo de Registro, Tatuí e Sorocaba, onde foi diretor da Divisão Regional Agrícola.

Shiro Miyasaka (1951)
Nasceu em Hokkaido (Japão), em 1924. No Brasil, acompanhou os pais a uma fazenda em Cafelândia (SP). Depois, em Arujá, iniciou os estudos até se formar na ESALQ, em 1951. No Instituto Agronômico de Campinas, tornou-se especialista na cultura da soja. Foi o primeiro nikkei a receber o título de doutor em Agronomia. É autor do livro "A soja no Brasil". Lecionou na Universidade Tsukuba, no Japão. Profissional atuante, recebeu muitas homenagens, inclusive a Ordem do Mérito Kasato-Maru.

Takeki Tuboi (1951)
Nasceu em Quatá (SP), em 1930. Fez o curso secundário em São Paulo, quando foi interno do Instituto Nipo-Brasileiro do Prof. Midori Kobayashi. Formou-se em Engenharia Agronômica na ESALQ. Era versado em línguas, tendo o domínio do japonês, inglês, italiano, espanhol, francês e alemão. Trabalhou nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo como engenheiro-correspondente em Línguas Estrangeiras. Foi casado com Haruko Tuboi, com quem teve duas filhas. Vítima de surto de meningite, faleceu em 1974, aos 54 anos.

Shozo Nogami (1953)
Nasceu em Ribeirão Pires (SP), em 1928. Formou-se na ESALQ em 1953 e permaneceu um ano no Japão para se aperfeiçoar. Exerceu atividades numa empresa multinacional de defensivos agrícolas. Trabalhou na Cooperativa Agrícola de Cotia, inicialmente em Guapiara (SP), depois nos escritórios centrais da capital. Colaborou na implantação no Estado de São Paulo dos Clubes 4-H, destinados a formar lideranças entre jovens na vida no campo. Faleceu em sua terra natal em 2001, aos 73 anos. Era solteiro.

Takao Sugahara (1954)
Nasceu na província de Hokkaido (Japão), em 1929. Formou-se na ESALQ em 1954. Trabalhou na Fundação Rockefeller e, em seguida, em diversas empresas multinacionais, como Dupont, Ciba, Pfizer e na estatal Agrobrás. Tornou-se independente ao montar a firma Dubibras Produtos e Implementos Agrícolas. Faleceu em 1982, aos 52 anos de idade. Casado com Maria Aparecida M. Sugahara, teve quatro filhos.

Shigeo Mizoguchi (1954)
Nasceu em Yokohama (Japão), em 1924. É brasileiro naturalizado. Formado na ESALQ em 1954, dedicou-se notadamente à formação e aperfeiçoamento de pessoal em atividades agrícolas. É o criador de escolas-fazenda e de escolas agrícolas, tendo sido diretor da Escola Fazenda de Presidente Prudente. Foi diretor geral do Ensino Agrícola no Estado de São Paulo e vice-diretor do Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para Formação Profissional. Foi consultor internacional do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e da JICA (Japan International Cooperation Agency) . Faleceu em 2003, com 79 anos.

Nozomu Makishima (1955)
Nasceu em Pindorama (SP), em 1932. Formando-se na ESALQ em 1955, fez na Universidade Federal de Viçosa (MG) mestrado em Olericultura. Trabalhou na Embrapa Hortaliças, na qual foi chefe de pesquisas e difusor de tecnologia. Coordenou cursos internacionais sobre produção de hortaliças da Embrapa, em convênio com a JICA. Foi presidente da Sociedade de Olericultura do Brasil. É autor de mais de uma centena de obras. Foi contemplado dentre várias honrarias, com o Prêmio Marcilio Dias da Associação Brasileira de Horticultura.

Kiyoshi Okawa (1961)
Natural de Itacoatiara (AM), formou-se na ESALQ, em 1961. Em 1963, assumiu o posto de secretário de Agricultura do Estado do Acre. Em 1973, como decorrência da Lei dos Sucos, foi o responsável pela implantação e pelo gerenciamento do plantio de guaraná, pela Antarctica, no município de Maués.

Octávio Nakano (1956)
Natural de São Bernardo do Campo (SP), Nakano ingressou na ESALQ em 1953 e, enquanto aluno, foi morador da República Copacabana, uma das mais tradicionais e, também, uma das mais antigas do Brasil. Logo após sua formatura, em 1956, ganhou uma bolsa para estudar no México. Enquanto aguardava a data da viagem, adiada por duas vezes, estagiou com o professor Francisco de Assis Menezes Mariconi, como bolsita da Capes, e logo em seguida foi contratado pelo Instituto Biológico para atuar na erradicação do cancro cítrico, que se alastrava pelos pomares de São Paulo. Entre 1959 e 1965 chefiou a região fitossanitária de Araraquara (SP), e, em 1964, após prestar concurso (onde passou em primeiro lugar) passou a lecionar na ESALQ, onde permaneceu na ativa até 2005.

Celso Omoto (1984)
Concluiu o curso de graduação em Engenharia Agronômica, em 1984, e o de mestrado em Entomologia, em 1987, ambos na ESALQ. É PhD em Entomologia pela Cornell University, nos Estados Unidos, e atual coordenador do Departamento de Entomologia, Fitopatologia e Zoologia Agrícola da ESALQ. Concentra sua experiência na área de manejo integrado de pragas, com foco em resistência de artrópodes e táticas de controle. Tem participado da implementação de programas de manejo de resistência de pragas a inseticidas, principalmente nas culturas de citros, soja, algodão e milho. É consultor do Comitê Brasileiro de Ação à Resistência a Inseticidas (IRAC-BR) e membro do Grupo de Trabalho de Manejo de Resistência (GTMR) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Obs.: Utilizamos como fonte um levantamento elaborado pelo engenheiro Izumi Saito (Jornal do Instituto de Engenharia – ano V, outubro/2008)

Família Abe: a bela, o matemático, o dentista...

A família Abe é das mais antigas das que constituem a interação dos japoneses com os piracicabanos. Curiosamente – ou porque não entendíamos – eles eram ainda mais reservados. Diria que de uma timidez mais quase triste, não sei. E, no entanto, éramos, fomos grandes amigos, colegas no Colégio Dom Bosco: Ricardo e Antônio, não me lembro do Claudio, o caçula dos irmãos. Mas todos nos lembramos, por impossível esquecer, de Marisa Abe, irmã deles. Marisa, à época (década de 1960, talvez ainda nos 1970) foi a moça mais linda, mais sensual, mais querida e desejada de toda a juventude piracicabana. Não há como explicar a beleza oriental de Marisa Abe, de uma sensualidade que lhe transpirava dos poros e, ao mesmo tempo, confundia a todos com a ingenuidade e inocência de seu olhar. Marisa era como uma deusa somando – e, por isso, tornando-se misteriosa – o recato oriental e a exuberância de um corpo impossível de ser ignorado, tão perfeitas as suas formas. Quando ela, com suas amigas e colegas de escola, chegava ao jardim central, era como se toda a natureza lhe desse passagem. Ricardo e Toninho tiveram que ceder ao brilho da irmã. Ela era a bela. E todos os homens de Piracicaba eram as feras.
Toninho Abe diplomou-se em Odontologia, cirurgião-dentista competente, respeitável. Foi um moço bonito, atlético, corpo diferenciados do perfil comum dos nipônicos. Era – na seleção de futebol do Dom Bosco – o lateral esquerdo, de um vigor exagerado. Ao enfrentar o adversário, parecia querer descontar nele toda a raiva que sentia sabia-se lá do quê, de quem (acho que ciúme fraterno da Marisa).
Quanto a Ricardo, ah! Ricardo – gênio da família, gênio de Piracicaba. A Matemática quase o levou à loucura, tal o seu talento, a sua genialidade. Fomos apenas contemporâneos no Dom Bosco. Mas sua inteligência era conhecida e comentada por todos. Formamo-nos, fomos para outros caminhos. Este escrevinhador, porém, resolveu – antes mesmo de concluir o Curso de Direto na PUC/Campinas, recém-casado, ingressar na Faculdade de Economia que foi o útero da UNIMEP. E quem estava lá, como examinador no exame vestibular? O já doutor Ricardo Abe que sabia de minha total ignorância em Matemática. Antes da prova, apelei ao meu amigo Ricardo Abe: "Você sabe que eu não sei, cara. Vai me reprovar?" Ele me olhou com olhar professoral, falou: "Nada posso fazer, mas serei justo se você acertar as questões". E, então, o doutor Ricardo Abe olhou para minha mulher Mariana – estávamos recém-casados – e me pareceu que eles, amigos que éramos, se entenderam. Mariana era uma grande matemática. Eu não tinha saída: precisaria "colar" dela e, pelo que tinha percebido, o Ricardo dera a entender que fingiria não ver. Assim, ingressei na Faculdade de Economia, sem saber, até hoje, porquê.
Na nossa turma, estava o vereador Mário Stolf, também meu amigo. Ele, já no primeiro ano do curso, estava em pânico. Haveria prova de Matemática com o professor Ricardo Abe, o japonês de ética irrepreensível. Mário, antes da prova, implorava, para Ricardo aprová-lo, alegando ser vereador, amigo do pai dele, líder do governo municipal. Abe permaneceu em silêncio, fumando cigarro após outro, olhando para mim como se convencido de que eu estava sendo testemunha.
Então, o vereador explodiu: "Se você não me aprovar, eu mato você". E mostrou o revólver. Ricardo Abe respondeu: "Que aconteça o que for preciso acontecer". E aconteceu: Mário Stolf, o vereador de prestígio, foi reprovado. E Ricardo Abe continuou vivo.

UM PASSEIO PELA PAULISTA

O bairro da Paulista é o local que mais concentra japoneses e seus descendentes. Quem anda por suas ruas não tem como deixar de "tropeçar" na arte e na cultura nipônicas. É lá que está instalada a sede do Clube Nipo-Brasileiro, o Jardim dos Imigrantes e a Praça Takaki.

O Brasil tem a maior comunidade japonesa fora do Japão, seguido pelos Estados Unidos e China, respectivamente. O bairro da Liberdade, em São Paulo, representa um pedaço do Japão no Brasil, concentrando um forte comércio e inúmeras atividades culturais nipônicas. Nele está o Bunkio – Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (Rua São Joaquim, 381), mantido pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, que guarda toda a história e memória da comunidade, com média de 100 mil itens catalogados, entre documentos, livros e fotos.

Com postes vermelhos, lanternas e letreiros verticais que enfeitam a maior parte das ruas, o bairro recebe inúmeras festas, como o Hanamatsuru (Festival das Flores, em abril), o campeonato de sumô (no mês de maio), o Tanabata Matsuri (com as ruas decoradas com bambus, nos quais o público pendura papeis com desejos, no mês de julho), e o Moti Tsuki (equivalente ao nosso réveillon, com distribuição de motis, os bolinhos de arroz que, para os japoneses, simbolizam a sorte). Conta, ainda, com templos xintoístas, várias lojas com produtos orientais, restaurantes com yakasoba, sushi e sashimi, e supermercados onde se pode comprar o natto e vários tipos de molho de soja.

Nos Estados Unidos, destaques para a Japantown de São Francisco, o maior e mais antigo bairro japonês em solo norte-americano – abrigando a Praça da Paz e o Japan Center – e para o Little Tokio, localizado em Los Angeles, com locais fascinantes como o Japonese Village Plaza e o James Irvine Japanese Garden.

Em Piracicaba, o "japantown" fica no bairro da Paulista, onde está a sede do Clube Nipo-Brasileiro (na esquina da Avenida do Café com a Rua Sud Mennucci), que preserva e propaga os costumes e tradições japonesas, além de outros cantinhos

A STROLL AROUND THE PAULISTA

Brazil has the largest Japanese Community outside Japan, followed by the United States and China, respectively. The Liberdade District, in São Paulo, represents a part of Japan in Brazil, concentrating strong commerce and countless Japanese cultural activities. The Bunkio – Historic Museum of the Japanese Immigration in Brazil (São Joaquim Street, 381), is located there, maintained by the Brazilian Society of Japanese Culture and Social Aid, where the history and memory of the community is kept, with around one-hundred thousand items listed comprising documents, books and photographs.

With red lamp-posts, lanterns and vertical billboards dressing up most of the streets, the district receives a number of festivals every year, such as the Hanamatsuru (Flowers Festival, in April), the sumo championship (in May), the Tanabata Matsuri (with the streets decorated with bamboo, where the public hangs pieces of paper with wishes, in July), and the Moti Tsuki (equivalent to our New Year's Eve), with handing out of motis, small rice balls that for the Japanese symbolize luck). There are also Shinto temples and shops with eastern products, restaurants serving yakisoba, sushi and sashimi and supermarkets where natto and diverse types of shoyu sauce are found.

In the United States, highlights for Japantown in San Francisco, the largest and oldest Japanese district in North-American soil – containing the Peace Square and the Japan Center – and to Little Tokyo, in Los Angeles, with fascinating places such as the Japanese Village Plaza and the James Irvine Japanese Garden.

In Piracicaba, the "Japantown" is in the Paulista District, where the Japanese-Brazilian Club has its headquarters (at the corner of Coffee Avenue with Sud Mennucci Street), preserving and propagating Japanese customs and traditions, in addition to other

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

que servem como pontos de encontro dos orientais, como a Estação Paulista, marco da chegada dos japoneses na cidade (inaugurada em 1922, não recebeu a primeira turma de imigrantes japoneses, e nem a segunda, que chegaram em 1918 e 1919, respectivamente, mas – a partir de então – todos os demais desembarcaram no local) e a Praça Takaki (que em japonês significa árvore grande), uma homenagem de Piracicaba a José Shigueki Takaki, falecido em junho de 1958.

A estação ferroviária funcionou até o final da década de 1970, transformando-se, posteriormente, em um complexo turístico de cultura e lazer, abrigando o Centro Cultural Antônio Pacheco Ferraz, o Armazém da Cultura Maria Dirce de Almeida Camargo, a Estação do Idoso, a Academia da Terceira Idade, a Academia ao Ar Livre, o Projeto Guri e o Jardim dos Imigrantes, também conhecido como Jardim Japonês. É lá, também, que é realizado o Festival da Primavera, evento promovido anualmente pelo clube nipo.

small places where easterners meet, such as the Paulista Station, landmark of the arrival of Japanese in the city (inaugurated in 1922, it didn't receive the first group of Japanese immigrants nor the second one, who arrived in 1918 and 1919, respectively. But, from then on, all others disembarked there). And the Takaki Square (in Japanese, meaning "big tree"), a tribute of Piracicaba to José Shigueki Takaki, deceased June 1958.

The railway station operated until the end of the seventies, later becoming a tourist facility for culture and recreation. It holds the Antônio Pacheco Ferraz Cultural Center, the Maria Dirce de Almeida Camargo Cultural Warehouse, the Elders' Station, the Third-Age Academy, the Open-Air Academy, the Guri (Kid) Project and the Immigrants' Garden, also known as the Japanese Garden. The Spring Festival is also featured there, an annual event promoted by the Japanese Club.

Estação Paulista, ponto chique da cidade.

A conquista do ramal da Estrada de Ferro Paulista a Piracicaba foi verdadeira epopeia comandada, desde o final do século 19, pelos Moraes Barros. Os maus serviços da Ituana indignavam os piracicabanos e, finalmente, sob o comando de Paulo de Moraes Barros, deu-se a realização de um dos grandes anseios da comunidade. Inaugurada em 9 de setembro de 1922, com grande festa popular, a primeira viagem saiu da cidade de São Paulo às 13 horas, com sete carros de passageiros. Neles, vieram senadores, deputados, jornalistas e personalidades ilustres de Piracicaba. E – após parar em Santa Bárbara d'Oeste – o trem chegou, gloriosamente, às 19h30. A partir desse dia, o trem fazia duas viagens diárias a São Paulo, com baldeação em Nova Odessa. A viagem até a capital paulista durava quatro horas. O trem partia às seis horas, todas as manhãs, levando dois vagões: um de primeira e outro de segunda classe que, em Nova Odessa, eram acoplados a um outro trem. À tarde, a cena se repetia. O bairro adquiriu o nome de "Paulista" pelo fato de a cidade ter-se orgulhado da chegada da estrada de ferro mais poderosa do país, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, criada por banqueiros e fazendeiros de São Paulo. Era uma vitória contra a precariedade da Estação Sorocabana (Ituana), instalada a menos de dois quilômetros de distância, no centro da cidade. Sua instalação mudou hábitos, costumes e realidades sociais dos piracicabanos. Tornou-se chique ir à estação, aguardar chegada e saída do trem, especialmente quando da visita ou da despedida de personalidades do mundo político, intelectual e artístico. Morar no bairro da Paulista se tornou coqueluche da sociedade piracicabana e o jornalista Leandro Guerrini, à época, escrevia que era o local preferido para se morar, o mais chique e rico.

Foto: Acervo Cecílio Elias Netto

A Estação da Paulista é tida como marco da chegada dos japoneses em Piracicaba. Inaugurada em 1922, não recebeu a primeira turma de imigrantes japoneses, e nem a segunda, que chegaram em 1918 e 1919, respectivamente, mas – a partir de sua inauguração – todas as demais desembarcaram no local. Hoje, com a ferrovia desativada, funciona como Polo Cultural e Turístico. Abriga o Jardim Japonês e sedia a Festa da Primavera, realizada anualmente no mês de setembro.

Foto: Davi Negri

UM JARDIM PARA OS IMIGRANTES JAPONESES

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Inaugurado no dia 29 de fevereiro de 2012, pelo prefeito Barjas Negri, o Jardim Japonês, uma homenagem aos primeiros japoneses que vieram para Piracicaba em 1918, deu um ar mais harmônico à Estação da Paulista, já desativada como estrada de ferro. Com 300 metros quadrados, o espaço conta com paisagismo típico, ponte para passeio sobre um lago ornamental, com cascata, carpas coloridas, iluminação decorativa e muitos outros símbolos da cultura oriental.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Obra enriquece paisagismo do Parque de Lazer da Estação Paulista

Foto: Fabrice Desmonts

A construção do Jardim Japonês foi uma iniciativa da Secretaria Municipal de Defesa do Meio Ambiente – com apoio da ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – e o local recebeu a denominação de Jardim dos Imigrantes, conforme projeto da vereadora Márcia Pacheco.

Sua inauguração contou com as presenças de Naoki Kawai, na época presidente do Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba, e de seu filho, Pedro Kawai, diretor do Parque de Lazer da Estação Paulista e que acompanhou o andamento da obra desde o seu início.

Segundo Pedro Kawai, a arte do paisagismo no Japão é antiga e a construção do jardim em Piracicaba, além de atender antigo sonho da comunidade japonesa, é um marco que servirá como referência para toda a população da cidade. "Para a cultura japonesa, o paisagismo é uma das mais elevadas formas de arte, pois consegue expressar a essência da natureza em um limitado espaço de forma harmoniosa com a paisagem local".

O professor da ESALQ, Keigo Minami, explicou que o jardim japonês - no projeto inicial - seria instalado nas dependências da ESALQ, mas que sua transferência para a Estação Paulista foi excelente. Mostra que Piracicaba está se acostumando aos costumes orientais. "As pessoas se sentem mais calmas e tranquilas quando passam por ali", conclui.

SHIGUEKI DÁ NOME A PRAÇA NO BAIRRO DA PAULISTA

Foto: Acervo Frei Everson Takaki

Rosário Takaki representa a família e faz uso da palavra durante a inauguração da Praça Shigueki Takaki, em 17 de abril de 1960, no bairro da Paulista, em homenagem aos primeiros imigrantes japoneses que escolheram a cidade de Piracicaba para morar e viver no ano de 1918.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

A Praça Takaki é do povo piracicabano (como o céu é do avião)

A denominação da praça – Shigueki Takaki –, localizada no encontro das avenidas Madre Maria Teodora, Jane Conceição e Rua do Rosário, foi dada através da Lei Municipal 715, assinada em 30 de setembro de 1958, pelo então prefeito municipal, Luciano Guidoti: "uma homenagem do município de Piracicaba a Shigueki, falecido no dia 7 de junho de 1958, e à colônia japonesa no Brasil". O documento dizia, ainda, que a placa denominativa deveria conter os seguintes dizeres "Pioneiro da Imigração Japonesa em Piracicaba". Sua inauguração, no entanto, ocorreu em 17 de abril de 1960, na gestão de Francisco Salgot Castillon. José Takaki, como era conhecido, integrava o primeiro grupo de imigrantes japoneses que escolheram Piracicaba para trabalhar e viver, em 1918, e foi um dos fundadores do Clube Cultural Nipo-Brasileiro.

O local abriga uma caixa d´água, com capacidade para 500 mil litros, cuja construção teve início em abril de 1973 e foi concluída em 5 de setembro de 1974, na administração Adilson Benedito Maluf.

Em dezembro de 2016, a pedido do vereador Pedro Kawai, a praça passou por uma revitalização, com plantio de 389 metros quadrados de grama esmeralda, troca das caixas de água, reformas nos sanitários, manutenção dos bancos de madeira e reparos no piso em mosaico português, sob a supervisão da Secretaria Municipal de Defesa do Meio Ambiente, na administração de Gabriel Ferrato.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Falecido no dia 7 de junho de 1958, Shigueki Takaki dá nome a uma praça no bairro da Paulista.

Japoneses imortalizados em Piracicaba

Com fortes raízes na cidade, vários japoneses foram eternizados em Piracicaba. Membros da família Takaki, por exemplo, foram imortalizados com seus nomes em logradouros públicos. Além da Praça Shigueki Takaki, na Paulista, a cidade contabiliza outros pontos, como as ruas José Siquihi Takaki, Julio Takaki, Rosário Takaki, Shigueri Takaki e Yukie Takaki. O Varejão Central de Piracicaba tem o nome de Fernando Takaki. Também foram homenageados com seus nomes em ruas Elza Matiko Donomae, Eurico Iwakawa, Jiichi Otsubo, Kaoru Mizuhira, Kijuji Mizuhira, Kiniti Mori e Rosa Murakami. O município possui ainda as travessas Keiju Hara e Shitizo Yamashita e uma rua intitulada Tóquio. Vítima da ditadura militar, em 1972, Hiroaki Torigoi dá nome a um importante viaduto da cidade, e o pediatra Nelson Nakamura, falecido em 28 de janeiro de 2011, foi homenageado com o nome em uma rua do bairro Ondas e no prédio do PSF – Programa de Saúde da Família (na Av. Frei Francisco Antonio Perin), no bairro Kobayat Líbano. Nakamura nasceu em Tupã (SP) e se estabeleceu em Piracicaba no ano de 1976, onde mantinha um consultório. Foi presidente da Sociedade de Pediatria de Piracicaba – regional da Sociedade de Pediatria de São Paulo. Em julho de 2018, o prefeito Barjas Negri inaugurou a Praça Kiyoshi Mizuhira, como parte das festividades comemorativas aos 100 anos da Imigração Japonesa em Piracicaba.

PRAÇA KIYOSHI MIZUHIRA - *Inaugurada pelo prefeito Barjas Negri no dia 7 de julho de 2018, na Vila Monteiro, por propositura do vereador Pedro Kawai. Kiyoshi nasceu em Hokaido, Japão, e migrou para o Brasil em 1933. Em Piracicaba, em meados de 1970, fundou a sede da Seicho-No-Ie, doando terreno na Travessa da Saudade. Faleceu em 21 de novembro de 1998.*

O CLUBE NIPO-BRASILEIRO DE PIRACICABA

As dificuldades naturais (idioma, hábitos alimentares, diferenças climáticas, costumes e comportamento) acarretaram um forte choque aos imigrantes japoneses em Piracicaba, obrigando-os a conviver em grupo.

Foi assim que, em 1920, surgiu a Pau D´Alho Nihonjin Kai (o primeiro nome refere-se à fazenda, onde eles trabalhavam na lavoura do café; "kai", significa associação, em japonês), sob a presidência de Hayato Takematsu, com o objetivo de servir como ponto de encontro das famílias nos finais de semana e abrigar uma escola de língua japonesa para seus filhos, visando a preservação de suas tradições, por meio de eventos relacionados aos costumes dos pais e de seus antepassados.

Foi essa semente que, mais tarde, se transformaria no, hoje, representativo Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro, cuja preocupação maior é a preservação e difusão da memória e da cultura japonesa, ministrando vários cursos e realizando festas e encontros anuais abertos à comunidade em geral, abrangendo a culinária, música, esporte, cultura e arte.

Ao longo de sua história, a associação passou por várias denominações. Em 1932, com o crescimento da comunidade japonesa – espalhada por vários bairros da cidade – a entidade passou a ser chamada de Piracicaba Nippon Ginkai, ou seja, Associação Cultural de Japoneses de Piracicaba ("nippon", japoneses; "ginkai", associação de gentes).

Com o "estouro" da Segunda Guerra – quando as associações nipônicas, italianas e alemãs passaram a ser proibidas pelo governo brasileiro – enfrentou crise e perseguição. Mesmo assim, prosseguiu na clandestinidade. Passado o conflito, em 1950 ressurgiu como Piracicaba Beisebal Club (ainda era proibido o emprego de "japonês" no título da entidade, resquício dos tempos de perseguição), criado no dia 20 de abril, conforme ata de fundação, com sede provisória no número 895 da Praça José Bonifácio, no centro de Piracicaba.

THE JAPANESE-BRAZILIAN CLUB IN PIRACICABA

The natural hindrances (language, eating habits, different climate, costumes and behavior) represented a strong shock for the Japanese immigrants in Piracicaba, forcing them to live as a group. That's why – in 1926 – the Pau D´Alho Nihonjin Kai was established (the first name refers to the farm where they worked in the coffee culture; and Kai, Japanese for Association), under the Presidency of Hayato Takematsu, for the purpose of being a meeting place for the families on weekends and of housing a Japanese Language School for their children, in order to preserve their traditions through events related to the costumes of the country and their forebears.

That seed would later blossom into the currently representative Japanese-Brazilian Cultural and Recreational Club, whose major aim is to preserve and spread the Japanese culture and memory by conducting various courses and promoting festivals and annual meetings open to the public, encompassing cooking, music, sports, culture and art.

In the course of its history, the association had several names. In 1932, with the growth of the Japanese community – spread around several quarters in the city – the entity was named Piracicaba Nippon Ginkai, that is, Japanese Cultural Association of Piracicaba (Nippon, Japanese; Ginkai, Association of People).

With the outbreak of the Second World War – when Japanese, Italian and German Associations were forbidden by the Brazilian Government – it was befallen by crises and persecutions. Even so, it carried on clandestinely. With the conflict over, it reappeared as the Piracicaba Baseball Club (use of the "Japanese" word in the name of the entity was still forbidden, a remnant of the times of persecution), created on April 20 as per the Foundation Minutes, with provisional headquarters at at José Bonifácio Square Number 895, in downtown Piracicaba.

Foto: Kichisaburo Nakagawa

Luciano Guidotti, prefeito de Piracicaba, e Oscar Nishimura, presidente do Clube, cortam fita inaugural da sede na Paulista, no dia 13 de abril de 1958

Foto: Acervo Clube Nipo-Brasileiro

MEMORIAL KINEN HI - inauguração da Pedra, no Kaikan, no dia 18 de junho de 1958.

A diretoria, também provisória, era formada por Takeshi Tsuboi (presidente), Minoru Ito (secretário) e Iwao Inada (tesoureiro), "todos brasileiros natos", como esclarece o documento, com o intuito de unir a colônia japonesa da cidade e promover atividades esportivas, recreativas, culturais e sociais.

A diretoria era dividida entre idosos (Nihojinkai, a principal), senhoras (Fujinkai) e jovens (Seinenkai). Foi nessa época que o terreno da Avenida do Café, onde fica a atual sede, foi adquirido.

No dia 13 de abril de 1958 – conforme consta no manuscrito japonês de Kiyoshi Mizuhira – é que foi inaugurada, oficialmente, a sede da Avenida do Café, nº 611 (esquina com a Rua Sud Mennucci), no bairro da Paulista, com a fita sendo descerrada pelo então prefeito de Piracicaba, Luciano Guidotti, e por Musashi Nishimura (Oscar), na época, presidente da entidade. Foi no dia 18 de junho de 1958 – data em que se comemorava o cinquentenário da imigração japonesa no Brasil, e os 40 anos, em Piracicaba – que se deu a inauguração do Memorial Kinen Hi (monumento de pedra), com missa solene e plantio de árvores. Em 1982, o nome foi alterado para Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba.

O terreno do Clube Campestre – Av. Monte Alto, números1500-1630, em Pau D' Alhinho – foi adquirido em 2000, por iniciativa de Pedro Mizutani e cuja escritura foi assinada por Naoki Kawai, na época presidente, com a inauguração do campo de beisebol e softbal ocorrendo em 2003, graças ao esforço e empenho de Yuchiro Umeda, fundamental para que o fato se tornasse realidade, e que dá nome ao Centro de Treinamento de Beisebol e Softbol.

No dia 7 de setembro de 2016, o Clube comemorou a entrega de melhorias no Kaikan (sede social), uma das maiores revitalizações desde sua inauguração em 1958.

Na oportunidade, Pedro Mizutani também fez o lançamento do livro "1950 – 2016, Raízes em páginas", que conta a história do Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba.

Takeshi Tsuboi was its President, Minoru Ito the Secretary and Iwao Inada the Treasurer. "All Brazilian born", as stated in the document, with the purpose of uniting the Japanese colony in the city and promoting sport, recreational, cultural and social activities.

The Board was divided among elders (Nihojinkai, the main group), ladies (Fujinkai) and youngsters (Seinenkai). The plot on the Coffee Avenue, where the current premises stand, was bought at that time.

On April 13, 1958 – as recorded in Kiyoshi Mizuhira`s Japanese manuscript – the headquarters on Coffee Avenue No. 611 (at the corner with Sud Mennucci Street) in the Paulista Quarter was officially inaugurated, with the ribbon cut by the Mayor in office at the time, Luciano Guidotti and Musashi Nishimura (Oscar), President of the entity. On June 18, 1958 – date when the fiftieth years of the Japanese Immigration in Brazil and the fortieth in Piracicaba were commemorated – the Kinen Hi Memorial (stone monument) was inaugurated, with a solemn Mass and planting of trees. The name was changed in 1982 to Japanese-Brazilian Cultural and Recreational Club of Piracicaba.

The plot of the Country Club – Monte Alto Avenue No.1500-1630, in Pau D' Alhinho – was bought in 2000 at Pedro Mizutani`s initiative, its deed signed by Naoki Kawai, then its President. Inauguration of the baseball and softball field took place in 2003, thanks to the efforts and commitment of Yuchiro Umeda, who was fundamental for the accomplishment and after whom the baseball and Softball Training Center is named.

On September 7, 2016, the club commemorated the conclusion of improvements to the Kaikan (social premises), in one of the biggest renewals since its inauguration in 1958.

On that occasion Pedro Mizutani also released the book "1950 – 2016, Roots on Pages", telling the story of the Japanese-Brazilian Cultural and Recreational Club of Piracicaba.

Fotos: Fabrice Desmonts

Clube Nipo-Brasileiro recepciona cônsul-geral do Japão, Yasushi Noguchi.

O cônsul-geral do Japão em São Paulo, Yasushi Noguchi, visitou a cidade de Piracicaba no dia 24 de janeiro de 2018, oportunidade em que conheceu indústrias, reuniu-se com o prefeito Barjas Negri e com o vereador Pedro Kawai, no Centro Cívico, e foi recepcionado pela diretoria do Clube Cultural Nipo-Brasileiro em sua sede no bairro da Paulista.
Acompanhado do cônsul Kenji Iwashima, Noguchi tem visitado cidades paulistas com notória presença de imigrantes japoneses e expressou sua satisfação com a organização da colônia no município e sua contribuição na economia e nos costumes locais.
A vinda de Noguchi a Piracicaba foi exaltada pelo vereador Pedro Kawai; pelo presidente do Clube Nipo-Brasileiro, Irio Kawasima, e por Pedro Mizutani, vice-presidente da entidade.
"A visita de uma autoridade japonesa tão importante é sinônimo de que a colônia japonesa e Piracicaba têm o seu papel de relevância nas questões sociais, econômicas e culturais. É, para nós, motivo de orgulho conhecer uma das maiores autoridades japonesas fora do Japão, aqui recebida pelo prefeito, por empresários e pelo Clube Nipo-Brasileiro", destacou Kawai.
Barjas Negri aproveitou a oportunidade para enfatizar a participação ativa dos japoneses no desenvolvimento do país e da cidade e, também, falar sobre as ações que o município e a colônia estão preparando para comemorar os 100 anos da imigração japonesa em Piracicaba.
Em cada visita, Noguchi e Kenji foram agraciados com presentes que fazem referência a Piracicaba, como o selo comemorativo dos 250 anos, celebrados em 2017, e o livro "250 anos de Caipiracicabanidade", de autoria de Cecílio Elias Netto, além de outros mimos oferecidos pela diretoria do Clube Nipo-Brasileiro.

Dirigentes do Clube Nipo-Brasileiro recepcionam o cônsul-geral, Yasushi Noguchi, na sede social.

OS PRESIDENTES

Pela ordem, desde 1926, presidiram a associação:
Hayato Takematsu
Tomokichi Nishide
Eizo Otsubo
Toshio Mori
Hiroshi Mizuhira
Fissayuki Miyazaki
Noboru Nishide
Takeshi Tsuboi (diretoria provisória)
Mussashi Nishimura (Oscar)
Imari Mori
Hisayoshi Takami
Kenji Anraku
Yochiro Umeda
Yamamitsu Sato
Kazuo Miyazaki (Mário Japonês)
Hélio Takaki
Naoki Kawai
Pedro Isamu Mizutani
Irio Takumi Kawasima

Clube abraça a comunidade piracicabana

Em 1958, sob o comando de Oscar, o clube abriu espaço para alunos da ESALQ – brasileiros sem descendência nipônica e não associados – praticarem judô, mas uma abertura maior, envolvendo a comunidade piracicabana, ocorreu a partir de 1986, na gestão de Kazuo Miyazaki, o Mário Japonês, com uma diretoria formada por japoneses mais jovens e, também, por nisseis, ação que foi ampliada na administração de Hélio Takaki, presidente da entidade de 1992 a 1994.

O clima festeiro, no entanto, começou a ganhar corpo nas gestões de Naoki Kawai (1994-2012) e Pedro Isamu Mizutani (2013-2016), com o fortalecimento dos departamentos (taiko, odori, karaokê, artes marciais, terceira idade e rojinkai) em festividades realizadas em Piracicaba e em outras cidades. Eventos como o Festival da Primavera (na Estação Paulista), Karaokê Taikai (concurso de karaokê) e Japão na Praça, que, hoje, integram o calendário oficial de festas do município, e a introdução do Undokai, gincana esportiva, realizado pela primeira vez em 2004, na sede campestre, envolvendo associados e convidados, deram novo fôlego ao clube.
É baseado nas múltiplas ações desenvolvidas pela entidade que o atual presidente, o engenheiro Irio Takumi Kawasima, 62 anos, sabe muito bem a importância do cargo que ocupa.

THE PRESIDENTS

By timeline, the Presidents of the Association since 1926:
Hayato Takematsu
Tomokichi Nishide
Eizo Otsubo
Toshio Mori
Hiroshi Mizuhira
Fissayuki Miyazaki
Noboru Nishide
Takeshi Tsuboi
Mussashi Nishimura (Oscar)
Imari Mori
Hisayoshi Takami
Kenji Anraku
Yochiro Umeda
Yamamitsu Sato
Kazuo Miyazaki (Japanese Mário)
Hélio Takaki
Naoki Kawai
Pedro Isamu Mizutani
Irio Takumi Kawasima

The Club embraces the Piracicaban community

In 1958, under command of Oscar, the club opened space for ESALQ students – Brazilians without Japanese descent and non-members – to practice judo; a bigger opening for the Piracicaban Community took place from 1986 on, during the tenure of Kazuo Miyazaki, the Japanese Mário and a Board made up of younger Japanese and nisei, a measure that was further broadened in the administration of Hélio Takaki, President of the entity from 1992 to 1994.

The partying climate started to get emboldened in the tenures of Naoki Kawai (1994-2012) and Pedro Isamu Mizutani (2013-2016), with strengthening of the various departments (taiko, odori, karaoke, martial arts, third-age and Rojinkai) and with festivities in Piracicaba and other cities. Events such as the Spring Festival (at the Paulista Station), Karaoke Taikai (karaoke contest) and Japan on the Square, today all part of the official calendar of feast of the municipality and the introduction of Undokai, a sport gymkhana performed for the first time in 2004 involving associates and invitees, gave new wind to the club.

Based on the multiple initiatives developed by the entity, the current President, Engineer Irio Takumi Kawasima, 62 years old, is aware of the importance of the position he holds.

OS TRÊS ÚLTIMOS PRESIDENTES - Pedro Isamu Mizutani (de 2013 a 2016), Naoki Kawai (1994 a 2012) e Irio Takumi Kawasima (2017 até hoje).

Hayato Takematsu

Tomokichi Nishide

Eizo Otsubo

Toshio Mori

Hiroshi Mizuhira

Fissayuki Miyazaki

Noboru Nishide

Mussashi Nishimura

Imari Mori

Hisayoshi Takami

Kenji Anraku

Yochiro Umeda

Yamamitsu Sato

Kazuo Miyazaki

Hélio Takaki

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias e Acervo Clube Nipo-Brasileiro

"A responsabilidade é grande, porque esse clube representa uma doação das pessoas que participam", define Irio, explicando que todos os amantes da cultura japonesa podem participar de suas atividades. São oferecidas aulas de japonês, karaokê, danças típicas como o bon odori e j-pop, taiko (tambores), kung-fu, kendo, beisebol, softbol e ainda existe um grupo da terceira idade, entre outros serviços.

DIRETORIA 2017/2018
(ano do centenário da imigração japonesa em Piracicaba)
Presidente
Irio Takumi Kawasima
1° Vice-Presidente
Kassia Kishino Kawai
2° Vice-Presidente
Pedro Isamu Mizutani
1° Secretário
Fabiana Lumi Kikuchi Hamada
2° Secretário
Fábio Takahashi
Diretor Financeiro
Mauro Akira Hamada
Vice-Diretor Financeiro
José Yasuo Donomae
Diretora de Cultura e Eventos
Eunice Miyuki Mizutani
Diretor de Patrimônio
Luís Hiroshi Koshimizu
Diretor de Relações Públicas
Pedro Motoitiro Kawai
1° Conselheiro Fiscal
Eiji Shirasawa
2° Conselheiro Fiscal
Paulo Teruji Takeno
3° Conselheiro Fiscal
Elisabete Sato
Suplentes da Diretoria Executiva
Sérgio José Dias Pacheco
Jaciro Sannomiya
Emilio Issamu Hirama
Nelson Sato
Fada Lochoski
Marcos Takaki
Suplentes do Conselho Fiscal
Roberto Iuanami
Margarete de Fátima Viveiros Takaki
Fada Olívia Marilda Menez Oliveira Lochoski
Sueli Takaki

"It's a great responsibility, as this club represents a donation by the people who participate", he states, explaining that all Japanese culture lovers can take part in its activities. There are classes of Japanese, karaoke, typical dances such as bon odori and j-pop, taiko (drums), kung-fu, kendo, baseball, softball and a third-age club, among other services.

2017/2018 BOARD
(Year of the centenary of Japanese immigration in Piracicaba)

President
Irio Takumi Kawasima
1st Vice-President
Kassia Kishino Kawai
2nd Vice-President
Pedro Isamu Mizutani
1st Secretary
Fabiana Lumi Kikuchi Hamada
2nd Secretary
Fábio Takahashi
Finance Director
Mauro Akira Hamada
Finance Vice-Director
José Yasuo Donomae
Director of Culture and Events
Eunice Miyuki Mizutani
Director of Assets
Luís Hiroshi Koshimizu
Public Relations Director
Pedro Motoitiro Kawai
1st Supervisory Councilor
Eiji Shirasawa
2nd Supervisory Councilor
Paulo Teruji Takeno
3rd Supervisory Councilor
Elisabete Sato
Executive Board Alternates
Sérgio José Dias Pacheco
Jaciro Sannomiya
Emilio Issamu Hirama
Nelson Sato
Fada Lochoski
Marcos Takaki
Supervisory Council Alternates
Roberto Iuanami
Margarete de Fátima Viveiros Takaki
Fada Olívia Marilda Menez Oliveira Lochoski
Sueli Takaki

Irio: equilíbrio entre a tradição e a modernidade.

O engenheiro elétrico Irio Takai Kawasima, 62 anos, presidente do Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba há um ano, aprendeu, durante esse tempo, a se equilibrar. O equilíbrio, a que se refere, é o que existe entre a tradição e a modernidade, algo, aliás, tipicamente japonês. "Acredito que tenho de ficar entre esses dois lados. E não posso atuar apenas como executivo, com aquela mentalidade corporativa. Tenho de saber me colocar, esse é o grande desafio", conta.
É isso que faz com que, por um lado, participe de uma reunião dos idosos num domingo à tarde na sede e, de outro, se preocupe em introduzir novidades que agradem aos mais jovens. "Eu me dou bem com as pessoas de mais idade, e valorizar o idoso é uma característica nipônica. E, graças a Deus, os jovens também aceitam minhas ideias".
Entre seus novos projetos, está o incentivo ao taiko, o tambor japonês, que já faz apresentações além do Clube. "Eles mesmos estão se virando, fazendo contato com pessoal externo, divulgando mais o Clube", conta. A experiência positiva fez com que começasse um curso de shamishen, instrumento japonês típico, com três cordas e braço comprido, e que, por enquanto, tem aulas online.
Kawasima destaca que o ingrediente principal na fórmula para gerir o clube é um só: paciência. "Por sorte, esse é um sentimento que a maioria dos japoneses tem de sobra", brinca. Por isso, ele vem esperando o momento ideal de colocar em prática uma ideia que teve, junto com Naoki Kawai: a de convidar os jovens de ascendência japonesa recém-chegados às faculdades de Piracicaba para conhecerem o clube. "Isso é importante demais para a nossa renovação".
Destaque-se que o clube, somente há um ano, depois de passar por reforma, é que pôde ser alvo de visitas. "Antes, era muito simples, não dava para convidar ninguém", ressalta. Aliás, a tendência atual, entre os clubes nipo, e que se nota em todo tipo de agremiação, é a de fechar as portas. Ele revela que esse dado foi mostrado recentemente pelo Centro de Estudos Nipo-

Foto: Marcelo Fuzeti Elias e Acervo Família Kawasima

FAMÍLIA KAWASIMA - Igor, Terue, Elton, Irio e Vivian.

Brasileiros, com encerramento de atividades em todo o interior paulista. "Para um clube japonês se manter é importante cuidar de três pilares: uma boa escola para o idioma; as gincanas esportivas, que chamamos de undokai; e o bon odori, dança típica japonesa", enumera.
Irio é filho de um japonês, Itiro, que chegou ao Brasil, em 1939, pouco antes da guerra. O pai contava do susto que levou ao desembarcar no Porto de Santos. "Ele viu os trabalhadores negros que trabalhavam no local e nunca tinha visto um negro antes. Porém, logo se adaptou ao Brasil e se considerava brasileiro. Só voltou ao Japão a passeio", diz.
O próprio Irio só conheceu sua terra de origem quando viajou para comemorar as bodas de prata. "Achei tudo maravilhoso. Durante as três semanas que fiquei lá, só vi um mendigo na rua", conta.
Revela que pretende retornar com mais tempo e que procurou misturar as duas culturas na educação dos três filhos. "Fiz questão de que eles aprendessem a língua japonesa desde cedo".

PONTO DE ENCONTRO DE JAPONESES (E DE OCIDENTAIS)

O almoço acontece em ocasiões especiais, nos finais de semana. O cardápio é variado, com bufê de saladas, arroz, macarrão e vários tipos de carne. A atração musical – geralmente – envolve músicos brasileiros. O local é a Chácara Sol Nascente, no bairro Marins. Parece um clube que reúne descendentes de japoneses?

Parece sim. É o que garante o novo presidente, o comerciante Ricardo Takaki, de 42 anos – proprietário de uma lanchonete num hipermercado de Piracicaba e filho de Marcos Masao Takaki, um dos fundadores da entidade –, e que acabou de ser eleito. "Nós temos o exterior japonês, mas somos brasileiros. O cardápio reflete nossos costumes", define.

Ricardo tem orgulho das raízes, pois seu avô, Shigueri, é nome de praça na cidade e veio na primeira turma de imigrantes nipônicos para a cidade, há exatamente um século. "Mas desde o tempo dos nossos avós, eles queriam que os filhos se adaptassem ao país que escolheram para viver", explica.

Por isso, o Sol Nascente, que existe há quase 40 anos, é diferente do Clube Nipo-Brasileiro, embora Takaki esclareça que as agremiações não são rivais. "O Nipo se preocupa mais com a cultura, em cultivar as tradições orientais. O nosso é diferente, é um clube social, um ponto de encontro, com frequência, atualmente, bem misturada, praticamente meio a meio entre orientais e ocidentais", afirma.

Há almoço todos os domingos, e a organização é dividida entre quatro equipes, que assim trabalham uma vez por mês. Sushi e sashimi, porém, entre outros pratos japoneses, têm pouco destaque. "Eu mesmo aprendi a apreciar a culinária do Japão por causa dos meus amigos ocidentais", assume Ricardo.

O clube tem uma programação variada. Há uma piscina, e outras atividades esportivas acontecem. "Tem gente que joga bocha, outros preferem um carteado. Uma época, a gente jogava futebol toda semana, hoje diminuímos", conta.

MEETING POINT FOR JAPANESE (AND WESTERNERS)

The luncheon takes place on special occasions, on weekends. The menu is varied, with a cold salad bar, rice, spaghetti and several kinds of meats. The musical attraction – usually – features Brazilian musicians. The place is the Chácara Sol Nascente (Rising Sun Ranch), at the Marins district. Does it look like a club bringing together descendants of Japanese?

Indeed, it does. That's what guarantees the new President, merchant Ricardo Takaki, 42 – owner of a snack bar located in a Piracicaban hypermarket and son of Marcos Masao Takaki, one of the founders of the entity – who has just been elected. "We look Japanese on the outside, but we are Brazilian. The menu mirrors our customs", he states.

Ricardo is proud of his roots. His grandfather Shigueri is the name of a square in the city. He arrived in the city with the first group of Japanese immigrants, exactly one century ago. "However, since the time of our grandparents, they wanted their children to adjust to the country they chose to live in", he explains.

Thus, the Rising Sun, that has existed for nearly 40 years, is different from the Japanese-Brazilian Club, although Takaki points out that the associations are not rivals. "The Japanese Club is more concerned with culture, cultivating eastern traditions. Ours is different, it's a social club, a meeting point, nowadays frequently well mixed almost half-to-half between easterners and westerners", he affirms.

There is luncheon every Sunday and the organization is split into four teams, each working once a month. However, sushi and sashimi, as well as other Japanese dishes, have little notability. "I myself only learned to like Japanese cooking because of my western friends", Ricardo confesses.

The club has a varied programming. There is a swimming pool and other sport events take place. "Some people play bocce, others prefer a card game. There was a time we played football every week, now we decreased that", he tells.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

OS PRESIDENTES/ *THE PRESIDENTS*

Ricardo Takaki
Marciano Magrini
Denis Murilo Saito
Fábio Irineu Gasparini
Maria Célia Lara Takaki
Waldemar Mazuco
Kikuco Mizuhira Mori
Yoshico Mori
Nelson Miyata
Chindi Tamora
Irineu Yuso Takaki
Massazo Saito
Naoki Kawai
Seite Ito
Kazuo Miazaki
Júlio Takaki

Ricardo Takaki, presidente atual.

O Sol Nascente sobrevive por meio das mensalidades dos sócios, que abrangem 30 famílias, além de eventos da terceira idade, sempre muito atuante. "O japonês é bastante disciplinado e sempre focado em tudo o que faz, além de ser muito ligado à família. E nosso clube prova isso", diz Ricardo, que não fala japonês e não conhece a terra dos avós.

The Rising Sun survives through monthly fees paid by its members, 30 families, plus events for elders, an area the club is always very active in. "Japanese are very disciplined and always focused on what they do, in addition to being very linked to family. And our club evidences that", says Ricardo, who doesn't speak Japanese and doesn't know the land of his grandparents.

Um por todos, todos por um.
A criação do clube social – a Chácara Sol Nascente – é fruto da união de doze famílias japonesas – Takaki, Mori, Saito, Onishi, Kawai, Miyazaki, Tsugi, Mizuhira, Komatsu, Anraku, Otsubo e Kato. Tudo começou em 1975, com a aquisição de lotes em uma área de um alqueire no bairro de Marins. "Cada um de nós tinha um terreno dentro da chácara e, ao mesmo tempo, uma cota. Mas, numa reunião, se questionou: e quando morrer o titular, como é que faz? Então, achamos por bem todo mundo doar e montar um clube social. Sem dono, com uma diretoria. Se um dia ele for dissolvido, entrega a uma instituição de caridade", explica Massazo Saito, de 73 anos, um dos 38 sócios fundadores do clube, constituído oficialmente em 15 de janeiro de 1985.

One for all, all for one.
Creation of the social club – The Rising Sun Ranch – is the outcome of a union of twelve Japanese families – the Takaki, Mori, Saito, Onishi, Kawai, Miyazaki, Tsugi, Mizuhira, Komatsu, Anraku, Otsubo and Kato. It all started in 1975, with the purchase of plots in a one alqueire (land measure, equal to 24.220 square meters in São Paulo) in the Marins district. Everyone among us had a plot in the ranch, as well as a quota. Then, during a meeting, it was asked: and when the deed holder dies, what will be done? So, we thought it better for everyone to donate and establish a social club. With no owner, but with a Board. If one day it were dissolved, it would be given to a charity institute", explains Massazo Saito, 73 years old, one of the 38 founding members of the club, officially established on January 15, 1985.

Massazo é filho de um imigrante japonês, Masai Saito – "um aventureiro", como ele próprio define, que veio para o Brasil só com um tio, deixando o resto da família no país de origem. Seu pai casou-se com uma nissei paulistana e, desde a juventude, está em Piracicaba, criando raízes no Mercado Municipal, onde tem um pet shop. "Estamos há muito tempo no comércio e eu sigo essa tradição", diz Massazo, que já exerceu a presidência e a tesouraria do Sol Nascente, por várias vezes. Hoje atua como coordenador do grupo da terceira idade.

Massazo is son of a Japanese immigrant, Masai Saito – "an adventurer", as he defines, who came to Brazil with an uncle only, leaving the rest of the family in his original country. His father married a Paulistan nisei and lives in Piracicaba since his youth, where he set roots in the Municipal Market, where he owns a pet shop. "We have been into commerce for a long time and I follow that tradition", says Massazo, who had served as President and Treasurer of the Rising Sun for several terms. Today, he is coordinator of the third-age group.

Ele lembra que a ideia inicial do grupo era construir uma casa na praia, mas a maioria entendeu que teria pouca oportunidade de aproveitar. De qualquer forma, o objetivo sempre foi voltado para a parte social e recreativa. "Não é uma dissidência do Nipo, só temos visões diferentes", destaca, informando que foi uma luta para erguê-lo: "Só conseguimos terminar a construção da sede depois de mais de dez anos".

He recalls that the initial idea was to build a house on the beach, but the majority was of a mind that they would have little time to enjoy it. Anyway, the purpose has always been social and recreational activities. "It's not a dissidence from the Japanese Club, it's only that we have different views", he points out, telling of the struggle to build it: "We were able to finish building the headquarters only after more than ten years".

Fundadores, descendentes e convidados se reúnem regularmente na Chácara Sol Nascente. ***Foto: Marcelo Fuzeti Elias***

OS FUNDADORES
Família Takaki: Julio Takaki, Celso Tsuguio Takaki,Antonio Takagi, Rosário Takaki, Marcos Masao Takaki, Irineu Yuso Takaki, Helio Yukio Takaki, Emília Takaki, Yoshio Takaki, Sussumu Sato (marido de Tereza Takagi), Nelson Miyata (marido de Neusa Takagi), Seiti Ito (marido de Maria Takaki), Imari Mori (marido de Lucia Takaki), Chindi Tamora (marido de Amélia Takaki), Massahiro Yanaguihara (marido de Inês Takaki) e Waldemar Mazuco (marido de Natália Takaki).
Família Mori: Yoshico Mori, Sadao Mori, Kiniti Mori e Atílio Kiiti Mori.
Família Saito: Massazo Saito, Massao Saito, Keigi Saito e Marcelo Saito.
Família Onishi: Kinji Onishi, Tadashi Onishi, Emílio Yoiti Onishi e Henrique Tetsuo Mori (marido de Nair Onishi).
Família Kawai: Naoki Kawai e Kenji Kawai.
Família Miyazaki: Kazuo Miyazaki e Paulo Nascimento Toledo (marido de Ivete Miyazaki).
Família Tsugi: Nelson Hiroshi Tsugi.
Família Mizuhira: Maria Eva Mizuhira.
Família Komatsu: Mario Kooji Komatsu.
Família Anraku: Kenji Anraku.
Família Otsubo: Issamu Otsubo.
Família Kato: Kenetiro Kato.

THE FOUNDERS
Família Takaki: Julio Takaki, Celso Tsuguio Takaki,Antonio Takagi, Rosário Takaki, Marcos Masao Takaki, Irineu Yuso Takaki, Helio Yukio Takaki, Emília Takaki, Yoshio Takaki, Sussumu Sato (marido de Tereza Takagi), Nelson Miyata (marido de Neusa Takagi), Seiti Ito (marido de Maria Takaki), Imari Mori (marido de Lucia Takaki), Chindi Tamora (marido de Amélia Takaki), Massahiro Yanaguihara (marido de Inês Takaki) e Waldemar Mazuco (marido de Natália Takaki).
Família Mori: Yoshico Mori, Sadao Mori, Kiniti Mori e Atílio Kiiti Mori.
Família Saito: Massazo Saito, Massao Saito, Keigi Saito e Marcelo Saito.
Família Onishi: Kinji Onishi, Tadashi Onishi, Emílio Yoiti Onishi e Henrique Tetsuo Mori (marido de Nair Onishi).
Família Kawai: Naoki Kawai e Kenji Kawai.
Família Miyazaki: Kazuo Miyazaki e Paulo Nascimento Toledo (marido de Ivete Miyazaki).
Família Tsugi: Nelson Hiroshi Tsugi.
Família Mizuhira: Maria Eva Mizuhira.
Família Komatsu: Mario Kooji Komatsu.
Família Anraku: Kenji Anraku.
Família Otsubo: Issamu Otsubo.
Família Kato: Kenetiro Kato.

KAWAI, QUE É NAOKI, PEDRO, FUJI...

O nome de registro civil é Naoki Kawai, mas poucos o conhecem assim. Ele é mesmo Pedro, identidade que, há 74 anos, ganhou no batismo brasileiro, na cidade de Rancharia. Porém, a "cara de samurai", como ele mesmo define, não esconde como se sente: "Eu me sinto brasileiro", fala, com orgulho.

Foi essa terra que ele aprendeu a amar, apesar de tanta falta de honestidade que ele diz ver, atualmente, por aqui. "No Japão é mais rígido. Quem é denunciado por corrupção cai em desonra e se suicida. Imagina se, aqui, fosse assim!"

Amar o Brasil não significa que Kawai não se orgulhe das raízes nipônicas. Ao contrário. Ele conta que os pais, Motoitiro e Kichino, aqui chegados em 1925, foram um exemplo de resistência. "Eles vieram de lá com um padrão financeiro bom. Minha mãe era professora e meu pai militar, do corpo de segurança do rei. Acharam que, no Brasil, teriam uma vida parecida", lembra.

Doce ilusão. Tiveram de pegar firme na enxada – "que acabava com as mãos", conta – trabalhar de sol a sol. Primeiro, numa fazenda em Araçatuba; depois, em um sítio próprio, na cidade em que nasceu, onde o pai cultivava algodão. "Eles choraram muito no começo, queriam voltar, principalmente minha mãe. Não sei dizer se ficaram arrependidos, pois não falavam disso com os filhos", revela.

Apesar de ser guerreiro, Motoitiro morreu cedo, em 1959, com 62 anos. Pedro não quis mais saber de ficar na propriedade rural. "Eu não tinha vocação para a lavoura. Tinha sonhos maiores, queria ganhar dinheiro. E a vida rural não me daria isso", diz.

Piracicaba surgiu como opção quando Pedro resolveu seguir os passos da irmã Célia e do irmão mais velho, Paulo, que vieram para a cidade, em 1958 e em 1963, respectivamente. Paulo trouxe quase toda a família, incluindo a mãe. Montaram a Foto Fuji, que marcou época no comércio da cidade. Pedro era um dos quatro irmãos sócios, mas, como "nunca teve parada", decidiu dar um tempo e vender verduras nas feiras da cidade. "Foi o jeito que achei de conhecer realmente o povo de Piracicaba, de vários bairros da cidade".

KAWAI, WHO IS NAOKI, PEDRO, FUJI.

The civil registry name is Naoki Kawai, but few know him as such. In reality he is Pedro, the identity he received 74 years ago in his Brazilian baptism, in the City of Rancharia. However, his "samurai face", as stated by himself, doesn't hide what he feels: "I feel myself a Brazilian", he tells proudly.

This is the land he learned to love, notwithstanding the overwhelming lack of honesty he says he is witnessing here nowadays. "In Japan, it's stricter. One who is denounced for corruption is dishonored and commits suicide. Imagine if it were like that here!"

Loving Brazil doesn't mean that Kawai isn't proud of his Japanese roots. Quite the opposite. He tells that his parents, Motoitiro and Kichino, who arrived here in 1925, were an example of resistance. "They came over with a good financial standing. My mother was a school teacher and my father was in the military, in the security corps of the Emperor. They thought they would have a similar life in Brazil", he recalls.

Wishful thinking. They had to take hold of the hoe – "that played havoc with the hands", he tells – working from dawn to dusk. At first, at a farm in Araçatuba; later, at a self-owned small farm, in the city where he was born and where his father grew cotton. "They cried a lot in the beginning, wanted to go back, in special my mother. I can't say whether they regretted it, they didn't talk about it with the children", he discloses.

Notwithstanding him being a warrior, Motoitiro died early at 62, in 1959. Pedro didn't want anything to do with the rural property anymore. "I had no vocation for farming. I had greater dreams, I wanted to make money. And rural life wouldn't provide that do me", he says.

Piracicaba arose as an option when Pedro decided to follow in the steps of his sister Célia and his eldest brother Paulo, who had moved here in 1958 and 1963, respectively. Paulo brought almost the whole Family, including their mother. They set up the Foto Fuji, a landmark in the city commerce. Pedro was one of the four partner brothers, but as he "never was one to stand put", decided to take some time off and sell vegetables in the city street markets. "It was my way of really getting to know the Piracicaban people, in several quarters of the city".

A experiência valeu e, em 1975, abriu a Vidraçaria Fuji, que está até hoje na Rua do Rosário, na Paulista. Ao mesmo tempo, ele atuou bastante no terceiro setor de Piracicaba. Foi durante mais de dez anos presidente da Casa do Bom Menino. "Foi na minha gestão que conseguimos inaugurar a sede própria da Rua Machado de Assis, na Vila Monteiro. Construímos dormitórios em que ficavam no máximo cinco crianças. Antes havia uns 15 num espaço sem ventilação, em beliches. Parecia mesmo um depósito de crianças".

Outra experiência marcante aconteceu na APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados), e seu trabalho era de evangelização junto aos presidiários. "A gente via o homem e não o passado dele", conta. Por ter ficado tão "calejado", como define, ao entrar em contato com realidades tão difíceis – e que só pioraram de lá para cá -, agora se diz um otimista radical. "Só vejo o lado positivo. Você fica doente se só ficar vendo problemas, reclamando de tudo errado que vê na vida", ensina.

Acredita que essa postura ajudou a manter a saúde. E a atividade, que mantém, é outra grande aliada. Chega todo dia na vidraçaria às sete e meia da manhã e só sai às seis da tarde. "Isso é uma coisa do organismo. Eu brinco dizendo que o meu tem uma parte movida a álcool, porque gosto de uma boa cerveja".

E não abre mão de encontrar os amigos. Toda quarta-feira tem reunião do "Clube do Bolinha", só com homens, no Clube Nipo-Brasileiro, associação da qual foi presidente durante muitos (de 1994 a 2012). É de se perguntar onde ele arruma tempo para ter feito tanta coisa. "Quem quer arruma tempo, quem não quer arruma desculpa", afirma.

Integração da colônia com o povo piracicabano

Foi Naoki Kawai quem proporcionou um maior intercâmbio cultural entre japoneses e brasileiros, abrindo as portas do Clube Nipo-Brasileiro à comunidade piracicabana. Durante os 18 anos que esteve à frente da entidade, procurou envolver toda a cidade e não ficar restrito à colônia japonesa. "Eu chamava o pessoal da cidade para participar. Japonês tem um pouco o costume de ser mais fechado. Não são todos, eu não sou assim", define Kawai, que deu início à integração definitiva entre os dois povos.

The experience was worth it, and he opened the Vidraçaria Fuji (Fuji Glazier Shop) in 1975, still existing on Rosario Street, in the Paulista. At the same time, he operated a lot in the third sector in Piracicaba. He was President of the Casa do Bom Menino (Good Boy's Home) for more than ten years. "During my term in office we were able to inaugurate our own headquarters on Machado de Assis Street, Vila Monteiro. "We built dormitories holding at most five children each. Formerly, there were about 15 children in a space with no ventilation, sleeping on double bunks. It looked like a children warehouse".

Another striking experience took place at the APAC - Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Association for Protection and Aid of Convicts), his job being the evangelization of inmates. "We saw the man, not his past", he tells. Due to becoming so "hardened", in his words, after being in contact with such hard realities – that only worsened up to now –, he professes to be a radical optimist. "I see only the positive side of things. If you see only the problems you get sick, complaining about all the wrong things you see in life", he teaches.

He believes that such stance helps to keep him healthy. And keeping active is another great ally. He arrives at the glazier shop at 7:30 am and only leaves at 6 pm. "That's a thing of the organism. I joke saying that mine has a part fueled by alcohol, as I appreciate a good beer.

And he doesn't fail in meeting with friends. Every Wednesday there is a "men only meeting" at the Japanese-Brazilian Club, an association he was President of for many years (from 1994 to 2012). It's a good question, trying to fathom how he found time to do so many things. "Those who want find time, those who don't want, find excuses", he asserts.

Integration of the colony with the Piracicaban people

Naoki Kawai fostered a greater cultural Exchange between Japanese and Brazilians, opening the doors of the Japanese-Brazilian Club to the Piracicaban community. During the 18 years he headed the entity, he strove to involve the whole city, not staying restricted to the Japanese colony. "I invited the city folks to participate. The Japanese are somewhat used to remain closed up. Not all, I am not like that", stated Kawai, who started the definitive integration between the two people.

PEDRO-FILHO REALIZA SONHO DE PEDRO-PAI

Na visão de Pedro-pai, o Pedro-filho herdou seu temperamento – fala muito, é extrovertido e participa de várias coisas ao mesmo tempo – e acabou conseguindo algo que ele não realizou: ser vereador. Nos anos 1970, Naoki tentou uma vaga no Legislativo, pelo extinto PDS (Partido Democrático Social), mas não obteve sucesso.

Pedro-pai candidatou-se, mas não se elegeu, apesar de ser muito conhecido na cidade. A razão principal foi precisar ser identificado com o nome oficial, Naoki Kawai (foi batizado com o nome Pedro pelo fato de a Igreja Católica não aceitar, então, nomes considerados pagãos), mas era, popularmente, conhecido como Pedro Fuji. "As pessoas queriam votar no Seu Pedro Fuji e não sabiam quem era Naoki Kawai", recorda.

Primeiro vereador de ascendência japonesa eleito em Piracicaba, Pedro Kawai, o filho, conquistou a vaga na Câmara, em 2012, depois de duas tentativas. "Na época a colônia tinha compromisso com uma vereadora. Mas depois disseram que havia chegado a minha hora", conta Kawai, hoje com 47 anos. Ele conquistou o segundo mandato e planeja novos voos na política, como deputado federal.

Hoje Pedro Kawai se define como realizado dentro da política e se revela dividido entre as duas culturas. Nascido no Brasil, mas neto de japoneses, ele credita à herança oriental a disciplina que o levou em frente. "Tudo que eu consegui na vida devo ao Japão", afirma. Dos brasileiros cultivou o bom humor, o jeito expansivo, diferente de seus ancestrais, e que se torna fundamental para a lide política.

Kawai fez o sentido inverso de seus avós, que deixaram o Japão sem saber nada do Brasil e sem falar uma palavra de português. Foi decasségui nos anos 1990, trabalhou duro em linhas de montagem de indústrias automobilísticas japonesas. "Tive uma jornada parecida com a deles", destaca.

Parecida na essência, mas totalmente diferente em termos práticos. Quando aqui chegaram, em 1925, o avô Motoitiro e a avó Kichino enfrentaram viagem em navio sem nenhum conforto. Tanto que a dureza da viagem contribuiu para que perdessem o primeiro filho, recém-nascido, na embarcação.

PEDRO-THE-SON FULFILLS THE DREAM OF PEDRO-THE-FATHER

In the view of Pedro-the father, Pedro-the-son inherited his temperament – talks a lot, is an extrovert and participates in several things all at once – and ended up achieving something he himself was unable to do: he become a city councilor. In the nineteen-seventies Naoki vied for a seat in the City Council through the now extinguished PDS (Social Democratic Party) but was unsuccessful.

Pedro-the-father ran for office but wasn't elected, despite being well known around the city. The main reason was the requirement to be identified by his official name, Naoki Kawai (he had been baptized with the name Pedro because the Catholic Church, at the time, didn't accept names considered pagan). He was popularly known as Pedro Fuji. "People wanted to vote for Mr. Pedro Fuji and didn't know who Naoki Kawai was", he recalls.

First City Councilor of Japanese descent elected in Piracicaba, Pedro Kawai won a seat in the City Council in 2012, after two attempts. "At the time, the colony had a commitment with a female councilor. But later, they said that my time had come", tells Kawai, today 47 years old. He won a second term he is currently serving and plans new flights in politics, such as running for Federal Congressman.

Today, Pedro Kawai defines himself as accomplished where it concerns politics and discloses that he is divided between the two cultures. Born in Brazil but grandson of Japanese, he credits to his eastern legacy the discipline that prompted him ahead. "Everything I have achieved in my life I own to Japan", he asserts. From the Brazilian he collected his merry mood, his expansive way so different from his forebears, something vital for political affairs.

Kawai made the reverse journey as his grandparents, who left Japan knowing nothing about Brazil and unable to speak a word of Portuguese. He was a dekassegui in the nineteen-nineties, worked hard in the assembly lines of the Japanese automobile industry. "I did a journey like theirs", he recounts. Similar in essence, but totally different in practical terms. When they arrived here in 1925, grandfather Motoitiro and grandmother Kichino endured a sea voyage with no comfort. So much so that the hardship of the voyage contributed for the loss of their first son, just-born, aboard the ship.

Fotos: Davi Negri

Naoki é homenageado pelo filho, o vereador Pedro Kawai, ao lado da esposa Inês Teresinha e da neta Luana Kawai.

Pedro não conheceu o avô, que morreu quando o pai tinha apenas 14 anos. Ouviu dizer que era um homem rígido e que não custou tanto a se adaptar à rudeza da vida no campo do Brasil. Perfil totalmente diferente da avó, Kichino. "Ela era uma mulher meiga, delicada. Falava baixo, não ria alto. Ao contrário, até colocava a mão na frente da boca quando sorria".

Pedro never knew his grandfather, who died when his father was only 14 years old. He heard that he was a strict man and that it didn't take him long to adjust to the hardships of farm life in Brazil. A profile totally different from that of his grandmother Kichino's. "She was a sweet, delicate woman. She spoke softly and didn't laugh out loudly. On the opposite, she even covered her mouth when she smiled".

A fibra de Kichino, porém, era de aço. Foi ela quem uniu a família com a perda precoce do marido. "Da vida que teve no Japão ela quase nunca comentava. Ela me falava da dureza da vida do campo. Veio novinha, recém-casada, com um filho pequeno, e esperava outra coisa", recorda o vereador.

Ele conta que o casal nem pensava em ficar muito por aqui. Atraídos pela propaganda de que no Brasil as oportunidades de enriquecimento eram grandes, os dois imaginavam que ficariam por aqui apenas o tempo suficiente para encher os bolsos. "Segundo meus pais e meus tios, eles vieram para cá com a mesma ideia da maioria dos japoneses: em busca de ganhar dinheiro e voltar para o Japão", lembra.

Doce ilusão. Aqui tiveram de agarrar a vida com as mãos, puxar enxada, acumular calos com a colheita do café. Os filhos foram chegando e logo deitaram raízes. Foram nove filhos e, depois de um tempo trabalhando numa fazenda em Araçatuba, Motoitiro conseguiu comprar um sítio em Rancharia. Foi o que bastou para que a família se estabelecesse por aqui de vez.

"Em conversa com japoneses mais velhos, eles me contam que os maiores problemas para a adaptação eram o idioma, muito diferente, e o clima. Eles sofriam com o calor", conta Pedro. Também achavam esquisitos os costumes dos brasileiros, gente expansiva que falava alto, tão diferente dos recatados nipônicos. "Mas minha avó garante que nunca sofreu preconceito direto. Houve problemas durante a Segunda Guerra Mundial, quando os japoneses quiseram negar a derrota. Mas isso era coisa de comunidade fechada. Meus avós, não, eles interagiam com os brasileiros, tinham a sua própria terra".

Depois da morte de Motoitiro, a família começou aos poucos a sair do sítio em Rancharia e o destino foi Piracicaba, cidade escolhida pela tia mais velha de Pedro, Célia (Eniko na certidão), que chegou em 1958. Cinco anos depois, veio Paulo (ou Takahaki), que trouxe Naoki (ou Pedro). A avó também veio. "Meu tio montou um estúdio fotográfico, a Foto Fuji. Meu pai começou a trabalhar junto, mas depois, para conhecer melhor o povo de Piracicaba, foi trabalhar na feira. Foi fotógrafo de perícia na polícia. Meu tio mais novo, Adolfo, já falecido, foi para a Dedini. E depois meu pai montou a vidraçaria dele, que tem até hoje, a Vidraçaria Fuji", destaca o vereador.

However, Kichino's mettle was like steel. She was fundamental for uniting the Family after the early death of her husband. "Of the life she had led in Japan, she almost never talked. She talked to me on the hardships of life in the country. She arrived very young, just-married, with a small son and she expected something else", recalls the Councilor.

He tells that the couple didn't even think of staying here for long. Attracted by the propaganda that in Brazil the opportunities for becoming rich were great, they imagined staying here only for time enough to fill their pockets. "According to my parents and uncles, they came here with the same idea as most Japanese: to earn money and return to Japan", he recalls.

Whishful thinking. On arriving here, they had to grab life with both hands, pull at the hoe, collect callus toiling in the coffee harvest. The children came one after the other and soon they set roots. There were nine children and after a time working in a Farm in Araçatuba, Motoitiro managed to buy a small farm in Rancharia. That was enough for the family to settle down here for keeps.

"Talking to the older Japanese, they tell me that the major problems for adjustment were the language, very different, and the climate. They suffered with the heat", Pedro tells. They also found Brazilian customs weird, a boisterous people who talked loudly, so different from the Japanese reservation. "But my grandma guarantees she was never victim of direct prejudice. There were problems during the Second World War, when the Japanese tried to deny defeat. But that was a thing of a closed community. My grandparents, no, they didn't interact with Brazilians, they had their own land".

After Motoitiro's death, little by little the family began leaving the farm in Rancharia and their destination was Piracicaba, the city chosen by Pedro's older aunt, Célia (Eniko on her birth certificate), who arrived here in 1958. Five years later came Paulo (or Takahaki), who then brought Naoki, or Pedro. The grandma also came. "My uncle set up a photographic studio, Foto Fuji. My father began working with him but later, in order to get to better know the people of Piracicaba, he went to work at street markets. He was a police forensic photographer. My youngest uncle Adolfo, already deceased, went to work at Dedini. Later, my father established his glazier's shop, Vidraçaria Fuji, that he still has today", the councilor points out.

Pedro Kawai entre a filha Luana e a esposa Graciani

Foto: Davi Negri

O caminho inverso dos Kawai

A Foto Fuji, que marcou época no comércio de Piracicaba, sobreviveu até o começo dos anos 2000, atingida pelas mudanças na área da fotografia, dominada pelo digital. Paulo foi para o Japão tentar a vida, junto com os quatro filhos. Caminho inverso que Pedro também realizou. Pedro Kawai revela que foi ao Japão em 1992, com a cara e a coragem, e lá ficou por dez anos. "Eu me lembro que um conhecido me falou que eu era louco de ir para um país distante sem nada conhecer da cultura, ao menos a língua. Nem para fazer uma aulinha e aprender a falar 'bom dia', 'boa tarde', 'boa noite'. Mas fui assim mesmo". Loucura igual a dos avós que embarcaram num navio sem nada saber do ponto final. Coisa de genes aventureiros. Kawai conta que se encantou pelo Japão logo de cara. "Tudo é diferente: os costumes, a maneira de você enxergar o próximo, o respeito no ambiente de trabalho. Tem muito mais disciplina, é extremamente disciplinado", compara. O apego ao trabalho, segundo ele, é enorme, mas refuta a ideia de que os japoneses sejam workaholics (viciados em trabalho; trabalhadores compulsivos).

"Não é vício, é dedicação, é uma coisa natural para eles. E isso foi uma coisa que eu procurei seguir quando voltei para cá". Os japoneses, diz Kawai, não exageram na carga horária, trabalham das oito da manhã às cinco da tarde, mas sabem muito bem separar as coisas. "Sempre vi que meu pai só falava sobre trabalho na hora do expediente. E quando eu trabalhei com ele, na empresa só se falava de assuntos ligados a trabalho. Isso é disciplina", acrescenta. No começo ele sentiu alguma dificuldade em terras japonesas, mas nada que beirasse a discriminação. "Era uma preocupação de que a gente tomasse o lugar dos jovens", lembra. As relações de amizade custavam um pouco, pois o japonês demora para ganhar confiança. "E acredite, eu sou muito diferente fisicamente de um japonês". Trabalhou duro na montadora Subaru e depois na Odima, que fazia componentes para os automóveis. Conheceu no Japão a esposa, Graciani. Quando ela engravidou, vieram para o Brasil para ter a filha Luana. Mas planejavam voltar uns seis meses depois. A raiz falou mais alto e nunca mais retornou, apesar da saudade que sente de lá.

FAMÍLIA MIZUTANI: SINÔNIMO DE FESTA E ALEGRIA.

Se Naoki Kawai foi o presidente que mais abriu as portas do Clube Nipo aos brasileiros, cabe ao casal Mizutani – Pedro e Eunice – o mérito de ter provocado, definitivamente, a integração total entre os dois povos. Foi além: uniu os japoneses e seus descendentes, envolvendo-os, ainda mais, com suas tradições, criando e organizando – em Piracicaba – encontros sociais, culturais e desportivos.

Difundir a cultura japonesa, estimulando a expansão do Clube Nipo-Brasileiro, tornou-se um legado de Pedro e Eunice. Uma herança, cuja construção foi norteada por atitudes e valores, conforme afirma Pedro Mizutani. Agregar: "Sempre fui de agrupar: uma pessoa não é mais importante que a instituição; quem quer aparecer sozinho, perde aliados". Conhecer e inovar: "Como viajo muito e participo, comecei a trazer ideias e a levar as pessoas para conhecerem outras colônias japonesas".

Planejamento e gestão: a visão empresarial de Mizutani contribuiu, também, para a renovação de estatutos, arrecadação de recursos e investimentos. Ele ainda estimula outros aprendizados: "É importante renovar. As organizações evoluem com as pessoas jovens. Mas precisamos deixar um legado aos mais novos, senão a cultura acaba". O grande desafio? "Integrar a geração mais nova com a mais velha – uma não vive sem a outra".

Assim, Mizutani vivencia – tanto na empresa, quanto no Clube Nipo – o sentido etimológico da palavra tradição: "traditio", do latim, significa entregar, passar adiante, transmitir – permitindo, com isso, a continuidade ou permanência de algo.

Tradições culturais são valores para o casal Mizutani – também herdados dos pais, ativos na comunidade japonesa em Ribeirão Preto. Por isso, ao se instalarem na cidade, os "forasteiros" buscaram se aproximar da comunidade japonesa local.

MIZUTANI: SYNONYMOUS WITH FEASTS AND JOY.

Although Naoki Kawai was the President who most opened the doors of the Japanese Club to Brazilians, it's due to the Mizutani couple – Pedro and Eunice – the merit for definitively fostering a full integration between the two people. Moreover: they united the Japanese and their descendants, involving them even more in their traditions by creating and organizing – in Piracicaba – social, cultural and sport meetings.

Disseminate Japanese culture, encouraging expansion of the Japanese-Brazilian Club, became a legacy of Pedro and Eunice. A legacy whose construction was oriented by attitudes and values, as stated by Pedro Mizutani. Aggregating: "I have always been one to collate: one individual isn't more important that the institution; he who wants to stand out alone loses allies". Knowing and innovating: "As I travel a lot and partake, I began bringing new ideas and taking people to know other Japanese colonies".

Planning and management: Mizutani's business acumen also contributed for renewal of the bylaws, collection of assets and investments. He also encourages further learnings: "It's important renewing. Organizations evolve with young people. However, we need to leave a legacy to the younger ones, otherwise culture ends". The great challenge? "Integrate the younger generation with the older one – one doesn't live without the other".

Thus, Mizutani practices – both in his enterprise and in the Japanese Club – the etymological sense of the "tradition" word": traditio, in Latin, means deliver, pass on, transmit – allowing, thus, the continuation or permanence of something.

Cultural traditions are values to the Mizutani couple – a trait also inherited from their parents, active in the Japanese community of Ribeirão Preto. On that account, when they moved to Piracicaba, the "outsiders" sought to approach the local Japanese community.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

E o casal Mizutani foi conquistando seu espaço, estimulando as atividades do Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba – que inaugurou uma nova fase a partir de 1986, com uma participação mais ativa da comunidade na Festa das Nações, promovida pela Prefeitura de Piracicaba. Pedro e Eunice idealizaram e coordenaram um Encontro de Karaokê, no Dias das Mães, em 1987, que serviu de laboratório para o lançamento do Karaokê Taikai (concurso de Karaokê), ocorrido, pela primeira vez, no Lar dos Velhinhos (atualmente, encontra-se em sua 21ª versão).

Eunice e Pedro destacam outros marcos da expansão do Clube Nipo: aquisição da sede campestre e reforma da antiga sede; incentivo aos esportes, como artes marciais e beisebol; gincanas e eventos culturais, como Japão na Praça, Festival da Primavera e Festival do Tanabata; além da criação do Grupo Todos Nós.

Com inúmeras contribuições à direção do Clube, Pedro também foi vice-presidente (na gestão de Naoki Kawai); presidente no período de 2013 a 2016, e – atualmente – exerce a função de 2º vice-presidente da gestão de Irio Kawasima. Agora, com a proximidade da aposentadoria, prepara a continuidade de seu próprio caminho: "Já procuro me dedicar mais a atividades culturais, atividades filantrópicas. Estou fazendo um curso de coaching. É uma fase de desenvolvimento, não preciso mais fazer cursos de finanças". Ele explica: "Não é que eu saiba tudo, mas o que vai me dar o diferencial, daqui para frente, é como entender e integrar as pessoas".

Entusiasta da cultura japonesa, Pedro Mizutani se confessa especialmente interessado por música, em especial o canto. Atual presidente da União Paulista de Karaokê, ele já venceu campeonatos estaduais, nacionais e mesmo internacionais, sagrando-se vice-campeão mundial num concurso realizado no Japão, em 2013. E, ainda, apoia os trabalhos da ABRAC – Associação Brasileira da Canção, entre outras entidades ligadas à música.

The Mizutani couple began winning their space, encouraging the activities of the Japanese-Brazilian Cultural and Recreational Club of Piracicaba – which inaugurated a new phase from 1986 on, with a stronger participation of the community in the Feast of Nations promoted by the Municipal Government of Piracicaba. Pedro and Eunice masterminded and coordinated the Karaoke Meeting on the 1987 Mother's Day, that was a laboratory for the roll-off of the Taikai Karaoke (Karaoke contest), that happened for the first time at the Home of Elders (currently, it is in its 21st rendition).

Eunice and Pedro point out other milestones of the Japanese-Brazilian Club's expansion: purchase of the country club headquarters and renewal of the old headquarters; encouragement to sports such as martial arts and baseball; gymkhanas and cultural events, such as "Japan on the Square", "Spring Festival" and the "Tanabata Festival, in addition to the creation of the "All of Us Group".

With countless contributions to the Club administration, Pedro was Vice-President during the tenure of Naoki Kawai; President in the period 2013 to 2016; and he is 2nd Vice-President in the current term of Irio Kawasima. Now, nearing retirement, he is preparing the continuation of his personal path: "I'm already trying to spend more time in cultural and philanthropic activities. I'm attending a course on coaching. It's a phase of development, I need no longer to attend courses on finances". He explains: "It's not like I knew everything, but what will make a difference from now on is how to understand and integrate people".

Enthusiast of Japanese culture, Pedro Mizutani confesses being mainly interested in music, in special singing. Current President of the Paulist Union of Karaoke, he has already won state, national end even international championships and was World Vice-Champion at a contest held in Japan in 2013. He also supports the operations of the ABRAC – Brazilian Association of Songs, among other entities linked to music.

Olha o tomate!!!

Chegamos, Marcelo e eu, para entrevistar Pedro e Eunice Mizutani. O lugar é encantador. Mas confunde-me. Pois o que vejo e aprecio mistura-se com lembranças que retornam como num relâmpago. São retratos do passado com olhar do presente. Aquele lugar é, foi, não é mais? Observo melhor e concluo: é o mesmo lugar, aquele pedacinho de céu mudou, mas continua sendo. Agora, porém, retocado, como se o arquiteto, que o idealizou, soubesse que nada poderia fazer senão imitar a natureza, poupando-a, temeroso de alguma profanação.
De repente, eu me vi em pedacinhos de céu de minha infância. Lá, era uma verdadeira floresta, terras dos Pacheco e Chaves (Chácara Nazareth) e dos Botelho (Chácara do Vevé), fatiadas para um loteamento. Era a "nossa floresta", onde, quando crianças, brincávamos de Tarzan, de Nioka, rei e rainha das selvas. Do alto das árvores, víamos o rio e suas curvas e, então, fingíamos ser desbravadores, povoadores. Aliviei-me espiritualmente: estava vivo, ainda, o paraíso, numa composição de arquitetura humana encravada na arquitetura divina.
Ao toque da campainha, Eunice – que nos esperava – abriu a porta. Com o sorriso de sempre, acolhedor, criando empatia. Então, ao ingressar no apartamento, sinto-me impactado pela imagem emocionante que se revela por trás da imensa janela de vidro: é o poente piracicabano, o pôr do Sol que doura suavemente o nosso rio, as suas curvas sensuais, matas ainda intocáveis. O crepúsculo, sem qualquer cerimônia, deixa em lusco-fusco o apartamento como se fosse um convidado habitual. Através daquelas janelas, Pedro e Eunice vislumbram, em cada entardecer, o Éden piracicabano.
Não me recordo se falei, se quis falar, se não falei ao casal, mas pensei: "Pedro e Eunice: herdeiros do Sol Nascente, vocês, aqui, contemplam o de Piracicaba, que é o Sol Poente, lugar onde ele descansa". Na realidade, devo ter pensado no ininterrupto ciclo da vida: a Luz que surge e, depois, se apaga. Para recomeçar tudo de novo.
O tradicional e o contemporâneo, a leveza japonesa com a alegria brasileira formavam o cenário onde eu ouviria a história de um casal que se conheceu na adolescência, vendendo e comprando tomates numa feira de Ribeirão Preto. Dois jovens que se amaram, que sonharam e viram, em Piracicaba, o amor continuar na realidade em que o sonho se transformou.
Eles nasceram em Ribeirão Preto e se conheceram na feira, onde trabalhavam com seus pais e irmãos. Na época, ela tinha quase 15 anos, e ele já se aproximava dos 18. Até então, eles haviam traçado um caminho já percorrido por seus pais – japoneses que chegaram ao Brasil ainda crianças, conhecendo-se no mesmo lugar e cenário: em Ribeirão Preto, na feira, vendendo tomates.
A trajetória de Eunice e Pedro Mizutani, no entanto, apontou para outras paisagens: a universidade e a mudança para Piracicaba – onde ele obteve seu primeiro registro profissional, na Usina Costa Pinto. Era 1982 e a usina tinha seus escritórios nas casas de colônia da fazenda de cana-de-açúcar. Mesma usina que Mizutani viu transformar-se em Cosan – um dos maiores conglomerados do Brasil, que atua em setores estratégicos como o agronegócio, distribuição de combustíveis e logística.
Dos cerca de 80 anos da Cosan, Pedro Isamu Mizutani tem ajudado a escrever essa história nos últimos 36. Passou por cargos significativos no grupo, onde, hoje, ocupa a vice-presidência executiva de relações externas e estratégia da Raízen. Do alto de sua carreira, no entanto, o filho de Mamoru Mizutani honra sua origem: "As primeiras e principais lições sobre mercado, cliente, lucro, concorrência, planejamento.... eu as aprendi com meu pai, trabalhando na feira, naquela época."
A FEIRA E O TINO COMERCIAL
Quando Kineo e Yako Kurosawa, ainda crianças, chegaram ao Brasil, suas famílias já se instalaram próximas a Ribeirão Preto: Kineo, em Bento Quirino, e Yako, em Cravinhos – conta Eunice, sobre seus pais. Mamoru e Teruku Mizutani também estavam próximos: o pai de Pedro, na região de Guará, e sua mãe, nas proximidades de Catanduva. Mais adiante, em Ribeirão, as duas famílias foram concorrentes na venda de tomate na feira (no varejo), mas também clientes entre si (no atacado).
Aos sete anos, Pedro já trabalhava na feira, e logo veio o diagnóstico do pai: "Você tem o tino dos negócios, é melhor continuar aqui comigo". O menino foi, então, desenvolvendo sua habilidade administrativa e comercial. "Mas minha mãe falou: isso não é vida para você, vá estudar".
"Nossos pais faziam de tudo, sofriam muitas vezes, mas os filhos tinham que estudar", lembra Eunice. Ela foi para a Faculdade de Odontologia (USP – Ribeirão Preto), enquanto Pedro já cursava Engenharia de Produção na Escola Politécnica da USP, mudando-se para São Paulo, em 1978.
Já próximo de terminar a faculdade, o anúncio no canto da lousa, sobre vagas em Piracicaba, chamou a atenção do estudante, que indagou: "Onde é mais próximo de São Paulo: Piracicaba ou Ribeirão?" Atropelando seu sonho de voltar para Ribeirão Preto, Pedro veio para Piracicaba em 1982. Eunice, um pouco depois, em 1985 – com o casamento e conclusão de sua faculdade. E os dois filhos do casal, Erika e Pedro, já nasceram piracicabanos.

COLÔNIA JAPONESA PRESENTE NAS FESTAS DAS NAÇÕES

Fotos: Acervo Clube Nipo-Brasileiro

Marcia Mori, Rainha da Festa das Nações, 1985

Célia Iko (1986)

Isabel Priscila Takaki Gasparini (1992)

A colônia japonesa de Piracicaba, através do Clube Nipo-Brasileiro, participa da Festa das Nações na cidade desde a sua primeira edição, em 1984. Nos primeiros anos, o local que sediou o evento foi o Lar Franciscano de Menores, mas, com sua expansão e crescimento, envolvendo mais de 5.000 voluntários e público superior a 100 mil pessoas, passou a ser realizada no Engenho Central. A Festa das Nações envolve todos os imigrantes que escolheram Piracicaba como "Terra Mãe" e integra o calendário oficial de eventos do município.

FAMÍLIA MIZUTANI: Pedro (pai), Pedro (filho), Eunice e Erika.

Pedro Mizutani ganha título de Cidadão Paulistano

O dia 11 de fevereiro de 2011 foi inesquecível para a família Mizutani, com Pedro Isamu Mizutani sendo agraciado com o título de Cidadão Paulistano, proposto pelo vereador Jooji Hato e aprovado por unanimidade pelos 55 componentes da Casa, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo.
Em seu discurso de homenagem, o vereador Jooji Hato destacou a grande importância do papel de Mizutani, à frente da Cosan (maior companhia do mercado sucroenergético brasileiro, e um dos maiores produtores, comercializadores e exportadores de açúcar e etanol do mundo), para o município de São Paulo ao incentivar o uso de uma energia limpa e renovável a uma cidade de 12 milhões de habitantes, que precisa de ações urgentes de preservação e sustentabilidade para garantir a qualidade de vida à população.
Enfatizou a inegável atuação do homenageado na manutenção da cultura japonesa que tanto preza, estimula e incentiva.
Depois de formado em Engenharia de Produção pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Pedro trabalhou no Banco Francês e Brasileiro e ingressou no setor sucroalcooleiro em 1982, na Usina Costa Pinto, onde começou como engenheiro estagiário, passou para assessor financeiro, depois para gerente e diretor financeiro, até chegar a vice-presidente do Conselho de Administração do grupo COSAN. Concluiu, ainda, cursos de pós-graduação, mestrado, extensão e MBA em renomadas instituições como a Fundação Getúlio Vargas, Ohio University e Universidade Metodista de Piracicaba e afirma não parar por aí, pois pretende continuar se especializando.
"Se Piracicaba é hoje um centro de referência em Tecnologia de Açúcar e Álcool, muito se deve a homens como o doutor Pedro Mizutani. Um executivo, um líder e um empreendedor a quem a cidade de São Paulo homenageia", ressaltou, na oportunidade, o prefeito de Piracicaba, Barjas Negri.

Pedro Mizutani recebe diploma das mãos do vereador Jooji Hato

Fotos: Câmara Municipal de São Paulo e Marcelo Fuzeti Elias

QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Erika Mizutani

Paula Hirama

Fernanda Hirama

Fernando Shirae

O Karaokê Taikai, concurso de karaokê, promovido pelo Clube Nipo-Brasileiro, já virou tradição em Piracicaba, afinal o cantar é – realmente – a melhor forma de espantar todos os males. O Karaokê é uma forma de diversão e de lazer bastante difundida entre os japoneses e sua origem é a cidade de Kobe. A palavra é uma combinação de duas palavras abreviadas: "kara", que vem de "karappo" e significa vazio; e "oke", que vem de "okesutura" e significa orquestra.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Karaokê Taikai, 21 anos de sucesso.

Idealizado por Pedro e Eunice Mizutani, o Karaokê Taikai – no ano do centenário da imigração japonesa em Piracicaba – chega à sua 21ª versão. Tudo teve início em 1990, com a realização do primeiro concurso no salão de festas do Lar dos Velhinhos. Promovida pelo Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba, a competição acontece atualmente no Centro Canagro José Coral, na Coplacana, onde os competidores são separados por idade e divididos em mais de 40 categorias, da iniciante a "star". Avaliado pelo ritmo, letra, afinação e interpretação, cada participante tem que decorar a composição que escolheu entoar. O primeiro colocado de cada categoria recebe um troféu e o segundo e terceiro são premiados com arroz japonês.

O 20º Karaokê Taikai, realizado no dia 4 de junho de 2017, contou com a participação de 247 inscritos, de diversas cidades do Brasil, que apresentaram composições musicais em japonês, inglês e português. Na oportunidade, participantes do 1º Karaokê Taikai foram homenageados. "Nós paramos com o evento por oito anos, mas já estamos utilizando o espaço do Centro Canagro pela 11ª vez. Essa vigésima edição do Karaokê foi pensada, também, para podermos matar a saudade das pessoas que participaram conosco lá no começo. Algumas eram crianças e agora estão casadas, sendo que os filhos estão participando. Isso mostra evolução e transmissão de cultura. Estamos expressando nossos sentimentos e mantendo viva essa arte do cantar", discursou Pedro Mizutani, coordenador do evento e vice-presidente do Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba, que canta há mais de 30 anos e que, em 2013, representou o Brasil num concurso realizado no Japão, conquistando o título de vice-campeão mundial.

MOÇÃO DE APLAUSOS

A Câmara de Piracicaba homenageou, por meio da Moção de Aplauso 75/2017, o Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro pela realização do 20º Karaokê Taikai. Aprovada na 35ª reunião ordinária, a moção foi uma iniciativa do vereador Pedro Kawai, com entrega ao presidente e vice-presidente do clube, Irio Kawasima e Pedro Isamu Mizutani, e às diretoras de karaokê, Célia Hirama e Fabiana Hamada.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Margareth Takaki diz que sempre teve um pé no Japão

Margareth de Fátima Viveiros Takaki não sabe se acredita em vidas passadas. Mas sente que, se pesquisasse, veria que viveu no Japão. "Acho que em algum lugar do passado eu já fui japonesa", diz, entre séria e divertida. Porque desde menina sonhava se casar com um japonês.

O sonho acabou se realizando em 1976, quando se uniu a Rosário Takaki, de uma das mais tradicionais famílias nipônicas da cidade, uma das primeiras a chegar aqui, há 100 anos. E tudo começou meio por acaso, quando ela morava no pensionato das freiras, no Dispensário, e ele ia levar verduras no local junto com o irmão mais velho, Júlio. "Não posso dizer que foi amor à primeira vista, mas me interessei por ele quando soube que ele participava de Cursilho, Encontro de Jovens, e tinha um bom trabalho filantrópico", conta.

Um belo dia ela soube que ele iria se casar. Não teve dúvida: intimou o moço. Perguntou à queima-roupa se era verdade. "Ele me disse que queriam que ele casasse, era essa a diferença. Aí ele me convidou para um churrasco e me apresentou como namorada. Mas eu disse que precisava pensar", recorda. No dia marcado, uma quarta-feira, ela disse que aceitava. E se surpreendeu com a reação dele, afirmando que ela era muito jovem, tinha a vida toda pela frente... "Eu falei: como é? Agora é você quem vai ter de dizer sim!", disparou, com toda a impulsividade taurina.

O casamento aconteceu um ano depois e eles tiveram dois filhos: o empresário Jefferson e o religioso Everson. Não se lembra de ter enfrentado preconceito por ser brasileira, pois de cara contou com uma aliada poderosa. "Quem me abriu os braços e me aceitou foi a irmã dele, Tereza, até porque eles sempre foram muito unidos". Logo Margareth e Rosário viraram um casal atuante na colônia japonesa. "Eu descobri, com umas sobrinhas dele, que gostava de cantar e me dediquei ao karaokê", conta, ressaltando que também teve o apoio de Pedro Mizutani para se desenvolver.

Margareth se dedica totalmente à canção japonesa, no estilo chamado "new enka". "Comparando, é parecido com a nossa MPB. Já a 'enka tradicional' parece o nosso sertanejo, são canções de amor derramadas", explica. Ela até tenta cantar a "enka de raiz", mas os vocalizes são complicados.

Além de Mizutani, outro grande incentivador do seu lado cantora, foi o filho Everson. Ela fez sua primeira apresentação ao lado dele. "Estava nervosa e errei toda a letra, mas o importante foi a emoção. Daí tudo foi pra frente", declara. Margareth vai sempre ao karaokê, só falta se precisa ficar até mais tarde no trabalho. Margareth conta que a convivência com o marido e com a colônia mudou seu jeito de ser. "Às vezes ele dizia que eu era muito brava, que se soubesse que eu era assim, não teria se casado. Eu respondi que ele esperou eu nascer para se casar!", conta essa mineira de Diamantina, terra do ex-presidente Juscelino Kubitscheck. "Minha mãe e minhas tias estudaram com a mulher dele, Dona Sarah. Mas estava escrito que meu destino aconteceria mesmo em Piracicaba", acredita.

FESTA DA PRIMAVERA ESQUENTA A ESTAÇÃO

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

O Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba contempla o início da Primavera com uma grande festa realizada anualmente na Estação da Paulista, no mês de setembro. Conforme enfatiza Pedro Mizutani, vice-presidente da entidade e um dos coordenadores das apresentações artísticas do evento, a Festa da Primavera é muito especial para os japoneses: "celebra-se o colorido das flores e os conceitos da sustentabilidade". No Japão, ela ocorre no mês de março e é muito celebrada porque significa o término do inverno, geralmente muito rigoroso na terra do Sol Nascente.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Evento teve início em 2007

A primeira Festa da Primavera foi realizada em setembro de 2007, por iniciativa do vereador Pedro Kawai, como um evento-teste, preparatório para o ano seguinte, que marcou o centenário da imigração japonesa no Brasil. "Estava começando na vida pública e, em 2006, trabalhava na Estação da Paulista". Foi por conta dessa atuação que ele apresentou uma ideia de festa japonesa no local para a secretária de Cultura, Rosângela Camolese. "Como ela queria fazer eventos temáticos, as vontades casaram". Deu certo logo na primeira vez, e, no ano seguinte, foi realizada em três dias. Nas primeiras edições, a organização trazia grupos de outras cidades. Com o tempo, esses grupos foram criados em Piracicaba. Hoje, a festa faz parte do calendário oficial do município.

Com o sucesso da empreitada, veio na vida de Kawai o Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba, do qual é diretor social. Um desafio e tanto. "Temos de passar o bastão para a garotada, fazer com que eles cultivem a tradição. É difícil, pois o que se nota é que na maioria do Estado de São Paulo os clubes nipo estão acabando", revela. Questão fácil de entender, já que os clubes sociais estão acabando de maneira geral e, em Piracicaba, são pouquíssimos os que resistiram. Na visão de Kawai, a situação só será revertida se os jovens se interessarem pela cultura japonesa e houver maior abertura para o público em geral. "A gastronomia japonesa foi a responsável por isso. Passou a ser apreciada primeiro por ser leve e saudável, depois pelo sabor. Mas um sushi aqui não é tão apreciado se não tiver um sabor brasileiro. É como o temaki, que não existe no Japão da forma que consumimos aqui, com aquele cone", afirma. É como o próprio Pedro Kawai, que cultiva a raiz japonesa, mas não se esquece do toque brasileiro.

JAPONESES FAZEM FESTA EM PRAÇA PÚBLICA

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Todos os anos, no mês de junho, os japoneses se reúnem na Praça José Bonifácio, à frente da Catedral de Santo Antônio, para divulgar e difundir sua cultura milenar, num encontro denominado Japão na Praça. A festa – que oferece diversas atrações como apresentações de taikô, danças, karaokê e artes marciais – chegou à sua 6ª edição em 2018 e faz parte do calendário oficial de eventos do município desde 2016, conforme Projeto de Lei nº 81, de autoria do vereador Pedro Kawai.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Cultura e gastronomia milenares

Japão na Praça é um evento realizado pelo Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba, com o apoio da Prefeitura e da Ação Cultural da cidade. Além das atividades culturais e desportivas, destaque, também, para a Praça de Alimentação, com sua culinária típica – yakisoba, tempurá, sushi, pastel, missoshiro (sopa japonesa) e doces como o dorayaki. Outras opções são oferecidas ao público presente, como exposições e vendas de obras de arte, artesanato, livros, artigos da cultura religiosa japonesa e produtos importados do Japão. Pedro Mizutani, coordenador geral do evento, esclarece que o principal objetivo do encontro é mostrar a cultura e a gastronomia milenares dos japoneses em um ambiente familiar e com segurança.

CANTANDO E DANÇANDO COM O GRUPO TODOS NÓS

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Um dos momentos mais aguardados nas festas japonesas, promovidas pelo Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba, é a apresentação do grupo Todos Nós, criado por Pedro e Eunice Mizutani, oportunidade em que todos – integrantes do grupo musical e público presente – interagem entre sí. "Daí o nome do grupo. Todos, juntos, cantam e dançam durante todo o show", justifica Eunice Mizutani. Além do casal, a banda é formada, ainda, por Akemi Okamoto, Fernanda Hirama, Isa Toyota e Paula Hirama.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

TAIKO, O TAMBOR DOS DEUSES

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

São muitas as histórias que cercam o universo do Taiko. Seu início data do período Jomon, por volta de 14 mil a.C, época em que era muito comum a crença em deuses que ditavam a ordem da natureza. Entre muitas lendas e crenças, uma delas diz que o tambor japonês é a morada de um deus, e para despertá-lo é necessário tocar com sentimento e técnica. Por isso, o respeito com os instrumentos é muito importante dentre os princípios do Taiko. Sabe-se também que ele era usado em guerras (acreditava-se que o som dos tambores japoneses intimidava o inimigo e alcançava a alma dos combatentes, enaltecendo seu espírito, sua força e sua coragem). Atualmente, o Taiko é usado para outros fins, como festividades, cerimônias religiosas, teatros tradicionais japoneses e marcação de horas (existem regiões do Japão em que ele é utilizado para a contagem de horas).

Em Piracicaba, o primeiro grupo – Taiko Miwadaiko – foi formado em 2009 por três amigos, Vivian Kawasima, Satomi Tsujikawa e Fábio Takahashi. Em 2013, visando uma maior identificação com a cidade teve seu nome alterado para Kyuryu Daiko, que significa "correnteza forte e rápida", em referência ao Rio Piracicaba, onde o peixe pára (a correnteza é muito forte e rápida e assim o peixe não consegue superar a força dela, permanecendo no rio).

GRUPO KYURYU DAIKO
Fábio Henrique Takahashi
André Yuji Iuanami
Mariana Yuki Iuanami
Tais Yuri Otsuki
Letícia Namie
Maria Gabriela Dressano
Wellington Tararam
Yuri Correa Komatsu
Wesllei Manoel
Figueiredo de Souza
Sabrina Utida kuwano
Sarah Utida da Costa
Isabella Kuester Ferrardo
Daniel Camilo

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Takahashi define o Taiko: “como a batida do coração”.

Para mim, o Taiko é como a batida do coração. É o que me mantém vivo, motivado”. A definição clara e emocionada sobre a sua atividade com o taiko, nome que se dá a uma série de instrumentos japoneses de percussão, é do zootecnista Fábio Takahashi, que trabalha na ESALQ e, nos fins de semana, coordena o grupo de tambores do Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba.
O grupo, conta Takahashi, existe desde 2009, um dos frutos da festa que marcou a comemoração do centenário da imigração japonesa no Brasil. “Desde que vim a Piracicaba, chegado de Ilha Solteira, nós montamos o grupo. Lá, a gente não tinha os instrumentos clássicos e tocava com bambu e pneu”, lembra. “Na maioria dos casos, os grupos começam assim mesmo, batendo nos takês, que são bambus grossos. É que os tambores, independentemente do tamanho, costumam ser caros. Há vários tipos de taiko, desde os grandes até aqueles que se seguram com as mãos”, explica

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

“Aqui, em Piracicaba, nós temos quatro tipos de tambores. Há o odaiko, que é grande, e o shimediako, uma versão menor dele. Temos, também, o okedô, que é mediano, feito de madeira compensada e corda. Além dos nagados, com pedaços de madeira justapostos”, enumera.
Além desses, existem vários tipos de tambores, desde os mais graves aos de som mais agudo. A variedade é que dá o destaque das apresentações, que costumam ser bastante intensas e chamam a atenção do público, principalmente o mais jovem.
Porém, a prática do taiko, explica Takahashi, vai muito além. “As pessoas acham que é só bater no tambor e que se trata, apenas, de certa modalidade musical. Trata-se da mistura de música com a parte esportiva. Exige da pessoa um condicionamento físico para que ela suporte uma apresentação de dez minutos ou de uma hora”, define.
Por isso, os treinos semanais, realizados aos sábados, durante o dia quase inteiro, costumam ser intensos. Isso, para manter o condicionamento físico dos participantes que, além de músicos, são, também, atletas. A primeira impressão é a de que os exercícios envolvem mais os braços, que seriam mais exigidos, mas o coordenador ressalta que o corpo todo precisa estar preparado. Isso porque, dependendo do tamanho do taiko, alguns precisam ser tocados de pé, outros sentados, e alguns com o corpo inclinado. E, claro, não se pode parar no meio. Para além da parte física, na questão musical, o taiko envolve variedade. “Pensa-se que só tocamos músicas agitadas, pela força da percussão. Mas também temos outras mais lentas”, detalha. É o que faz com que uma apresentação possa ser apenas apreciada ou então convide à interação do público, com a dança.
Eles já se apresentaram em festas de casamento, no caso de um casal de ascendência nipônica, e esse tipo de evento vem crescendo. O grupo se apresenta todo ano no Japão na Praça e na Festa da Primavera. “Este ano tivemos um encontro de grupos de taiko de várias cidades paulistas no Ginásio Municipal e sempre contamos com o apoio do Kaikan (Clube-Nipo) para a nossa manutenção”, destaca.
Neto de japoneses, Takahashi ainda não foi ao Japão, mas confessa ter muita vontade. Só que não pensa em morar, mas em fazer uma visita para conhecer in loco as tradições. “Tenho vários amigos que foram e voltaram mudados. Eles dizem que passam a achar tudo no Brasil muito estranho”. Quanto à prática do Taiko, embora não se classifique como uma pessoa muito estressada, sente que lhe traz mais calma. “Se eu pudesse fazer todos os dias, acho que seria muito melhor”.
A história conta que o Taiko, uma das marcas mais fortes do folclore japonês, vem de muito tempo atrás. Em solo nipônico, a prática ganhou jeito próprio e passou a ser utilizada tanto em eventos artísticos, acompanhada por dançarinos, quanto nas guerras feudais, em que os tambores motivavam as tropas.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

TAIKO, THE DRUM OF GODS.

Many are the stories surrounding the Universe of Taiko. Its beginning dates back from the Joumon period, around 14000 B.C., a time when the belief in gods that dictated the whims of Nature was very common. Among many legends and beliefs, there is one that says the Japanese Drum is the dwelling place of a god and to wake him up one needs to play the drum with feeling and technique. Therefore, respect towards the instrument is one of the most important principles of the Taiko. It is also known that it was used in war (it was believed that the sound of the Japanese drums scared the enemy and reached the soul of the combatants, enhancing their spirit, strength and courage).

Currently, the Taiko is used for other ends such as festivals, religious ceremonies, traditional Japanese theatres and for counting the time (there are regions in Japan where it is used to count the time).

In Piracicaba, the first group – Taiko Miwadaiko – was formed in 2009 by three friends, Vivian Kawasima, Satomi Tsujikawa and Fabio Takahashi. In 2013, aiming at a greater identification with the city, its name was changed to Kyuryu Daiko, meaning “strong and swift current”, a reference to the Piracicaba River, where the fish stop (the current is very strong and swift, thus the fish cannot overcome its strength and stay in the river).

BON ODORI, DANÇA FOLCLÓRICA JAPONESA.

Foto: Gustavo Annunciato

O Bon Odori é uma dança folclórica japonesa de participação coletiva, dividida em dois tipos: dança tradicional, que vem já de tempos antigos, e dança folclórica, que se desenvolveu depois da guerra. A dança tradicional tem uma relação profunda com os costumes étnicos locais. Dança-se ao som de vários tipos de música tocada ao vivo, seja apenas voz, apenas taiko (tambores japoneses), ou incluindo outros instrumentos, como a flauta e o shamisen (instrumento de cordas japonês).

No Japão, o festival Bon Odori faz parte de uma das artes populares mais estimadas pelos japoneses, e conta com uma história de cerca de 600 anos. Surgiu em homenagem aos falecidos, por influência do budismo (teve sua origem em um evento chamado "Urabon", Festival dos Fantasmas), e suas apresentações se concentram no Dia do Finados japonês, em agosto. Todas essas danças populares remetem à vida em comunidade e à continuidade da vida. Em Piracicaba, o grupo Kimie Buyoo apresenta vários estilos de dança tradicional japonesa. Formado por Margareth Takaki e seu filho, frei Everson, em 2008, para comemorar o centenário da imigração japonesa e os 90 anos da imigração em Piracicaba, a maioria de seus integrantes é descendente de japoneses, mas o grupo também conta com a participação de mulheres brasileiras que apreciam a dança e participam das apresentações.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Kássia Kawai: dedicação total ao Clube Nipo-Brasileiro.

A dedicação de Kássia Kichino Kawai à colônia japonesa de Piracicaba começou há 35 anos. Ela era uma menina de dez anos que limpava mesas na primeira Festa das Nações. Foi quando recebeu um convite interessante. "O Itiro Sato, uma pessoa importante da colônia, era presidente da IPP (Indústria de Papel Piracicaba), que hoje se chama Oji Papéis, me viu e pediu que eu servisse a mesa dele", lembra. Kássia lembra que ficou nervosa com a responsabilidade. Afinal, Sato era um empresário famoso. "Eu fiquei com vergonha, mas ele me deixou à vontade. Quase tremi ao servir o sukiaki, o prato quente que fazia parte do cardápio, mas deu tudo certo", revela. Foi aí que ela começou a tomar gosto para servir em eventos e dedicar boa parte do seu tempo para a comunidade.
No Clube, ela exerce a função de vice-presidente e cuida da parte estrutural de quase todas as festas, deixando tudo pronto para que os voluntários trabalhem.
É uma agenda puxada, principalmente no segundo semestre. São quatro eventos grandes: Karaokê, Undokai, Japão na Praça e Festa da Primavera. Sem contar com os jantares bimestrais na sede. "Se eu for medir, acho que um terço da minha vida eu dedico ao clube", compara Kássia, que tem uma papelaria e uma pastelaria na Paulista. Ela acredita que herdou essa dedicação do pai, Naoki Kawai, o Seu Pedro, que foi durante anos presidente do Clube e trabalhou em várias entidades assistenciais. "Não adianta, acho que já veio no DNA da gente", brinca. Nos eventos, Kássia também comprova a força da participação feminina. "Temos na nossa equipe senhoras de mais de 80 anos e isso é tão bonito de se ver! É muita mulher trabalhando, temos umas 70 na cozinha. A gente as chama de bachans, que são as vovós. O meu prazer é vê-las ativas, elas se sentem importantes".
Kássia conta que, aos 18 anos, foi morar sozinha no Japão, experiência que descreve como maravilhosa, mas que terminou antes do previsto porque aconteceu um terremoto em Kioto, em 1993, perto de onde ela estava. "Tive que retornar imiediatamente", lembra.
Com tantas experiências, Kassia se acha resistente. Da parte japonesa, acredita que herdou a seriedade e o compromisso.

Kássia Kawai, participação feminina nas atividades do clube.

A suavidade da dança oriental

Helena Mizuhira, de 71 anos, conta que só teve consciência de suas raízes japonesas ao começar a dançar. Isso aconteceu há nove anos, quando passou a integrar o Grupo Kimie Buyoo de Danças Folclóricas, em Piracicaba.
O grupo, formado em 2008, existe até hoje e se apresenta todos os anos na Festa da Primavera. "A partir da minha entrada, eu comecei a entender melhor minhas origens, fui ao Japão e aprendi a língua", conta Helena.
Antes, ela levava uma vida "só de trabalho", como secretária executiva do presidente da Siemens, em São Paulo. Vinha nos finais de semana a Piracicaba, onde sempre viveram os pais, mas não era muito ligada às tradições.
Tudo mudou quando se aposentou e veio morar em Piracicaba. Primeiro, abriu uma papelaria, em 1999, continuou a levar uma vida estressante, mas se cansou. "Decidi que só queria fazer o que eu gostava, o que me dava prazer", fala. Logo, entrou num grupo de dança circular. "Daí, aprendi a coordenar meus movimentos, o que não fazia antes. Na sequência, comecei a fazer odori, dança japonesa", conta.
Helena explica que o Kimie Buyoo – nome que homenageia a primeira professora, Kimie Ishii – destaca o folclore japonês, por meio de coreografias em que a suavidade dos movimentos é a característica principal. "Representamos as atividades do povo do Japão. Por exemplo, a dança soran bushi lembra os pescadores, os gestos representam jogar e puxar a rede", diz.
Outra dança marcante é a haganasa ondo, que fala sobre a colheita do arroz, e as dançarinas se apresentam com chapéus enfeitados de flores. A vestimenta é outra questão importante, e as dez integrantes apresentam-se iguais. "Não somos abertas apenas às japonesas; temos, no grupo, brasileiras. Mesmo se não entendem as letras das músicas que dançamos, elas captam o sentido. Pode ser que, para elas, seja mais difícil transmitir a suavidade das orientais, mas, quem quer, consegue", destaca.
Hoje, elas são orientadas pela professora Komiko Kubo, que mora em Campinas e vem acompanhar o desempenho das alunas uma vez por mês. Os ensaios acontecem todas as quartas-feiras, das 18h30 às 20h30, na sede do Clube Nipo-Brasileiro, no bairro Paulista. "Nesse tempo, meu conhecimento da cultura japonesa melhorou muito. Cada dança tem um significado e eu procuro entender as letras para me apresentar melhor. Por isso, estudo japonês", revela Helena.
Depois de entrar no grupo, ela foi, finalmente, conhecer o Japão e teve uma surpresa. "Parece que você pode pegar o céu com a mão! É tudo tão pertinho. Aqui temos uma amplidão de espaços. Penso em voltar para passear. Não sei se moraria. Lá existem muitas regras e não sei se me acostumaria. A liberdade, que temos no Brasil, não existe em lugar nenhum do mundo", destaca.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

GRUPO FOI CRIADO PELOS TAKAKI

O grupo foi criado em 2008 por frei Everson Shigueki Takaki e a mãe dele, Margareth Viveiros Takaki. A primeira apresentação aconteceu no dia 7 de setembro daquele ano, na Igreja dos Frades, lembrando os 90 anos da imigração japonesa em Piracicaba. As primeiras integrantes eram Vivian Kawasima, Eliza Shirota, Renata Takaki, Débora Saito, Janaína Mazuco, Aiko Fujigaki, Larissa Mori, Marisa Tamori e Harumi Ito.
O grupo já se apresentou em mostras de cultura japonesa de escolas públicas e particulares de Piracicaba, além da ESALQ e da UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba). E já se exibiu em várias cidades da região: Limeira, Nova Veneza, São Pedro, Botucatu, Mogi Mirim, Campinas, Sumaré e Itu. Faz presença constante na Festa das Nações, destacando-se na Semana de Dança de Piracicaba.
Hoje, além de Helena, o grupo é formado por Aiko Fujigaki, Angela Maria Cecílio, Cecília Fusako Otsubo, Luciléia Zulini, Masae Takeno, Nilmara Chiareli, Raquel Kobayashi, Sueli Sato e Julia Shirasawa, além da neta desta última, Naomi Shirasawa, de sete anos.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

OS BASTIDORES DAS FESTAS - *Irio Kawasima, presidente do Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba, faz questão de enfatizar que as ações desenvolvidas pela entidade só são possíveis graças à ativa participação de voluntários, que se entregam diuturnamente durante cada evento, cuidando com carinho de todos os detalhes, como logística, transporte, decoração, montagem de palcos e preparo da alimentação.*

CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA EM PIRACICABA
Data: 7 de setembro de 2018
Local: Câmara Municipal de Piracicaba)

Relação dos homenageados (por ordem alfabética)
Emilio Umebayashi
Francisco Komatsu
Helio Takaki
Imari Mori
Kassia Kawai
Naoki Kawai
Pedro Mizutani
Sussumu Sato
Tadao Matsuoka
Yukiko Maeda

REFERÊNCIA NO CULTIVO DE ORQUÍDEAS

Fotos:Marcelo Fuzeti Elias

Dedicados em várias áreas, os japoneses são referência no cultivo de orquídeas, embora, em Piracicaba, não sejam produtores da flor. Quem confirma isso são duas pessoas que entendem do assunto: João Batista Cerignoni e Fernando Olita, os dois com 77 anos e ambos aposentados pela ESALQ, o primeiro como funcionário e o segundo como professor. Os dois são sócios da Orquipira, associação que reúne os aficionados da cidade, e Olita faz questão de destacar o profissionalismo dos nipônicos. "O trato que os japoneses dão na orquídea é 100%. Eles dão um banho na gente, são muito caprichosos. E, também, vivem pesquisando. Criaram o carvão de casca de arroz, que a gente usa como adubo", exemplifica. Em Piracicaba, a Exposição de Orquídeas, realizada anualmente no mês de junho, faz parte do calendário de eventos da cidade, por iniciativa do vereador Pedro Kawai, autor do Projeto de Lei 239/2016, de 3 de novembro de 2016, com o objetivo de popularizar o cultivo da planta e conscientizar a população sobre a importância da preservação da natureza.

INTERCÂMBIO CULTURAL - O presidente Irio Kawasima e diretoria recepcionam alunos do Japão na sede do clube

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Câmara homenageia Miss Nikkey Brasil

Foto: Fabrice Desmonts

A piracicabana Larissa Romani Mizuhira, eleita Miss Nikkey Brasil, em 2009, recebeu Moção de Aplauso da Câmara Municipal de Piracicaba por iniciativa da vereadora Márcia Pacheco, em solenidade realizada no mês de outubro do mesmo ano. Na época, com 19 anos, Larissa foi escolhida – entre outras 20 candidatas de 12 estados – para representar a comunidade nipo-brasileira, em concurso realizado durante a 12ª edição do Festival do Japão, no dia 18 de julho de 2009, no Centro de Exposições Imigrantes, em São Paulo.
Mestiça de italiano com japonês, Larissa começou sua carreira de modelo aos 14 anos, em Piracicaba, trabalhando em desfiles e fazendo catálogos de moda. Em 2008 foi eleita Musa Verão do concurso de beleza do Cristóvão Colombo, em Piracicaba, e, em 2009, pelo mesmo Clube, foi aclamada Rainha do Carnaval. Participou de vários programas de TV, entre eles o SuperPop, da RedeTV, e Olha Você, do SBT.

Japão é amigo do Brasil

O Rotary Club de Piracicaba promoveu uma exposição de desenhos – Amigo-Tomodachi – entre os dias 17 de março e 9 de abril de 2016, no Shopping Center Piracicaba, sob a coordenação de Vitor Pires Vencovsky, na época presidente do Rotary; da professora Marta Zago, diretora do Colégio COC, e do intercambista Gen Watanabe, de Nagoia.
A mostra contou com 95 obras, produzidas por alunos – entre 5 a 13 anos – do COC Piracicaba e das escolas Suguiyama, Takakura e Seijoh Junior High School, de Nagoia, uma das maiores cidades do Japão, tendo como tema "Japão é amigo do Brasil". "Tomodachi", em japonês, significa amigo.

Foto: Vitor Pires Vencovsky

A LENDA DOS 1.000 TSURUS

Origami (do japonês “oru”, dobrar, e “kami”, papel) é uma arte secular de dobrar o papel possibilitando a criação – sem cortes e nem utilização de colas – de quaisquer formas, objetos e seres, que a imaginação permitir.

O grou japonês, também conhecido por Tsuru, foi escolhido como ave-símbolo do origami. Significa boa sorte, paz, saúde, felicidade, fortuna, fidelidade e longevidade. Existem mais de 15 espécies de grous no planeta, porém um dos mais raros, majestosos e carregado de valor simbólico é o grou japonês (não confundir com cegonha e nem com a garça). Na mitologia japonesa, ele é considerado o pássaro mais velho da terra, com expectativa de vida de mil anos. Os grous japoneses também simbolizam o amor e a fidelidade conjugal, já que são monogâmicos, ou seja, possuem somente um parceiro durante a vida toda.

No Japão, a dobradura de grou é bastante tradicional e acredita-se que aquele que fizer mil dobraduras desse pássaro (ritual conhecido como senbazuru), com o pensamento voltado para aquilo que deseja alcançar, terá seu pedido realizado.

Em Piracicaba, lugar onde o peixe pára, o origami tem na carpa (koi) o seu símbolo maior. As carpas surgiram no Japão por mutação genética da carpa comum, originária da China. Significam fertilidade, prosperidade e longevidade.Que tal criarmos a lenda das 1.000 carpas em Piracicaba? Quem fizer mil dobraduras, ganhará vida eterna.

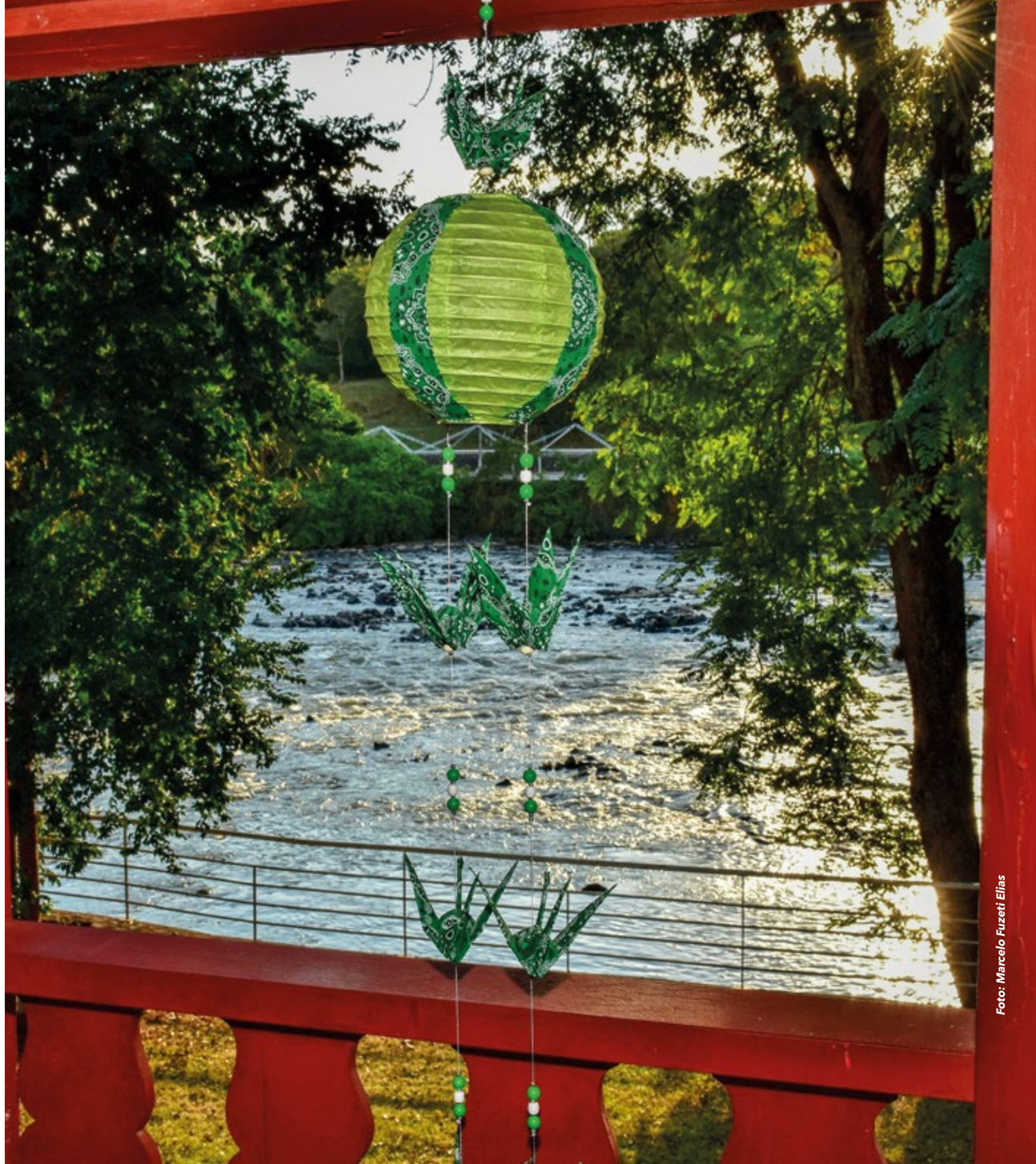


Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Do origami ao amor

A paixão de Dorinha Vitti por origami começou por puro acaso. Teve início há 30 anos, mais especificamente em outubro de 1988, quando ela queria dar presentes diferentes para os filhos no Dia das Crianças, além dos corriqueiros brinquedos. Comprou dois livrinhos de origami na antiga Livraria Libral, na Rua Boa Morte. Os meninos, Felipe e Gabriel, nem se interessaram, mas ela encantou-se pela "arte de dobrar papéis".

Tanto gostou que procurou transmitir a sua descoberta para o maior número de pessoas que conseguisse. Dorinha comandou animadas aulas de origami no Clube Nipo-Brasileiro a partir dos anos 90. Reunia pessoas de várias idades, em turmas não apenas da colônia japonesa da cidade.

Ela conta ter se seduzido pelo origami porque, após mais de 30 anos como pesquisadora do CENA (Centro de Energia Nuclear na Agricultura), o encarou como mais um desafio. "Eu não sabia nada e não procurei ninguém para me ajudar. Fui autodidata. O origami envolve diagramas e tem símbolos, e isso me atraiu demais", revela.

Para ela, origami é uma mistura de arte e terapia. Acha redutor classificá-lo de artesanato. "Não gosto, porque, para praticá-lo, você precisa ter noções de geometria e matemática", explica.

Dobrar papéis mudou a vida dela em vários sentidos. A começar pelo amoroso. Separada há 20 anos, começou a se corresponder, nos anos 90, pela internet – "que ainda era discada, um desespero" – com um inglês, com quem trocava modelos. "E essa pessoa virou meu marido", encurta a história. Ele é Richard Kennedy, britânico calmo, com sobrenome de presidente americano, com quem forma uma dupla de professores. "Ainda mantenho contato com os japoneses e estamos sempre, Richard e eu, em barraquinha de origami na Festa da Primavera e no Japão na Praça", diz.

Para além disso, Dorinha acredita que o origami desenvolve sensibilidade e a liberdade. "É como aquela música do Toquinho, Aquarela: Numa folha qualquer/ Eu desenho um sol amarelo. Só que a gente pega uma folha qualquer – e pode ser qualquer uma, mesmo, desde que não seja muito grossa nem quebradiça demais – e faz o que quiser", define.

Outra característica do origami é exigir que se trabalhe com as duas mãos. "Eu sou canhota e tive de desenvolver melhor a direita. Com o origami, a gente trabalha os dois lados do cérebro. Isso amplia", afirma Dorinha. Ela ressalta que origami é indicado para qualquer pessoa, para as estressadas mais ainda. "Não tem essa de dizer que é desajeitado, não tem habilidade manual. Com paciência e um professor bom, é possível, sim, aprender".

Para a arte de dobrar papéis, existem milhares de modelos e Dorinha procura sempre se manter atualizada, com uma biblioteca que ocupa uma estante inteira em sua casa. Ela – ao contrário do marido – não cria modelos, reproduz aqueles que pesquisa. De todos, o tsuru, considerado o pássaro da felicidade para os japoneses, é o mais emblemático.

"Posso dizer que qualquer japonês sabe fazer o tsuru, à sua maneira. Porque, mesmo seguindo o diagrama, cada peça sai diferente, com o jeito da pessoa".

Dorinha mantém, desde 1994, o GEPO (Grupo de Estudantes Piracicabanos de Origami). Dá aulas na Casa do Povoador, planeja exposições no mesmo local e oferece, também, oficinas rápidas, de um fim de semana, para quem não pode, ou não quer, seguir um curso inteiro. Promove, também, reuniões periódicas no Sesc-Piracicaba, com praticantes de todo o Brasil.

Reconhece que existe uma Dorinha antes e uma depois do origami. "Interiormente eu mudei, fiquei mais calma. E ampliei demais meu círculo de relacionamentos por causa disso. Eu e meu marido frequentamos as reuniões das sociedades britânica e americana de origami e temos contato com praticantes de todo o mundo".

O origami, a arte secular japonesa, convida a pessoa a dobrar papel, sem corte ou cola, e, a partir daí, a criar representações de seres ou objetos geométricos. Usa um pequeno número de dobras diferentes, mas, que, combinadas de diversas maneiras, formam desenhos complexos. Envolve talento e paciência.

Dorinha informa que o origami surgiu, na verdade, na China, mas se desenvolveu no Japão, onde havia papel em abundância, tornando-se, assim, uma referência nipônica.

O Tsuru e o Dia da Paz

Em 1945, depois da explosão da bomba de Hiroshima, a pequena Sadako, de 12 anos de idade e uma das sobreviventes da guerra, foi diagnosticada com leucemia. Em tratamento no hospital recebeu, de um amigo, vários papéis coloridos para que fizesse 1.000 origamis do tsuru, junto com o pedido de cura. Como a doença se agravava a cada dia, Sadako – já ciente que não conseguiria sobreviver – começou a pedir pela paz mundial. Mas, no dia 25 de outubro de 1955, ao completar 964 tsurus, ela faleceu.

Os amigos completaram os 1.000 tsurus e iniciaram uma campanha para arrecadar dinheiro para construir um monumento pela paz. Em 1958, o monumento foi inaugurado no Parque da Paz de Hiroshima. Todos os anos, no dia 6 de agosto, dia do bombardeio, se faz uma cerimônia no parque, pela paz e para lembrar as vítimas de Hiroshima.

Desde então, o tsuru deixou de ter função apenas decorativa (muito utilizado em festas de ano novo, batizados, casamentos, entre outras comemorações). Passou, também, a ser associado às orações, acompanhado de pedidos de proteção. Todos os anos, milhares de origamis do pássaro são enviados de todas as partes do mundo ao Memorial de Hiroshima, representando o desejo contínuo pelo desarmamento nuclear e pela paz mundial.

Troca de informações sobre origami por Internet entre Dorinha e Richard acabou em casamento

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

THE LEGEND OF THE 1000 TSURUS

Origami (from the Japanese oru, "bending", and kami, "paper") is a centuries-old art of bending paper, allowing for the creation – without cuts or gluing – of any shape, object or being imagination allows.

The Japanese crane, also known as "tsuru", was chosen as the symbolic-bird of Origami. It means good luck, peace, health, happiness, fortune, fidelity, longevity. There are over 15 species of cranes on the Planet, but one of the rarest, majestic and loaded with symbolic value is the Japanese crane (not to be confused with the stork or the heron). In Japanese mythology, it is considered the oldest bird on Earth, with a life expectancy of one-thousand years. The Japanese cranes also symbolize love and marital fidelity, as they are monogamous, that is, they have only one partner for life.

In Japan, crane bending is a traditional art, and it is believed that he who bends that bird one-thousand times (a ritual known as senbazuru), with his thought on what he wishes to achieve, will have his wish accomplished.

In Piracicaba, the place where fish stop, the major symbol of origami is the carp (koi). The carp (koi) appeared in Japan through genetic mutation of the common carp originated from China. They mean fertility, prosperity, longevity. How about we create the legend of the 1000 carps in Piracicaba? He who does one-thousand bends, will achieve eternal life!

As belas artes de Joji Kussonoki

O que faz um imigrante japonês, que trabalha pesado na lavoura de café, ao ver que o filho mais velho passa os dias desenhando no chão com carvão vegetal? Essa foi a questão que a vida colocou para Nobu Kussunoki, pai de Joji Kussunoki, hoje um artista plástico de reconhecimento nacional. "Ele era cético em relação à arte. Não via o lado prático. Tanto que ficava contente mesmo quando, nas férias, eu o ajudava na roça, pegando na enxada", conta o artista.

Joji entende a posição do pai, especialmente porque ele era o primogênito, e na cultura nipônica cabe ao filho mais velho ser o exemplo para os outros. "E ele teve uma vida muito difícil, desde quando chegou ao Brasil, em 1913, saindo de Fukushima, e vindo no navio Wasaka-Maru", lembra.

Nobuo veio com os pais, Yozu e Mitsu, e aqui se casou com Shida, sua segunda esposa, nascida no Brasil e mãe de Joji. Logo depois de desembarcar em Santos, a família foi trabalhar no sítio Progresso, em São Manuel. "A ideia era ficar no máximo cinco anos, enriquecer e voltar para o país de origem. Claro que não deu certo. O ouro que a propaganda japonesa dizia que dava em árvores era na verdade o café, o ouro negro, que eles tiravam com as mãos", destaca.

Tanto que seus pais tiveram nove filhos, dois dos quais morreram, porque filhos eram vistos como mais "braços" para a lavoura. "A vida de meu pai era muito dura, sofrida, mesmo quando conseguiu comprar um pequeno sítio de sete alqueires, em Promissão, e depois uma área um pouco maior em Guararapes, onde nasci. Era trabalho de sol a sol".

Assim, ele entende a reação do pai ao ver que o filho tinha inclinação para a arte. "Ele não tinha muito tempo para mim, precisava agarrar a vida com as mãos", destaca. Sorte que o avô, mais atento, achou que o menino devia seguir a vocação e o levou para um professor de Lins, chamado Kamusaka, e que havia dado aulas para o grande Manabu Mabe. Mas ele não estava mais ensinando. Joji sentiu que a sua saída era São Paulo e para lá se foi, com a cara, a coragem, uma malinha nas costas e algum dinheiro. Iria passar um tempo na república de um amigo que foi aprovado no vestibular de Arquitetura. "Quando entrei naquele ônibus, para ir em busca do meu sonho, senti que era a mesma sensação de meu pai quando estava no navio em direção ao Brasil", compara.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

DE ALUNO A PROFESSOR

Em seus primeiros dias na capital paulista, Joji passou por todas as dificuldades típicas de quem está começando a vida. Saiu da república do amigo, foi morar na casa de uma tia, arrumou emprego na sede da Cooperativa Agrícola de Cotia, no Largo da Batata, em Pinheiros, onde ficou poucos meses. "Eu trabalhava na área de expedição, embrulhando as compras do pessoal do sítio, e logo me cansei daquilo", conta.

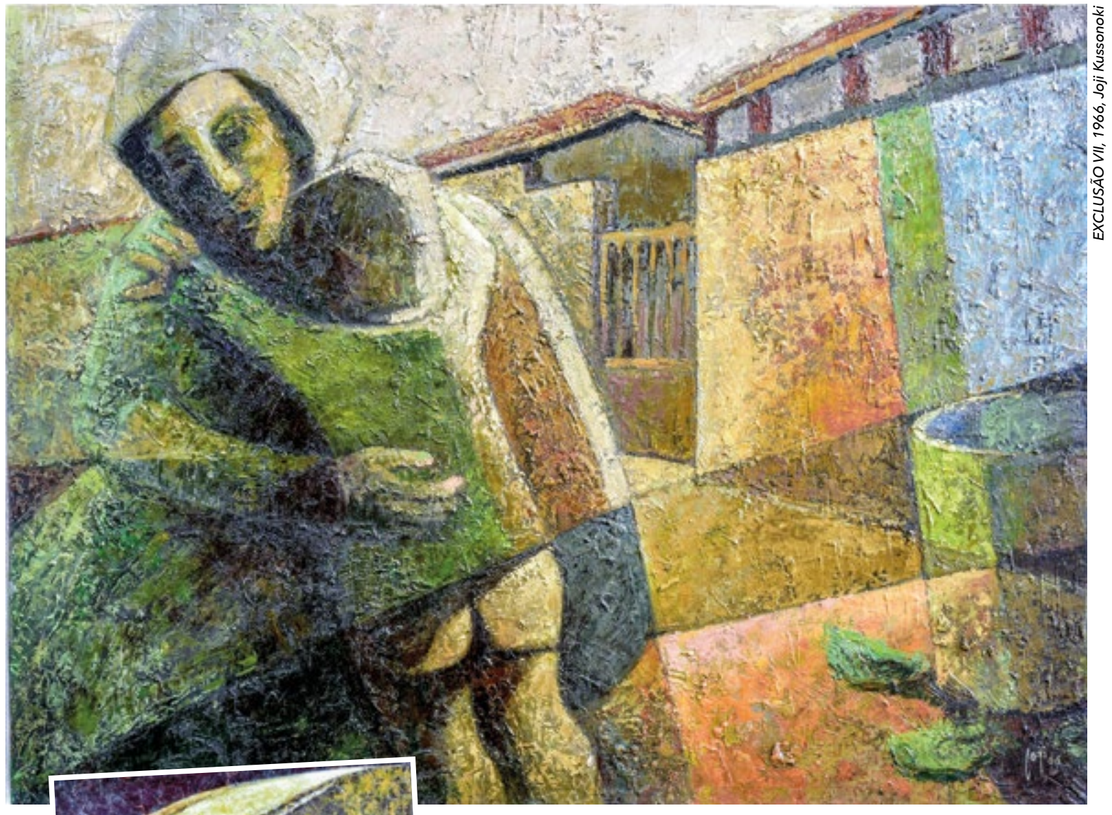
Até que entrou na sua vida Yutaka Toyota. O pintor, considerado um dos grandes expoentes da arte nipônica, foi quem lhe transmitiu a educação artística. "Eu levei para ele um portfólio com meus desenhos. Ele olhou e me disse: 'tá tudo bem, então você vem morar aqui em casa!' Foi uma surpresa e tanto".

Além de ter aulas, Joji cuidaria da casa e do ateliê do artista. No começo Joji não entendia porque os alunos dele se dedicavam à pintura e ele tinha de desenhar, fazendo cópias de obras famosas, umas dez vezes ou mais. "Na hora eu pensava: será que isso é um castigo? Não era, era um benefício, um investimento que ele fazia em mim. E a gente só entende isso mais tarde", afirma.

Tanto que quando Toyota se transferiu para a Itália, deixou para ele a incumbência de prosseguir com as aulas do estúdio. "Ele disse que voltaria em dois anos, não voltou, e aí montei meu próprio estúdio", diz. Em seguida, teve experiências marcantes no mercado editorial. Primeiro na Editora Saraiva, na divisão de livros didáticos. E depois na Editora Brasiliense, onde foi ilustrador das famosas séries Primeiros Passos e Cantadas Literárias.

Porém, a vida em São Paulo já estava cansando. A decisão de vir para Piracicaba surgiu não apenas porque a esposa, Lyria Corder, com quem tem dois filhos, nasceu aqui. Mas por ver que a cidade sempre teve tradição nas artes plásticas. Radicado há 34 anos, sempre manteve, em paralelo à carreira individual, uma escola hoje localizada na Rua Doutor Alvim. "Nesses anos todos, nem sei quantas pessoas passaram pela escola. Foram arquitetos, designers, artistas plásticos. E outros que não seguiram carreira na área, mas buscaram um enriquecimento cultural", destaca.

Joji vê na escola uma continuidade. "Eu transmito aos meus alunos o que aprendi", define. Quando vê alguns ex-alunos realizados, sente uma ponta de orgulho. Disciplinado como todo oriental, olha para o que aconteceu desde que a família pegou aquele navio e tem uma sensação de dever cumprido. "Eu vejo que em minha trajetória tudo foi difícil, mas tudo valeu a pena".



EXCLUSÃO VII, 1966, Joji Kussonoki

EXCLUSÃO II, 1966, Joji Kussonoki

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Kussonoki obteve o seu primeiro prêmio com a obra Exclusão II, em 1966, no Salão de Artes Contemporânea de São Bernardo do Campo/ SP.

Ikebana: a arte japonesa de arranjos florais.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Para Leonor Leiko Kanasawa Stênico o objetivo do Ikebana, como arte, é atingir a perfeição.

Quando Leonor Leiko Kanasawa Stênico começa a trabalhar com ikebana, a arte japonesa dos arranjos florais, ela se esquece da vida. Na sede da Seicho-No-Ie, em Piracicaba, Leiko cria vasos como se fossem esculturas. "O princípio é colocar um ramo central sendo o Sol. Outro, inclinado para a esquerda, representa a Lua. Mais embaixo fica o que simboliza a terra", explica essa filha de imigrantes nipônicos.

Os pais de Leiko, Tomazo e Kazuo, chegaram aqui em 1935, e foram no início trabalhar numa fazenda em Cafelândia. Tiveram nove filhos. Mais tarde, vieram para Piracicaba, onde Leiko se estabilizou e se casou com um descendente de tiroleses. A arte do ikebana ela aprendeu quando foi morar na terra dos pais.

"Quando nos envolvemos com o ikebana, estabelecemos uma conexão maior com a natureza. Percebemos melhor as formas e as cores das plantas, da maneira como crescem, como se relacionam com a luz", explica, lembrando que não são utilizadas apenas flores, mas também galhos e folhagens.

Leiko afirma que o objetivo do ikebana, como arte, é atingir a perfeição. Mas isso não significa um sacrifício, uma busca desesperada pelo perfeccionismo. "Ao contrário, ao criar os arranjos a gente busca o prazer de fazer o melhor, não apenas para os olhos, mas também para a mente. O apreciador ou estudioso do ikebana fica mais sensível às mudanças das estações e começa a ver beleza onde antes, talvez, visse simplesmente o óbvio".

Por isso, Leiko acredita que a prática – que antes se chamava kadô, ou a arte das flores – busca o aperfeiçoamento pessoal. "Quem pretende praticar essa arte deverá estudar técnicas e teorias. É certo que isso pode levar tempo, mas não deve ser problema, já que o que importa não é a chegada, mas o caminho, assim como na vida", destaca Leiko.

Existem aproximadamente dois mil estilos diferentes de ikebana, com nomes e esquemas próprios, a maioria registrada após a Segunda Guerra Mundial. Os mais tradicionais – como Nagueire, Moribana, Seika e Rikka – são considerados formas de despertar a sensibilidade e tratamentos contra estresse.

No Brasil, a arte chegou com os imigrantes japoneses. "No início era privilégio da colônia japonesa. Mas, com o tempo, passou a se ampliar para os brasileiros, como forma de integração social e cultural", conta. Tanto que a Associação de Ikebana do Brasil já registrou 17 novos estilos.

Ikebana começou a ser praticado no Japão no século 16 e a palavra significa "flores vivas". No princípio era praticado apenas por homens. Somente a partir do século 19 é que as mulheres passaram a aprender e a difundir a arte.

Bonsai, um instrumento de meditação.

Foto: Dreamstime/ Tormentor

O bonsai, técnica milenar de miniaturização de árvores que teria nascido há mais de mil anos na China e os japoneses aperfeiçoaram, virou a profissão e razão de vida de João Chaddad Junior. Mesmo sem ter nenhuma origem nipônica, ele se encantou pelo bonsai ainda criança. "Eu plantei o primeiro em setembro de 1976, quando tinha 12 anos. Ainda tenho essa planta, uma paineira, em minha chácara", conta. Ele acredita que a paixão tenha começado ao ver os trabalhos do pai, o arquiteto João Chaddad. "Eu já convivia com os projetos dele, fui vendo as árvores e ficando apaixonado", lembra. Era comum que o pai o levasse a São Paulo, e seu ponto principal era a feira do bairro da Liberdade, onde ia apreciar os bonsais. "Bonsai tem sempre novidade, surgem sempre plantas novas, mutações. Tem de estar atualizado". A paixão determinou a sua escolha pela profissão.

"Eu fiz Agronomia por causa do bonsai", define. Graduou-se em Lavras e está há mais de 30 anos na ESALQ, no Departamento de Horticultura. Mas o que essa prática, que Chaddad abraça (bonsai, a junção de "bon", que é vaso, com "sai", planta), tem de tão especial? "É uma terapia, porque faz você exercitar a paciência e a espera. E, também, uma arte. Um bom cultivador de bonsai, além de cuidar das plantas, deve ter a sensibilidade de um artista para saber representar uma imagem da natureza num vaso raso. É essa a diferença do bonsai para a jardinagem", explica. Isso faz da planta uma escultura viva. "Para chegar ao formato que eu quero, eu uso a poda dos galhos e a colocação dos arames, como se fosse o cinzel de um escultor", diz Chaddad. E é necessário paciência, esperar o tempo da natureza. "Demorar depende do tipo de planta e do processo que você usa. Quanto maior, mais demora, porque tem de engrossar. Tem de ficar vigiando", destaca. Em épocas mais remotas, no Japão, o bonsai era usado também como instrumento de meditação. "E depois de cultivá-las, os monges as doavam. Aí vinha uma lição de desapego". Na maioria das vezes, o bonsai tem de ser regado diariamente. Chaddad lembra que é comum a decepção de pessoas que compram bonsai no supermercado – "eu mesmo já comprei e é descartável" – porque a principal razão da perda da planta é a falta de água. Porém, quem tiver paciência, terá recompensa garantida. O lado terapêutico é bem presente, garante. "De cara é uma distração. Se for pesquisar, vai ver tantas possibilidades! Você fica viajando, a sua mente busca ideias". Ikebana, os arranjos florais, segue a mesma técnica. "O princípio é o mesmo, mas o ikebana é descartável, você faz para aquele momento", diz Chaddad, que também ministra cursos sobre bonsais e já fez diversas exposições em Piracicaba, em espaços como o Teatro Municipal, o Shopping e a Casa do Povoador. "De tanto me dedicar, eu fui ficando mais interessado na cultura e na culinária japonesa. Como yakissoba e tempurá toda semana".

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

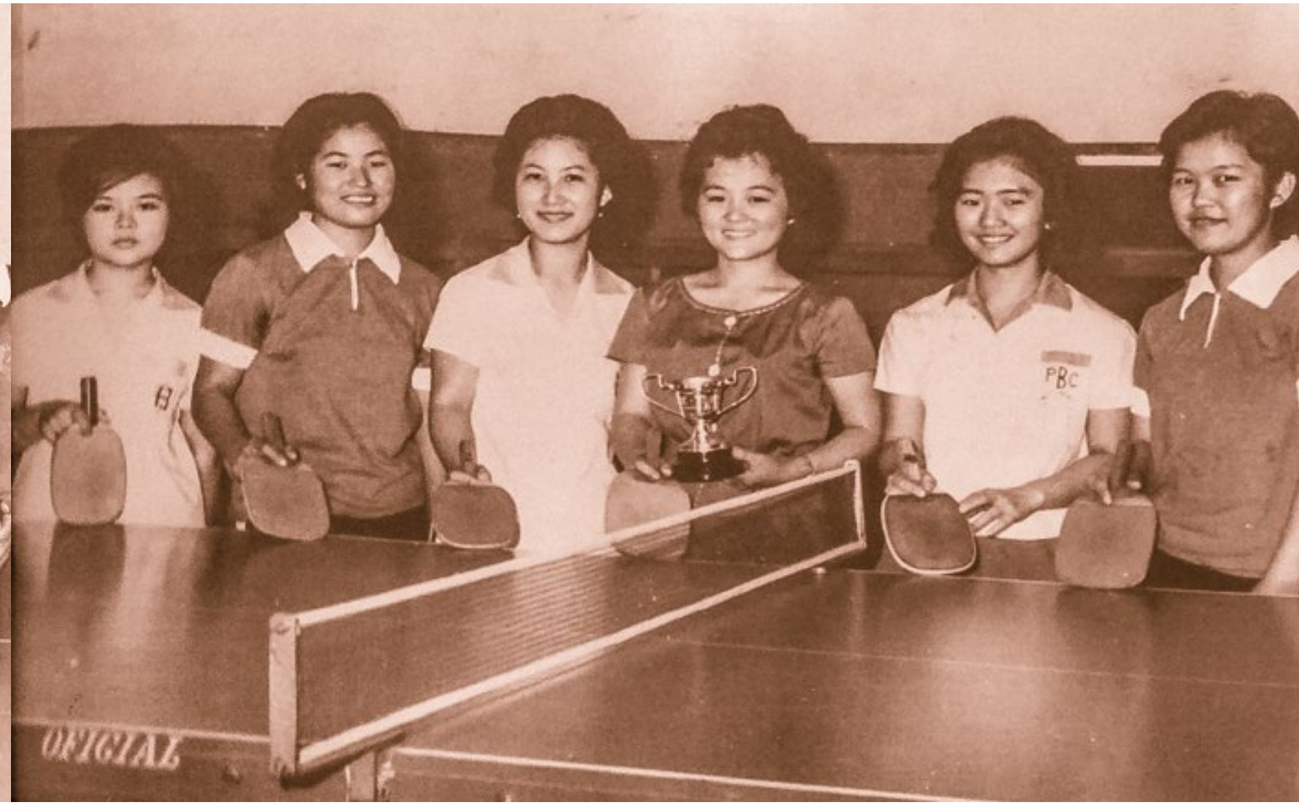
O TÊNIS DE MESA EM PIRACICABA

Foto: Acervo Clube Nipo-Brasileiro

O Departamento de Tênis de Mesa do Clube Recreativo e Desportivo Nipo-Brasileiro de Piracicaba foi criado em 1959, tendo Yoiti Onishi como diretor responsável. O time masculino era formado por Kinji Onishi, que também atuava como instrutor, Marcos Takaki, Hélio Takaki, Sadao Mori, Yoichiro Umeda, Tadashi Onishi, Massatochi Noda e Koitiro Koiti.

ESPORTE ABRAÇA AS JAPONESINHAS

Foto: Acervo Clube Nipo-Brasileiro



O tênis de mesa do Clube Nipo-Brasileiro também tinha uma equipe feminina, formada por Inês Takaki, Mieko Mori, Kimiyo Onishi, Alice Nishimura, Ana Nishimura e Akemi Komatsu. Tanto a equipe feminina como a masculina era motivo de orgulho para a entidade, colecionando inúmeros troféus em competições interestaduais e municipais.

Japoneses elevam o esporte no Brasil

Hoje dominado pelos orientais, o tênis de mesa surgiu na Inglaterra no século 19. O objetivo era simular a prática do tênis, sempre popular na ilha, em ambiente fechado. Logo tornou-se popular e as empresas de brinquedo investiram na venda de equipamentos. Como as primeiras raquetes eram de madeira e faziam um barulho forte em contato com a bolinha, passou a ser conhecido como pingue-pongue. Mas o nome caiu em desuso.
O esporte teve a sua primeira Federação Internacional em 1926, mas só passou a ser considerado um esporte olímpico em 1988, nos Jogos de Seul.
No Japão, foi sempre um esporte popular e o país é considerado uma das melhores escolas de tênis de mesa. Atualmente, seus atletas mais famosos são Jun Mizutani e Ai Fukuhara, nas respectivas categorias.
O tênis de mesa desembarcou no Brasil e começou a se desenvolver por volta de 1905, em São Paulo. As competições organizadas começaram em 1912, com a disputa do primeiro campeonato por equipes na cidade de São Paulo tendo como campeão o Vitória Ideal Clube. Em 1941, a Associação de Pingue Pongue passou a ser denominada Federação de Tênis de Mesa dando início aos torneios regionais e nacionais.
Em 30 de maio de 1979, era fundada a CBTM (Confederação Brasileira de Tênis de Mesa), e, em 1988, o país participava dos Jogos Olímpicos de Seul, na Coréia do Sul, com dois descendentes japoneses como representantes: Cláudio Kano e Carlos Issamu Kawai.
Dois mesatenistas nikkeis dividem a fama de maiores ídolos da modalidade no Brasil: Cláudio Kano (um dos maiores recordistas de medalhas em Jogos Pan-americanos, sendo 12 ao todo, 7 delas de ouro) e Hugo Hoyama (o maior recordista de medalhas em Jogos Pan-americanos na modalidade, com um total de 14 medalhas, 9 de ouro). Hoyama também conseguiu uma grande participação em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, vencendo o campeão mundial da época, o sueco Jorgen Persson, e conquistando um nono lugar. Infelizmente, Kano faleceu num trágico acidente de moto, em 1996.
Detentor de uma longa hegemonia na América do Sul, sendo o único esporte que possui o incrível recorde de quatro títulos consecutivos por equipes nos Jogos Pan-Americanos, o Brasil sempre contou com mesatenistas nikkeis nos Jogos Olímpicos: Claudio Kano e Carlos Kawai (Seul, Coréia do Sul, em 1988), Claudio Kano, Hugo Hoyama, Lyanne Kosaka e Mônica Doti (Barcelona, Espanha, em 1992), Hugo Hoyama, Lyanne Kosaka e Mônica Doti (Atlanta, EUA, 1996), Hugo Hoyama, Lyanne Kosaka, Mônica Doti e Carlos Kawai (Sidney, Austrália, 2000), Hugo Hoyama, Hugo Hanashiro e Mariany Nonaka (Atenas, Grécia, 2004), Gustavo Tsuboi, Hugo Hoyama e Mariany Monaka (Pequim, China, em 2008), Gustavo Tsuboi, Caroline Kumahara e Hugo Hoyama, maior recordista em participações

Foto: Divulgação Palmeiras

Hugo Hoyama e sua coleção de medalhas

olímpicas, com total de seis (Londres, Inglaterra, 2012) e Gustavo Tsuboi, Cazuo Matsumoto, Caroline Kumahara e Bruna Takahashi (Rio de Janeiro, Brasil, em 2016). Atualmente, o Brasil tem mais de 5 mil atletas filiados, através de 22 federações estaduais.
Vale registrar a participação de um piracicabano nas conquistas da maioria dos títulos: Fran Camargo, técnico da Seleção Brasileira entre os anos de 1981 a 2000; e coordenador de Seleções, de 1995 a 2004.

Foto: Acervo Fran TT

CT de Piracicaba, referência nacional em matéria de tênis de mesa.

Marcos Takaki pratica tênis de mesa desde 1959

A prática do tênis de mesa surgiu como uma vida nova para o economista aposentado Marcos Massao Takaki, de 74 anos, que é descendente de uma das primeiras famílias japonesas a chegar a Piracicaba. Ele começou o esporte sem planejar. "Fui levar meu filho Ricardo ao clube, ele começou a praticar, e eu fui junto. O resultado é que ele parou e eu continuei", conta, informando que pratica a modalidade desde 1959, época em que o Clube Nipo-Brasileiro montou sua primeira equipe.
Takaki participou várias vezes da modalidade nos JORI, Jogos Regionais da Terceira Idade, e tem algumas medalhas. Para além da competição, ele acredita que se trata de uma importante melhora na qualidade de vida. "Ter uma atividade física é sempre importante, não importa a idade", afirma.
Os japoneses chegaram a ser os melhores do mundo na modalidade, hoje suplantados pelos chineses. "Os orientais se dão muito bem, creio que por ser um esporte individual e que exige, além da mobilidade, uma alta dose de concentração", afirma. E disciplina é a primeira palavra que vem à cabeça dele quando pensa em seus ancestrais.
Foi também com muita resistência que o pai dele, Shigueri Takaki, enfrentou o começo da vida no Brasil. Irmão de Shigueki, ele era bem mais novo e nos documentos aparecia como filho. "Em Piracicaba,

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Marcos Takaki, destaque da equipe da Terceira Idade do Clube Nipo.

meu pai era conhecido como João e meu tio como José", lembra.
Apesar das dificuldades – "trabalhavam na Fazenda Pau D´Alho e não sabiam nada da língua e da lavoura do café" –, eles se adaptaram a Piracicaba e nunca voltaram à pátria-mãe. "Meu pai teve um bar, o São João, na Rua Boa Morte, em frente ao Colégio Piracicabano. Criou nove filhos com o trabalho nesse comércio", destaca.
Marcos começou a estudar Economia em Piracicaba, ao mesmo tempo em que era estagiário no Banco Itaú, à época conhecido como Moreira Salles. Transferiu-se para São Paulo e depois, já atuando no InvestBanco, o primeiro banco de investimentos do país, morou em diversas cidades, como Recife, Rio de Janeiro e Belém. Casado, teve dois filhos. "Os japoneses sempre incentivaram os filhos a estudar, por entenderem que é a única maneira de subir na vida. É uma coisa da cultura nipônica, e que passa de geração para geração", define.

O BEISEBAL NIPO-PIRACICABANO

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

O beisebol é muito popular nos Estados Unidos, mas acredita-se que, como o futebol, sua origem seja britânica, no caso o jogo dos rounders, cujo primeiro registro data de 1744. No Japão, o beisebol virou paixão desde 1880, quando foi criado o primeiro time, o Clube Atlético Shimbashi. Logo se tornou a modalidade mais popular entre os estudantes. A profissionalização do esporte no Japão aconteceu por influência dos americanos, que foram jogar no país em 1934. Para enfrentá-los, foi criado o primeiro time profissional, o Nihon Baseball Club. A partir daí o esporte nunca mais parou de crescer em terras japonesas. Em nossa cidade, o responsável pelo desenvolvimento do esporte foi o Piracicaba Beisebal Club (hoje, Clube Nipo-Brasileiro), entidade filiada à Associação de Beisebal de São Paulo e que, na década de 1950, realizou o primeiro torneio com a participação de times de cidades vizinhas. De lá pra cá, a tradição foi mantida, tendo sempre grandes incentivadores como Yochiro Umeda, Tiriki Toshi, Yoshiko Omeda, Toshio Icizuca, Norio Ikari, Jeferson Takaki e Antonio Aceto.

Paixão de Jeferson Takaki e de Antonio Aceto

Jeferson Takaki tem 38 anos, é neto de japoneses da primeira turma que chegou a Piracicaba, há um século. Formado em Turismo, mas sem exercer a profissão (sua família administra O Pastelão 2 e ele tem uma empresa de locação de equipamentos de som), Jeferson conta exercer uma atividade que contribui para a disciplina em sua vida pessoal e profissional.

Antonio Aceto, 47 anos, descendente de italianos, revela que desde que começou a prática, há 30 anos, sua vida mudou para melhor. Formado em Computação, revela que agora sabe a hora certa de atacar ou de recuar na profissão.

O que esses dois homens, à primeira vista tão diferentes, têm em comum e que transformou suas vidas? Ioga? Meditação? Não, beisebol! Sim, esse esporte popularizado pelos americanos, ao qual os japoneses abraçaram com paixão e a maioria dos brasileiros ignora. Eles fazem parte do time do Clube Nipo-Brasileiro e o praticam há bastante tempo.

No caso de Aceto, ele é da diretoria de beisebol e softbol da agremiação, já faz 30 anos. "Eu nem conhecia beisebol, tinha 17 anos e um amigo que veio do Japão, o Heitor Yoshi, estava com dificuldade para se adaptar à escola. Ficamos amigos e um dia ele me convidou para ir à ESALQ para jogar catchbol, que é simplesmente a atividade de arremessar e pegar a bola", conta. Foi o começo da paixão dele pelo beisebol, que nunca mais o largou.

Já Takaki conta ter começado ainda moleque, na faixa dos 12 anos, embora os maiores jogadores comecem bem mais cedo. Ele se iniciou quando foi formada a equipe infantil de Piracicaba. "O beisebol me ensinou disciplina. Quando se é criança, não se tem muita noção, até porque você leva mais para o lado da brincadeira. Mas, depois que cresce, começa a se lembrar das coisas que o técnico falava, principalmente na parte de fundamento. Isso marca a vida da gente", destaca.

Aceto se lembra do contato com técnicos como Tiriki Yoshi, Yoshiko Omeda e Toshio Icizuca, com lições que levou para a vida toda.

"Fazer qualquer exercício já é bom para a saúde. É bom também

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

para o espírito, para a disciplina. Profissionalmente aprendi muita coisa no beisebol, onde, muitas vezes, a gente tem de saber esperar. Porque, na tentativa, eu posso ser eliminado", explica. "E, na vida, também, não é assim?" Aceto lembra, também, a concentração que precisa haver em campo, com a transmissão das jogadas combinadas por sinais, para as quais todos devem estar atentos.

Takaki entende que no beisebol o que vale é o conjunto. "Existem estrelas, como no futebol, mas de nada vale ter um grande talento solitário se os outros são ruins", afirma. Ele e Aceto exercem o esporte apenas por paixão, e se tiveram desejos de se profissionalizar, isso ficou para trás. A mídia brasileira não reconhece o beisebol, que não existe para a TV aberta e aparece apenas brevemente em canais especializados em esporte. Existe uma Confederação Brasileira de Beisebol e várias ligas. Os campeonatos acontecem, mas um time consegue jogar no máximo 12 vezes por ano.

"O beisebol é um jogo apaixonante, mas o brasileiro ainda não descobriu", diz Aceto. E é um esporte caro: "A luva é feita de couro especial e o bastão, de alumínio. E, para praticar, você precisa de um campo próprio. Não é como no futebol, em que é só você colocar uma chuteira no pé e ir para um terreno da esquina", ressalta Takaki.

Muitos brasileiros têm dificuldade de entender as regras do esporte. O beisebol é disputado por duas equipes, com nove jogadores cada uma, que se alternam entre ataque e defesa. O objetivo é pontuar, batendo com um bastão em uma bola lançada, e depois correr pelas quatro bases do campo. Um jogador da equipe atacante pode parar em uma das bases e, depois, avançar com a ajuda da rebatida de um companheiro. Os times trocam de posição assim que três rebatedores são eliminados. Um turno de ataque e defesa de cada time representa uma entrada e nove entradas compõem um jogo profissional. O time com mais corridas no final vence. Parece simples? Mas, segundo Aceto e Takaki, a disputa permite muita emoção.

Norio: e a ilusão se tornou realidade.

Médico conceituado em Piracicaba, com quase 40 anos dedicados à urologia, Norio Ikari olha para trás, relembra a trajetória do pai, Naoshi, quando chegou ao Brasil e destaca uma palavra: ilusão. "Venderam para os japoneses a ilusão de que o Brasil era uma espécie de Eldorado, onde em se plantando tudo dava. E isso só aconteceu porque a situação do Japão naquela época, os anos 1930, era terrível. Eles saíam de lá porque não tinham condições de viver", conta.

Foi com esse espírito que Naoshi desembarcou no Porto de Santos, em 1931, e foi para a cidade de Paraguassu Paulista, perto de Assis, trabalhar na lavoura do café. Ofício difícil, de machucar as mãos de sol a sol, e, aos poucos, fazer a mente perceber que os planos teriam de ser diferentes. "Ele queria voltar, mas logo entendeu que isso seria impossível", relata o médico.

Então, adaptou-se ao novo país. Casou-se com Sumie, filha de imigrantes que vieram em 1910, no navio Ryojun, o segundo que aportou em terras brasileiras, depois do pioneiro Kasato-Maru. Ela morava em Bilac e eles se mudaram para um sítio próprio, em Mogi Guaçu, onde nasceu Norio, o primeiro dos cinco filhos do casal.

"Meu pai nunca me disse que se decepcionou ao vir para cá. Ele sempre foi uma pessoa feliz", diz o médico. É que Naoshi chegou aqui criança e a lembrança que tinha do Japão era da infância cheia de dificuldades. Portanto, ele já estava acostumado com ter de lutar para sobreviver.

Batalhando na roça, ele conseguiu dar condições de os cinco filhos se formarem na faculdade. Norio tem uma irmã também médica, um irmão advogado e outro engenheiro, e a caçula é dentista. "Hoje, para um lavrador formar cinco filhos, seria difícil. Na época era diferente. O japonês acha que a coisa mais importante é o estudo. Eles nos transmitiram a visão de que, para dar um salto na vida, era preciso estudar. Os pais se sacrificavam para que os filhos estudassem. Depois de algumas gerações, já formados, a situação econômica melhorou", destaca.

Não que ele não tenha tido sua cota de sacrifício. Norio estudou em escola pública, morava no sítio e ia a pé para a escola. Quando iria entrar no antigo curso ginasial, não havia unidade de ensino que oferecesse o curso e precisou ir à cidade. Aos dez anos, tomava ônibus sozinho. Entrou na Faculdade de Medicina da USP, em Ribeirão Preto. "Não era fácil manter um filho estudando fora, mas era tudo subsidiado", explica. Ele morava na Casa do Estudante, comia de bandejão e a refeição era barata.

Terminada a especialização, ainda em Ribeirão Preto, foi procurado pelo doutor Geraldo Borges, que queria um novo urologista para dividir o consultório. Assim, em 1979, começou sua ligação com Piracicaba, cidade onde construiu toda uma carreira. "Da herança nipônica procuro guardar disciplina, seriedade, perseverança e respeito aos outros. Se você seguir esses princípios, consegue as coisas. Se você vive apenas pensando em metas, será infeliz", ensina.

A MEDICINA E O BEISEBOL

Referência piracicabana para Ikari sempre foi o Clube Nipo-Brasileiro, principalmente na parte de beisebol. "Eu jogava beisebol desde criança. Os mangás, os gibis japoneses que eu gostava, sempre tinham

Foto: Fabrice Desmonts

historinhas ligadas ao esporte, um dos preferidos dos japoneses", lembra.

Nos tempos de estudante universitário, praticava o esporte na InterMed, competição que reunia os inscritos nas faculdades de Medicina de todo o Estado de São Paulo. Deu um tempo e só retomou a atividade esportiva em 1990. "Comecei a jogar um pouco de tênis. Não dava para fazer muito porque o trabalho no consultório era puxado, só o Geraldo e eu".

Foi, então, que retomou o beisebol, no Nipo, e entende que o esporte tem muito a ver com o espírito japonês. "Todos têm de se dedicar ao time, não basta uma estrela. É exatamente o que a sociedade espera. Você tem de conviver com pessoas melhores e piores. Tem de aceitar as limitações para atingir o objetivo. Você não pode ser o que é, tem de ser o que o time precisa. Tem de ter humildade, amadurecimento que vai adquirindo à medida que participa do time", destaca.

Então, sentiu que as três filhas estavam numa idade em que precisavam de uma atividade esportiva. As meninas se encontraram no softbol, versão mais light do beisebol. E ele teve presença expressiva como técnico. Foi uma época marcante, em que a equipe de Piracicaba chegou ao terceiro lugar no Brasil.

Das filhas, a mais velha, Lia, seguiu os passos do pai. É médica especialista em urologia. "Na época, era vista como especialidade de homens. Mas fiz um levantamento na clínica de como era a distribuição dos pacientes. Vi que de 25% a 30% eram mulheres. Mulher também tem problema de bexiga, de rim. Urologia é uma especialidade do aparelho urinário. Hoje, Lia lida com as nossas pacientes mulheres", explica.

Para Ikari, a Medicina está voltando a se preocupar com algo que deixou em segundo plano há um tempo: o lado humano. "Sou da geração olho no olho. Estamos mais interessados na pessoa do que na doença. Hoje, é tudo mais técnico e falta, sim, um pouco de contato humano. A Medicina está voltando a ensinar isso ao aluno. Hoje, tem médico que nem examina, já vai pedindo exame. Não existe essa desculpa de que o convênio paga pouco. Se está insatisfeito, larga. Em qualquer profissão, se você pensar só em dinheiro, não vai ser um bom profissional. Tem de pensar primeiro em ser um bom profissional, o dinheiro é consequência", conclui.

UNDOKAI, GINCANA ESPORTIVA FAMILIAR

Uma das mais tradicionais festas da colônia japonesa, a Undokai – "Undô" significa esporte e movimento, e "Kai", reunião – é realizado anualmente no primeiro domingo de agosto pelo Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba, reunindo famílias japonesas e seus descendentes e, também, interessados pela cultura japonesa, promovendo integração entre os participantes durante todo o dia de gincanas ao ar livre, despertando o espírito esportivo, a atividade física e o lazer.

Na Undokai, bandeirinhas coloridas são estendidas por toda a extensão do campo e várias competições acontecem ao mesmo tempo, envolvendo crianças, adolescentes, adultos e idosos. Geralmente, as atividades são aquelas que servem para relaxar e se diverter, como corrida de saco, com ovo na colher, cabo-de-guerra e muitas outras.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

GRUPO NIPO DE TERCEIRA IDADE, HEXACAMPEÃO.

Foto: Davi Negri

O grupo da Terceira Idade do Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba ficou com o título de campeão, em 2017, da 13ª Olimpíada da Terceira Idade, competição realizada, anualmente, através da SELAM – Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Atividades Motoras, objetivando a valorização e o estímulo à prática esportiva no município entre a terceira idade. Das 31 disputas, a equipe conquistou 16 primeiros lugares e somou 237 pontos na classificação geral, o que garantiu o hexacampeonato ao clube. Em função da conquista, o grupo foi agraciado pelo vereador Pedro Kawai, com "Votos de Congratulações", aprovado pela Câmara de Vereadores, conforme requerimento 705/2017, e entregue no dia 1 de dezembro de 2017, à Tereza Takagi Saito, chefe da delegação, durante cerimônia realizada na sede do Clube Nipo-Brasileiro.

ROJINKAI - Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba mantém a tradição e promove o Encontro de Idosos regularmente em sua sede social

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias e Acervo Clube Nipo-Brasileiro

Encontro comemorativo aos 50 anos da formação do primeiro grupo de Nihonjinkai, também conhecido como Rojinkai, formado por integrantes da terceira idade, com o diretor Hisayoshi Takami.

A ESPADA E A FLOR

Quando, pela primeira vez assisti a Festa da Primavera – a já consagrada celebração nipônica em Piracicaba – confesso a minha encantadora surpresa, misto de admiração e perplexidade. Pois perguntei – primeiro a mim mesmo; depois, a um experiente nipo-caipiracicabano que me acompanhava – como era possível um povo tão guerreiro, tido, até mesmo como belicoso, cultivar tanta doçura, cultuar, com tanta delicadeza, o Belo, o Bem, o Bom, a Paz. Meu companheiro sorriu e não me respondeu.

Aliás, a minha experiência pessoal coexistindo – e, muitas vezes, convivendo – com a gente japonesa deveria ter-me feito entender, suficientemente, qual seria a resposta: um sorriso silencioso. Que revela um saber de sabedoria e não, apenas, um saber de estudos. Na realidade, eu estabelecera, apenas racionalmente, um paralelo entre a espada – um dos símbolos da alma japonesa, mas mal compreendido no Ocidente – e a flor, a flor da primavera, a flor da cerejeira. Dei-me conta, então, de como o equívoco – ou a má e deliberada interpretação – causa transtornos quase sempre irreparáveis. E, até mesmo, guerras.

Ora, já se sabe que, nas guerras, a primeira vítima é a Verdade. E ser, a história, contada pelos vencedores. Os Estados Unidos e aliados, na Segunda Guerra Mundial, usaram uma frase do todo poderoso general Sishuishi Tanaka – da Escola da Guerra do Exército Japonês – pronunciada anteriormente: "Vocês têm a Bíblia; nós temos a espada". Na guerra da propaganda, também impiedosa e exercida por todos os lados, a espada japonesa do General Tanaka foi transformada, apenas, em arma de luta, de enfrentamento, de guerra, de ausência de diálogo. Logo, a única vocação japonesa seria para o confronto. E a espada, símbolo de morte.

Não se trata do "ledo e doce engano" do poeta. Mas de má fé ou de desconhecimento de efeitos trágicos. Pois a espada é um dos mais sagrados símbolos da Humanidade. E mais sagrado, ainda, para o Japão, onde ela é o emblema do rei. A espada simboliza a bravura como virtude do estado militar e o duplo aspecto do poder: o destruidor – maléfico se apenas usado como tirania – mas benéfico se aplicado contra a injustiça, o mal, a ignorância; e o construtor, pois ela consegue manter a justiça e a paz. É, pois, um símbolo guerreiro, sim, mas sagrado. O Cristo trouxe a espada, significando ser, ela, o instrumento para o homem desenvolver a sua "guerra santa", no sentido de sua guerra interior, espiritual: "Não vim trazer a paz, mas a espada".

Os Cruzados consideravam a espada como a luz e o relâmpago, pois a lâmina brilha. Desse entendimento, eles a propagaram como um fragmento da Cruz da Luz. E, no mito da expulsão de Eva e Adão do Paraíso, os anjos fizeram-no com espadas de fogo. A espada sagrada do Japão deriva do relâmpago. Haver-se-á, pois, de entendê-la como um símbolo sagrado que – como a cruz para os cristãos – japoneses respeitam em sua própria vida pessoal e familiar. Espada e flor, pois, podem criar essa harmonia. Ambas, como raios de Sol. Uma reflexão após a Festa da Primavera...

THE SWORD AND THE FLOWER

When I watched the Spring Festival for the first time – that already consecrated Japanese celebration in Piracicaba – I confess my lovely surprise, a mix of wonder and perplexity. I asked – first to myself; later to an experienced Japanese-Brazilian who accompanied me – how was it possible for such a warrior people, even considered a warring one, to cultivate so much sweetness, to worship with such delicacy the Beautiful, Niceness, Goodness, Peace. My friend smiled and didn't answer me.

By the way, my personal experience coexisting – and in many instances living side-by-side – with Japanese people should have been enough to make me understand what the answer would be: a wordless smile. A smile that discloses a concrete knowledge, not merely a knowledge obtained through studies. In fact, I had drawn, rationally, a parallel between the sword – one of the symbols of Japanese soul, quite misunderstood in the West – and the flower, the spring flower, the cherry tree flower. I realized then how a misconception – or a mistaken and deliberate interpretation – causes disruptions almost always beyond repair. Even wars.

Alas, it's already well known that in war the first victim is Truth. And History, for it is told by the vanquisher. The United States and its allies, in the Second World War, used a sentence that the all-mighty General Shizuichi Tanaka – of the Imperial Japanese Army War College – had formerly enounced: "You have the Bible; we have the sword". In the propaganda war, also mercilessly used by all sides, General Tanaka's Japanese sword was turned into a fighting weapon only, a weapon of confrontation, of war, of absence of dialogue. Therefore, Japanese vocation was for confrontation. And the sword, a symbol of death.

That's not a "sweet illusion" of the poet. Rather, it's bad faith or unawareness of its tragic effects. For the sword is one of the most sacred symbols of Mankind. And even more sacred in Japan, where it is the symbol of the King. The sword symbolises braveness as a virtue of the military state and the double feature of power: destructive – evil if employed as tyranny only – but beneficial if applied against injustice, evil, ignorance; and constructive, as it can keep justice and peace. Therefore, it is, yes, a warrior symbol, but a sacred one. Christ brought the sword, meaning that it is the instrument for Mankind to wage its "holy war", in the sense of an interior, spiritual war: "I came not to bring peace, but the sword".

The Crusaders considered the sword as light and lightning, due to the shine of the blade. From that understanding they disseminated it as a fragment of the "Cross of Light". And in the myth of Eve's and Adam's eviction from Paradise, the angels did it with swords of fire. The sacred sword of Japan originates from the lightning. Therefore, it should be understood as a sacred symbol that – as the cross for Christians – the Japanese respect in their own personal and family lives. Sword and flower can foster that harmony. Both, as rays of Sun. A reflection after the Spring Festival...

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

ARTES MARCIAIS ENCANTAM PELA DISCIPLINA

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

O Extremo Oriente tem uma série de artes marciais (conjunto de técnicas de luta individual) praticadas até hoje em várias partes do mundo. Embora a maioria delas tenha como origem a era medieval, dos samurais, hoje elas sobrevivem como uma versão moderna, e são vistas por seu lado esportivo e, também, educativo. Suas práticas permitem alcançar disciplina e desenvolver reflexos, além de agir como um eficaz processo de formação moral, impulsionando a capacidade física e mental. As artes marciais chinesas, coreanas, indonésias e japonesas são aquelas que atingiram um maior nível de aperfeiçoamento e reconhecimento mundial, auxiliando seus praticantes na obtenção do domínio próprio, coragem, honra, lealdade, modéstia e bondade.

Em Piracicaba, o Clube Nipo-Brasileiro difunde a prática do Kendo (caminho da espada), através de aulas ministradas em sua sede, e propaga várias artes marciais durante eventos como Japão na Praça e Festa da Primavera, com demonstrações de Judô (caminho suave), Karatê-Do (mãos vazias), Taekwondo (caminho do pé e da mão), Aikidô (caminho da harmonia), Iaidô (desembainhar da espada), Jiu-jitsu (arte da suavidade), Kenpô (termo japonês para o Kung fu), Sumô (considerado o esporte nacional do Japão), entre outras, reunindo atletas locais e convidados. Comemora-se, anualmente, no município, o Dia do Karatê-Do (25 de outubro) e o Dia do Taekwondo (4 de setembro), em cerimônias promovidas pela Câmara de Vereadores, em conjunto com o Clube Nipo.

Etiqueta, palavra-chave no kendo.

Aos 36 anos, o advogado Fernando Kawai, que é neto de japoneses, pratica artes marciais quase toda a noite no Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba. Ele é mestre em kendo, a esgrima japonesa, mesmo grau que atingiu no kung fu, e, há 26 anos, pratica o karatê. Quando fala sobre o kendo (em japonês, caminho da espada), a palavra que mais utiliza é etiqueta.
"A questão da disciplina e da etiqueta é bem rígida no kendo", explica. Isso significa que o praticante deve observar todo o ritual, que vem desde os tempos dos antigos samurais. A roupa tem de estar totalmente em ordem, sem rasura ou amassada, e não é permitido se exercitar sem estar devidamente trajado. Questão de respeito.
É preciso vestir o bogu, o equipamento de segurança, que inclui a máscara e a shinai, espada de bambu. "Em competições, se você não estiver totalmente de acordo, perde pontos. E o seu jeito de se comportar à frente do seu oponente tem regras também", destaca Kawai.
Isso porque o kendo sofreu uma adaptação, a partir do século 20, baseado no kenjutsu, e ficou uma atividade esportiva que ao mesmo tempo visa o desenvolvimento do caráter do participante. É exatamente isso que atrai o advogado. "No kendo você não treina apenas para saber golpear, mas sim para ser uma pessoa melhor. Você usa o que aprende na academia lá fora, em sua vida pessoal e principalmente profissional", ressalta.
Questões fundamentais que devem ser preservadas pelo participante vêm de muito tempo atrás, mais especificamente do bushidô, o código de honra do samurai, com suas sete virtudes: coragem, honestidade, honra, humanidade, justiça, cortesia e lealdade.
"Muita gente pensa que a arte marcial estimula violência. Não é nada disso. Depende de como você treina e qual é o seu intuito. Se o professor tem como base deixar o aluno violento, está agindo de forma errada. Primeiro porque o objetivo principal é a defesa. E depois porque noto que a maioria pratica justamente para desestressar", revela.
Kawai reconhece que é hiperativo, dorme no máximo quatro horas por noite e precisa da atividade física para ficar menos "pilhado". Treina de segunda a quinta à noite e, se acontece algum imprevisto e não pode se exercitar, chega a ficar duas noites acordado. "No escritório, sou o cara que é chamado para resolver as 'buchas', as 'bombas'. Aí jogam na minha mão e fico pensando em como resolver, como desarmar aquela situação", conta como se estivesse num combate, enfrentando um adversário poderoso numa luta de espadas. Quase nunca significa que ele parta para a agressividade. Mas só vai agir ao conhecer melhor o oponente.
"Não que eu não tenha explosões de vez em quando, pois fazem parte do meu temperamento. Mas noto que, com a maturidade, o lado guerreiro vai se misturando com o lado sábio", explica. É como se o Karatê Kid, filme de que gosta bastante, com o passar do tempo fosse ficando mais parecido com o senhor Miyagi.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

"Quem pratica arte marcial, como o kendo, não sai por aí brigando e batendo. Vai sair evitando, o que é o mais correto", ensina Kawai. Hoje o advogado utiliza o kendo mais para ele mesmo, sem interesse em participar de campeonatos, que são realizados em nível estadual e nacional. Ele já tem a katana, a espada samurai de lâmina curva, que só foi autorizado a adquirir depois de quatro anos de prática.
Kawai dá aulas no Clube Nipo-Brasileiro às quintas-feiras, no período noturno, e conta com oito alunos, a maioria sem ascendência nipônica. Essa abertura do Clube se reflete ainda mais em sua turma de kung fu, que mesmo sendo de origem chinesa, teve espaço na agremiação. Atualmente, dos seus 22 alunos, nenhum tem raiz oriental. Como neto de japoneses, ele sente que a tradição é mantida em casa. "Mesmo minha mãe, que não é descendente, tem essa preocupação. Aprendi com meus pais a ser correto, justo, disciplinado, e essa é uma preocupação dos japoneses", destaca.
O advogado conta que nunca foi para o Japão, mas que tem muita vontade de conhecê-lo. "Para passear e não morar. O Japão tem essa mistura do tradicional com o moderno que me fascina", diz. A principal lição que aprendeu com o kendo é não apenas querer ser uma pessoa ética, mas se comportar dessa maneira. "É mais fácil conseguir as coisas sem agressividade, mas tem de conhecer seu lado agressivo. Você é seu maior inimigo. Dou exemplo para os meus alunos que temos dois lobos dentro da gente: o da preguiça e o da vontade. É você quem escolhe o que vai alimentar. E sempre temos um lado mau, cabe a você controlar".
As aulas de kendo no Clube Nipo-Brasileiro são ministradas, também, pelos professores Edno Tsugami (3º Dan), Renato Gondo (2º Dan) e Carlos Hanada (1º Dan), incluindo o kendo clássico (esgrima com espadas de bambu e proteções), noções de iado (katas individuais com espada) e noções de kenjtsu (treinos com espadas de madeira).

Fotos: Davi Negri

Taekwondo: coleção de títulos.

O taekwondo é uma das modalidades esportivas que mais trazem resultados para Piracicaba em eventos oficiais da categoria e, também, nos Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior. Foi com atletas de Piracicaba que o Brasil conquistou sua primeira medalha do Taekwondo nos Jogos Mundiais Universitários, em 2003, e a primeira e única medalha de ouro na categoria feminina nos Jogos Mundiais Militares, em 2011, além de diversos outros títulos internacionais, que fazem da cidade uma referência internacional. Em 2014 – em reconhecimento à boa performance dos atletas piracicabanos – a Câmara de Vereadores de Piracicaba instituiu o Dia Municipal do Taekwondo – comemorado anualmente em 4 de setembro –, através do Decreto Legislativo 02/2014, de autoria de Pedro Kawai. A primeira solenidade, ocorrida no Centro de Alto Rendimento Dojan Nippon, teve 10 homenageados, entre os quais o coordenador técnico da Associação de Taekwondo de Piracicaba, Frederico Mitooka; a professora e atleta da Seleção Brasileira, Leidiane Aguilar; e o garoto Henrique Ken Mochizuki, revelação infanto-juvenil.

Oscar incentiva a prática do judô

Foto: Kichisaburo Nakagawa

Criado no Japão, em 1882, pelo professor de Educação Física Jigoro Kano, o judô teve uma grande aceitação em todo o país, espalhando-se, posteriormente, para o mundo todo, pois possui a vantagem de unir técnicas do ju jitsu (arte marcial japonesa: não confundi-la com jiu-jitsu) com outras artes marciais orientais. Em Piracicaba, começou a se popularizar na década de 1950, através de Oscar Nishimura, presidente do Clube Nipo-Brasileiro, que abriu as portas da entidade aos piracicabanos e alunos da ESALQ para a prática da modalidade.

Moção de Aplauso para Kawaguchi

Foto: Fabrice Desmonts

O professor Júlio Takashi Kawaguchi recebeu Moção de Aplauso, de autoria do vereador Bruno Prata, pelos relevantes serviços prestados em prol do desenvolvimento do judô e do karatê-do no município, em cerimônia realizada na Câmara Municipal de Piracicaba em 13 de abril de 2009. Kawaguchi, que ministra aulas de judô e karatê-do no município, pertence à Confederação Brasileira de Judô onde é faixa preta 4º Dan e participou de diversos campeonatos regionais de Judô, Jogos Regionais, Jogos Abertos do Interior, Festival de Artes Marciais e seminário estadual de arbitragem, elevando o nome de Piracicaba. É, também, faixa preta 7º grau da União Shorin – Ryu Karatê-Do, Brasil, participando, em 1990, do Karate-Kobudo Exchange Program e, em 1997, do Super Master Seminar e do Congresso Técnico de Arbitragem Karatê-Do, ambos realizados na Ilha de Okinawa, no Japão.

Foto:Marcelo Fuzeti Elias

O menor esforço para o máximo resultado

Benedito Barbosa de Mattos Filho, o professor Beninho, lembra-se quando, aos 10 anos, era um moleque briguento e começou a dar preocupação para a mãe. Sábia, dona Antonieta logo resolveu a questão. O que ela fez? Colocou o filho para aprender judô. Pois ela já sabia que a arte marcial, em vez de estimular, controla a violência. "Ela tentou segurar isso um pouco e canalizar a minha agressividade para o lado bom", lembra-se Beninho, hoje com 62 anos, dono de uma academia e com vários anos dedicados a ensinar o esporte, 30 deles no Clube de Campo. Ele tem alunos a partir dos quatro anos, muitos filhos de ex-alunos. Enxerga o judô como uma importante ferramenta educativa. "Ensina a conter, a controlar, a usar a sua força na hora certa. Ajuda a administrar seu lado agressivo. Todos temos dois lados e aquele que você alimenta é que vai mostrar ao mundo", destaca.
Na academia dele, a primeira coisa que os jovens alunos fazem é cumprimentar o sensei (mestre). Depois vão ao tatame e fazem uma reverência diante da foto de Jigoro Kano. Quem foi ele? O homem que criou o judô, no século 19. "O judô veio de uma luta chamada ju jitsu, e é bom não confundir com jiu-jitsu. Era uma luta praticada entre os samurais, com sentido mesmo de lesionar o adversário, em alguns casos até a morte", conta. Praticada por cavaleiros desde o período Kamakura (1185–1333), a luta foi transformada por Kano a partir de 1882. "Kano tirou os golpes mais violentos e a tornou judô. O nome pode ser traduzido como caminho suave. E traz os conceitos de caráter do samurai, o código de honra dele. São as virtudes que devem ser desenvolvidas. O judô não é agressivo, ao contrário. Em 2003 ele foi declarado pela Unesco como o melhor esporte para a prática de crianças e adolescentes, na faixa dos cinco aos 18 anos", ressalta Beninho.
No Brasil, o esporte teve ampla aceitação e vem fazendo bonito em várias olimpíadas. Nomes como Aurélio Miguel (ouro em Seul), Rogério Sampaio (ouro em Barcelona), Tiago Camilo e Carlos Honorato (prata em Sidney), Sarah Menezes (ouro em Londres) e Rafaela Silva (ouro no Rio de Janeiro) fazem parte da galeria dos campeões. O judô brasileiro é premiado desde as Olimpíadas de Munique, em 1972, com o bronze de Chiaki Ishii.
De acordo com Beninho, o judô tem dois conceitos que o norteiam. "Um é manter a unidade. Tudo o que você faz, não adianta ser só pra você. De que vale você ser o bom da academia e não ter ninguém para lutar com você? Ou ser rico e não generoso? Aí as pessoas roubam de você. O outro é o menor esforço para o máximo resultado", destaca. Isso significa que tudo pode ser feito sem tanto desgaste.
Porém, sempre com determinação, garante esse engenheiro civil de profissão e que desde o começo de sua dedicação ao judô passou a se interessar mais pela cultura japonesa. "Quando você convive com orientais, tem contato com a filosofia, a forma de eles pensarem, agirem. Eles são muito mais disciplinados e determinados. Essa é a grande lição", conclui.

O CAMINHO DO KARATÊ EM PIRACICABA

Em Piracicaba, o karatê-do teve início em 1968 com a chegada do professor Norio Haritani, que fixou residência e fundou no mesmo local a Associação Piracicabana de Karatê, estilo Shotokan, que se localizava na Rua Treze de Maio, esquina com a Rua Alferes José Caetano. Porém, todos reconhecem Seijun Kanashiro, faixa preta, 3º Dan, como precursor da modalidade no município.

Filho de Yuko Kanashiro, mestre 9º Dan de karatê-do, Seijun chegou em 1974 para cursar Engenharia da EPP e, em 1975, após a morte do pai – de quem era aluno desde 1965 – passou a dedicar-se ao ensino da arte marcial para custear seus estudos. Foi ele quem semeou o esporte em Piracicaba, formando – na primeira turma – profissionais reconhecidos como Miguel Carvalho, Hélio Nepomuceno, Antonio Mantelatto, Júlio Takashi, Vlamir Silva, Edson Jorge Aidar e Otávio Spigolon, pai de Diego Spigolon, treinador da Seleção Brasileira na modalidade, entre outros. Mais tarde, outros três grandes mestres de origem nipônica também contribuíram para o desenvolvimento do karatê na cidade: Yoshihide Shinzato, Kazunori Yonamine e Seiyu Nakamura.

O Projeto de Lei 200/2014, de autoria do vereador Pedro Kawai, aprovado pela Câmara de Vereadores de Piracicaba, instituiu a comemoração ao Dia Karatê-Do, sempre no dia 25 de outubro. O karatê-do – que em tradução literal significa caminho das mãos livres – é um sistema de luta ofensiva e desarmada que, como todas as artes marciais orientais, está intimamente ligado ao espírito do Zen-budismo. Originário da China, foi aperfeiçoado na ilha de Okinawa, no Japão, tendo como principal objetivo o de reunir técnicas de defesa pessoal eficientes e diretas (durante séculos os moradores da ilha foram proibidos de usar armas, desenvolvendo então formas de combate desarmado).

Foto: Paulo Ricardo dos Santos

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Malosso vê Seijun Kanashiro como introdutor do karatê em Piracicaba

Aluno de Antonio Mantelatto, discípulo de Seijun Kanashiro, o professor Marcelino Malosso Filho, 54 anos, não tem dúvida em afirmar que foi Kanashiro o grande responsável pela evolução do karatê em Piracicaba: "Foi ele foi quem implementou tudo. Os praticantes de karatê de Piracicaba ou treinaram com ele, os mais antigos, ou foram alunos desses", destaca.

Malosso faz questão de enfatizar que nos primeiros dias de aulas, há 36 anos, descobriu uma filosofia de vida que o fascina até hoje. "Como todo praticante, eu iniciei pensando que iria ficar bom de briga, que ia dar porrada nos outros e ninguém ia me bater", confessa. Feito o Karatê Kid do filme (que estreou quando ele já era faixa preta), Malosso percebeu logo nas primeiras aulas que a arte marcial tem um significado bem mais profundo. "Com o tempo vi que era algo bem mais amplo que ficar bom de briga. O primeiro impacto que a gente tem são alguns princípios filosóficos da cultura oriental. A questão do respeito, da hierarquia, da humildade, do esforço. A gente chama de estoicismo, cada um ter ideia do seu papel naquele momento", explica.

Ele conta que foi amadurecendo a partir do respeito e da disciplina. A faixa preta, segundo Malosso, é muito mais um ponto de partida que de chegada. "As pessoas pensam que pegou a faixa preta já é mestre. É aí que ele começa a aprender mais, o professor passa mais coisas para ele. É um olhar novo sobre aquilo que ele já fazia. Então ele está apto ao aprendizado. Porque até então ele é um kohai, um iniciante", destaca.

Malosso teve aulas com Antonio Mantelatto, que tinha a Academia São Fidelis, e depois foi trabalhar no Clube Cristóvão Colombo. Ele assumiu o DoJo (como é chamado o local de treinamento), e logo entrou para a Selam (Secretaria de Esportes, Lazer e Atividades Motoras), onde está há 19 anos. Hoje dá aulas na antiga sede social do Cristóvão, no centro, onde também existe o Instituto de Atividades e Culturas Orientais. As aulas acontecem numa grande turma, sem divisão por sexo ou faixa etária, em que se estimula também a interação entre pais e filhos.

"No karatê o mais importante não é ganhar do outro, é ganhar com o outro. Não tem essa lógica da competição que, para a minha luz brilhar, tenho de apagar a sua. Quanto mais gente estiver brilhando, mais iluminada fica a turma. Essa é a filosofia original do karatê. Mas não é questão de certo ou errado", define Malosso, que visitou Okinawa, a ilha onde teve origem a arte marcial.

De lá a prática foi transferida para o continente, e sofreu modificações para se adaptar ao japonês. Aí ganhou o nome de karatê, que pode ser traduzido como mãos vazias. Mas o vazio vem da filosofia zen, ou seja, sem pensamentos negativos. "E isso a gente vai aprendendo com o tempo, quase todos que vão para uma academia não começam pensando assim. Se eu falar que minha essência foi modificada, vou estar exagerando. Mas o karatê foi me disciplinando. Diria que minha filosofia é viver junto, crescer junto e sermos razoáveis", destaca Malosso.

Komatsu: amor pelas artes marciais e paixão pelo Aikidô.

Foto: Acervo Academia Komatsu Dojo

Fernando Komatsu: entre a Medicina e o Aikido.

O médico piracicabano, Fernando Komatsu, é um dos amantes das artes marciais. Filho do oftalmologista Francisco Komatsu e da psicanalista Marina Trench de Oliveira, Fernando sempre vivenciou o contexto da Medicina e o das artes marciais, onde – aos 5 anos – foi buscar equilíbrio mental e físico. Praticou judô durante 8 anos; karatê, por 7, além de kung fu e tai-chi-chuan, até se encontrar no aikidô (é faixa preta 5º Dan).

Fernando deu início ao aikidô aos 15 anos como aluno da primeira turma de Piracicaba, sob a orientação dos mestres Humberto Miranda Filho (4º Dan) e Severino Sales Silva (6º Dan). Em 1991 morou em Bremen, Alemanha, onde praticou com Rudger Keller Sensei (4º Dan).

Após formar-se em Medicina na Faculdade de Medicina de Botucatu-UNESP, serviu como tenente da aeronáutica em São José dos Campos (CTA) e depois iniciou sua residência médica em oftalmologia na Faculdade de Medicina de Botucatu-UNESP, onde, em 1995, fundou a Associação Botucatuense de Aikidô, hoje Suburi Dojo.

Posteriormente deu seguimento à sua especialização em doenças externas, transplante de córnea, catarata, ceratocone e cirurgia refrativa no Instituto Dr. Tadeu Cvintal, em São Paulo, onde, juntamente com o próprio Dr. Cvintal, participou no desenvolvimento das primeiras técnicas de transplante endotelial de córnea (estudo pioneiro no país).

Continuou sua especialização no Wills Eye Hospital, Filadélfia, EUA, onde permaneceu por um ano, sob orientação do Dr. Peter Laibson, Dra. Elisabeth Cohen e Dr. Christofer Rapuano.

Ao retornar em 2004, passou a integrar a equipe do Instituto Oftalmológico de Piracicaba, onde era responsável chefe do setor de Doenças Externas e Transplantes de Córnea. Atualmente, integra a equipe do Hospital Sadalla Amim Ghanem, de Joinville/SC, e é proprietário da Academia Komatsu Dojo, com sede em Piracicaba há 30 anos, sob o comando dos professores Reginaldo Leite, Miki Mochizuki, Anderson Kalil e Fernando Furlan.

Com origem no Japão, o aikidô é uma arte marcial criada pelo grande mestre Morihei Ueshiba (1883-1969), que concentrou nela a essência do conjunto de artes marciais japonesas, buscando coordenar à perfeição corpo e mente, em unidade com as leis naturais. Seus movimentos seguem as leis da natureza, cheios de vigor e energia, aplicados ao princípio da não resistência e abstenção de força bruta. Pessoas de ambos os sexos e de todas idades podem praticá-lo, sentindo-se atraídas com a possibilidade de treinar mente e corpo, forjando caráter equilibrado a todos os momentos da vida. É com base nisto que Fernando define sua paixão pelo esporte: "Aikidô é a arte da paz. Chegar a este estado mental é estar iluminado".

AIKI KAIZEN

Outra academia de aikidô merece destaque em Piracicaba. Trata-se da Aiki Kaizen de Aikidô, fundada em 28 de fevereiro de 2005 por Roney Antônio Rodrigues Filho e Luciano van der Broek, ambos 4º Dan. A escola não se limita apenas em difundir o aikidô, mas também em agregar e unir a comunidade de praticantes desta arte. Em 10 anos, difundiu a atuação em outras cidades, e atualmente conta com filiais em cinco cidades – Águas de São Pedro, Arraial D'Ajuda, Campos de Holambra, Presidente Prudente e Rio Claro – e conta com uma média de 300 praticantes. Em 2015, a Aiki Kaizen foi alvo de Moção de Aplauso, de autoria do vereador Pedro Kawai, por difundir a arte marcial e a cidade de Piracicaba.

Foto: Davi Negri

Pedro Kawai homenagea a Academia Aiki Kaizen de Aikido

A magia das artes marciais é propagada pelo Clube Nipo-Brasileiro

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

18 DE JUNHO

Dia Nacional da Imigração Japonesa

A Lei nº 11.142, sancionada pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e publicada no Diário Oficial de 26 de julho de 2005, estabeleceu o dia 18 de junho como o Dia Nacional da Imigração Japonesa. A data marca a chegada, em 1908, do primeiro navio com imigrantes japoneses ao Porto de Santos, o Kasato-Maru.
O projeto para sua instituição foi proposto pelo deputado federal Hidezaku Takayama (PSB-PR). O parlamentar justificou a homenagem com base na influência da comunidade japonesa na agricultura, indústria, culinária e na cultura brasileira: "Nada mais justo, portanto, que celebrar a presença Japonesa no Brasil, com a instituição de uma data nacional que reverencie a memória das ondas migratórias do Japão – suas vicissitudes e glórias, e também suas admiráveis marcas, podemos dizer, em todos nós – na nossa terra e no nosso povo, seja na formação étnica, seja na multiplicidade de nobres influências políticas, econômicas, sociais, desportivas e culturais", diz um trecho do projeto.

Dia da Comunidade Japonesa em Piracicaba

O Dia Municipal da Comunidade Japonesa, em Piracicaba, foi criado bem antes. A Lei nº 4.591, de 15 de dezembro de 1998, sancionada pelo prefeito Humberto de Campos, instituiu o dia 18 de junho para comemorar a referida data.
Proposta pela vereadora Márcia Gondin Carneiro da Cunha e Dias Pacheco, a solenidade é realizada anualmente e consta no calendário oficial de eventos do município. Atualmente, sua organização, indicação e atribuição dos Diplomas de Mérito estão a cargo do Clube Nipo-Brasileiro, representado pela sua diretoria ou pessoas por ela designadas.
Ao longo destes anos, dezenas de japoneses e descendentes – residentes em Piracicaba – foram homenageados com a entrega de Diploma do Mérito. Entre as comemorações realizadas, destaques para a de 2000, oportunidade em que Julio Takaki (in memoriam), Kazuo Miyazaki e Yukie Takaki foram os agraciados, e a de 2008, comemorativa aos 100 anos da imigração japonesa no Brasil e aos 90 anos da imigração japonesa em Piracicaba, tendo como contemplados ilustres representantes da comunidade nipônica como Chiriki Yoshii, Eiji Shirasawa, Geraldo Kyoshi Yamatogi, Takumi Kawasima, Issamo Otsubo, José Yasuo Donomae, Kenji Anraku, Kijuro Suguikawa, Koo Mori, Makoto Komatus, Maria Takaki Ito, Masanori Kawaai, Pedro Sunao Iwamura, Roberto Iwao Aismoto, Sussumu Sato, Toshio Icizuca e Tsuioshi Yamada, além de Tereza Takagi Sato, que recebeu o título honorífico de líder comunitária, concedido pela Câmara de Vereadores.
Nos últimos seis anos – todas por iniciativa do vereador Pedro Kawai – foram agraciadas as seguintes personalidades: Elza Matiko Donomae (in memoriam), Naoki Kawai, Imari Mori, Lumy Yamazoe Takahashi e Natalia Takaki Mazuco, em 2013; Kenji Anaraku (in memoriam), Aiko Fujigaki, Kazuo Miyazaki (in memoriam) e Yukuo Uozumi, em 2014; e Masazo Saito, Nelson Miyata, Norio Ikari e Yukiko Mayeda, em 2015.

Foto: Davi Negri

Tereza Takagi Sato, ao lado do esposo Sussumo, recebe o título honorífico de líder comunitária das mãos de Márcia Pacheco.

Foto: Fabrice Desmonts

Pedro Kawai, Norio Ikari e família.

Foto: Gustavo Annunciato

Maria de Fátima da Costa Sannomiya recebe a Moção de Aplauso das mãos de Irio Kawasima, presidente do Clube-Nipo Brasileiro.

Cinco mulheres foram homenageadas no Dia da Comunidade Japonesa, em 2017, entre elas Vera Mukaida Saito, Maria de Fátima da Costa Sannomiya, Helena Mizuhira e Eunice Mizutani (no destaque, ao lado do esposo Pedro).

Fotos: Gustavo Annunciato

Foto: Davi Negri

Yukiko Mayeda, acompanhada de sua filha, Lucia.

Fotos: Fabrice Desmonts

Nelson Miyata e Neusa Mitsico Takagi Miyata

Maria Mieko Mori Saito e Masazo Saito

Foto: Davi Negri

Jorge Akira Kobayashi, secretário de Trânsito e Transportes.

DIA DO KARATÊ-DO

Instituído através da Lei Municipal nº 8009, de 8 de outubro de 2014, e do Decreto Legislativo 60/2014, ficou estabelecido o dia 25 de outubro para comemorar o Dia Municipal do Karatê-Do.

A primeira cerimônia ocorreu no dia 23 de outubro de 2015, no Ginásio Multidisciplinar para Lutas e Artes Marciais Walter Ferreira da Silva, no bairro Jaraguá, e os indicados para receber a Moção de Aplauso pelos relevantes serviços prestados ao karatê de Piracicaba – por decisão do recém-formado Conselho de Kodansha (mestres introdutores da modalidade no município) em parceria com a Câmara de Vereadores e Secretaria Municipal de Esportes – foram Seijun Kanashiro (mestre responsável por trazer a modalidade para o município), Diego Spigolon (técnico da equipe de Piracicaba e da Seleção Brasileira), Natália Brozulatto (campeã Pan-Americana), Luiz Antônio Chorilli, Daniel Pereira Ramiro, Marcolino Malosso Filho e Sérgio Augusto Paes da Silva.

Em 2016, a Câmara de Vereadores comemorou o Dia Municipal da Comunidade Japonesa em conjunto com o Dia Municipal do Karatê-Do, após sugestão da Comissão de Sistematização da Câmara. As homenagens alusivas ao Dia da Comunidade Japonesa foram entregues para Elisabete Sato, frei Everson Shigueki Takaki, Octavio Nakano e Ricardo Fujii. Pelo Dia do Karatê-Do foram homenageados Alberto Massaharu, Francisco Baglissin, Frederico de Lima Felipe, Hernani Antonio Veríssimo, Osmar Teixeira Vieira, Nelson Aparecido Giusti e Ronaldo José Lucentini.

Em 2017, também em celebração conjunta, cinco mulheres foram homenageadas com láureas entregues pelo vereador Pedro Kawai, referente ao Dia da Comunidade Japonesa: Eunice Mizutani, Maria de Fátima da Costa Sannomiya, Helena Mizuhira, Keige Saito e Vera Mukaida Saito. Pelo Karatê-Do, dez personalidades foram agraciadas com o diploma de reconhecimento de mérito: Álvaro Negretti, Áureo Domingues, Dimas Galileu Martani, Lair Roberto Moretti, Vlamir Edson Marques da Silva, Luiz Felipe Moreti, Masahiro Shinzato, Júlio Tajashi Kawaguchi, Moacir Forti e Riva Salvador.

Em 2018, ano do centenário da imigração japonesa em Piracicaba, as láureas foram entregues no dia 29 de junho, no salão nobre "Helly de Campos Melges", da Câmara de Vereadores, tendo como homenageados Fernando Miqueloto Kawai, Marcos Masao Takaki e Maria Joana Nishimura (pelo Dia da Comunidade Japonesa) e Antonia Maria Gomes Spigolon, Antonio Carlos Schiavom (Caio), Bem Hur Jorge Calil Miglioransa, Edson Jorge Aidar, Evanildo Souza Lima, Gilson Felipe e Thiago Diorio (pelo Dia Municipal do Karatê-Do).

Vale registrar que a administração municipal sempre teve um carinho especial pelos imigrantes japoneses. Dois deles foram agraciados com o título de Cidadão Piracicabano: Oscar Nishimura, em 1º de agosto de 1967, e Hayato Takematsu, em 23 de dezembro de 1968. Outros dois – de origem nipônica – foram nomeados secretários do Município: Toshio Icizuca, por duas vezes (Meio Ambiente e Transportes), e Jorge Akira Kobayashi, no setor público há 36 anos (atuando nos departamentos de Administração e Planejamento), atual secretário de Trânsito e Transportes (duas gestões consecutivas).

Fotos: Davi Negri

Masahiro Shinzato foi homenageado em 2017

Elisabete Sato é agraciada pelo vereador Pedro Kawai

Fernando Miqueloto Kawai e Irio Kawasima

Aiko Fujigaki não abandona língua pátria

Aiko Fujigaki recebe homenagem ao lado do filho Masakatsu Fujigaki

Aiko Fujigaki tem 73 anos e está há 45 anos no Brasil, vinda da fria província de Hokkaido, no norte japonês. Chegou aqui no último navio de imigrantes, o Nippon-Maru, que atracou no Porto de Santos em janeiro de 1973, após um mês de viagem. Apesar desse longo tempo em terras brasileiras, ela fala poucas palavras em português e a conversa tem de contar com uma intérprete. Parece estranho? Nem tanto. "Quando cheguei aqui, eu parecia uma surda-muda", define Aiko. A dificuldade de comunicação era tremenda e ela não conseguia entender nada do que se falava. "Cheguei e fui morar em Bastos, no interior do Estado, onde eu, meu marido e os quatro filhos, todos nascidos no Japão, fomos trabalhar com avicultura", conta.

Deve ter vindo daí a dificuldade com o português. Afinal, Bastos é uma das cidades de maior colônia nipônica no Estado, era a maior quando Aiko chegou. E, mal ou bem, ela conseguia se comunicar na língua pátria. "Mas foi muito difícil, eu estranhava tudo", lembra.

A situação no país de origem também não estava nada fácil. A região em que moravam era muito fria e o marido, ferroviário, tinha de encarar as greves de trabalhadores no setor. Aos poucos, a vida no Brasil foi se ajeitando. Todos os filhos se graduaram no ensino superior. "O mais velho é dentista e arrumou trabalho em Sorocaba, onde morei com ele por dez anos", diz.

Hoje a família toda reside em Piracicaba, onde Aiko se adaptou e tem uma vida estável. Até recebeu, há alguns anos, um título de reconhecimento da Câmara dos Vereadores. Mas, durante um tempo, tentou retornar. Foi duas vezes ao Japão, encarar a vida de decasségui, já que lá era considerada brasileira emigrada. "Eu gostei da experiência, trabalhei num hospital. Mas quis voltar porque meus filhos estão aqui e nem pensam em morar no Japão. Então, a saudade era muito grande", revela.

Do Brasil, Aiko gosta mesmo do clima, pois conta que sofria com a neve do Japão. Mas na época do Ano Novo, a principal festa dos japoneses, até sente falta. "Parece que não tem tanto gosto de desejar feliz ano novo com calor", explica. Também não reclama da convivência. "O povo do Brasil é muito carinhoso, trata a gente muito bem. Isso é uma grande vantagem".

Oji contempla Piracicaba com projetos culturais, sociais e ambientais.

Se o mês de setembro tem uma forte ligação entre o Japão e Piracicaba, o ano de 2018 também se mostra muito importante. Ele registra a comemoração do centenário da imigração japonesa no município e os sete anos da chegada do Grupo Oji Holdings Corporation ao Brasil. Foi no dia 30 de setembro de 2011 que o grupo japonês assumiu o controle da fábrica de papéis de Piracicaba e deu origem à Oji Papéis Especiais. Empresa líder nacional do setor de papéis térmicos e autocopiativos, com capacidade produtiva de 120 mil toneladas de papel por ano, a Oji está presente no dia a dia da maioria dos brasileiros através dos seus produtos, conhecidos nacionalmente pela praticidade, como: cupons fiscais, comprovantes de cartão de crédito, ingressos para cinema e eventos em geral, papel para loteria, tickets de estacionamento, passagens de avião, contas de consumo, comprovantes de pedágio, entre outras aplicações.

Agostinho Monsserrocco, presidente da Oji Papéis Especiais

A sustentabilidade, uma de suas premissas, faz parte do dia a dia dos profissionais e do negócio. Uma cultura fomentada e registrada na missão, visão, valores e, também, na sua essência de ser, sempre, especial em tudo que se propõe a fazer. Todos os anos a OJI investe esforços e recursos em projetos que promovem a valorização ambiental, de expressões artísticas, culturais e esportivas, além do desenvolvimento humano e a geração de trabalho e renda. A empresa tem desenvolvido e apoiado, em média, 20 ações e projetos socioambientais em Piracicaba e região, beneficiando quase 500 mil pessoas com um investimento em torno de R$1 milhão de reais.

"O grupo OJI Holdings, do qual fazemos parte, é signatário do Pacto Global Desenvolvimento Sustentável, o que significa que, em nossos negócios, haverá sempre o compromisso de auxiliar o mundo nas questões ambientais, econômicas, culturais e sociais. Dessa forma, a OJI sempre busca investir em projetos que estejam alinhados com os seus valores, reforçando aquilo que a empresa acredita ser primordial para ela e para a sociedade. Em seguida, damos muita importância para iniciativas que nos auxiliem na mitigação dos possíveis impactos que as nossas atividades possam ter no meio ambiente como um todo, pois o que queremos é manter sempre uma relação próspera e harmoniosa com nossos stakeholders", pontua Agostinho Monsserrocco, presidente da empresa.

As ações em Piracicaba consistem em apoio a projetos como o Juntos e Misturados, que visa a inclusão de pessoas com Síndrome de Down e de autistas, no judô e karatê; A Turma da Floresta, Biblioteca Dinâmica, Núcleo de Educação Ambiental, Concurso Cultural de Desenho, Redação e Poesia. Já no campo do meio ambiente, a novidade é o projeto Plantar Oji, desenvolvido através de uma parceria com o Programa de Proteção aos Mananciais do Consórcio PCJ (Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Piracicaba, Jundiaí e Capivari), que resulta no apoio e incentivo à produção de mudas no viveiro municipal de Piracicaba que, todos os anos, produz cerca de 100 mil mudas de árvores nativas. Incentivar ações culturais no município é, também, uma premissa importante para a empresa, por isso, há alguns anos, patrocina a tradicional Festa das Nações e o Japão na Praça (evento promovido pelo Clube Nipo-Brasileiro de Piracicaba), além do apoio a Orquestra Sinfônica de Piracicaba, ao projeto Arte do Bem, que une música erudita com artistas de referência do rock nacional, ao Basquete Inclusivo e atividades envolvendo instituições como a Casa do Bom Menino, Espaço Pipa e ONG Avistar, entre outras.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Em 2015, a Oji recebeu da Câmara Municipal de Piracicaba uma Moção de Aplausos, de autoria do vereador Pedro Kawai, pelo apoio dado a projetos nas áreas de cultura, esporte e meio ambiente. Em 2017, foi condecorada pela CIESP (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo) com o prêmio Destaque Industrial, em reconhecimento ao crescimento das principais indústrias, por meio de oito critérios (faturamento, contratação de pessoal, volume de exportação, investimentos, responsabilidade social, certificações, tecnologia da informação, pesquisa e desenvolvimento).

Foto: Davi Negri

A RELIGIOSIDADE JAPONESA

Foto: Dreamstime/ Elena Schweitzer

O Budismo, para o japonês, é mais que uma religião. Trata-se de uma filosofia fundamentada nos ensinamentos de Buda. Tem por objetivo trabalhar o lado espiritual do homem, procurando condicionar sua mente de maneira a levá-lo à paz, sabedoria, alegria, serenidade e liberdade. Apesar da tradição budista que impera no Japão, aqui no Brasil a maioria dos imigrantes – ao longo do tempo – adotou o catolicismo. Em Piracicaba, a busca pela fé os direciona aos templos da Seicho-No-Ie, Sukyo Mahikari e Igreja Messiânica.

Seicho-No-Ie, uma filosofia de vida.

Presente em Piracicaba há quase 60 anos – foi instalada em 1959 por Kiyoshi Mizuhira, imigrante japonês –, a Seicho-No-Ie vem aumentando seu número de adeptos e se abrindo a praticantes de todas as origens. "A tendência atual é se adaptar ao lado ocidental. Fizemos algumas mudanças, mas sem perder a nossa essência", conta Fernando Conceição, que é preletor há três anos.

A Seicho-No-Ie, que está desde o começo na Travessa da Saudade, não é vista como religião, mas uma filosofia de vida, que mistura princípios do Xintoísmo, do Budismo e do Cristianismo. "Aprendemos que nunca devemos, depois de começar a frequentar, abandonar a nossa religião de origem, por causa dos nossos antepassados", diz Fernando.

A honra aos antepassados, aliás, é um dos princípios básicos, ao lado do culto à família e do abandono do que é chamado de "lixo mental", exposto nas cerimônias. "Os valores da família são a nossa sustentação. Pregamos o amor ao próximo, a prática do amor e da caridade e a reverência", explica o preletor, destacando que também são feitos trabalhos sociais, como campanha do agasalho e distribuição de alimentos para famílias carentes.

A base está nas Sutras Sagradas, que reúnem o pensamento do fundador, Masaharu Taniguchi, chamado de mestre, e que teve a iluminação em 1930, quando o Japão enfrentava grave crise social. Para o praticante, esse livro, além de Chuva de Néctar da Verdade, a Palavra do Anjo e a Cura Espiritual, tem a mesma representatividade da Bíblia para os católicos.

No templo, reinaugurado em 1983, também acontecem palestras que trazem como um dos temas principais a busca de atitudes mentais positivas. "Tudo na vida é questão de plantar e colher. Boa parte dos seus problemas você cria na sua mente", ressalta Conceição. Para a Seicho-No-Ie, o que impede o sucesso, em vários terrenos da vida, é o pensamento vitimista. "Se você quer ser visto como coitado, assim será. O princípio é que você, como filho de Deus, é dono de um potencial infinito e dos atributos divinos que são: sabedoria, amor, vida, provisão infinita, alegria e harmonia", enumera Fernando, que faz um alerta: cuidado para não entender provisão infinita apenas como acúmulo de dinheiro.

A Seicho-No-Ie está dividida entre quatro diretorias. A Sodai, ou Fraternidade, tem representação masculina. A Shiro-Hato, ou Pomba Branca, é formada por senhoras. "Mas nada impede de uma mulher frequentar a Sodai, ou vice-versa", esclarece o preletor. Há também a dos jovens e a da prosperidade. Como efeito da interação com a comunidade de Piracicaba, nenhum dos quatro diretores atuais tem ascendência nipônica.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Diretores e frequentadores da Seicho-No-Ie

Sukyo Mahikari, arte que se pratica com as mãos.

A Sukyo Mahikari, que chegou a Piracicaba há quase 30 anos, e hoje funciona num sobrado da Rua Moraes Barros, no centro, tem como base o Xintoísmo, mas também não é encarada como religião. "Queremos nos diferenciar do religioso. Tanto que esse lugar não se chama igreja, chama-se Arte Mahikari. É uma arte que se pratica com as mãos", explica o dirigente da região de Campinas, o publicitário e investidor Luiz Otávio da Cunha Santos Roxo.

De acordo com ele, o básico é a arte da purificação por meio da imposição das mãos. "Sukyo Mahikari estabelece as leis e os princípios universais criados para o pleno desenvolvimento do ser humano e de toda a criação. Também nos oferece uma arte espiritual de purificação, através da luz divina, que elimina essências tóxicas, espirituais, mentais e físicas. Por meio da imposição da mão", define.

No espaço, visto como uma escola e não um templo, os visitantes recebem o toque das mãos feito pelos praticantes, que têm curso para aprender a arte. Sukyo Mahikari foi fundada em 1959 no Japão e hoje está em vários países. No Brasil, além de Piracicaba, existem mais 64 centros, em cidades de todas as regiões do país. "Sou aplicador há 28 anos e recebedor há 33 anos. Eu conheci aos quatro anos de idade, mas esperei porque você só pode aplicar a luz a partir dos 10 anos", conta Luiz Otávio, que é neto de Paulo de Tarso Santos, ex-ministro do governo João Goulart que trabalhou com Paulo Freire.

Para a diretora do espaço em Piracicaba, Consuelo Okimura, a prática, que adota há 26 anos, provoca mudanças. "Mudou muita coisa na minha vida. Melhorou a minha saúde, que era muito debilitada na parte do estômago. Sentia muita dor. Como era adolescente, tinha rebeldia, natural nos jovens. Com o passar do tempo, fui me tranquilizando", afirma.

A Igreja Messiânica também está em Piracicaba há mais de 30 anos e tem o Jhorei Center na Avenida São João. Hoje estima-se que a Igreja tenha mais de 500 simpatizantes na cidade.

A Igreja Messiânica Mundial foi fundada por Meishu-Shama, no Japão, em 1935, e chegou ao Brasil 20 anos depois.

Seu objetivo é criar uma civilização espiritual e materialmente. Para isso, busca pessoas espiritualistas, que tenham em seu caráter o hábito de ajudar o próximo. Seu princípio é o Johrei, método de canalização da energia espiritual. A Igreja destaca que quando a pessoa tem palavras, pensamentos e ações que contrariam sua natureza altruísta, acumula impurezas no corpo e no espírito. O Johrei também é ministrado por meio da imposição das mãos.

ALMA JAPONESA: INSPIRAÇÃO E EXPIRAÇÃO.

Não há – e nunca houve – povo que, conforme sua própria cultura, não tenha ou tivesse a angústia do sagrado. Em sua finitude, o ser humano busca o estado de paz, de serenidade que, realmente, parece ser a nostalgia de um paraíso do qual escapou.

São crenças, credos, tradições espirituais, religiões, filosofias que buscam preencher vazios da alma e do espírito. Paradoxalmente, porém – como se isso fosse estranho e, ao mesmo tempo, compreensível – todas essas formas de espiritualidade costumam unir-se muito mais por aquilo que nos falta do que pelas riquezas que elas possuem em comum.

A essa procura tem-se dado o nome de religião. Que – segundo a origem latina – pode ter o significado de "religare" ou "relegere": religar ou contemplar, meditar; religar-se a um paraíso ou a um deus; contemplar e alcançar a serenidade divina. Na realidade, os conceitos como que se complementam. E as chamadas religiões asiáticas assimilam-nos com rituais de "religare" e com a contemplação e o silêncio do "relegere".

O Japão é o exemplo de assimilação desse complexo religioso. A espiritualidade asiática paira no tempo, ocupa espaços, na conciliação entre o infinito e o finito. O Papa João Paulo II – em uma oração que pretendeu fosse universal – falou a frase que este autor costuma citar por tê-la como reveladora: "Deu expira, o homem inspira". É o que a alma japonesa parece fazer como fruto de uma religiosidade milenar que viveu e vive as mais complexas experiências religiosas. Ela "inspira" o que lhe foi "expirado" pelo passado, pelo kami e pelos kamis, de um só deus e de diversos deuses, que se manifestam na natureza.

Uma pequena síntese dessa sabedoria nipônica: "Calar, antes de falar". Pois o silêncio não é algo a ser feito, não há o "fazer silêncio". O silêncio existe por si mesmo, desaparecendo, apenas, quando os seres vivos o rompem com suas vozes e sons, com barulhos e ruídos. Nesse

JAPANESE SOUL: INSPIRATION AND EXPIRATION.

There is no people – and never was – that, according to its own culture hasn't, or hadn't felt anguish over the sacred. In its finiteness the human being seeks a state of peace, of serenity, that in fact seems to be nostalgia for a Paradise that escaped him. Those are beliefs, spiritual traditions, religions, philosophies that seek to fill out voids of the soul and spirit. However, paradoxically – as if such were strange and, at the same time, comprehensible – all those forms of spirituality tend to unite rather more for what we lack than for the riches they have in common.

That search has been called religion. That – according to its Latin origin – can have the meaning of religare or relegere: reconnect or contemplate, meditate; reconnect to a Paradise or to a God; contemplate and attain divine serenity. In fact, the concepts seem to complement each other. The so-called eastern religions assimilated it with rituals of "religare" and with the contemplation and silence of "relegere".

Japan is an example of assimilation of that religious complexity. The Asiatic spirituality hovers in time, occupies spaces, in a conciliation between infinite and finite. Pope John Paul II – in a prayer he intended to be universal – said the sentence that this author uses to quote, feeling it to be revealing: "God expires, man inspires". That's what the Japanese soul seems to do, as the fruit of a millennial religiousness that has lived and lives the most complex religious experiences. It "inspires" what has been "expired" by the past, by the kami and kamis, of one God only and of various Gods which manifest themselves in Nature.

A small synthesis of that Japanese wisdom: "Keep silent, before talking". For silence is not something to be done, there is no "doing silence". Silence exist by itself, only disappearing when living beings break it with their voices and sounds, with noise and din. In that sense Japanese religion and wisdom,

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

Sukyo Mahikari tem como base o Xintoísmo, mas prefere ser reconhecido como arte.

sentido, a religião e a sabedoria japonesas – numa espiritualidade serena característica de quase toda a Ásia – comunga com a reflexão da teologia mística de Dionísio, o Areopagita, de ir ao encontro de "um obscuro e luminoso silêncio". São revelações coincidentemente significativas com as de Buda, de Lao Tsé, de outros.

A religiosidade, pois, do Japão, carrega forte e poderosa influência vinda da China, da Coreia, também da Índia. E, posteriormente, da Europa e Américas. Assim, o Budismo interagiu com o Xintoísmo; o Confucionismo determinou a ética e a filosofia dos japoneses; o Taoísmo chinês disseminou crenças populares; o Cristianismo – em sua versão católica – foi introduzido mais tarde, em 1549, através dos jesuítas, com destaque para Francisco Xavier, depois canonizado. E, por diversas décadas, espalhou, com fartura, as suas sementes. Trata-se de uma longa e fascinante história, impossível de ser, sequer, sintetizada neste pequeno livro.

A linguagem humana, enfim, designa tudo. O nome Deus origina-se de "dies", dia. Portanto, luz, Sol. O Japão – onde o Sol é nascente – acreditou ter, a linhagem de seus imperadores, sido gerada por um casal primordial: Amaterasu Omikami (deusa da Lua) e Tsukuyomi no Mikoto (deus do Sol). E, assim, se fez a Luz.

in a serene spirituality characteristic of almost all Asia – partakes of the mystic theology of Dionysus, the Areopagite, of moving towards an "obscure and luminous silence". Those are coincidentally significant revelations, of Buda, Lao Tso, of others.

Therefore, Japan's religiosity carries a strong and powerful influence stemming from China, Korea and India. And later from Europe and the Americas. Thus, Buddhism interacted with Shintoism; Confucianism determined the ethics and philosophy of the Japanese; Chinese Taoism disseminated popular beliefs; Christianism – in its Catholic version – was introduced later, in 1549, by the Jesuits, with highlight on Francis Xavier, later canonized. And for several decades it spread, widely, its seeds. It's a long and fascinating history, impossible to be as much as synthetized in this small book.

In short, the human language names everything. The name of God (Dei, in Latin) originates from "dies", day. Therefore, light, Sun. Japan – where the Sun is a rising one – believed its lineage of Emperors to have been generated by a primordial couple: Amaterasu Omikami (the Moon Goddess) and Tsukuyomi no Mikoto (the Sun God). Thus, light was made.

É UMA CASA JAPONESA COM CERTEZA...

Foto: Dreamstime/ Ryan Stevenson

Entre todos os imigrantes que escolheram o Brasil para viver, os japoneses são os que mais propagam seus costumes e comportamentos. É também o povo que mais orgulho tem de suas tradições, tornando-se comum o uso de indumentárias tradicionais como quimono e yukata, além de acessórios típicos como wagasa (sombrinha), sensu (leque), geta e okobo (tamancos), jika tabi (botas com dedos), zori e waraji (sandálias). Quando visitamos a residência do casal Mizutani pudemos sentir a serenidade que – num silêncio pacificador – é inspirável naquele lar. Soaram-me, então, aos ouvidos da alma, a melodia e as letras de Amália Rodrigues sobre a casa lusitana. Roubo-as dela e balbucio, de mim, para mim: "É uma casa japonesa com certeza; com certeza é uma casa japonesa". E todos os lares japoneses, por mais humildes que sejam, demonstram essa afeição pelos costumes: adoração pelas flores, pelo bonsai, ikebana; exposição de artes e pinturas nos ambientes; a presença de oratórios (Butsudan e Kamidana) num cantinho da casa...

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

A CULINÁRIA JAPONESA CONQUISTA O BRASIL

Foto: Dreamstime/ Dmitry Kuznetsov

No início, tratada apenas como exótica, a alimentação oriental rompeu com os limites geográficos. Com singelas adaptações aos costumes ocidentais, a comida nipônica ganhou prestígio e espaço no Brasil. O exotismo dos pratos e a maneira como são apresentados chamam a atenção não apenas pela beleza e variedade de cores e sabores, mas também pelo equilíbrio e o perfil saudável de cada elemento que os compõem e revela a integração da cultura milenar de um povo cujos habitantes têm a melhor qualidade de vida e a maior longevidade do planeta.

Há dois anos e meio, Edson Takaki, o Dinho, mantém, no Mercado Municipal de Piracicaba, o Gaijin, voltado exclusivamente à culinária japonesa. Entre tantos estabelecimentos dedicados à gastronomia oriental – são mais de 20 – ele tem um diferencial: Dinho é neto de Shigueki Takaki, um dos primeiros imigrantes japoneses a aqui chegar, há exatos 100 anos.

O nome do restaurante – que significa "estrangeiro" em japonês – teve razão de ser. Durante um tempo, Dinho se sentia aculturado, longe das raízes. Mesmo quando foi ao Japão, entre 2000 e 2005, ser decasségui, ele interagia mais com outros brasileiros. "Na época do verão, quando a gente fazia churrasco nos parques de Tóquio, só se comia carne. Os japoneses, que estavam ao lado, usavam quase apenas legumes e um pouquinho de carne. Deviam achar-nos esquisitos...", conta.

Ao retornar da viagem – e sentindo-se em dúvida quanto ao futuro profissional – a gastronomia veio por acaso, quando a esposa quis ter aulas e ele a acompanhou. "O resultado é que eu a acompanhei e descobri o que queria fazer", conta. Valeu, também, o talento culinário da mãe, Dona Kioka. "Mas o curioso é que, antes, não tínhamos, tanto, o costume de comer pratos japoneses", lembra.

Hoje, é bem diferente. Dinho trabalha de segunda a segunda e só tem duas folgas ao ano: Natal e Ano Novo. O que ele acha que a cozinha nipônica tem de especial? "Os pratos são sempre coloridos e bonitos. O japonês começa a comer com os olhos". Depois, vem o fato de ser leve e saudável, baseada muito mais em legumes e peixes. Carne fica em segundo plano.

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias e Dreamstime/ Elena Eryomenko

Edson Takaki: "o japonês começa a comer com os olhos".

Foto: Dreamstime/ Marcelo Krelling

Fátima Sannomya: de aprendiz a mestra.

Embora não tenha origem japonesa (é casada com o nissei Jaciro), Fátima Sannomya é quem coordena as barracas de comida japonesa durante os eventos principais do Clube Nipo-Brasileiro, o Japão na Praça, a Festa da Primavera e a apresentação anual de karaokê. Ela começou há 30 anos, quando os três filhos tinham aulas de beisebol na associação. "Não havia uma cozinha para receber os atletas. Então, eu e um grupo de mães começamos a nos mexer para suprir isso. Mas, no começo, não fazíamos comida japonesa, que não era popular, e só veio a ser mais apreciada depois", lembra. Hoje, nas festas da colônia, são servidos yakisoba e tempurá. O primeiro, o mais popular, chega a ter 1.200 porções vendidas por dia. "O segredo de um bom yakisoba é o caldo. O caldo jamais é comprado pronto. Fazemos uma média de 150 litros. Leva shoyu e outros ingredientes. Tem também gengibre, hondashi, óleo de gergelim", revela. Esse é o diferencial, já que, os ingredientes, todo mundo sabe quais são: legumes como cenoura, couve-flor, acelga, pimentão, cebola. Outro fator importante é o macarrão, feito especialmente para yakisoba, e que é frito depois de cozido". Fátima não conhecia culinária japonesa quando se casou. Mesmo o marido não tinha esse costume e já era ocidentalizado. "Com o tempo, ele acabou voltando às origens. Tinha uma época em que a culinária nipônica não era divulgada, pouca gente conhecia, e ficava difícil conseguir os ingredientes", diz. Agora é bem diferente. Nas reuniões que ela faz com casais de amigos, conhecidas como motiori – em que cada um leva um prato – as delícias japonesas é que têm destaque.

TRADIÇÃO

A tradicional culinária japonesa é chamada de washoku. Tem princípios como a variedade de produtos locais, o valor para a sazonalidade e a preferência por produtos fermentados. Os pratos principais incluem o arroz branco (gohan), a sopa (missô) e os legumes, em vinagre ou cozidos em caldo. Os frutos do mar são outra referência.

As refeições tradicionais no Japão recebem seu nome de acordo com o número de acompanhamentos que vem com o arroz branco e a sopa. É o que se chama de ijichu-sansai (uma sopa, três acompanhamentos). Geralmente, são servidos sashimi (peixe cru), um prato frio e outro cozido no vapor. No café da manhã, aprecia-se o missoshiru (sopa de pasta de soja). O macarrão, originário da China, é outra parte importante da washoku, que foi considerada patrimônio cultural da humanidade pela Unesco. Hoje, Tóquio tem mais estrelas, no famoso Guia Michelin da gastronomia, do que Paris.

Feijoada com sushi

O que uma nutricionista diria ao ver os clientes de um restaurante por quilo fazerem no prato uma misturada de feijoada com sushi? Se ela for Márcia Mori, piracicabana formada pela Unimep e neta de japoneses, não vai tecer nenhuma crítica. "Acho ótimo isso. A comida japonesa virou moda? Melhor para os dois lados. Porque é saudável e natural", afirma. Márcia acha legal que tenham ficado para trás os comentários do tipo "aii, credo, vocês comem peixe cru!", ou então, "nossa, vocês só colocam mato no prato!", e hoje o brasileiro venha curtindo cada vez mais os pratos japoneses. Atualmente existem mais de 20 restaurantes japoneses em Piracicaba, entre aqueles totalmente dedicados a esse tipo de cardápio e churrascarias que também têm bufê oriental. "A gente nota que é uma comida japonesa voltada para o gosto ocidental", relata. Nada contra, na opinião de Márcia, apesar de ela não frequentar esses espaços por um único motivo: comida japonesa ela faz em casa. "Eu sempre gostei de cozinhar, como meu avô Toshio, pai do meu pai, que ia nas pescarias em Mato Grosso", conta. Ela também exercitava seus dotes culinários nos jantares do Clube Nipo, que chegaram a servir até 200 pessoas, e, também, no tempo em que participava das barracas japonesas nas Festas das Nações. "Foi uma época boa, que unia a colônia. O pessoal saía pedindo doação de legumes, a base dos nossos pratos", lembra.

É por essa razão que Márcia define a culinária japonesa como uma das mais saudáveis. "O brasileiro não tem o costume de comer verdura, prefere mais carne. Come bastante e muito rápido. E os japoneses fazem o contrário. Por isso o intestino funciona melhor, o metabolismo também. Temos pessoas da nossa família que só se alimentaram assim e quase chegaram aos 100 anos".

Ela conheceu melhor essa característica do brasileiro quando trabalhou, como coordenadora de restaurante, em dois hipermercados, um em Campinas e outro em Piracicaba, e numa firma de entrega de marmitas para empresas. "Eu tinha de fazer comida brasileira, com tempero brasileiro. Tentei dar um toque japonês poucas vezes, no máximo um yakisoba, mas não é todo mundo que está acostumado", destaca.

Márcia viveu de tudo dentro da profissão e se lembra de uma definição de um diretor. "Ele falava que funcionário bem alimentado trabalha melhor e não esgota o estoque. Não vai ficar pegando bolacha ou iogurte". E Nutrição não foi a primeira opção de Márcia, que desejava cursar Engenharia Civil. A família foi contra, por entender que naquela época era uma carreira muito masculina, mas ela acabou se encontrando. Parou de trabalhar na área para tomar conta da mãe, e hoje tem uma loja de roupas ao lado de sua casa.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Márcia Mori define a culinária japonesa como uma das mais saudáveis

"Meus pais sempre quiseram que a gente tocasse um comércio perto de onde moramos, pois isso dá mais liberdade", define. Aos 51 anos, ainda não conhece o Japão, mas tem vontade. "Nos períodos em que fiquei sem emprego eu sempre dava um prazo, senão iria tentar a vida lá, como decasségui. Mas sempre apareceu outra oportunidade".

ONDE SABOREAR COMIDA JAPONESA EM PIRACICABA

Gaijin (Mercado Municipal de Piracicaba)
Ithiban (Avenida Saldanha Marinho, 1442)
Okabe Sushi (Avenida Independência, 1582)
Watashi Sushi (Avenida Carlos Botelho, 568)
Sushidô (Rua Santa Cruz, 53)
Tarumi Prime (Avenida Carlos Botelho, 766)
Kobu Sushi (Rua Alferes José Caetano, 1410)
Nakasa Sushi (Rua do Rosário, 2544)
Tatame Oriental Food (Rua Santa Cruz, 1040)
Vila Porto (Rua do Porto, 1815)
Temakear (Avenida Saldanha Marinho, 2006)
Gendai (Shopping Piracicaba)
Toro Sushi & Grill (Praça da Catedral, 1051)
Monte Sul Centro (Rua Santo Antonio, 710)
Temakeria Makis Place (Rua Dona Eugênia, 402)
Sushi Bamboo Asian Food (Rua Alferes José Caetano, 1312)
Engenho Pizza e Sushi (Rua Aquilino Pacheco, 120)
Temaki Now (Avenida Presidente Kennedy, 1437)
Sal e Grill (Rua Campos Salles, 230)
Califórnia Sushi House (Avenida Torquato da Silva Leitão, 505)
Delta Restaurante (Av. Monsenhor Martinho Salgot, 1057)
Niguirizurizushi (Rua Dom Pedro II, 969)

Mirante: o restaurante mais famoso de Piracicaba.

O restaurante mais famoso de Piracicaba, o Mirante, também teve um toque japonês. Afinal, os três irmãos que administraram o local durante quase 50 anos – Carlos, já falecido; Ariovaldo, o Vado; e Agostinho – são filhos de uma japonesa que aqui chegou com menos de um ano de idade, em 1929: Teruko Miyazaki Benites, conhecida como Inês. Filha do dono do Líder Bar, Ginjiro Miyazaki, chamado de Miguel na cidade, Inês fugiu para se casar, em 1952, com Antonio Benites, que era garçom da Brasserie. "A história deles foi de amor mesmo. O problema foi o fato de ele ser brasileiro. Ele morreu cedo, em 1986, com 58 anos. E ela, com 90 anos, mesmo com lapsos de memória, não se esquece dele", conta Vado.

O casal viveu em Santos até 1968, onde nasceram os três rapazes. Toninho trabalhou de garçom e chegou a ser sócio do Restaurante Santa Mônica. Inês fazia faxina em prédios. "A nossa vida foi dura, a gente era muito pobre. E havia também preconceito. Não éramos chamados pelo nome, mas de japa. E havia aquelas brincadeiras maldosas, do tipo 'japonês correu, correu, bateu a cabeça no muro e morreu'. Isso hoje se chama bullying. Se eu fosse levar a sério, seria o cara mais revoltado do mundo", afirma Vado.

Depois dos 16 anos no litoral, a família retornou à cidade. Toninho e o primo, Anísio, entraram como sócios no Mirante, que havia sido inaugurado junto com o Parque do Mirante, em 1º de agosto de 1962, na administração de Francisco Salgot Castillon. Os donos originais eram Henrique Cunha Cardoso, da Importadora Rex; Olavo Ferreira, funcionário aposentado da Sorocabana; e Oswaldo Fernandes, ex-goleiro do XV.

Vado lembra que a família fez um belo aporte financeiro e construiu os dois salões maiores. "Doamos para a prefeitura com o objetivo de não sermos incomodados", ressalta. Tudo parecia ir bem, até que nos anos 2000 a administração se lembrou de uma antiga lei de licitações. "Falaram que teria de haver concorrência pública, mas não aconteceu. Foram coisas da política. Acredito que por causa do Projeto Beira Rio, que teve apoio da Petrobrás, queriam fazer um novo ponto turístico e tiraram a gente de lá".

Eles desocuparam o prédio em maio de 2008, após quase 40 anos de presença. Transferiram-se para o outro lado da rua, com o Novo Mirante, que resistiu até meados de 2018, fechando as portas. "Com a crise financeira, eu me adaptei. Tenho um food truck em parceria com o posto BR Mania e, também, faço eventos", destaca.

Sobrou uma ponta de mágoa, mas Vado prefere se lembrar de coisas boas. "Tenho certeza de que nós, nessas quatro décadas em que estivemos lá, levamos o nome de Piracicaba para todo o Brasil", declara.

PONTO DE ARTISTAS E POLÍTICOS

No tempo todo em que estava à beira do rio, o Mirante atraiu várias celebridades. Pelé foi um deles, quando ainda estava na ativa. Roberto Carlos deu o ar da graça várias vezes, pois tinha

rancho de pescaria em Artêmis. Políticos de todos os partidos foram apreciar o tempero da casa. "Fernando Henrique Cardoso esteve quando era deputado federal. Fizemos para ele um dourado assado. Paulo Maluf não saía de lá, Laudo Natel também. O Lula foi duas vezes, mas antes de ser presidente", recorda.

Outras figuras que marcaram foram o paisagista Burle Marx e o líder seringueiro Chico Mendes, que veio à Piracicaba dar uma palestra no Cena (Centro de Energia Nuclear na Agricultura) um mês antes de ser assassinado. No meio artístico, as presenças famosas foram incontáveis, porque o restaurante tinha convênio com a Ação Cultural. Cartunistas que participaram do Salão Internacional de Humor foram todos: Ziraldo, Millôr Fernandes, Miguel Paiva, os irmãos Caruso (Paulo e Chico) e muitos outros.

A lista também inclui Fernanda Montenegro e o marido Fernando Torres, Dercy Gonçalves, Erasmo Carlos, Jerry Adriani, Ivan Lins, Tim Maia e Zizi Possi, a cantora preferida de Vado, "um amor de pessoa", segundo ele. Surpresa positiva foi o humorista Costinha. "Ele fez show no Teatro Municipal no sábado e foi almoçar no domingo. Assim que entrou, foi aplaudido pelo pessoal que estava na casa. Nunca vi acontecer isso com outro artista", destaca.

Em compensação, o roqueiro João Gordo, da banda Ratos de Porão, marcou negativamente. "Ele chegou com a turma dele, umas oito pessoas, e foi pedindo um monte de pratos. Ele ia assinar nota da Ação Cultural, que pagaria depois. Eu perguntei se ele não queria que eu fosse servindo aos poucos. Ele me interrompeu e gritou: 'E é você quem vai pagar?' Muito mal-educado!", diz Vado, que se segurou para não falar: Nem você!

Ele até hoje acha graça da famosa pergunta: qual é o segredo do pintado na brasa do Mirante? Afinal, o prato principal da casa ficou famoso e garantem que nunca ninguém conseguiu repetir o sabor. "Não existe isso, é a alquimia, a mão de cada um. E peixe sempre de primeira qualidade, que a gente pegava ou do Garcia ou da Mori", explica.

A saudosa boemia caipira

É verdadeiro sejam, os nipo-piracicabanos, pessoas recatadas, socialmente discretas. Isso, porém, não significa estarem ou serem alheios à vida alegre, festiva. Basta ver as suas comemorações para absorvermos como se tornam expansivos e comunicativos. Piracicaba – pelo que sabemos – ainda não registrou, em análises históricas, a contribuição e a participação deles naquilo que foi uma das mais doces tradições piracicabanas: a boemia das nossas noites, de muito romance, de serestas, de mistérios. Ao rememorar, tenho dificuldades para exprimir, pelo menos com um mínimo de fidelidade, o que era aquele quadrilátero permanentemente festivo de nossa cidade. E os nipo-japoneses neles.

Tentemos: aquela área – comercial durante o dia – se transformava em festa ao anoitecer; era todo o quadrilátero formado pela atual Praça José Bonifácio, da Catedral ao antigo Fórum, as ruas São José, Moraes Barros e Governador Pedro de Toledo. Os principais bares e restaurantes estavam lá. E pertenciam aos japoneses, os preferidos dos boêmios: o Líder Bar, dos Miyasaki; o Esportivo, do Oscar e, em seguida, do Tanaka; a Leiteria Brasileira, uma época também dos Miyasaki; o Giocondo, dos Nishimura (Oscar), depois Alvorada. E outros que os ladeavam: a Baiana, o Hernani, o Senadinho, o Comercial, a Brasserie, a Nova Aurora, o Café Broadway, Caramba´s, Daytona, Bombonière do Passarela, Boteco do Caio, além de pastelarias, sanduicherias, garaparias e alguns botequins.

Pois bem. Minha família morava exatamente no centro desse carrossel de alegrias. Lá fiquei até me casar, aos 22 anos. Por isso, vivi, coexisti, convivi com todo esse privilégio.

O GIOCONDO DE "SEO" OSCAR

Neste livro muito se fala, e muitos o fizeram, a respeito do celebrado Oscar Nishimura, grande homem. Não posso, porém, de minha parte, deixar de narrar um pouco do muito que "seo" Oscar participou, viu, acompanhou, a antiga e romântica boemia de Piracicaba. Ele não era o Oscar, mas "seo" Oscar, dado o respeito que todos tínhamos por ele. Era um cavalheiro, de atitudes lhanas, mas suavemente severo. E foi essa severidade, acentuada por uma sombra de tristeza que lhe acompanhou pelo resto da vida, ao perder uma filha.

O Bar e Restaurante Giocondo – que ele adquiriu – pertencia à família Bandiera, do patriarca Giocondo Bandiera. Era inicialmente o Bar do Giocondo, lugar onde, então, se reuniam boêmios, estudantes, jovens, esportistas, ao contrário do bar ao lado – o importante Restaurante Brasserie – espaço preferencial de elites, de políticos. Nos 1930, o Giocondo era como que o templo da boemia de pintores, poetas, escritores, seresteiros. Era onde todos iam "rezar a própria missa", contando de seus romances, pranteando suas dores de amores, compondo, escrevendo, redigindo. Para se avaliar o amor que a boemia artística tinha pelo bar – em frente à Praça da Catedral – um dos poetas e também músico, Anísio Godinho, compôs, em homenagem à "santa capela" de todos, a bela valsa intitulada "Valsa do Giocondo".

E, por um episódio histórico, o Bar Giocondo deveria ter sido tombado como patrimônio espiritual de Piracicaba: foi lá que o memorável Newton de Mello apresentou, pela primeira vez – numa mesinha de intelectuais – a canção "Piracicaba", a que adoramos tanto, cheia de flores, cheia de encantos. Ele, num repente, a houvera criado em Rafard e, à noite, fez questão de que seus companheiros de boemia a ouvissem pela primeira vez. Em 1975, a música, cuja primeira apresentação fora no "Giocondo", transformou-se no hino oficial da cidade.

"Seo" Oscar adquiriu o bar que, por mais alguns anos, manteve o nome. A boemia continuou, mas uma nova geração surgira. E eram estudantes, universitários, futuros dentistas e agrônomos que passaram a frequentá-lo. E jornalistas. E seresteiros. São uma época e um lugar inesquecíveis, nos quais minha turma de jovens e eu vivemos em plena, saudável e doce boemia. Das 22h à meia noite, bebíamos, e, ao bater da meia-noite – no relógio da Catedral – saíamos, violão a tiracolo, para as serestas das nossas amadas.

Uma noite inesquecível: o revéillon de 1959. No Giocondo – fico em dúvidas se "seo" Oscar já lhe mudara o nome para Alvorada – chegou a notícia de que Fidel Castro, Guevara e os companheiros barbudos haviam derrubado o governo de Cuba. Nós, inocentes idealistas da "juventude comunista", decidimos comemorar. Com Cuba Libre.

TANAKA E O 'ÚLTIMO GOLE'

Com total franqueza: só agora é que – através de pesquisas – descobrimos o verdadeiro nome do Tanaka: Takaharu Teramoto. Ficamos, também, sabendo, que chegou ao Brasil no dia 30 de dezembro de 1929, como tripulante do navio Buenos Aires-Maru, proveniente da província de Kumamoto e com destino à Santa Gertrudes, transferindo-se para Piracicaba na década de 1930. Uma coisa, no entanto, tínhamos certeza: para centenas de piracicabanos, o Tanaka era querido, muito querido, sendo inapagáveis as lembranças que deixou.

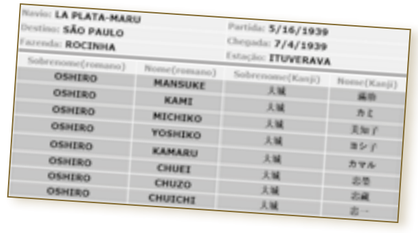
Ele era um "dos nossos", noctívagos, sonhadores, malandros, ingênuos. Nós o conhecemos, primeiramente, como garçom. E em O Giocondo, quase certeza já tendo "seo" Oscar como proprietário. Tenho a impressão, aliás de que "seo" Oscar era o protetor e Tanaka, o seu protegido. Pessoa adorável, mas feito "ovelha negra" da família nipo, Tanaka tornou-se um também adorável boêmio. Quando se firmava financeiramente, comprava ou alugava um bar – para perdê-lo algum tempo depois. Ele jogava e mantinha uma salinha de jogos nos fundos de seus bares. Servia bebidas e bebia. As madrugadas eram suas companheiras e boêmios, prostitutas, policiais, jornalistas, seresteiros, jovens sabiam como encontrar "o último gole": onde o Tanaka estivesse com seu bar. Fosse onde fosse na cidade, pois Tanaka fechava um bar, abria outro, em lugares diferentes. "Para onde o Tanaka vá, nós vamos atrás" – era o lema de seus clientes, quase todos eles seus amigos.

Tanaka teve bar na Rua São José, quase ao lado da casa de meus pais. Teve outro bar no Bairro Alto, próximo à Igreja Bom Jesus, e aí, então, foi a nossa festa, já que o bar passara a funcionar perto da casa de minha namorada, a Mariana. Ele foi meu cúmplice: Mariana escrevia bilhetes que ele me entregava; eu escrevia as mais melosas cartas de amor e Tanaka as levava para a minha doce namorada (depois de morta, minhas cartas e bilhetes, declarações de amor e poesias foram encontradas, por meus filhos, em seus álbuns íntimos. Com pétalas de rosas secas).

Tanaka teve bar também na Rua do Porto e, então, foi o delírio. Pois aquela rua-mãe de Piracicaba era, então, lugar apenas gentil à boemia, fosse romântica, malandra, viciosa. Lá, também (ou especialmente, dada a embriaguez coletiva), o "sanduíche do Tanaka" era sempre o mais saboroso. Lá na Rua do Porto, o que o Tanaka oferecesse ou fizesse era aceito sem contestação. Bastava vir do Tanaka para ser bom.

Kenji Oshiro, filho de um “coração sujo”.

O pai de Kenji Oshiro, engenheiro nascido em Bauru e radicado em Piracicaba há mais de 40 anos, foi um “coração sujo”. Era essa a denominação que Mansuki Oshiro, que chegou em 1938 ao Brasil com a esposa Kami, ganhou por não seguir aquilo em que a Shindo Remei, organização atuante naquela região paulista, acreditava: que o Japão, ao contrário de todas as notícias, não havia sido derrotado na Segunda Guerra Mundial. “Ele era mais esclarecido e sabia da derrota porque tinha uma irmã que ficou lá no Japão e era casada com um soldado japonês. Na foto em que o imperador Hiroito estava se rendendo ao general americano MacArthur, eles publicaram no jornal da Shindo Remei que era o contrário: que foram os aliados que se renderam. Eles perseguiam os ‘corações sujos’, os que acreditavam na derrota, e meu pai era um deles”, conta Oshiro.
Essa foi uma das páginas mais polêmicas da história dos japoneses no Brasil, contada num livro de Fernando Moraes, chamado justamente Corações Sujos, e que o engenheiro classifica de “excelente”. “Meu pai era considerado traidor. A Shindo Remei não acreditou nem na transmissão de rádio do imperador japonês Hiroito, que era considerado um deus. Acontece que na época feudal eles eram vencedores, assim como os vikings. Eles tinham essa imagem e queriam acreditar nisso”, explica.
Por isso, Kenji acredita que os pais, que aqui vieram a convite do tio dele, Takaiki, foram “heróis”. “Vieram para uma cultura totalmente diferente. Os italianos, que chegaram antes, ficaram com as terras mais planas. A japonesada ficou com o morro. Não era nada do que se falava. Eles pensaram que iriam ficar ricos e voltar para o Japão. Minha mãe trabalhava com a criança nas costas. A vida deles foi dura demais”, lembra.
Por sorte, o pai era econômico, conseguiu guardar algum dinheiro e mais tarde comprar um pedaço de terra. “Ele me contava que quando tinha dor de cabeça cortava um Melhoral pela metade. Os fazendeiros exploravam os colonos, que ficavam devendo para o dono do armazém. Para não aumentar as dívidas, comiam picles de mamão verde”, relata.
Os pais continuaram em Bauru e, em 1977, já engenheiro formado, Kenji veio para Piracicaba, trabalhar na Dedini.



Navio: LA PLATA-MARU
Destino: SÃO PAULO
Fazenda: ROCINHA
Partida: 5/16/1939
Chegada: 7/4/1939
Estação: ITUVERAVA

Sobrenome(romano)	Nome(romano)	Sobrenome(Kanji)	Nome(Kanji)
OSHIRO	MANSUKE	大城	満助
OSHIRO	KAMI	大城	カミ
OSHIRO	MICHIKO	大城	美知子
OSHIRO	YOSHIKO	大城	ヨシ子
OSHIRO	KAMARU	大城	カマル
OSHIRO	CHUEI	大城	忠榮
OSHIRO	CHUZO	大城	忠藏
OSHIRO	CHUICHI	大城	忠一

Foto:Marcelo Fuzeti Elias

“Eu passei no concurso do Banco do Brasil, o que era considerado a coisa mais estável em termos de profissão, mas meu sonho era ser engenheiro”, ressalta.
Aliás, seguir os sonhos, para o engenheiro, deve ser característica dos genes japoneses, assim como a disciplina e a determinação. “De japonês tenho também a discrição. Você tem de mostrar que pode fazer. Meu pai sempre dizia que a gente tinha de respeitar os mais velhos, em especial os professores, porque deixava claro que estudar era fundamental. Mas enfrentei preconceito na escola. O pessoal dizia ‘japonês, japonês, foi o diabo que te fez’. Eu ficava louco da vida e só fui entender com o tempo”, diz.
Oshiro entendeu que era preciso sempre se superar a cada passo, para afastar as desconfianças. Em Piracicaba, também trabalhou na antiga fábrica de balas Nechar e hoje está aposentado. A esposa, Fátima, tem consultório de Psicologia e o casal se orgulha das duas filhas, ambas formadas pela USP. “Não tenho um contato muito estreito com a colônia de japoneses em Piracicaba, mas vejo que neste século em que estão na cidade eles deram uma lição de resistência, nunca desistiram”, afirma o engenheiro, que hoje se considera piracicabano.

Yukiko Maeda: ideogramas complicados.

O nome da professora Yukiko Maeda, hoje com 86 anos, ficou marcado na colônia japonesa graças aos 14 anos que deu aulas de japonês no Clube Nipo de Piracicaba. A mestra transmitia empatia e não se limitava a ensinar a gramática e os complicados ideogramas. “Eu também gostava de transmitir a cultura do Japão para os meus alunos. Também dava aulas de origami e de artesanato”, conta, na casa da filha, Lúcia, no bairro Santa Cecília.
Durante esse tempo, Yukiko ensinou crianças de várias idades, a maioria filhas de descendentes nipônicos que, naquela época, os anos 90, iam tentar a vida como dekasseguis. “Todo mundo queria ir para lá, porque o salário no Japão era cinco ou seis vezes maior do que o daqui”, lembra.
A professora dedicava a parte da manhã para os pequenos do Clube Nipo e a noite para dar aulas a alunos da ESALQ, que tinham outros objetivos. “Eles não queriam morar lá, a maioria era filha de fazendeiro, que geralmente tem muito dinheiro, e queriam visitar o país”, afirma. A ligação com a ESALQ aconteceu porque a filha se formou na escola.
Yukiko veio para Piracicaba a convite de Lúcia, quando ficou viúva, e a filha não queria que ela morasse sozinha. Mas desde que chegou ao país, há 58 anos, leva uma vida bastante ativa. “Eu dava aulas no meu apartamento de Santos e tinha uma época que trabalhava das sete da manhã às dez da noite”. Também passou um período em São Paulo, onde exerceu trabalho voluntário na Associação Católica Japonesa de Assistência. “Eu fazia bastante coisa, visitava idosos e doentes”, recorda. A entidade é dirigida por Margarida Watanabe, um nome de referência entre os japoneses, chamada de “mãe das migrações nipônicas”. Residente no Brasil desde os 10 anos, ela ajudava os imigrantes na época da Segunda Guerra Mundial, quando eles chegaram a ser perseguidos.
Yukiko Maeda conta que a maior dificuldade da língua são os ideogramas, aproximadamente 2000, mas diz que as crianças pegam logo o aprendizado. Hoje deixou para trás o cotidiano de professora. Apesar de sentir saudade dos alunos, não se lamenta. “Parei há 10 anos, porque a cabeça já não ajuda mais. Mas tive muitas alegrias, como saber que ex-alunos meus conseguiram entrar em faculdades japonesas”, conta. Ainda recebe convite de jovens, muitos deles aficionados em mangás (os gibis japoneses), interessados em aprender a língua, mas não quer mais ensinar.

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

Kelly: ensinando a língua japonesa para brasileiros.

O tempo que passou no Japão e seu cotidiano como professora e tradutora de japonês fizeram a piracicabana Kelly Keiko Stênico, de 38 anos, entender melhor a diferença cultural entre brasileiros e orientais. “Japonês é muito disciplinado. Posso falar pelo que vivi lá. Por exemplo, compromisso. Ele marca um horário, não é que chega na hora: chega cinco minutos antes. A pontualidade é fundamental. Se você fala que vai fazer uma coisa, você faz. Já contei com muita gente aqui que me deixou na mão”, relata.
Kelly foi para lá com os pais, aos 12 anos, e viveu no Japão por 17 anos, a maior parte em Nagoya, onde aprendeu a língua. “Eles são mais rígidos. Aqui, se eu for sua amiga, vou passar na sua casa, eu tenho uma certa liberdade. Lá não. Eles só abrem a casa para quem tem muita intimidade. Marcam de se encontrar no shopping, no restaurante, na estação. Não tem os beijinhos que a gente troca para se cumprimentar. Se eu for me aproximar de um japonês, se ficar a meio metro, ele dá um passo para trás”, explica.
Ela, porém, aprendeu a lidar com essas diferenças e conta que o choque que sentiu ao voltar para o Brasil, há quase dez anos, foi bem maior do que sentiu ao ir para lá. “Quando eu fui, era criança, e criança se adapta fácil. Devo ter levado uns três meses para me acostumar. Na volta para cá, levei uns três anos para entender o caos do país”, destaca.
Em Piracicaba, além de sua atuação como terapeuta holística, dá aulas particulares de japonês, inclusive no Clube Nipo-Brasileiro. Tem uma média de 20 alunos fixos, e o perfil deles é surpreendente. “A maioria, por incrível que pareça, é brasileiro, e nem sempre de ascendência nipônica, que gosta de anime, da cultura japonesa. Tenho também professores de karatê ou aqueles que querem fazer um estágio no Japão ou ir para faculdade. São os mais variados tipos”, conta.
Boa parte chega cru, sem nenhum conhecimento da língua japonesa que, segundo ela, exige ao menos 12 anos de estudo para que seja dominada. A maior dificuldade não é a fala, mas a escrita. “São mais ou menos 5 mil ideogramas e de uso diário são 2136. E você tem que entender, porque eles têm muita simbologia. É difícil de lembrar e um risquinho na hora de escrever faz diferença”, diz Kelly.
Para digitar, a questão também é complexa, mas há um programa de computador que transforma as palavras em ideogramas. Coisas da língua japonesa. E pensar que quando foi para lá ela só dizia ohayô (bom dia!).

DOIS CAIPIRAS NA TERRA DO SOL NASCENTE

Pedro Kawai, que viveu por 10 anos no Japão, como decasségui, entre 1992 e 2002, relata que vários descendentes de japoneses, residentes em Piracicaba, optaram pelo caminho inverso de seus pais e avós e seguiram para o Japão em busca de um futuro melhor, mas – para ilustrar a vida de brasileiros em terras nipônicas – abrimos espaço para contar a relação de dois caipiracicabanos com o dia a dia no Japão: Vitor Pires Vencovsky e Fran Camargo.

Relações com a cultura japonesa mudaram a minha vida

VITOR PIRES VENCOVSKY
Presidente da Academia Piracicabana de Letras

Os japoneses cruzaram mares e oceanos em 1908 a bordo do navio Kasato-Maru e desembarcaram no Porto de Santos. Foi o início da imigração japonesa no Brasil. Em Piracicaba, os primeiros japoneses chegaram em 1918, portanto, completam neste ano os 100 anos de sua chegada às terras piracicabanas.
Em 2018, há outra data importante que gostaria de registrar. Em fevereiro, completei 30 anos da minha primeira viagem a Tóquio e posso afirmar que as relações com a cultura japonesa mudaram minha vida para sempre. Foi um grande choque de culturas e uma oportunidade de conhecer realidades tão diferentes e especiais.
O texto que apresento a seguir é um registro de algumas experiências na capital do país do Sol Nascente durante estadias em 1988 e 1990. No total, foi mais de um ano de permanência em Tóquio. As revelações apresentadas são o resultado da comparação entre duas realidades muito diferentes, diametralmente opostas em vários sentidos, exatamente como verificamos na localização dos dois países, Brasil e Japão, no globo terrestre. Mas são limitadas a acontecimentos de uma época que não existe mais. Atualmente, as informações apresentadas podem parecer normais e familiares, mas à época, com a existência de sistemas de comunicação limitados, os acontecimentos e novidades surpreendiam.
Em 1988, um pouco antes da minha primeira viagem ao Japão, eu estava iniciando meu quinto e último ano do curso de Engenharia Mecânica na EEP (Escola de Engenharia de Piracicaba). Trabalhava como estagiário no Departamento de Projetos da Philips, divisão áudio, localizada à época no distrito industrial Unileste de Piracicaba.
A primeira viagem teve início no aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, com uma parada técnica em Los Angeles e chegada, depois de mais de 24 horas, no aeroporto de Narita, no Japão.
A Varig era considerada uma das melhores empresas aéreas que cumpria este itinerário. Era um orgulho poder começar esta experiência sabendo que o serviço de qualidade era brasileiro.
Me estabeleci numa pequena empresa localizada no distrito de Shinjuku-ku, cujo significado em português é Nova Pousada, na saída norte da estação ferroviária de mesmo nome. A estação ainda é um dos maiores entroncamentos ferroviários da cidade, com várias linhas de metrô e trens.
A região de Shinjuku era muito privilegiada, pois foi o bairro escolhido para a construção dos maiores edifícios da capital japonesa e sede dos principais conglomerados empresariais do Japão. Apesar dos terremotos, todos os prédios eram projetados com amortecedores e estruturas próprias para suportar os tremores.
O comércio em Shinjuku chamava a atenção pela quantidade de empresas, lojas e pessoas circulando por todos os lados. Os estabelecimentos comerciais funcionavam sete dias por semana, com exceção no dia 1º de janeiro. A vida noturna era muito agitada, com uma variedade de restaurantes e casas de jogos de diversão, principalmente de pachinko e videogames. As luzes dos letreiros davam um toque especial às noites, exatamente como nos filmes futuristas. Era muito comum encontrar na frente de restaurantes ambulâncias retirando clientes pelo excesso de álcool consumido.
A vista do meu quarto era especial. Em primeiro plano havia o Parque Central de Shinjuku (Shinjuku-ku Central Park ou Shinjuku Chuo Koen) e ao fundo uma sequência de prédios alinhados e imponentes. Da esquerda para a direita, os edifícios eram os seguintes: Hyatt Regency Tokyo Hotel, Shinjuku Sumitomo Building, Shinjuku Mitsui Building, Sompo Japan Building, Shinjuku Center Building, Keio Plaza Hotel, Shinjuku NS Building e Shinjuku Washington Hotel.
O Parque Central de Shinjuku tinha dupla função, abrigando, no subterrâneo, suprimentos para serem usados em casos de emergência. O terremoto sempre mobilizou os japoneses no planejamento de ações para minimizar os resultados de tragédias.
Entre meu apartamento e a estação de trem ficava o Shinjuku NS Building. Era uma parada quase que obrigatória para visitar algumas exposições e contemplar o relógio único existente em seu saguão, considerado o maior do mundo pelo tamanho do pêndulo e pelas suas características peculiares. O marcador circular era de 24 horas, acompanhado dos símbolos do zodíaco. A vista do restaurante no último andar no Shinjuku Washington Hotel também era especial.

Foto: Vitor Pires Vencovsky

Não cheguei a visitar a construção mais importante de Shinjuku, o Edifício do Governo Metropolitano de Tóquio (Tóquio City Hall ou Tokio-to Chosha). Mas acompanhei sua construção de camarote, das primeiras estacas do alicerce à finalização dos andares superiores. Registrei a evolução das obras e a subida do edifício com minha máquina fotográfica Pentax, usando lentes teleobjetivas especiais para grande aproximação. Tirei muitas fotos do prédio e da cidade, mas ficava sempre preocupado com o preço não tão acessível dos filmes e da revelação.
Como engenheiro recém-formado, achei fantástico o método de construção utilizado neste edifício. Era uma novidade que não podíamos conferir no Brasil. A estrutura principal das duas torres foi construída com pilares e vigas em aço e as partes, moldadas em outro canteiro de obras, eram transportadas e montadas uma a uma até completar os 48 andares do complexo do governo. Antes de sua inauguração em 1991, voltei ao Brasil.
Meu tutor e padrinho japonês era dono da empresa em que me estabeleci. Passei grande parte do meu tempo com ele, sua esposa e dois filhos pequenos. Com o tempo, passei a me sentir parte da família. Um dos meus compromissos era conversar em português, já que ele trabalhou por um tempo no Brasil nas obras da Usina de Itaipu e queria praticar o idioma.

A rotina diária na empresa era de muito trabalho. A principal atividade envolvia a exportação de equipamentos de fax (fac-símile) e copiadoras para empresas brasileiras na modalidade CKD (Completely Knock-Down). Nesta época, havia uma proteção do mercado brasileiro, que impedia que placas e componentes eletrônicos fossem importados. Portanto, os equipamentos japoneses eram desmontados, a eletrônica retirada, as partes plásticas reembaladas e depois enviadas para o Brasil. A empresa se preocupava, também, com a transferência de tecnologia destes equipamentos para o Brasil.
Outro equipamento exportado pela pequena empresa japonesa era uma novidade à época. Impressoras de vídeo (video printer) seguiam para a filial brasileira para atender o mercado médico, na impressão de imagens de ultrassom em substituição ao filme radiológico. Os equipamentos, de marca Sony, eram vendidos com marca própria no Brasil na modalidade OEM (Original Equipment Manufacturer).
O Japão é um país de dimensões muito reduzidas. Apesar disso, as regiões mais importantes de Tóquio, formadas por grandes avenidas, parques, templos e estações de trens, são espaçosas e tornam os ambientes muito agradáveis.
A região de Shinjuku era um bom exemplo disso.

Uma modernidade muito comum nos restaurantes à época era o uso de máquinas para pagamento das refeições. Bastava inserir moeda ou dinheiro, escolher o prato, apertar um botão, retirar o tíquete e entregá-lo para os atendentes no balcão ou mesa.
Nas estações ferroviárias, a compra dos bilhetes também era totalmente automatizada. As máquinas de venda automática (vending machines) podiam ser encontradas por toda a cidade, tanto nas regiões comerciais quanto nas residenciais. A variedade de produtos para venda era imensa. No inverno eu adorava comprar café, pois a lata saía quentinha da máquina e aquecia as mãos.
As refeições diárias no escritório eram fornecidas por uma empresa especializada. A marmita (Bentô) era servida em duas bandejas pequenas, a maior com arroz e a menor com peixe, legumes, conservas e outras misturas. Dois temperos básicos eram usados na refeição, o molho shoyu e o condimento furikake, este para dar sabor diferenciado ao arroz. O consumo de doces não era muito comum. Hoje penso como era saudável o meu cardápio.
Visitando algumas feiras técnicas e comerciais, tive contato com a tecnologia de armazenamento de dados, áudio e vídeo utilizando as mídias CD e DVD, algo ainda inédito no Brasil. Durante a visita à empresa pública de televisão NHK (Nippon Hoso Kyokai ou Corporação de Radiodifusão do Japão), localizada ao lado do Parque Yoyogi, assisti a uma demonstração da TV digital de alta definição que estava ainda em desenvolvimento. Depois de 30 anos, esta tecnologia desembarcou em Piracicaba.
O trânsito na cidade de Tóquio era sempre caótico. O transporte ferroviário era a alternativa mais viável para os deslocamentos a trabalho ou passeio. A abrangência da malha ferroviária no Japão possibilitava alcançar praticamente qualquer localidade da cidade e do país. A limitação das viagens estava na tarifa, cobrada pela distância percorrida, ou seja, quanto mais longe a viagem, maior era a tarifa. Não existia a tarifa de transporte única tão comum no Brasil até os dias atuais.
Depois de um determinado horário, apenas os táxis estavam disponíveis. Os taxistas usavam luvas brancas e as portas abriam e fechavam automaticamente. No trajeto entre a residência e a estação de trem, os japoneses preferiam a bicicleta. Os estacionamentos de bicicletas eram enormes.
Num dos feriados, fui com a família japonesa para a praia visitar o Sea World, em Kamagawa, distante 100 quilômetros de Tóquio aproximadamente. O engarrafamento estava tão grande que a viagem de ida demorou praticamente o dia inteiro.
Os japoneses possuem uma relação muito especial com a música. Minha amiga de escritório adorava as músicas brasileiras, principalmente a bossa nova. Conhecia os nomes dos cantores e comprava CDs. Locais com karaokê havia aos montes. Nos espaços destinados aos jogos, podíamos entrar no karaokê box, uma espécie de cabine para acomodar um grupo de amigos para cantar. Uma boa diversão musical era visitar o Parque Yoyogi aos domingos para acompanhar as dezenas de bandas que, espalhadas pelo parque, cantavam todas ao mesmo tempo. Os integrantes usavam as mais extravagantes roupas e cabelos, de todas as cores e formatos.
A polícia na cidade também chamava a minha atenção. Muitos policiais andavam de bicicleta e praticamente todos usavam sistemas de comunicação. As TVs japonesas sempre foram muito rígidas no cumprimento da grade e horários dos programas. Por exemplo: era difícil acompanhar um jogo de beisebol ou luta de sumô até o final. Sempre que terminava o horário estabelecido na programação, a transmissão do jogo era interrompida e o próximo programa começava. Isso para qualquer evento esportivo ao vivo, independente da importância.
A natureza sempre era muito implacável na capital japonesa. Os terremotos não eram os maiores problemas. A chuva constante em alguns períodos do ano e os tufões frequentes deixavam os dias tristes e desanimadores. E a neve, rara na capital, embelezava as paisagens no primeiro dia, mas, a partir do segundo, já começava a incomodar.
O verão e a primavera eram muito aguardados. As flores de cerejeira anunciavam a primavera e os parques ficavam lotados para piqueniques e celebrações do início da melhor estação do ano. Era o momento de visitar os parques e templos, sempre muito organizados e preparados para receber visitantes. Os fotógrafos japoneses ficavam horas com as máquinas fotográficas apontadas para as flores aguardando o momento exato para o registro fotográfico.
A expectativa quanto aos terremotos sempre foi uma sensação muito estranha. Nada de grave aconteceu durante minha estadia, felizmente. Mas a estrutura do prédio em que morava era tão sensível que, quando veículos pesados passavam em algumas depressões na rua, o prédio balançava e parecia que um terremoto estava acontecendo.
A cultura japonesa parecia uma mistura de um tempo milenar com outro moderno e tecnológico. O antigo estava nos templos, músicas, culinária, vestimentas e cerimônias tradicionais. O novo podia ser visto na tecnologia, robótica e em comportamentos de influência americana.
A comunicação com o Brasil era sempre uma dificuldade. As ligações telefônicas eram caras e realizadas apenas em ocasiões especiais. A melhor alternativa ficava com as cartas, que demoravam entre uma e duas semanas para atravessar o mundo.
O aprendizado foi enorme durante minha estadia em Tóquio. Um dos ensinamentos que mais me marcou partiu do meu padrinho. Durante a visita a um parque, ele pediu para que eu olhasse para um pai, vestido com um uniforme de jogador de beisebol, que brincava com um filho. Disse que, enquanto este pai estava se divertindo, ele passara a vida toda trabalhando. Hoje entendo que o Japão é um país organizado e a terceira economia mundial porque alguns japoneses trabalharam muito, pensando no país acima de tudo.

Foto: Acervo Fran TT

Fran Camargo, paixão pelo tênis de mesa.

Desde a primeira vez que foi ao Japão, há 30 anos – e ele já foi ao país mais de 10 vezes -, o piracicabano Francisco Bueno de Camargo, o Fran, fica admirado com o que vê. "De cara me chamou a atenção ver que o pessoal fica o tempo todo concentrado em fazer alguma coisa. Eles ficam lendo no metrô ou com fone ouvindo música. Eles sempre têm uma atividade muito intensa, não desligam", conta.
Fran inclui sempre o Japão em suas rotas de viagem. Afinal, é dono da empresa Fran TT e fundador de um centro de treinamento, com ginásio, piso especial, mesas padronizadas e alojamento para 60 pessoas, com sede em Piracicaba, referência nacional em matéria de tênis de mesa, que construiu ao lado do amigo Josué Otsuka.
A ligação de Fran com o esporte é tão forte que – entre 1981 e 2000 – foi técnico da Seleção Brasileira da modalidade e, também, coordenador das seleções de 1995 a 2004. Como treinador conquistou todos os títulos possíveis (de mirim até adulto, no masculino e no feminino, no âmbito estadual, nacional, sul-americano, latino-americano e pan-americano) "O Japão é uma referência. Hoje é a China que domina, mas a tradição japonesa continua muito forte. A cultura de jogar tênis de mesa foi disseminada no Brasil pela colônia japonesa", lembra.
Por isso fez tantas viagens, e sempre teve um aprendizado diferente. No começo, típico caipira de Piracicaba, ele revela que chegou a se assustar com o ritmo dos nipônicos. "Me assustou a velocidade com que eles andavam na rua, com que pegavam o metrô, faziam as coisas, assim como a falta de comunicação entre as pessoas. É mais ou menos o que acontece hoje em São Paulo. Trinta anos depois, ficamos parecidos".
Ele conta que alguns detalhes chamaram atenção. Foi para uma feira de produtos eletrônicos onde, na porta, uma garota marcava os visitantes com um contador. "Alguns voltavam e ela marcava de novo. Parecia um robozinho", diz. Ao mesmo tempo, a organização do evento o surpreendeu. "Para a minha experiência profissional, foi legal. Havia horários marcados e cumpridos para tudo. Isso me chamou muito a atenção. O que mais me influenciou na carreira foi essa disciplina, ser dedicado, fazer sempre o melhor", relata.
Por conta da carreira, Fran sempre teve muito contato com os japoneses, já que era um dos poucos brasileiros da equipe. "Aqui a colônia era muito fechada. Eles se se uniram, estudaram japonês e mantinham a tradição de se casar entre eles. Era uma forma de se isolar? Certamente. Mas eles chegaram aqui e viram tudo diferente e por isso a união. Quando foram para o Japão, na onda decasségui, houve um choque. Aqueles que tinham orgulho de ser japoneses, chegaram lá e viram que não eram. Eram brasileiros", afirma Fran, que admira a resistência dos orientais.
Não é apenas o Japão que está na rota de viagens de Camargo. Ele se define um viajante, diferente do turista que segue pacotes e rotas determinadas. Embora não fique contando, acredita que já conhece 120 países. "Para você ter uma ideia, já estou no sétimo passaporte".
Seu espírito de aventureiro já o levou às Montanhas Rochosas do Canadá, à Islândia e seus gêiseres e à boa parte da África. "No continente africano, se você vai no esquema oficial, cinco estrelas, é muito caro. Se vai por sua conta, é perrengue direto, com comida, com água", conta. Claro que também já passou por vários problemas, como uma tentativa de assalto no trem entre Lyon e Paris e roubo de seu equipamento fotográfico na Argentina.
No Japão, também encarou situações inusitadas. Certa vez descobriu que não conseguiria arcar com as pesadas diárias dos hotéis, entre 300 e 400 dólares. "Então, os jogadores da equipe, como Hugo Oyama e Cláudio Kano, me disseram que tinha um esquema alternativo, a 100 dólares. Quando fui, vi que era uma cápsula, com uma luzinha, e onde só cabia a gente", lembra.
Coisas do Japão, país que aprendeu a conhecer. Fran teve contato com várias empresas e viu como lá o capitalismo é diferente. "Há essa ligação com o funcionário. Não existe a senhora do cafezinho, cada dia um que faz. Chega um caminhão carregado, e todo mundo vai ajudar", destaca. Sem contar com a lição de civismo. Ele viu grupos que se formam para deixar a cidade limpa e saem à procura de papel ou bitucas de cigarro. "Isso quando eles acham!" Para ele, o japonês se equilibra entre modernidade e tradição, e por isso parece ter vários corações. "Um coração é da família, outro é do trabalho, outro é dele mesmo. E ele não mistura. Ele é uma pessoa em cada situação diferente", define.

AOS NIPO-PIRACICABANOS, NOSSA GRATIDÃO.

A força da cultura japonesa tem-nos sido manifestada não na exuberância ostentativa, mas em sua simplicidade contagiante. É a revelação de "o menos é mais": menos orgulho, mais humildade; menos desacato, mais respeito; menos egoísmo, mais solidariedade; menos individualismo, mais correlação.

Não imaginei – da mesma forma como penso não o tenham feito os meus companheiros de jornada – que a escritura deste livro viesse a ser, na realidade, uma aventura ao longo do tempo e do espaço. Foi como se mergulhássemos numa história semelhante às das mil-e-uma noites, viagens de Marco Polo, mundos de Gulliver, de fábulas, de lendas, de mitos. Enfim, a descoberta do fantástico, no seu significado mágico-metafísico, no qual a imaginação, a realidade, sonhos e pesadelos conseguem comungar.

Este autor pode afirmar ter encontrado, nessa viagem – certamente, também, com seus companheiros – a resposta à antítese de Oscar Wilde: "*A arte imita a vida, a vida imita a arte?*"

Ao irmos ingressando no universo nipônico, concluímos estar, a razão, realmente, e como quase sempre, com Aristóteles: "*A arte imita a vida*". Pois começamos a compreender que a nossa superficial visão do Japão e dos japoneses foram apenas narrações através da arte. E quase tudo revelado por muitos que tentaram "*imitar*" a realidade, a vida daquele país.

Sobrevieram-nos sentimentos contraditórios, confusos, até mesmo paradoxais: surpresa, encantamento, enriquecedora sensação de ignorância; tristeza pela constatação de, diante de tesouros, terem-nos revelado apenas pepitas; de gratidão, de arrependimento, de saudade. Para este autor, muita saudade. De convivências, de amizades, de convívios da infância e adolescência. Mas, especialmente, de intensa alegria por privilégios que me acompanharam desde a meninice e cuja dimensão apenas nessa escritura consegui avaliar.

Fica-me a impressão de os próprios nipo-piracicabanos não saberem do tanto e do quanto a cultura japonesa foi assimilada pela comunidade caipiracicabana. Ou sabem e, em seu recato característico, não o revelam. A realidade, porém, é que, mesmo sendo minoritária, a colônia japonesa tem-nos deixado modelos, lições, referenciais que – como um perfume sutil – foi-se integrando à nossa maneira de ser. A força da cultura japonesa tem-nos sido manifestada não na exuberância ostentativa, mas em sua simplicidade contagiante. É a revelação de "*o menos é mais*": menos orgulho, mais humildade; menos desacato, mais respeito; menos egoísmo, mais solidariedade; menos individualismo, mais correlação.

Filósofos e mitólogos – já há séculos, ainda quando se acreditava ser, a Terra, plana – identificaram uma dualidade dramática entre Oriente e Ocidente. Para eles, Oriente é onde nasce a luz, a chegada do Sol. Daí, chegar-nos o significado de **orientar** e seu contrário, **des-orientar**. E Ocidente, onde a luz morre, quando a noite chega, a treva. Não nos compete avaliar o simbolismo disso. Mas aprender a meditar em relação a isso. Se o Japão é a terra do Sol Nascente, seu destino é expandir a luz onde o seu brilho alcançar.

Ao trabalharmos neste livro, tivemos, os autores, experiência e vivência de outras e novas orientações, de outras e novas iluminações. Re-orientamo-nos. Descobrimos o que, em nós e para nós, estava coberto, encoberto. Por isso, finalizando, gostaríamos de saudar este centenário da imigração japonesa em Piracicaba, externando – acreditando fazê-lo, também, em nome dos brasileiros – nossas desculpas por erros cometidos no passado, nossa gratidão pelo tanto que nos enriqueceram com sua cultura, labor, trabalho, ciência, sabedoria. Com sua docilidade, japoneses são, realmente, frutos da cerejeira. E – como alguém já disse – "*as flores da cerejeira são como nuvens cor-de-rosa penduradas numa agulha*".

E uma última palavra, retorno ao meu querido Kiyoshi Okawa, na revelação que me iluminou com um sentido místico: a importância do nome para a vida de um japonês. Parece ser um desejo, uma intuição, uma predestinação. Pois aprendi que Kiyoshi, no idioma japonês, tem significados que formataram a doce personalidade de meu inesquecível companheiro: claridade, transparência, limpeza aspiração, sagrado, esperança, mundo. Assim nasceu, assim viveu e, em algum espaço, assim vive esse meu japonês tão querido.

Ao fim – retomando o mundo dessa fascinante viagem espiritual- eu atrevo-me a identificar, em meu imaginário, os cinco sentidos corporais do nipo-caipiracicabano: Olfato, o olor da cerejeira; Paladar, a própria cereja; Visão, um eterno olhar em direção ao cume das montanhas nevadas, ao Monte Fuji; Audição, o som merencório de sua música, a palavra do divino; Tato, a vocação para cuidar da terra, a força de trabalho, a ação persistente. E, na Alma, a doçura. E, no Espírito, a consciência inabalável de uma identidade.

TO THE JAPANESE-PIRACICABANS, OUR GRATITUDE.

I didn't imagine – the same way I don't think my fellow travelers in this journey did – that the writing of this book actually would become an adventure spanning time and space. It was like we plunged into a story as the one-thousand-and one nights, Marco Polo's voyages, Gulliver's worlds, fables, legends, myths. In short, the discovery of the fantastic, in its magical-metaphysical meaning where imagination, reality, dreams and nightmares can commune.

This author can assert that he had found in this journey – as surely his fellow travelers also did – the answer to Oscar Wilde's antithesis: "Art imitates life, life imitates art?"

When entering the Japanese universe, we concluded that reason really is, almost always, with Aristotle: "Art imitates life". We began to realize that our shallow vision regarding Japan and the Japanese was no more than narratives through art. And almost everything disclosed by many who tried to "imitate" reality, the life of that country.

We experienced conflicting emotions, confusing and even paradoxical ones: surprise, enchantment, enrichening feelings of ignorance; sadness out of the realization that from treasures, only nuggets had been disclosed to us; gratitude, regret, yearning. To this author, much yearning. Of the conviviality, friendship, interactions during childhood and adolescence. But, in special, of intense joy for the privileges that had followed me from childhood and which dimension I was able to evaluate only when writing this book.

I have a feeling that the Japanese-Piracicabans themselves don't know to what extent the Japanese culture have been assimilated by the caipiracicaban (Countryside Piracicabans) community. Or they do, and due to their characteristic reservation, do not disclose it. However, the truth is that even being a minority, the "Japanese Colony" has left us models, lessons, references that – as a subtle scent – have been integrated into our way of being. The strength of the Japanese culture has been disclosed to us not in an exuberantly ostensive way, but in all its contagious simplicity. It's the disclosure that "less is more": less pride, more humbleness; less contempt, more respect; less selfishness, more solidarity; less individualism, more interaction.

Philosophers and mythologists – centuries ago, when the Earth was still believed to be flat – identified a dramatic duality between Orient (East) and Occident (West). To them, Orient is where light is born, the arrival of the Sun. Thus, we have the meaning of orientate and its opposite disorientate. And Occident, where light dies off, when the night falls, darkness. It's not our due to evaluate the symbolism of that. But to learn and think about it. If Japan is the Land of the Rising Sun, its destiny is to expand light to wherever its shine reaches out.

When working in this book we, the authors, experienced other, new orientations, other and new enlightening. We re-orientated ourselves. We found out that what, within ourselves and to us, was covered, shrouded. Thus, finalizing, we would like to hail this centennial of the Japanese immigration in Piracicaba, expressing – believing to do it on behalf of all Brazilians also – our apologies for past mistakes, our gratitude for the enrichment provided by their culture, toil, work, science, wisdom. With their meekness, Japanese are, indeed, cherry fruit. And – as already said by someone – "cherry flowers are like pink-hued clouds hanging from a needle".

And with one last word I return to my dear Kiyoshi Okawa, in the revelation that illuminated me with a mystical sense: the importance of a name for the life of a Japanese. It seems to be a wish, an intuition, a predestination. I learned that Kiyoshi, in the Japanese language, harbors meanings that had formatted the sweet personality of my unforgettable pal: clarity, transparence, cleanliness, aspiration, holiness, hope, world. Thus was born, thus has lived, and somewhere thus lives that so dear Japanese friend of mine.

Finally – retaking the world of this fascinating spiritual journey – I dare to identify, in my imagination, the five body senses of the Japanese-Caipiracicaban: Smell, the scent of the cherry tree; Taste, the cherry itself; Vision, an everlasting gaze toward the peak of the snowy mountains, the Mount Fuji; Hearing, the meritorious sound of his music, the world of divine; Touch, the vocation for tending the land, the force of the work, the persistent action. And, in the Soul, sweetness. In the Spirit, his unwavering awareness of identity.

Reservamos as últimas páginas desta obra para registrar um resumo de seu conteúdo editorial – no idioma japonês – com o intuito de mostrar ao Oriente as sementes plantadas pelos imigrantes japoneses que, há 100 anos, escolheram Piracicaba para viver, sem nunca deixarem de lado as suas origens, preservando preceitos básicos como trabalho, educação, respeito e dignidade.

これは「日本人移民ピラシカーバ入植100周年」を日本語版用にまとめた概要である。

日本人移民ピラシカーバ入植100周年

Cecílio Elias Netto
Co-autores: Ronaldo Victória
Arnaldo Branco Filho

野口総領事写

ラシカーバ日本人移住１００周年，そして，ブラジル日本人移住１１０周年を迎えるにあたり，記念誌を出版されますことを心よりお祝い申し上げます。

去年，ブラジルに着任して以降、多くの移住地を訪問させていただきました。中でもピラシカーバを訪問させていただいた際には，この地がブラジル日本人移住の発展の歴史に深く関わっていることを知り、大変感銘を受けました。ピラシカーバの日本人移住者は，地域社会の多様文化性と経済発展に貢献されてきたとしてブラジル社会において高く評価されていると伺い大変嬉しく思います。

初期の日本人移住者の方々は海外での成功を手にして日本に帰国することを夢見てブラジルに渡りました。ピラシカーバに移住された先駆者の方々もいつの日か凱旋帰国することを夢に、過酷な生活の中で様々な困難を乗り越えられ、今日の成功を築き上げられました。皆様方のこれまでのご貢献に深く敬意を表します。

本年、日本人ブラジル移住１１０周年を迎えました。記念すべき年に際し、これまでの歴史を振り返るとともに、今後も日伯両国における文化，農業，技術等の交流がさらに発展すること願っています。

最後にピラシカーバの益々のご発展と，日系社会の皆様方のご多幸を祈り，私のメッセージといたします

我々は
肌の色、人種、情熱とは関係なく、
信念、格差とは関係なく、
存在、所有、希望とは関係なく、
全員同等である。

Foto: Dreamstime/Mikelane (grou japonês) e Fran Camargo (Tanquã, Piracicaba)

日本で長寿の象徴である鶴はピラシカーバ川の岸辺にも生存し、ブラジルの動物相をより豊かにしている

さくらんぼ

1940年、第二次大戦の真只中私は生まれた。戦時中の無残な虐待や恐怖について多く聞かされ、今でも火薬の臭い、爆音、舞い上がる煙が感じられるようだ。それ以上に私は未だに世界の終わりを恐れる幼児のようにその恐怖を感じる。私の周りの大人も毎日のように人生や戦争、人間の歴史の終わりといったような全てに対して恐れ苦しみ、かつ毎晩のようにラジオから聞こえてくるニュースに怯えているようだった。
両親はMatriz 広場に面する小さなレストラン「カフェ・インペリアル」(Café Imperial)を営んでおり、我々はその2階に住んでいた。広島を壊滅させたあの原子力爆弾が今度は長崎にも落とされるときいて、幼かった私は何もわからないまま窓や庭の門から外を覗いたりしていた。そして、1945年8月9日それが事実となる前夜に家の周辺を歩いていた時、納得いかない光景 - Cine Broadway （ブロードウェイ映画館）のチケットを購入しようと並んでいたカップルや若い男女 - に出会った。その時、わずか五歳の幼い子の恐怖がとまどいに変わった。いやおそらくそれは怒りだった。世界が終わるかも知れない今、なぜ映画を見ていられるのだろう？長崎ではあの不幸な戦争のため罪のない何千人もの日本人 - 子供、女性、高齢者 － がすべて姿を消したのである。これらの爆弾は平和が近づいているサインだと報じられた。しかしそれは偽りの平和、又は人間の悲劇、苦難、地獄の腹から生まれる平安なのだ。わが家の周辺の大人たちに頼ったのを今でもよく覚えている。が、彼らも同様に脅えて混乱していたのだった。 彼らも何と言ったらいいのか分からなかったので。戦争によって誰にも分からない抑圧された人類の心に隠されていたある感覚が表面化したかのようであった。後に、私の父はあの綺麗な青い目を悲しみでいっぱいに細め、新聞や雑誌で広島と長崎の無残な姿を見せてくれた。
それは日本国民の虐殺であった。 父は私に歩むべき、すばらしく魅力に溢れる反面、恐怖と苦味が隣合わさっている人生への準備をしてくれたようであった。父が見せてくれた衝撃的なあの光景を私は一度たりとも忘れたことはない。それ以来、日本と日本人にたいして大きな好感を持つようになった。幼い私には「日本はすべて消え、そしてその人々は地球から一掃された」のだと思っていた。彼らは涙となり、歴史の単なる一ページになっていたのだ。幼い私は此の人々は人類の歴史の大事な部分を示している事がまだ分かっていなかった。つまり此の人々は、新たな力、他人を巻き込む精神力で、偉大な宿命に誇りをもって復活するであろうという事である。私は其々の顔がよく区別できなくとも「細長い目をした人物」に憧れを抱く ようになり間もなく彼らを友人として迎え入れた。彼らが生存者であるか、英雄であるか、犠牲者であるか、または別世界の人物であるのかも知らずに。
この本を書くよう有難いお言葉をいただいた時、私は新聞記者がレポートを綴るように書けばいいと思っていた。けれども、私は文学を生み出す妊婦のように不安、不信感、疑問を感じ、嘔吐し苦しみながらも日本移民ピラシカーバ入植100周年記念について書く挑戦をした。そして神秘に包まれた数字、苦痛、業績（獲得）、同化そして文化合併の歴史への尊敬で成された100という数字に悩んだ。徐々に、色々な思い出、懐かしい出来事が甦り、脳をくすぐるような甘い穏やかな郷愁さえ感じた。したがってニュース原稿のようにいつ、どこで、誰が、何を、どのように、どうして、など率直で冷え切ったものではなく、それ以上に個人の内面を交えた感情を綴る必要性があった。一冊の本を作り上げるためには著者は最も知的でシビアな選択をしながら書かなくてはならない。しかし、ピラシカーバの100年の歴史を辿ると約80人の方々が存在する。誰の心、誰の感情を表現すればよいのだろうか。確かなことは100年近くピラシカーバの日本魂と共に生活した数々の思い出を私は誇りに思っており、この記念すべき日にそれらの思い出がささやかながらも貢献出来ればと
願っている。

日本人移民ピラシカーバ入植100周年

1918年9月18日に入植する以前にも日本人との関わりがピラシカーバ市には見られた。というのは、ブラジルが日本人移民を受け入れるようになったのは、そもそもこのピラシカーバ出身である、あの有名なプルデンテ・ジョゼー・デ・モライス（Prudente José de Morais）とカルロス・ボテーリョ（Carlos Botelho）の力添えがあったからである。
溯れば、最初の偉大なステップは、ブラジルの最初の民間大統領であったプルデンテ・ジョゼー・デ・モライスが、1895年11月5日に日伯修好通商航海条約を締結したことであった。これはブラジルを日本移民の拠点にする基本的な決定であり、フランスで曾禰荒助駐仏日本公使及び、ガブリエル・デ・アルメイダ・エ・ビサ駐仏ブラジル公の閣僚が署名した。
引き続き、同じくピラシカーバ出身のカルロス・ボテーリョがブラジルに日本人が来られるよう主になって働きかけた。彼は医者で当時サンパウロ州の農業、運輸及び公共事業を担う長官であり、1907年11月6日に移民法と植民地法にサインをした。これで、最初の日本人移民がコーヒー農園の労働者として受け入れられる事になった。この法律は、サンパウロ州長のホルヘ・ティビリサ(Jorge Tibiriça)及び日本の代表であり皇国殖民会社を管理していた水野龍氏によって調整された。　　ボテーリョと水野はともに、ブラジルで日本人移民の「親」とされている。

ブラジルへの最初の日本人移民の到着

日本人が初めて移民として公式及び組織的にブラジルに到着したのは1908年とされ、6月18日にサントスのドック14号に笠東丸が入港したという歴史的記録が正式に残されている。その以前に日本人がブラジルの土地を踏んだ話もあるが。
神戸発の同船は合計800人の乗客を乗せ、そのうちの781人、165家族、うち男性が595人、女性が186人、が契約を結んだ移住者であった。入港の翌日船を降り、サントスから、サンパウロの移民収容所（Hospedaria dos Imigrantes）へ汽車でむかった。そして、それぞれの契約農場に送られるまでここに滞在した。
1958年5月15日、ピラシカーバ発行の雑誌 ミランテ（Mirante）15号にモラエス（Moraes）の報告書によると、最初の781人の日本人移民の中で、ジョゼー・マタニ・飯田が運命の定めとでも言うか、ピラシカーバを選択する 。15歳だった彼は叔父のマタジ・飯田（このように入国書類に記されている）の家族とVisconde do Pinhal（今はIbaté）に在るFazenda da Serraに直行し、10年間 Botelho一家のCondessa do Pinhal（コンデッサ・ド・ピニャール）農園で働く。 その後、彼はPoços de Caldasに行き、Palace Hotelのカジノのウェイターとして働いた。その時Pedro Morganti（ペードロ・モルガンティ）に出会い其の伝で PiracicabaのMonte Alegreに在る邸宅の召使となる。そこでは、奥さんのAurora Malpaciそして Poços de Caldas 生まれの Paulo, Nelson, Julia, Benedita, Durval, José Iida Filho と Silvia、そして ピラシカーバ生まれの Sergio, Togo, Arack と共に20年以上も住んでいたとされているが正式な記録は残っていない。

ピラシカーバのパイオニア家族

日本移民ピラシカーバ入植の100年を本にまとめる責任を果たす上で最大の問題は、1918年に此の町に住んでいた全ての家族と其の子孫の名前をリストアップする作業であると自覚していた。というのは、それなしではこの本は不完全であるからだ。
その作業はブラジル日伯文化協会の日本移民資料館が済ませてあったお陰ですべての家族とそのメンバーの名前を書き上げる事ができた。
入国名簿によれば全員7月11日出発し1918年9月2日に入港した博多丸で来たとされる。ピラシカーバのジョアン・アルフレド（João Alfredo）駅に9月7日に辿り着き、その目的地はパウ・ダーリオとイビカツ（Pau d'Alho & Ibicatu）農場であった。（23家族と14人の独身移住者で合計105人と記されてある。）
両農場の地主はモラエス・バロス （Moraes Barros）で、当時はパウ・ダーリオでコーヒー栽培が行われ、そして現在は植物園になっているイビカツの周りには綿や米が植えられていた。1958年サンパウロ州知事ジャニオ・クアドロス（Jânio Quadros）によって公益事業としてその地域一帯は動植物の保護地域と認められた。1960年から1962年まで、そして1969年にも短い期間ではあったがピラシカーバの市長を務めた州議院のフランシスコ・サルゴ・カスティヨン(Francisco Salgot Castillon)が動物や木々を絶滅から守るイビカツ州立公園にする提案をし、1964年11月16日の国家官報紙で前向きに進めるよう報じられた。
家族の出身県はカッコ内、ピラシカーバを選んだパイオニアは下記のとおりです（姓のアルファベット順、カッコ内は家族全員の名前）。

日本人ピラシカーバ入植の礎を築いた女性たち：左から　高木末、竹松さだゑ、 原はる江

Fotos: Acervo Frei Everson

日系ピラシカーバの初代リーダー達：左から　山下七藏、西出外最吉、高木茂樹

（新潟県）安部家（榮治、ナミ、三六、スヱ）
（山口県）古野家（音吉、フジ、圭介）
（新潟県）古山家（幸吉、ミナ、幸作、幸次、信雄、ミサヲ、みつたろう）
（長野県）原家（敬重、はる江、正巳、正幸、たき）
（鹿児島県）原村家（重太郎、ミサオ、與之助）
（福岡県）橋山家（種藏、ツルノ）
（山口県）石光家（勇次郎、チサ、ハナ、シズ）
（福岡県）北島家（豊次、サキ、秀雄）
（新潟県）熊倉家（新潟）（幸吉、リワ、トシ、幸三郎、トメ、晴一、スヱ）
（滋賀県）宮本家（繁松、はな、正雄）
（鹿児島県）森家（傳作、ユミ）
（長野県）長尾家（謙吉、ふみゑ、正重）
（鹿児島県）小川家（政盛、フキ）
（新潟県）小川家（榮作、ハル、ヤイ、金一郎、元三、ヨキ、完司、福久吉、ミツ）
（福井県）丘家　（（ゆき子、コウ）
（山口県）岡崎家（直太郎、クイ、穆）
（滋賀県）高田家（八治朗、金治郎、キヤ、幸三、房子）
（長野県）高木家（茂樹、茂利、末）博多丸の名簿には「たかぎ」と記されている
（新潟県）高山家（與惣太、トシ、タケノ、與三郎）
（山口県）田中家（稲太郎、クラ、連三）
（福岡県）田代家（友次、サタノ、幸平、倉治、キクエ、ヤスノ）
（福岡県）山下家（七藏、セイ、次郎）
（滋賀県）上田家（牛太郎）、じう、兵吉、いとゑ）
独身移住者（県のアルファベット順）：
（福岡県）野中春吉
（鹿児島県）佐藤ミ子、山崎人志
（長野県）三澤壽重（高木の甥）、織井今一、清水國廣、白鳥みつゑ、正名（姓は記載ナシ）
（新潟県）石澤榮次郎、木村幸吉、小林幸一
（滋賀県）中野大介、二ノ宮貞吉、竹内とし
（山口県）岡野茂
農場主のモラエス・バロスに雇われた今村清一氏は通訳兼監視員であった。

水原潔氏がピラシカーバ入植50周年の際に、記述された手書きの書類は娘さんの水原エレーナ（Helena）によって大切に保管されている。その書類には、1917年、つまりバウ・ダーリオ入植の一年前にArtêmis周辺に在るウジナ・セントラル（Usina Central）で篠原一家が砂糖キビ栽培に従事する契約をすでに結んだと記されている。
更に1919年には10家族がブラジルへ渡り、其の一家族であった竹松（隼登、啓之輔、さだえ）がピラシカーバのパイオニアだと市の広報誌によって証明されている。竹松一家は1919年5月20日に入港した後サンシモン（São Simão）に在るパルミラ（Palmira）農園で2年間の任務を終え、その後ピラシカーバへ移転した。竹松隼登氏をもパイオニアとして認める理由はリーダーとなる原敬重、山下七藏、植田牛太郎、西出外最吉、高木兄弟の茂樹と茂利と共に、ピラシカーバ日本人会を1926年に設立したからである。

高木家：左から　茂利、ゆきゑ、末、茂樹

山下家　：左から　七蔵、セイ、次郎

Fotos: Acervo Frei Everson Takaki

１９７２年に西出外最吉　いと夫妻の結婚６０周年記念パーティーにて

Foto: Acervo Clube Nipo-Brasileiro

ピラシカーバ日伯クラブ

本 異国の地で生活する上で当然生じる障害（言語、食生活、気候や習慣や行動の違い）はピラシカーバの移民にとって急激なショックとなり、日本人はグループ生活を余儀なくされた。水平氏の原稿によると、1926年8月19日にパウ・ダーリオ日本人会（彼らが働くコーヒー農場の名前から）を立ち上げた。週末には家族の寄り合い場となり、子供たちにとっては両親の習慣に関連するイベントを通して先祖の伝統を維持できるような日本語学校を確保するのが目的であった。会長は竹松隼人、副社長は西出外最吉、会計は小野となっている。これが今日ピラシカーバを代表する「ピラシカーバ日伯文化クラブ」である。日本文化とその名残の維持と普及が主な目的であり、現在は町の一般の方々に対してもオープンし、食生活、音楽、スポーツ、文化、芸術と多岐に渡る分野をテーマにした講義や年中行事が行われている。
歴史をたどると「パウ・ダーリオ日本人会」、「ピラシカーバ日本人会」、「ピラシカーバ野球クラブ」と改名、現在の「ピラシカーバ日伯文化クラブ」に至った。
その会長を務めリーダーとなった方々は竹松隼人、西出外最吉、大坪エイゾウ、森トシオ、水平ヒロシ、宮崎ヒサユキ、西出ノボル、坪井タケシ、西村Oscarムサシ、森イマリ、高見ヒサヨシ、安楽ケンジ、梅田ヨシロ、佐藤ヤマミツ、宮崎カズオ、高木Hélio、河合ナオキ、水谷Pedroイサム、現在は川島Írio 匠である。

日本人会ピラシカーバのコミュニティを受け入れる

本 西村0scarムサシが会長を務めていた1958年に、日本人会は日系人でない一般の市民を会員として受け入れ、会員でなくても柔道の練習が出来るようにオープンした。更に宮崎カズオ会長（1986年）は若手の日本人や二世を役員とした。此の傾向は高木Hélioの任務の間も続いた（1992年～1994年）。お祭りブームに変わったのは河合ナオキ（1994年～2012年） そして水谷Pedroイサム（2013年～2016年）の頃で太鼓、踊り、カラオケ、武道、婦人会、敬老会の各部門の活発化しピラシカーバや他の町でのお祭りにも参加した。河合ナオキ氏の息子であるピシカーバで初の日系市長として当選した河合Pedroや水谷PedroとEunice夫妻のおかげで伝統的な日本文化を町に取り入れることになった。それは「我々全員グループ」（Todos Nós）の結成によって急流太鼓[2]、盆踊り（きみえ舞踊）、カラオケ大会の実施、そして、野外で行われる春祭りと日本祭を市の年中行事と見なされるよう積極的に働きかけたからである。更に会員や招待された方々を交えたカントリークラブでの運動会を実施。全ての行事は現在ピラシカーバ日伯文化クラブの会長である川島イリオ始め、役員や各グループの協力によって行われ、今年でピラシカーバ入植100周年にいたる。

ピラシカーバの遺産となった日本人

本人が此の町に根付き、何人もの名前がピラシカーバの遺産となっている。高木家の個人名は公共地名、道路名となっている。例えば Paulista 通りに面している Shigueki Takaki広場、Elza Matiko Donomae通り、José Siquihi Takaki通り、Julio Takaki通り、Rosário Takaki通り、Shigueri Takaki通り、そして Yukie Takaki通りである。その他にEurico Iwakawa通り、Jiichi Otsubo通り、Kaoru Mizuhira通り、Kijuji Mizuhira通り、 Kiniti Mori通り、Rosa Murakami通りがある。更に、Keiju Hara小通り、Shitizo Yamashita小通りやParque da Água Branca 区域にはTóquio通りがある。 Hiroaki Torigoiはメイン高速道路の名前となっている。2011年1月28日に亡くなられた小児科のNelson NakamuraはOndas 地区の道路名となっている。
ピラシカーバの名所であるPaulista地区は、日本人や日系人が多く住んでおり、その界隈を歩けば、必ず日本の文化や美術に出会う事になる。「ピラシカーバ日伯文化クラブ」もこの地区に在り、移住者公園（Jardim dos Imigrantes）や Shigueki Takaki広場が在る。

[2]ピラシカーバの太鼓パフォーマンス、「急流」は町の名所ピラシカーバ川の流れのこと

Fotos: Acervo Frei Everson

左から 茂利、ジュリオ、茂樹、末、ジョルジェ、アントニオ、テレザ、ローザ、フェルナンド、まさお （高木家 １９３８年）

１９６０年４月１７日の記念式典にて。１９１８年にピラシカーバ市を入植地として選んだ日本人移民のパイオニアである高木茂氏に敬意を表し、彼の名前をパウリスタ地区にある広場の名前とした。

日系ピラシカーバ人に感謝

資料収集を共にした仲間も多分予想しなかったであろうと思うし、自分自身もこの本を書くことは実は「時」と「間」を通した冒険であるとは考えもしなかった。　千一夜物語、マルコ・ポーロの旅、ガリバーの世界、おとぎ話、伝説、神話に飛び込んだようであった。あえて言えば、形而上学的な意味の幻想的な発見であり、そこには　想像、現実、夢と悪夢が一体になるのである。
著者である自分は、そして此の作業を共にした同僚も、オスカーワイルドのアンチテーゼ「芸術は人生を模倣し、人生は芸術を模倣するのか？」という問いの答えにたどり着いたとも言える。
日本の世界に没入するにしたがって、ほとんどの場合アリストテレスの言葉「芸術は人生を模倣する」が正しいという結論に至るようになった。なぜならば、我々が抱く日本や日本人を見る表面的なその人生は、ただ単に芸術から得たものに過ぎないという事が分かってくるからである。表現されたほとんどの事は、人々が芸術によって日本での人生を模倣しようとした結果なのだ。
矛盾、混乱、更につじつまが合わぬ感情が溢れる：それは驚き、魅了、無知の知を引きおこすかのような気持ちと、それとは裏腹に宝物のような日本文化全体ではなく、まるで金のひとカケラしか表されていなかったと実感したときの悲しみ、かつ感謝、後悔、郷愁といった感情が渦巻いている。共に生活した日々、友人、一緒に過ごした子供時代と青春時代は此の私に　とって心深い郷愁を感じさせるのである。特に子供の頃から恵まれた感無量な喜びとその尊さを今更ながら、この本を書くにあたって感じる事ができた。

（カイピラ、つまり田舎者とピラシカーバを捩った）カイピラシカーバ・コミュニティがどれほど日本文化を受け入れてきたのか日系ピラシカーバ人にも自覚できていないように感じる。　又は知っていても、日本人独特の謙虚精神によってロに出さないのであろうか。マイノリティーであるが、日本人のコミュニティは模範、教訓、参考となり、淡い香水のように我々の一部となった。日本の文化の力は綺麗びやかで派手なものではなく、シンプルで浸透しやすい。ポルトガル語のことわざ“o menos é mais”（より少ないのは、より沢山を上回る）を証明するのだ：プライドを低く・謙虚さ高く、軽蔑心を低く・尊敬心を高く、エゴを低く・連帯意識を高く、個人を低く、相互関係を高く重んじるのである。
古来、地球が平らだとまだ信じられていた時代から東洋と西洋の間にはドラマチックな劇的な二重性が存在すると哲学者や神話学者は断定した。彼らにとって「東洋」は日が生まれる所、太陽が現れる所、その反対「西洋」は日が終わる所、夜がきて、闇。それは、ポルトガル語のorientar そしてその反対がdes-orientar の語源でもあるのだ。
これらの象徴がどうのこうのと言う権利はない。が、それらについて反芻をし、もしも日本が「日の出」の国であれば、日本の定めは「光を放つ」事であると位置付けたい。
この本を書くにあたり、我々著者は新しい指針、新たなインスピレーションの経験と体験とをした。我々自身の路線を見直し我々の中に、我々にとって隠されていた事を発見した。
日本移民ピラシカーバ入植100周年記念の祝福の意を表します。ブラジル人の代表として過去に犯した過ちをお詫びし、日本の文化、労力、仕事、科学、知恵のおかげで我々をよりいい人間にしてくれたことに対して感謝の意を表明する。その優しさは日本人がまさに「さくらんぼ」であることを示す。誰が歌ったのか分からないが「桜の花は細い針にぶら下がっているピンクの雲のようだ」。
最後であるが、「名前が日本人にとってどれほど大事なのか」を教えてくれた大川潔に敬意を表したい。名前は親が子に対してもつ望みであり、直観的な真理、宿命でもある。キヨシという字には永遠の同僚で親友の優しい人格を形付ける汚れのない、潔白な、高尚な、立派な、純なという意味が込められている。底知れぬ親愛によって私と繋がっている彼はそのように生まれ、そのように生き、そしてどこかでそのように生きている。
締めくくりとして、この魅惑的で非現実的な旅の世界へ戻り自分の妄想を表現する事が許されるのであれば、日系カイピラシカーバ人の五感は：嗅覚は桜の花の香り、味覚はさくらんぼその物の味、視覚は雪におおわれた富士山の頂上を観る永遠の眼差し、聴覚は神の言葉の慈悲深い音楽、触覚は土を扱う使命、労力であり粘り強い意志である。心には優しさを忘れずに、そして精神には揺るがないアイデンティ　ティの自覚を持つものである。

Foto: Davi Negri

Fotos: Marcelo Fuzeti Elias

「日本を広場へ」のプロジェクトや春祭り、カラオケ大会などにより日本の文化の維持をモットーとして活発にその普及活動を見事にこなすリーダー：水谷ペードロ、河合ペードロ、河合直樹、川島イリオ。

E O SOL NUNCA SE PÕE

Quando, há 100 anos, Shigueki e Sue Takaki, deixaram o Japão rumo a Piracicaba, eles não sabiam, certamente, o que os esperava. Um receio, talvez, os acompanhasse: deixar o Sol Nascente, afastar-se da Luz. E, então, conhecer trevas desconhecidas. No dia 7 de maio de 2018, os Takaki pioneiros – em algum lugar do infinito – tiveram, porém, a confirmação de o Sol nunca se pôr. Pois, naquele dia, 100 anos depois, nascia, em Piracicaba, o bisneto João Marcos, filho de Jeferson e Alice Takaki, numa prova de que o Sol, aqui, realmente brilha para todos. E continuará brilhando, também, para os futuros nipo-piracicabanos, alguns deles já a caminho, como é o caso da yonsei (com nascimento previsto para o final do mês de setembro de 2018), fruto do amor de Fabiano e Luciana Tsuji Santana, prenúncio de um novo século e responsável – ao lado de outros pequenos nikkeis – por uma divina missão: a de dar sequência à milenar cultura nipônica em terras piracicabanas. Luciana é filha de Nelson Hiroshi Tsuji e Areadne Aquemi Komatsu Tsuji e neta dos japoneses Koki Komatsu e Nobuko Takatori Komatsu (avós maternos) e Mikio Tsuji e Yuriko Tsuji (avós paternos). Sua avó Yuriko chegou ao Brasil no navio Hawaii-Maru, em 1929, como integrante da família Kamiyama. Seu destino foi o mesmo reservado aos Takaki: a Fazenda Pau D´Alho.

高木家のジョアン・マルコス四世。ピラシカーバにて。

Foto: Marcelo Fuzeti Elias

太陽は永遠に輝く

1918年、高木茂樹・末夫妻は「日の出ずる国」を去り「光から遠ざかる」という当然とも言える不安を胸に、見知らぬ暗黒の未来へと旅立った。日本を後にしてピラシカーバへと向かったのだ。しかし、それから100年後の2018年5月7日、高木一家は「太陽は永遠に輝く」という確信を得た。なぜならば、それを証明するかのようにジェフェルソンと高木アリセの子ジョアン・マルコスがピラシカーバで誕生したからだ。彼はピラシカーバ日系植民のパイオニアである高木の曾孫にあたる。来る9月に出産予定のサンタナ・辻・ルシアナとファビアーノ夫妻の子もピラシカーバ四世の一人である。ルシアナの両親は辻ネルソンと辻・アレアヂネ・明美である。母方の祖父母は小松幸喜と小松・高取・のぶこ、父方の祖父母は辻幹夫と辻ゆりこである。ゆりこおばあちゃんは、上山家の一員として　1929年にハワイ丸でブラジルへと渡り、パウ・ダーリョ農園に入植した。日系の子供達は新しい時代の幕開けを示すと同時に、ピラシカーバにおいて代々継承されてきた日本の伝統や文化をさらに未来へと引き継ぐミッションを担う世代となることであろう。

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
comgas
COPERSUCAR
OJI PAPÉIS ESPECIAIS
raízen
São Martinho
Tereos
Unimed Piracicaba
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL

日本人移民ピラシカーバ入植100周年

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-92501-06-8
9 788592 501068

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

comgas

COPERSUCAR

OJI PAPÉIS ESPECIAIS

raízen

São Martinho

Tereos

Unimed Piracicaba

MINISTÉRIO DA **CULTURA**
GOVERNO **FEDERAL**